



**Rita Romio**

**A PESSOA HUMANA INTEGRADA E A  
OPÇÃO POR JESUS CRISTO**

Visão antropológica contida nas Cartas de  
Enrique de Ossó e sua relevância hoje

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial na  
obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Teologia do Departamento de  
Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Alfonso García Rubio

Rio de Janeiro  
Março de 2006



**Rita Romio**

**A pessoa humana integrada e a opção por Jesus Cristo.  
Visão antropológica contida nas Cartas de Enríque de Ossó  
e sua relevância hoje**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Alfonso Garcia Rubio**

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. José Luiz Jansen de Mello Neto**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof.<sup>a</sup> Lucia Pedrosa de Pádua**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Paulo Fernando Carneiro de Andrade**

Coordenador Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 13 de março de 2006

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Rita Romio**

Graduou-se em Pedagogia na ASPES (Associação Santanense de Ensino Superior) e em Teologia na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica). É religiosa da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

### Ficha Catalográfica

Romio, Rita

A pessoa humana integrada e a opção por Jesus Cristo: visão antropológica contida nas cartas de Enrique de Ossó e sua relevância hoje / Rita Romio: orientador: Alfonso García Rubio. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2006.

163 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Teologia – Teses. 2. Integração. 3. Pessoa humana. 4. Salvação. 5. Jesus Cristo. 6. Antropologia. I. Rubio, Alfonso Garcia. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. T

CDD: 200

À Trindade, fonte de vida e amor, aos meus pais, irmãos e irmãs, à  
Companhia de Santa Teresa de Jesus, aos amigos e amigas  
por serem  
sinal do amor de Deus em Jesus Cristo. Às minhas afilhadas  
Rosemara e Relda e ao Jeferson (*in memoriam*).

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, Prof. Alfonso García Rubio pelo estímulo e paciente orientação para a realização deste trabalho.

À PUC-RJ, à CAPES pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Às Irmãs Teresianas, minhas irmãs, com as quais compartilho a vida e missão.

Aos meus pais, Lidovino e Leda que se empenharam com muito ardor na tarefa de contribuir para o meu crescimento enquanto pessoa cristã. Aos meus irmãos (as) Assunta, Vicente, Mário, Ana, Marcos, Luiza, Lúcia e André e aos cunhados(as) e sobrinhos(as). Ao tio Mario, Rose e Catani pela amizade, estímulo e apoio.

À mana Assunta, pelo estímulo e auxílio na busca de material para a pesquisa.

Às Irmãs Liria e Regina, pelo apoio e testemunho na opção pelos excluídos.

Aos colegas do grupo de estudo orientado pelo Prof. Alfonso García Rubio: Marivânia, Lindenberg, Marco Boneli, André Botelho, José Roberto e Carlos Henrique pela amizade e pela contribuição na elaboração desta dissertação.

Aos colegas e amigos(as) M<sup>a</sup> Amélia, Cássia, Sônia Cosentino, Sônia Oliveira, Jussara Linhares, Delambre, Antônio Carlos, Ramona, Rafael, Jandira, Vanzella, M<sup>a</sup> Carmem, Fabiana, Marinalva, Roseane, Edilene, Rones, Tati e Lucia, pelo incentivo e solidariedade.

Ao Departamento de Teologia PUC-Rio, ao Projeto de Teologia à Distância, aos professores e secretárias. Gratidão especial aos professores: Isidoro, Ana Maria, Teresa, Theophilo e França. A Marco Bonelli pela sua amizade e importantes contribuições.

Às queridas Irmãs Servas da Santíssima Trindade, Filhas da Ressurreição e Vicentinas pela amizade, acolhida e apoio.

À Comunidade Educativa do Colégio Santa Teresa de Jesus, espaço inspirador deste trabalho. À Juçara Tannure pelo amor ao carisma teresiano, incentivo e contribuições.

A todos os meus amigos, amigas e familiares que de uma forma ou de outra me estimularam ou me ajudaram.

## Resumo

Romio, Rita; García Rubio, A. (Orientador). **A pessoa humana integrada e a opção por Jesus Cristo. Visão antropológica contida nas Cartas de Enrique de Ossó e sua relevância hoje.** Rio de Janeiro, 2006. 163p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A dissertação estuda, primeiramente, a atualidade do carisma de Enrique de Ossó, um apaixonado pela pessoa humana, que apresenta a proposta salvífica de Jesus Cristo. Sem ser teólogo, sua vida e seus escritos permitem extrair uma teologia testemunhal. No extrato de suas Cartas, apesar de uma linguagem teológica dualista própria do século XIX, evidencia-se a proposta integradora de pessoa humana, a partir da opção por Jesus Cristo. Ao divulgar os escritos teresianos, Enrique de Ossó apresenta Teresa de Ávila como mestra e protótipo de alguém que polarizou a vida em Jesus Cristo. Num segundo momento, e já no campo da reflexão teológica propriamente dita, com a contribuição de alguns teólogos da atualidade que estudam a temática, procura-se identificar, sumariamente, a visão antropológica integrada bíblico-cristã. A fé cristã, ao apresentar a salvação de Jesus Cristo, valoriza a pessoa humana na sua globalidade de aspectos ou dimensões. A Companhia de Santa Teresa de Jesus na atualidade, em suas linhas de ação, comunga com as intuições do seu fundador Enrique de Ossó, dando continuidade a uma formação e educação numa visão unitária de pessoa humana. Num terceiro momento são apresentadas algumas pistas a serviço da vida cristã e da pastoral, com a intenção de colaborar na superação do dualismo antropológico a partir da salvação de Jesus Cristo como proposta integradora da pessoa humana.

## **Palavras-chaves**

Integração, pessoa humana, salvação, Jesus Cristo, antropologia.

## **Abstract**

Romio, Rita; García Rubio, A. (Advisor). **The integrated human being and the option for Jesus Christ. Anthropologic view inherent in Enrique de Ossó's Letters and its application today.** Rio de Janeiro, 2006. 163p. Master's Degree Dissertation – Theology Department, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation aims at studying, first, the actuality of Enrique de Ossó's charism, a lover of human beings and who presents Jesus Christ's saving proposal. Being not a theologian, his life and writing allow to convey a testimonial theology. In extracts of his Letters, in spite of a dual theological language proper of XIX century, it is noticed the integrating proposal for the human being, from the option for Jesus Christ. When publishing Teresa de Ávila's writing, Enrique de Ossó presents her as a master and model of somebody who headed her life to Jesus Christ. Second, and in terms of theological consideration itself, with the contribution of some current theologians that study this theme, the aim is to identify briefly the christian biblical integrated anthropology. The christian faith when presents Jesus Christ's salvation, values the human being in his/her global aspects or dimensions. The current Santa Teresa de Jesus' Congregation, in its action plans, is in communion with its founder's beliefs, Enrique de Ossó, continuing formation and education in a unitary view of human being. Finally, some clues for Christian life and pastoral service are presented, aiming at collaborating to overcome anthropologic dualism from Jesus Christ's salvation as an integrating proposal for human being.

## **Keywords**

Integration, human being, salvation, Jesus Christ, anthropology.

## Sumário

Introdução Geral	11
1. Enrique de Ossó e seu contexto	16
Introdução	16
1.1. Contexto sócio-político e eclesial da Espanha do século XIX	17
1.1.1. Situação sócio-política	17
1.1.2. Contexto eclesial	18
1.2. A resposta de Enrique de Ossó: a evangelização	22
1.2.1. Dados biográficos de Enrique de Ossó	22
1.2.2. Influxos principais da opção evangelizadora	26
1.2.2.1. Santa Teresa de Jesus	27
1.2.2.2. São Francisco de Sales	31
1.2.3. O eixo central: <i>Conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-lo conhecido e amado.</i>	34
1.2.3.1. Um itinerário de configuração com Cristo	34
1.2.3.2. Evangelizar mediante a oração e educação	35
Conclusão	38
2. A integração da pessoa humana a partir da opção por Jesus Cristo	40
Introdução	40
2.1. A pessoa em relação consigo mesma e com os outros	41
2.1.1. Conhecimento próprio	42
2.1.2. Abertura de coração	44
2.1.3. <i>A humildade é andar na verdade</i>	47
2.1.4. <i>A paciência tudo alcança</i>	51
2.1.5. Integração entre: cuidados com o corpo, saúde, lazer, trabalho e o estudo	53
2.1.6. Vida comunitária: projeto de vida partilhado	58
2.1.7. Viver alegres e felizes	60
2.2. A pessoa em relação ao mundo criado	63
2.2.1. Dignidade da criatura humana: imagem e semelhança de Deus	64
2.2.2. A relação com o mundo criado reintegra a pessoa na sua unidade	65
2.3. A pessoa em relação com Deus, mediante Jesus Cristo	70
2.3.1. O encontro com o Deus de Jesus Cristo	71
2.3.2. Identificação com Jesus Cristo: humanização e encontro com Deus	76
2.3.2.1. Amar como Jesus amou	80
2.3.2.2. <i>Coração de Jesus: expressão de amor pleno à humanidade</i>	82
2.3.2.3. <i>Conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-Lo conhecido e amado</i>	86
2.3.3. Oração: comunicação com o Deus de Jesus Cristo	89
2.4. Integração da pessoa através de uma pedagogia relacional	92

2.4.1. Educar com amor: agir com delicadeza e sensibilidade.	93
2.4.2. Uma educação personalizada	96
2.4.3. Um jeito pedagógico de liderar um grupo	98
2.4.4. Teresianas educadoras para “regenerar o mundo”	103
2.4.4.1. Um horizonte a alcançar	103
2.4.4.2. Prioridade no amor e na educação aos pobres	106
Conclusão	109
3. A pessoa humana integrada na reflexão teológica atual e na vida da Companhia de Santa Teresa de Jesus	113
Introdução	113
3.1. Salvação de Jesus Cristo: superação do dualismo e visão humana integrada	114
3.1.1. A reflexão teológica enfrenta o dualismo	114
3.1.1.1. A visão unitária do ser humano na Sagrada Escritura	116
3.1.1.2. A defesa da unidade da pessoa na reflexão teológica e no magistério eclesial	120
3.1.1.3. Pessoa: auto-realização corpóreo-espiritual	126
3.1.1.4. Superação do dualismo antropológico na Igreja da América Latina	129
3.1.2. A pessoa humana integrada e a salvação de Jesus Cristo	131
3.1.2.1. Jesus Cristo e o reino de Deus: projeto integrador da pessoa humana	132
3.1.2.2. O livre acolhimento da salvação de Jesus Cristo atinge a totalidade da pessoa, impelindo-a à vivência do amor	133
3.1.2.3. Integração entre oração e existência cristã	136
3.2. A pessoa humana integrada na Companhia de Santa Teresa de Jesus, hoje	139
3.2.1. A antropologia cristã-teresiana: desperta um itinerário dinâmico e integrador da pessoa humana para os dias atuais	140
3.2.2. Proposta educativa teresiana: uma educação libertadora e integradora	144
3.2.3. Uma espiritualidade integradora diante do “Clamor de Deus” numa realidade de pobreza e exclusão.	147
Conclusão	148
4. Conclusão Geral	151
5. Referências Bibliográficas	159
5.1. Escritos de Enrique de Ossó	159
5.2. Estudos sobre Enrique de Ossó	161
5.3. Obras Diversas	162

## ABREVIATURAS DAS OBRAS DE ENRIQUE DE OSSÓ E DA COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS

<b>AGSTJ</b>	Arquivo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus
<b>AMS</b>	Apuntes de las Misericórdias del Señor
<b>C</b>	Constituciones de la Compañía de Santa Teresa de Jesús (1888)
<b>CH</b>	El Cuarto de Hora de Oración, según las enseñanzas de la seráfica Doctora Santa Teresa de Jesús
<b>Ed.</b>	Cartas publicadas pela editora STJ 1969 (513 cartas)
<b>EEO</b>	Escritos de D. Enrique de Ossó y Cervelló (quatro volumes)
<b>GC</b>	Guia práctica del catequista en la enseñanza metódica y constante de la Doctrina Cristiana
<b>HSTJ</b>	[Historia de la] Compañía de Santa teresa de Jesús 1876-1932
<b>MCJ</b>	Um mes en la escuela del Sagrado Corazón de Jesús
<b>RT</b>	Revista Santa Teresa de Jesús
<b>Sardá</b>	Cartas de San Enrique de Ossó y Cervelló al Dr. Félix Sardá y Salvany. Barcelona, 1997 [129 cartas]
<b>SC</b>	Sumário de las Constituciones de la Compañía de Santa Teresa de Jesús
<b>T@/03</b>	Transcrição eletrônica das Cartas existentes no Arquivo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus: Transcrição eletrônica 2003 - CD Arquivo EO 2003 Casa Geral, Pasta: Cartas EO ordem cronológica.
<b>TF</b>	Tres florecillas a la Virgen María de Montserrat
<b>TFS</b>	Tributo amoroso al dulcísimo doctor San Francisco de Sales
<b>VJ</b>	Viva Jesús

Tivemos acesso às Cartas de EO através da transcrição eletrônica de 2003 ([T@/03](#) COC:Transcrição eletrônica 2003 - CD Arquivo EO 2003 Casa Geral, Pasta: Cartas EO ordem cronológica). Encontraremos na referência as siglas abaixo:

- **AGSTJ:** Archivo General STJ, en Roma: 30 **Volúmenes** grandes en los que, además de cartas, hay otros manuscritos. 4 Tomos más de cartas, citados como **Ossó-Cartas**
- **PIB:** Cuadernillos y legajos del Proceso Informativo Barcelona. Algún original, lo demás, copias autenticadas.
- **PIT:** Cuadernillos y legajos del Proceso Informativo Tortosa. Algún original, lo demás, copias autenticadas.
- **AHSIC:** Archivo Histórico SI Cataluña (Provincia Tarraconense), en San Cugat del Vallés (Os originais das cartas que EO escreveu a FELIX SARDÁ Y SALVANNY - Sabadell 1844-1916 - estão no *Arquivo Provinciano Tarraconense da Companhia de Jesus* (AHSIC), em San Cugat Del Vallés (AHSIC FONS SIS C 4/3) e foram publicados por G. VOLPE, Ed. STJ, Barcelona, 1997.
- **CCS Ref:** Referencia de Congregación para las causas de los santos (es el número que pusieron a cada documento en el proceso).

## INTRODUÇÃO

A antropologia bíblico-cristã apresenta uma visão de pessoa humana integrada. A fé cristã, ao afirmar a encarnação de Jesus Cristo, valoriza o ser humano na sua globalidade. Portanto, tudo o que afeta o ser humano não pode ser ignorado pela fé cristã, porque a salvação de Jesus Cristo atinge a pessoa em sua totalidade de aspectos ou dimensões. Essa visão unitária de ser humano tem sido bastante comprometida pela penetração do dualismo neoplatônico, estóico e cartesiano. Contrária à proposta evangélica, nossa cultura atual incentiva o egoísmo, a vontade de poder, de ter e de prazer. Neste contexto, a pessoa humana é constantemente estimulada a ser consumista e individualista, desenvolvendo uma atitude que leva a um subjetivismo fechado ao outro. Por outro lado, há uma sensação de impotência diante do progressivo sofrimento humano causado pelos efeitos da globalização. Esta situação leva a uma mentalidade conformista, até mesmo na descrença de ser possível uma reversibilidade do quadro da exclusão social, da fome e da miséria.

Proclamar a fé cristã nos tempos hodiernos significa enfrentar o desafio de inculturar a proposta salvífica divina na complexa cultura atual. Ou seja, significa comunicar a salvação de Jesus Cristo de forma que seja compreensível aos nossos contemporâneos visto que, por ser uma proposta integradora da pessoa humana, leva a uma vivência ética, a um doar-se para os outros.

O interesse pessoal, que nos levou a realizar esta dissertação é o seguinte: a Companhia de Santa Teresa de Jesus, da qual somos membro integrante, tem a missão evangelizadora de apresentar a salvação de Jesus Cristo à pessoa humana hodierna. Portanto, trata-se de enfrentar o desafio de inculturar o Carisma do fundador, Enrique de Ossó, na atualidade. Assim colocado, perguntamos se o pressuposto antropológico do Carisma ossoniano, surgido na Espanha, no século XIX, pode ajudar os (as) cristãos (ãs) a viverem sua fé no hoje. É possível viver a espiritualidade da Companhia de Santa Teresa de Jesus, surgida

numa realidade tão distinta da nossa? Desafia-nos o Carisma Teresiano, proposto pelo nosso fundador, Enrique de Ossó, com a missão de estender o Reino de Deus pelo “conhecimento e amor a Jesus Cristo por todo o mundo através da oração, da educação e do sacrifício”<sup>1</sup><sup>2</sup>. Isto porque a tarefa de “conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-Lo conhecido e amado”<sup>3</sup> supõe ter presente as duas dimensões do(a) verdadeiro(o) discípulo(a) de Cristo: (1) aprofundar cada vez mais na experiência pessoal com o Senhor e (2) proporcionar meios para que outras pessoas também possam fazer a experiência de encontrar-se profundamente com Jesus Cristo, seguindo-O.

A nossa hipótese de trabalho é constatar, nos escritos de Enrique de Ossó, especificamente nas suas Cartas, se ele apresenta uma antropologia unitária de ser humano. Sabemos que Enrique de Ossó é fruto de um contexto onde se evidencia uma acentuada concepção dualista de pessoa humana. Buscamos, por trás da sua linguagem, normalmente dualista, e em suas convicções e prática, a forma como ele supera o dualismo antropológico, característico de sua época, ao propor a polarização da vida em Jesus Cristo.

Enrique de Ossó não foi teólogo mas alguém que testemunhou a vivência evangélica. A sua vida e os seus escritos nos permitem extrair a teologia testemunhal. Encontramos essa teologia vital, de modo particular, nas

---

<sup>1</sup> A expressão sacrifício supõe para Enrique de Ossó um *sacrificio apostólico, ou seja*, dedicar-se livremente ao apostolado da oração e educação, conforme Atos 6,4: “nos dedicamos à oração e ao ministério da Palavra”. Sobre o tema do tríplice apostolado na Companhia de Santa Teresa de Jesus, cf. C. MELCHOR, **Voltar às Fontes: para uma interpretação do carisma da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, Braga: AO, 2001, p. 423-446.

<sup>2</sup> **Sumário de las Constituciones de la Compañia de Santa Teresa de Jesús** SC, publicadas em 1882 e **Constituições da Companhia** publicadas em 1888 (C) de 1888, in Escritos de D. Enrique de Ossó y Cervelló (EEO), pp. 14 e 15. A partir daqui citaremos as siglas que estão entre parêntesis para nos referirmos a estes escritos de Enrique de Ossó.

<sup>3</sup> Expressão muito repetida por Enrique de Ossó em seus escritos. É uma frase que aparece seguidamente no texto desta dissertação. A partir daqui, citaremos em itálico. Aqui, selecionamos apenas algumas referências: **Viva Jesús** (VJ), in EEO I, p.483; **Revista Teresiana** (RT) in EEO III, p. 801; (SC), in EEO II, pp. 12, 16 e 60. A partir daqui citaremos as siglas que estão entre parêntesis: VJ, RT; Carta às Irmãs da Companhia, Roma, 23/06/1894 (AGSTJ OSSÓ-CARTAS pág.511-513). Ed. 1969, n. 462 (Ed.: refere-se às 513 Cartas de Enrique de Ossó editadas em 1969. Constatamos que algumas destas Cartas editadas estão incompletas quando comparadas à T@/03. Normalmente na citação colocaremos uma observação. A partir daqui citaremos Ed.).

Cartas escritas por ele, pois retratam suas convicções. Como evangelizador, ele utiliza todos os meios que dispõe para atingir as crianças, os jovens e adultos, enfim, a família e a sociedade do seu contexto. Apresenta a salvação de Jesus Cristo através do testemunho de pessoas que viveram intensamente o projeto de Deus. Busca especialmente o modelo da grande mulher espanhola, mestra e mística, Santa Teresa de Jesus, e a coloca como um caminho para chegar a Deus. Seu projeto é que a pessoa viva o amor, seja feliz e exerça a sua liberdade. Para Enrique de Ossó, é feliz quem conhece e ama a Jesus Cristo. Quando isto se realiza, surge na pessoa, quase concomitantemente, o impulso de anunciar o Reino de Deus.

Vimos que, em nossos dias, ser cristão supõe uma complexidade de desafios. Faz-se necessário apontar caminhos. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe sistematizar o pressuposto antropológico do carisma de Enrique de Ossó, o qual apresenta uma antropologia cristã que conjuga elementos integradores entre a espiritualidade, a pedagogia e o engajamento social, sem dúvida, de enorme relevância para o ser humano cristão de nosso tempo.

Com o objetivo de identificar alguns elementos sobre a pessoa humana integrada, a partir da opção por Jesus Cristo, que moveram a vida e a prática de Enrique de Ossó, nos colocamos em contato com seus escritos. Iniciamos com a leitura da Revista Teresiana<sup>4</sup>. Seguimos lendo as Cartas de Enrique de Ossó que foram conservadas e que chegaram a nós<sup>5</sup>. Após a leitura das mesmas, nos surpreendeu a clareza de um constante eixo que perpassa toda a vida e atividade de Enrique de Ossó: sua paixão por Deus e pela pessoa humana. Seu constante empenho foi o de colocar todos os meios que estavam ao seu alcance

---

<sup>4</sup> Para a realização deste trabalho nos limitamos à leitura da Revista Teresiana publicada no período de 1872-1880. Queremos observar que Enrique de Ossó lançou a primeira Revista Teresiana em outubro de 1872. Continuou como redator e diretor deste periódico mensal até a sua morte, em 1896. Daqui em diante nos referiremos a ela com a sigla RT.

<sup>5</sup> Tivemos acesso à transcrição eletrônica das Cartas escritas por Enrique de Ossó, hoje conservadas no Arquivo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus (AGSTJ): Transcrição eletrônica 2003 - CD Arquivo Enrique de Ossó 2003 Casa Geral, Pasta: Cartas Enrique de Ossó ordem cronológica (T@/03 COC). Observamos que no AGSTJ

para ajudar as pessoas no cultivo da interioridade<sup>6</sup>, a partir da centralização na pessoa de Jesus Cristo. Esse processo, longe do perigo intimista, leva a assumir a proposta de concretizar o Reino de Deus. Concluimos que Enrique de Ossó tem uma mística que o impulsiona, uma força interior que o fez incansável. Viveu toda sua vida apaixonado por Jesus Cristo e aquele fogo do Espírito é que explica sua vida e obra.

O objetivo desta dissertação consiste em apresentar a proposta integradora da pessoa humana a partir da opção por Jesus Cristo contida nas Cartas de Enrique de Ossó e sua relevância hoje. O título desta dissertação traduz a nossa intenção: “A pessoa humana integrada e a opção por Jesus Cristo”.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos. No primeiro capítulo buscamos apresentar a vida e a obra de Enrique de Ossó situada no seu contexto histórico. Apresentamos elementos para compreender a opção de Enrique de Ossó pela evangelização, como resposta aos desafios de sua época. Entre seus principais influxos na evangelização, Enrique de Ossó introduz Santa Teresa de Jesus como mestra e protótipo de alguém que polarizou a vida em Jesus Cristo. No segundo, capítulo apresentamos a visão antropológica de Enrique de Ossó presente em suas Cartas. Reconhecemos que há muitos aspectos que poderiam ser trabalhados, porém nos limitamos ao conteúdo teológico presente nas Cartas de Enrique de Ossó. Adiantamos que, embora situado num contexto onde se acentuava uma visão dualista da pessoa humana, ao propor a polarização da vida em Jesus Cristo, Enrique de Ossó revela assumir uma visão unitária de ser humano. No terceiro capítulo, apresentamos a visão integral do ser humano como é vista na teologia atual, mediante alguns autores escolhidos. Para isso, sem pretender esgotar o vasto assunto, apresentamos elementos sobre a reflexão teológica e do magistério eclesial, hoje, no que tange a defesa da pessoa

---

encontram-se algumas Cartas de Enrique de Ossó que ainda não foram transcritas e muito menos publicadas.

<sup>6</sup> Entendemos por interioridade, o processo de “autoconhecimento, a viagem reflexiva que permite chegar à consciência, ao núcleo da liberdade a saber quem somos, que queremos, aonde vamos”: ***Proposta Educativa Teresiana da Companhia de Santa Teresa de Jesus***, 2005, p. 56.

humana integrada. Trabalhamos com os autores: Alfonso Garcia Rubio<sup>7</sup> e Francis P. Fiorenza - Johann B. Metz<sup>8</sup>. Em seguida, com Mario de França Miranda<sup>9</sup>, enfrentamos o desafio de explicitar a salvação de Jesus Cristo numa linguagem condizente para o mundo hodierno. Embora este autor aborde vários outros aspectos, nos limitamos somente ao que diz respeito à salvação de Jesus Cristo como oferta divina gratuita e integradora que atinge a pessoa humana na sua globalidade. Ainda no terceiro capítulo, verificamos, através das linhas de ação atual da Companhia de Santa Teresa de Jesus, a continuidade ou não às intuições do seu fundador. Assim, de forma muito resumida, analisamos como a Companhia de Santa Teresa de Jesus, na atualidade, tem sido fiel às intuições do seu fundador, no que se refere à visão cristã de pessoa humana integrada. Optamos, para este fim, pelos documentos do XV Capítulo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus<sup>10</sup>, evento acontecido em Roma, em 2005.

A metodologia desenvolvida nesta dissertação tem uma perspectiva bibliográfica e hermenêutica. No primeiro capítulo apenas destacamos, sem qualquer pronunciamento crítico, o contexto de Enrique de Ossó e sua opção pela evangelização a partir de diversos autores. No segundo capítulo, concentramos atenção na explicitação de Enrique de Ossó em suas Cartas no aspecto referente à visão integradora da pessoa humana, a partir da opção por Jesus Cristo. Tudo isso a partir do nosso conhecimento e do nosso interesse atual. Não tecemos a Enrique de Ossó crítica alguma. Apenas apresentamos seu pensamento. Para isso, utilizamos o método intuitivo. Servindo-nos da leitura das Cartas de Enrique de Ossó, penetramos na sua experiência, captando as

---

<sup>7</sup> A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2001, 695p.

<sup>8</sup> F. P. FIORENZA - J. B. METZ, **O homem como união de corpo e alma**. in *Mysterium salutis* - compêndio de dogmática histórico-salvífica Vol II-3 Petrópolis: Vozes, 1972, pp. 27-72.

<sup>9</sup> M. F. MIRANDA, **A salvação de Jesus Cristo: doutrina da graça**. São Paulo: Loyola, 2004, 244p.

<sup>10</sup> Obtivemos acesso à transcrição eletrônica dos textos em espanhol aprovados pelo XV Capítulo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus –2005: **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus** 107p.; **Proposta Educativa Teresiana** 69p.; **Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus** 84p.; **Diretório da Companhia de Santa Teresa de Jesus** 48p.

acentuações, descobrindo os matizes e encontrando as conexões. Foi assim que a visão de pessoa humana integrada a partir da opção por Jesus Cristo foi se tornando cada vez mais nítida e fomos capazes de sistematizar essa sua visão antropológica. No terceiro capítulo, apresentamos o tema da pessoa humana integrada primeiramente, na igreja e na reflexão teológica atual, mediante alguns autores escolhidos e, em seguida, na vida da Companhia de Santa Teresa de Jesus, a partir dos textos capitulares 2005.

Este trabalho é uma dissertação na área da antropologia teológica cristã. Este estudo se centra na questão da superação do dualismo a partir da salvação de Jesus Cristo como proposta integradora da pessoa humana. Outros assuntos de espiritualidade e de teologia não são abordados.

Dentre os aspectos que o carisma de Enrique de Ossó contempla apresenta-se o mais significativo referente à pessoa humana integrada, a partir da opção por Jesus Cristo.

# 1 ENRIQUE DE OSSÓ E SEU CONTEXTO

## INTRODUÇÃO

Santo Enrique de Ossó e Cervelló, homem do século XIX, para dar uma resposta existencial ao ser humano do seu tempo, apresenta Jesus Cristo como protótipo. Busca o modelo da grande mulher espanhola, mestra e mística, Santa Teresa de Jesus e a coloca como um caminho para chegar ao Deus de Jesus Cristo e homem Deus por ele revelado.

Para entrar em contato com Enrique de Ossó, participar da sua experiência, sintonizar com seus sentimentos, sua sensibilidade evangélica e teresiana<sup>11</sup>, sua leitura dos sinais dos tempos e suas respostas apostólicas, captar suas intuições fundantes, enfim, conhecer desde a interioridade sua espiritualidade e missão, faz-se necessário um conhecimento prévio do contexto histórico, cultural e eclesial de sua época.

Este primeiro capítulo da dissertação objetiva apresentar, muito resumidamente, a vida e obra de Enrique de Ossó situada no seu contexto histórico. Tentando realizar o nosso objetivo, vamos dividir este capítulo, em dois itens, cada qual com sua relevância própria.

No primeiro item, faremos uma breve apresentação do contexto sócio-político e eclesial da Espanha do século XIX. Este primeiro item apresenta alguns elementos desafiadores que caracterizam o contexto de Enrique de Ossó.

No segundo item, apresentamos os dados biográficos da vida de Enrique de Ossó e a sua opção pela evangelização, como resposta a esse contexto. Nosso interesse aqui é o de apresentar os influxos principais na opção evangelizadora de Enrique de Ossó: Santa Teresa de

---

<sup>11</sup>Além da espiritualidade teresiana apresentada por Enrique de Ossó, um dos traços característicos nos seus escritos sobre Santa Teresa de Jesus é a ênfase no seu coração magnânimo, ou seja, na sua forma de encarar a vida e as situações com um amplo horizonte, tão peculiar na personalidade da grande Santa d'Ávila.

Jesus e São Francisco de Sales. Mostramos o eixo central no qual Enrique de Ossó sintetiza sua opção evangelizadora: *Conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-lo conhecido e amado*. Não pretendemos neste capítulo desenvolver o tema desta dissertação. Apenas apresentamos alguns elementos para que o leitor compreenda a opção ossoniana pela evangelização, como resposta aos desafios de sua época.

### 1.1.

Contexto sócio-político e eclesial da Espanha do século. XIX

#### 1.1.1.

Situação sócio-política

Enrique de Ossó nasce em 1840 e morre em 1896, na Espanha. Situamo-nos, pois, na segunda metade do século XIX, um período muito tumultuado. Se o século XIX foi considerado como o *século das revoluções* em geral, com maior razão se poderia aplicar este qualificativo ao século XIX espanhol que chegou a contemplar “cento e trinta governos, nove Constituições; três destronamentos; cinco guerras civis; dezenas de regimes provisórios e um número quase incalculável de revoluções [...]”<sup>12</sup>. Para J.A.GÓMEZ, tecnicamente seria mais exato chamá-lo de “século da instabilidade interna”<sup>13</sup>.

Segundo os historiadores, durante o século XIX o governo monárquico da Espanha chega ao seu declínio maior. Terminada a guerra da independência contra Napoleão Bonaparte, no início do século, começa uma sucessão de guerras internas que tiveram como ponto de origem a sucessão do Rei Fernando VII. Para que sua filha Isabel pudesse governar, este aboliu a lei Sáli, mediante a qual as mulheres

---

<sup>12</sup> J. L. COMELLAS, **Historia de España moderna y contemporánea**. Madrid: 1968, p. 402, in J. ÁLVAREZ GÓMEZ, **História de la Vida Religiosa**. Desde la “Devotio moderna” hasta el Concilio Vaticano II, vol III. Madrid: Edições Claretianas, 1990, pp. 548-549.

<sup>13</sup> Fica somente a Igreja como instituição aglutinante: “De tudo o que no começo do século. XIX e XX constituía o núcleo substantivo do bloco chamado Espanha,

não poderiam governar na Espanha. Isto provocou a revolta do irmão do rei, Carlos de Borbom. Esta situação deu origem aos dois partidos, os *isabelinos* e os *carlistas*, que se digladiaram durante quase todo o século. Os favoráveis à rainha Isabel, *isabelinos*, eram modernistas e liberais, com características anti-clericais. Os *carlistas*, partidários de Carlos de Borbom, irmão do rei, eram tradicionalistas, conservadores e clericais. Ambos os partidos cometeram muitos desmandos e violência e, com eles, muitos outros partidos se dilaceraram, como os *Monarquistas*, os *Republicanos*, os *Democráticos*, etc.

Debilitada a monarquia, os governos exercidos pelos Primeiros Ministros e Parlamentares se sucediam vertiginosamente. Em setembro de 1868, é iniciada a revolução e a rainha Isabel II é derrotada, fugindo para a França. Foi constituído um governo provisório com os seguintes objetivos, também provisórios: “queda da monarquia para implantar um sistema democrático e o estabelecimento da liberdade religiosa, do ensino, da imprensa, de reuniões e de associações para todos os espanhóis”<sup>14</sup>.

Em 1871, foi constituída uma monarquia constitucional democrática, com a eleição de um rei estrangeiro, Amadeu de Sabóia, que nunca foi aceito pela maioria dos espanhóis. Dois anos depois, o rei abandona a Espanha sendo esta proclamada República, em 1873. O novo regime era de uma instabilidade política tão grande que se sucederam quatro presidentes durante um ano.

A restauração da monarquia, com o reinado de Afonso XII (1874-1885), filho de Isabel II, fez com que os ímpetos da Revolução diminuíssem, continuando porém a instabilidade política<sup>15</sup>. A Afonso XII seguiu a regência da rainha Maria Cristina até a maioridade de Afonso XIII, em 1902.

---

permanecia somente a Igreja, não só como aglutinante da fé viva do povo espanhol, mas também como instituição”. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, op.cit., p. 550.

<sup>14</sup> C. MELCHOR, **Voltar às Fontes**, op.cit., p. 41-42.

<sup>15</sup> Para um maior conhecimento dos acontecimentos políticos e religiosos deste período relacionados com Enrique de Ossó, pode-se ler: C. MELCHOR, **Voltar às Fontes**,

### 1.1.2.

#### Contexto eclesial

Ao longo dos séculos XIX e XX, a Igreja espanhola passou de uma situação privilegiada à outra de simples tolerância, passando por momentos violentos e de real perseguição<sup>16</sup>; de uma Igreja em íntima convivência com o Governo até a uma exclusão explícita em todas as áreas da sociedade; de uma estrutura bem configurada, à necessidade de buscar uma nova maneira de situar-se diante da sociedade espanhola devido a nova situação social e política. Diante desta situação, a Igreja Católica caracterizou-se por:<sup>17</sup> a) uma atitude defensiva; b) identificar a fé católica com a nacionalidade espanhola<sup>18</sup>; c) uma pastoral apologética e de defesa de costumes; d) um conservadorismo excessivo, não somente no que se refere às tradições eclesiais, mas também no relativo às instituições políticas, especialmente à união Trono e Altar<sup>19</sup>; e) uma acentuada adesão ao Romano Pontífice<sup>20</sup>; f) e pelo vigor da santidade: apesar das dificuldades de adaptação exigida pelos novos tempos por parte dos pastores da Igreja Católica, o povo espanhol conservou muito arraigada a piedade e a fé. As novas congregações religiosas contribuíram com uma grande quantidade de agentes de pastoral e de

---

op.cit., p. 41-45; GLÓRIA RODRIGUES – SILVIA CASADO, **Experiência espiritual de Enrique de Ossó**. Braga, 1997, pp.135-140.

<sup>16</sup> “Desde a invasão napoleônica, destruíram-se 311 conventos e 315 templos, 33 capelas, 33 ermidas, 13 oratórios e 2 colégios. Foram destinados a outros usos, tais como hospitais, câmaras municipais, correios, arquivos, fábricas, quartéis, prisões, mercados, teatros e até tabernas... 284 conventos e 103 templos, 18 oratórios, 4 ermidas e 1 colégio. Isto passou-se em toda Espanha, sendo a Andaluzia uma das mais castigadas [...]”. G. RODRIGUES – S. CASADO, p.141, nota 13.

<sup>17</sup> Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, op.cit. pp. 551-553.

<sup>18</sup> Era considerado bom espanhol somente aquele que era um fervoroso católico. Renegar a fé católica significava renegar também os ideais nacionais.

<sup>19</sup> “A Igreja da Espanha tinha sido protegida da ruptura protestante graças à estreita relação que mantinha com o poder civil. *Trono e Altar* era o slogan da propaganda nas esferas governamentais para designar a união dos poderes. Ao chegar o século. XIX, quando decaí o sistema absolutista, aquela aliança político-religiosa rompe-se também ao irromper o novo regime, que não era apenas uma nova forma de governo, mas sim uma expressão de outra cultura”. G. RODRIGUES – S. CASADO, p 138.

<sup>20</sup> O *ultramontismo* foi favorecido pela Santa Sé na Igreja universal. Encontrou uma especial e crescente adesão do episcopado espanhol, endossada com a expulsão de Pio IX de Roma (1848), no espólio dos Estados Pontifícios (1861) e do reconhecimento do reino de Itália pelo Governo espanhol (1865). Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, op. cit., p. 552.

catequistas, que, com sua generosa entrega, superaram a falta de uma melhor preparação teológica e catequética. Porém, nestes dois últimos séculos surgiu um número significativo de espanhóis cuja santidade foi reconhecida pela Igreja. Entre eles está Santo Enrique de Ossó e Cervelló<sup>21</sup>.

Já vimos sobre a contribuição das novas congregações religiosas para a formação dos cristãos espanhóis. Estamos tratando o tema do contexto sócio-político e eclesial da Espanha do século XIX. Sabemos que o contexto de um país é fruto de uma realidade mais ampla. Neste caso queremos, aqui, considerar algum aspecto europeu, especialmente no que tange a vida eclesial. Nosso intuito é destacar o fenômeno do surgimento das novas Congregações Religiosas de direito Pontifício, sobretudo femininas, não somente na Espanha, mas na Europa, especialmente na França<sup>22</sup>. A liberdade de associações e os novos ares liberais provocados pela Revolução Francesa, teriam provocado estes novos movimentos espirituais como resposta eclesial a esta circunstância histórica.

Neste período, abundam congregações com uma espiritualidade relacionada ao Coração de Jesus<sup>23</sup> e de Maria<sup>24</sup> e que, em geral têm

---

<sup>21</sup>“Santo Antônio Maria Claret; Santa Joaquina de Vedruna; Santa Micaela Del Santíssimo Sacramento; Santa Soledad Torres Acosta; Santa Rafaela María Del Sagrado Corazón; Santa Teresa Jornet; Santa Vicenta López Vicuña; Santa Rosa María Molas; Beatos Francisco Coll; **Enrique de Ossó**, José Mañanet, Rafaela Ibarra, Angela Cruz, Manuel Domingo y Sol, Francisco Palau, Marcelo Spínola. A guerra civil (1936-1939) foi uma ocasião em que brilhou com todo esplendor a fé martirial da Igreja espanhola”. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, op. cit., p. 553. Obs. Enrique de Ossó foi canonizado em 1993, portanto posterior à edição desta obra citada.

<sup>22</sup> Segundo J. GÓMEZ, neste período surgiam muitos grupos de mulheres desejosas de se consagrarem a Deus através do serviço ao próximo. O nosso autor observa que, ao longo dos séculos XIX e XX, a Santa Sé aprovou, como Instituições de Direito Pontifício, 1.139 congregações femininas. No caso da França foi o mais espetacular: entre o ano de 1800 e 1880 foram fundadas 400 congregações religiosas, numa média anual de cinco congregações por ano. Em 1815 eram trinta mil religiosas; em 1861, 105 mil e em 1878, 135 mil religiosas. Esses dados se referem somente às congregações de direito Pontifício. É interessante notar que durante o domínio de Napoleão Bonaparte, 880 congregações receberam a aprovação civil, embora muitas delas não tenham chegado a ultrapassar os limites de um pequeno grupo de mulheres dedicadas à assistência social. Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, op. cit., pp. 528-529.

<sup>23</sup> “A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, tão característica do século XIX [...], pode ser motivada por alguma das seguintes causas: em parte como continuação e renovação de uma piedade acessível para todos; também como reação contra a excessiva austeridade jansenista e o frio racionalismo da Ilustração. Influenciou - e

como ponto de partida afiliações a anteriores escolas de espiritualidade (Beneditina, Mercedária, Trinitária, Franciscana, Dominicana, Inaciana, Vicentina, Carmelitana, etc). Caracterizam-se também por uma centralização romana, dando lugar a uma uniformidade generalizada, às vezes até sufocante para com as pessoas e comunidades locais<sup>25</sup>.

Porém, facilmente é possível constatar que, estas novas Congregações Religiosas assumem seu apostolado na educação ou na assistência social, apesar de matizes distintas em relação à espiritualidade<sup>26</sup>. Seus fundadores e fundadoras souberam captar os desafios de seu contexto, e, no intuito de “promover na Igreja uma nova maneira concreta de seguimento a Jesus Cristo, como uma conseqüência da releitura que, pelo dom do Espírito, fizeram do Evangelho”<sup>27</sup>, colocando em relevo algum aspecto do Mistério de Jesus, buscaram dar uma resposta concreta perante as múltiplas necessidades geradas pela sociedade moderna, especialmente o problema do operariado, provocado pela crescente industrialização.

Por outro lado é um período onde as mulheres começaram a ter uma participação muito ativa na caminhada da Igreja Católica<sup>28</sup>, não só pelo fato de serem anteriormente as que mais praticavam a religião, mas

---

muito – a atividade da Companhia de Jesus, firme impulsionadora desta devoção. E o Romantismo que se estende por todo o século. Por último, tendo em conta a parcial origem italiana desta devoção, a imitação das formas de piedade italiana sob o impulso do ultramontanismo. Porém, talvez a razão mais profunda - de forma similar ao indicado sobre a renovação da piedade eucarística – residiu no aumento, entre os católicos, do amor à humanidade de Jesus Cristo. Pio IX e Leão XIII alentaram esta devoção. Este último consagrou a humanidade inteira ao Sagrado Coração de Jesus. Nas vésperas do Vaticano I, já os bispos belgas lhe haviam dedicado seu país. Em junho de 1873, uma delegação da Assembléia Nacional francesa marchou a *Paray-leMonial* – lugar das aparições do Senhor a Santa Margarida Maria de Alacoque – para consagrar a França ao Sagrado Coração. As demonstrações desta devoção são inumeráveis”. G. REDONDO, **La Iglesia en el mundo contemporáneo: de Pio VI a Pio IX** (1775-1878) – Tomo I, Pamplona: EUNSA (Ediciones Universidad de Navarra – España), 1979, pp.262-263.

<sup>24</sup> “Nas congregações religiosas Maria aparece sempre como um eco, uma reiteração da figura e da pessoa de Jesus”. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, op.cit., p. 532.

<sup>25</sup> Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, op.cit., pp. 531-534-536.

<sup>26</sup> Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, op.cit., p. 528.

<sup>27</sup> Ibid., p. 531.

<sup>28</sup> Enrique de Ossó incentiva as mulheres para fazer conferências nos Exercícios Espirituais, num tempo em que essa missão só era delegada ao homem clérigo: “A las de Ejercicios les podrán hacer alguna conferencia V. y D<sup>a</sup>. Teresa [...]”. Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 16/2/1884 (Inédita em CCS Ref.823-824 **AGSTJ** Vol.9 pág.62);

porque agora cada vez mais assumem diretamente as atividades apostólicas.

“O dilatamento do apostolado feminino a novos ministérios que vão além da tradição dedicada à educação da juventude e à assistência sanitária, dá um novo valor ao compromisso feminino dentro da Igreja Católica. Surgem congregações femininas com atividades diretas na pregação da Palavra, catequese e direção de exercícios espirituais. Há mulheres que inclusive fundam congregações masculinas, implicando com isso o magistério espiritual sobre os sacerdotes. A promoção da mulher ao apostolado direto é uma aquisição definitiva destas congregações. A nova estrutura das mesmas comporta forças femininas em compromissos organizativos e sociais”<sup>29</sup>.

Até aqui vimos a situação política e eclesial da Espanha no século XIX caracterizada como um período conturbado e desafiador. Situamos a vida e atuação de Enrique de Ossó neste período. Assim podemos **sintetizar** o panorama espanhol do século XIX, desde os anos do reinado de Isabel II em diante, com as seguintes características<sup>30</sup>: a) a nível internacional, a Espanha já não está entre as potências mundiais; b) a situação interna do país é de instabilidade política com um governo classista, distanciado do povo, regido por uma burguesia intelectual e por um exército fortemente politizado; c) é crescente o triunfo do liberalismo laicista, anticlerical, hostilizando a Igreja e seus empreendimentos<sup>31</sup>; d)

---

“Tenemos mañana día de retiro todas las Hermanas”: Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 16/2/1884 (Inédita em CCS Ref.1217 AGSTJ Vol.13 pág. 118).

<sup>29</sup> J. ÁLVAREZ GÓMEZ, op.cit., p.538.

<sup>30</sup> Cf. G. V. VOLPE, **Enrique de Ossó y Cervelhó: educador e pedagogo** (Tesis) Instituto Universitario Pareggiatto di Magistero Maria SS. Assunta, Roma, 1974, p.24.

<sup>31</sup> “[...] Com o aparecimento do liberalismo e suas conseqüências, a Igreja, como instituição começou a ser impedimento para o desenvolvimento de um Estado independente que buscava secularizar-se. Uma organização política liberal, cujos interesses de classe eram diferentes dos que tinham os quadros eclesiásticos e a nobreza, não podiam associar-se à Igreja em estreita relação com o tipo de monarquia absoluta decadente. Por este motivo, unido a interesses econômicos e de poder, o anticlericalismo foi característico do pensamento liberal constitucionalista”. G.

surge a revolução industrial e conseqüentemente uma nova modalidade de exploração de trabalho e de organização dos trabalhadores.

Em relação à Igreja, esta vive uma situação interna de divisão e desorganização. As ordens religiosas tradicionais sofrem grandes vicissitudes e os seminários ficam quase vazios. Ao mesmo tempo acontece um ressurgir de santidade: homens e mulheres que colocam toda sua força na busca do bem e da verdade para oferecê-los às pessoas mais necessitadas. Isto faz com que a renovação vá acontecendo nos seminários, institutos religiosos nascentes, associações apostólicas seculares, etc<sup>32</sup>.

Em 1876, a fundação da Instituição Livre de Ensino (ILE) dá um giro ao enfoque educativo, cunhando-o com uma orientação laica. Por outro lado, a Igreja católica se sente ameaçada pelo protestantismo e espiritismo que avançam num contexto onde a ignorância cultural e religiosa do povo é grande.

“Neste contexto de ruptura definitiva da *unidade católica* - tal como a Igreja interpretou a nova situação legal -, mas não deixando de aproveitar as liberdades que a Constituição reconhecia, é que devem ser situadas as iniciativas apostólicas de Enrique de Ossó e o seu apelo veemente ao compromisso dos católicos que o escutam, bem como o nascimento da Companhia de Santa Teresa de Jesus, numa época de possibilidades legais para a criação de novos centros educativos”<sup>33</sup>.

## 1.2.

### A resposta de Enrique de Ossó: a evangelização

#### 1.2.1.

Dados biográficos da vida de Enrique de Ossó

---

RODRIGUES – S. CASADO, **Experiência espiritual de Enrique de Ossó**, op. cit., p.140, nota 12.

<sup>32</sup> Cf. CARIDAD MORENO, **La persona de Jesucristo en el carisma de la Compañía de Santa Teresa de Jesús**. Tese em Ciências Religiosas, Roma 1977: in AGSTJ, p. VI.

<sup>33</sup> C. MELCHOR, **Voltar às Fontes**, op.cit., p. 46.

Sacerdote espanhol, Enrique de Ossó e Cervelló nasceu no dia 16 de outubro de 1840 no povoado de Vinebre, da Diocese de Tortosa (Tarragona), na Espanha. Seus pais, Jaime de Ossó Català e Micaela Cervelló Jové quiseram que seu filho fosse batizado no dia seguinte. Recebeu o sacramento da Confirmação no dia 27 de outubro de 1849.

Fez seus estudos primários em Vinebre e, apesar de seu desejo de ser professor e o de sua mãe que queria vê-lo sacerdote, seu pai, o envia a Quinto de Ebro e Reus para dedicar-se à aprendizagem comercial.

Aos 14 anos, sua mãe morre, vítima da epidemia de cólera. Motivado pela leitura da Vida de Santa Teresa<sup>34</sup>, foge ao Santuário de Montserrat<sup>35</sup> onde pretende ser eremita. Aos pés de Nossa Senhora, contra a vontade de seu pai, decide sua vocação: será sacerdote. Ao vencer a oposição de seu pai, começa os estudos humanísticos em Tortosa, cidade da Cataluña, Espanha, para entrar depois, em 1858, no Seminário da mesma cidade. Estuda Filosofia, Matemática, Física e Teologia, parte em Tortosa e parte em Barcelona. Recebe a ordenação

---

<sup>34</sup> Em seu caderninho de anotações pessoais há um escrito do tempo de seminarista (1862) onde escreve seu compromisso: “Como fundamento da vida espiritual gravarei na minha alma, com a graça de Deus, e terei sempre presente nas minhas orações aquela resolução tão generosa e nobre de Santa Teresa de Jesus, minha especial protetora: antes perecer o mundo do que ofender eu a Deus, porque devo mais a Deus do que a ninguém; logo a Ele devo, mais que a ninguém, agradar e servir. Servi-lo-ei, com a sua graça, *attente, devote, confidenter, alacriter et ferventer*”. M. GONZÁLEZ MARTÍN, **Henrique de Ossó: A força do sacerdócio**. Braga, 1988, 8ª ed., pp.105-106.

<sup>35</sup> Mosteiro beneditino com uma Basílica dedicada a Nossa Senhora. Lugar espanhol de peregrinação situado no alto das montanhas de Barcelona. Enrique de Ossó vai a pé. A distância de Réus a Montserrat é de 110 km, passando por Tarragona, Villafranca e Igualada. É este o caminho que seguiam as antigas diligências de Réus a Barcelona: Cf. M. GONZÁLEZ MARTÍN, op.cit., p.74. “O santuário de Montserrat, lugar físico da experiência fundante de Enrique de Ossó, continuou a ser, durante toda a sua vida, uma referência onde ele buscava força e luz, nas dificuldades e nas dúvidas, nos momentos de tomar decisões”. G. RODRIGUES – S. CASADO, **Experiência espiritual de Enrique de Ossó**, op.cit., p.42, nota 36; O Padre José M<sup>a</sup>.Fontseré, monge do Santuário de Montserrat que conheceu intimamente Enrique de Ossó escreveu sobre a devoção do santo à Virgem de Montserrat: “Visitava muitas vezes a Virgem. Às vezes somente para se recolher e pedir inspiração para os seus empreendimentos. Outras vezes com suas religiosas para fomentar-lhes o espírito na devoção à Nossa Senhora, ‘la dolça Moreneta’, como ele calorosamente a chamava. Não sabemos de nenhum outro conterrâneo nosso, santo ou fundador, que tenha visitado tão assiduamente o Santuário, muito menos a nossa Padroeira. Nos períodos difíceis e dias afortunados, quando tinha alguma contrariedade, sempre que tinha dúvidas sobre a vocação de alguma pretendente ao Hábito, e, antes de admiti-las à profissão, Enrique de Ossó acudia à Virgem de Montserrat buscando luz e auxílio celestial [...]”. A.A.V.V. **Mano de**

sacerdotal em Tortosa no dia 21 de setembro de 1867. E, aos 6 de outubro do mesmo ano sobe a Montserrat para celebrar a Primeira Missa.

Com o desenlace da revolução (1868), retira-se em sua terra natal, Vinebre. Em 1871 regressa a Tortosa. Ao mesmo tempo em que exerce sua missão como professor, ensinando Física e Ciências Matemáticas no Seminário de Tortosa, pelos povoados e aldeias dedica-se à catequese, à pregação de missões e à orientação espiritual. Assume a missão de organizar a catequese diocesana e trabalhar na formação dos catequistas.

Em sua dinâmica de apóstolo de Cristo, Enrique de Ossó percebe o desafio que os cristãos de sua época estavam vivendo, principalmente a juventude e as crianças. Ele se propõe a ajudá-los, utilizando os meios que estavam ao seu alcance. Incentiva e articula constantemente pessoas e grupos através da oração, de associações, publicações de artigos, livros e periódicos a fim de lhes apresentar a proposta evangélica.

Em seus abundantes escritos, Enrique de Ossó se dirigiu quase sempre a um público com o desejo de despertá-lo ao entusiasmo por Jesus Cristo e sua missão. Ele não escreve tratados teológicos, mas, como apóstolo, o único que lhe importa é que as pessoas *conheçam e amem a Jesus Cristo e o tornem conhecido e amado*. “O desejo que guia minha pluma é somente este: que Jesus Cristo seja conhecido, amado e adorado por todos, porque nele está a vida eterna”<sup>36</sup>.

Em 1871 publica um semanário Católico: “*El amigo del Pueblo*” que é suprimido pelo governo, em maio do ano seguinte.

A partir de 1872, sua anterior devoção à Santa Teresa de Ávila irrompe como carisma pessoal<sup>37</sup>, passa a ser seu projeto de vida<sup>38</sup>,

---

**Oro, Enrique de Osso, sacerdote y teresianista** (estudos monográficos com motivo de sua beatificação). Burgos: Monte Carmelo, 1979, p.96.

<sup>36</sup> GC, cap. 2, in **EEO** I, p.74.

<sup>37</sup> Enrique de Ossó, ao veranejar com os tios em Benicasim começa a ter contato com a comunidade carmelita do Deserto de Las Palmas (cf. AMS, in EEO III, p.13). Mais tarde, como seminarista fazia suas férias naquele local carmelitano. No recinto do deserto, o lugar de sua preferência era a ermida de Santa Teresa de Jesus, que, como Montserrat, seria para ele lugar da experiência de Deus. Assim como Montserrat era a casa da Mãe Maria, mãe de Jesus e nossa, a quem visitava e ia consultá-la, a ermida de Santa Teresa seria o “lugar do amor”. Nela havia uma imagem que o “encantava, enamorava e extasiava”, uma pintura da transverberação do coração de Santa Teresa de Jesus. A partir do verão de 1872, Teresa de Jesus irrompe na vida de Enrique de Ossó com uma

tornando-se um incansável apóstolo e divulgador da *Santa*, modelo feminino com o qual sonha realizar a transformação da sociedade, acreditando no potencial da mulher.

No *mês da Santa*<sup>39</sup>, em outubro de 1872<sup>40</sup>, lança o primeiro número da Revista “Santa Teresa de Jesús” com a finalidade de popularizar os escritos da mesma<sup>41</sup>, sendo seu diretor durante os vinte e quatro anos que ainda viveu. Neste mesmo ano, publica seu primeiro livro: “Guia Prático do Catequista”.

---

força inexplicável (Cf. G. RODRIGUES – S. CASADO, *Experiência espiritual de Enrique de Ossó*, op.cit., pp. 198-206). O que aconteceu a Enrique de Ossó em 1872 que o fez mudar tanto? Não sabemos exatamente. Porém, é evidente uma grande mudança. Até 1872 todas as suas atividades apostólicas tiveram um selo mariano. O mesmo sucedia com seus escritos e sua correspondência pessoal. Como exemplo, nas cartas que Enrique de Ossó escreveu a seu amigo Sardá y Salvany nota-se um crescimento na dinâmica de Ossó quanto ao seu teresianismo. Antes de 1872, Enrique de Ossó despedia-se do amigo Sardá com a expressão “Suyo in Corde Jesu” ou “Suyo em Jesús amigo” ou ainda “Suyo em Jesús, Maria y José amigo”, etc. A partir de 1872, Ossó termina as cartas com expressões como: “Suyo em Jesús de Teresa”, “Suyo affmo em Jesus de Teresa”, “Em Jesús y su Teresa su mejor amigo”. Aos poucos nota-se que vai substituindo o “JHS” que costumava colocar no início de suas cartas a Sardá y Salvany pela expressão “¡Viva Jesús de Teresa!” (Cf. Carta a Sardá, Tortosa, 9/10/1872 -AHSIC 22- Ed.1997, n.22 (Os originais das cartas que EO escreveu a FELIX SARDÁ Y SALVANNY (Sabadell 1844-1916) estão no Arquivo Provinciano Tarraconense da Companhia de Jesus (AHSIC), em San Cugat Del Vallés (AHSIC FONS SIS C 4/3) e foram publicados por G. VOLPE, Ed. STJ, Barcelona, 1997; cf. nota 84, C. MELCHOR, *Voltar às Fontes*, op.cit., 2001, p. 65).

A partir da experiência teresiana, fortemente cristocêntrica, ligada à graça da transverberação, Enrique de Ossó vai desenvolver um apostolado teresiano centralizado no coração de Santa Teresa. Promoverá o amor divino cultivado pela oração pessoal, formando um coração eclesial e universal, capaz de grandes coisas para Deus. A força difusiva do amor, que chamará de zelo pelos interesses de Jesus, será o traço característico do coração teresiano (Cf. G. RODRIGUES – S. CASADO, *Experiência espiritual de Enrique de Ossó*, op.cit., pp.218).

38 “A vida e as obras de Enrique de Ossó estão empapadas de teresianismo. [...] Não é uma devoção a mais, mas é um estilo de vida e de um atuar. É viver o cristianismo segundo o espírito da Santa. É um viver irradiado, propagado, repleto, a fim de que sirva também aos demais. Esse foi seu carisma, sua missão [...] porque o teresianismo não é essencial para viver o cristianismo, porém é um estupendo ‘lugar’ (ou fonte) teológico espiritual, válido para todos, a fim de encontrar e de saborear a Deus”. B. JIMENEZ DUQUE, in *EEO I*, p. XII.

39 Expressão ossoniana para referir-se ao mês de outubro, dedicado à Santa Teresa de Jesus.

40 “Em 15 de outubro é fundada a Revista Teresiana, dedicada a propagar a devoção à Santa Teresa, popularizando o conhecimento de suas virtudes e escritos admiráveis entre os espanhóis”. RT n.7, março 1873, p. 186.

41 Cf. RT n.1, outubro 1872, p.5

Em outubro de 1873, funda a “Associação de Filhas de Maria Imaculada<sup>42</sup> e Santa Teresa de Jesus”, para jovens. Com ela pretende promover e dar força ao papel da mulher na sociedade e na Igreja.

Com o objetivo de tornar acessível a oração teresiana de recolhimento e ensinar o povo a orar, estimula a prática da oração pessoal diária, durante 15 minutos. Para ajudar a este fim, em 1874 publica o “Quarto de Hora de Oração” que alcançará 15 edições em vida do autor<sup>43</sup>.

Pouco depois, em 1876, funda a associação para crianças, o “Rebanhito do Menino Jesus”, a “Irmandade Josefina”, uma associação para homens e a “Companhia de Santa Teresa de Jesus”. Caracterizou a esta última como sua “obra predileta”, à qual dedicou os vinte anos restantes de sua vida.

Difunde, em forma de catecismo, as encíclicas “*Rerum Novarum*” e “*Humanun Genus*” de Leão XIII. Escreve uma infinidade de obras (novenas, opúsculos, livros, artigos, etc) com o fim de fomentar as diversas devoções, tão característica da época<sup>44</sup>, como por exemplo:

---

42 “Em 1854, Pio IX proclamou o dogma da Imaculada Conceção de Maria. Muitas foram as Congregações religiosas criadas no século XIX que se colocaram sob a proteção da Mãe de Deus. Igualmente se incrementaram, de forma considerável, as peregrinações aos santuários marianos. Por outro lado são conhecidas as abundantes aparições da Virgem: em Paris (1830 e 1836); Salette (1846). Porém, de forma especial, em Lourdes (1858), uma pastorinha de quatorze anos, Bernadette Soubirous, viu a Virgem Maria e ao perguntar quem era, pôde escutar: ‘Eu sou a Imaculada Conceição’. Em 1862, sob uma cuidadosa investigação, a Igreja reconheceu oficialmente as aparições. Lourdes vai se tornar um dos santuários marianos mais visitados como também um lugar de grandes milagres. Bernadette vai ser canonizada por Pio XI em 1933, na festividade da Imaculada Conceição”. G. REDONDO, *La Iglesia en el mundo contemporâneo*, op. cit. p.263.

43 Até a Canonização de Santo Enrique de Ossó, aos 16 de junho de 1993, chegou à 53ª edição.

44 É característica do século XIX o renascimento de formas de experiências cristãs expressas na religiosidade popular, cristocêntrica e mariana. A Igreja fomentou especialmente a devoção à Eucaristia, ao Sagrado Coração de Jesus, à Imaculada Conceição e São José, procurando enriquece-las com fundamentação bíblico-teológica. A maior parte das Congregações religiosas fundadas neste período, não vinculadas à alguma escola tradicional de espiritualidade, colocam como centro da própria espiritualidade um dos grandes temas da espiritualidade da época: Eucaristia, Sagrado Coração de Jesus, o Menino Jesus, São José, a Virgem Maria: Cf. G. PELLICCIA – G. ROCCA, **Dicionário degli istituti di perfezione IX Spiritualità-Vézelay**, Roma: Edizioni Paoline, 1997, pp.66-69. Cf. G. RODRIGUES – S. CASADO, **Experiência espiritual de Enrique de Ossó**, op. cit., p. 84, nota 128.

Coração de Jesus<sup>45</sup>, Santa Teresa de Jesus, São Francisco de Sales, Nossa Senhora e São José.

Para a Companhia de Santa Teresa de Jesus, além das Constituições, Enrique de Ossó escreve numerosos documentos de valor inestimável à orientação espiritual, pedagógica e sobre a forma de governar na congregação. E, para os colégios da Companhia, escreve um conjunto de textos relativos à educação, a chamada “Escola de Santa Teresa de Jesus”<sup>46</sup>.

Morre repentinamente de infarto, aos 56 anos, no Convento franciscano de “Sancti Spiritus” (Gilet, Valencia), onde havia se retirado para fazer os Exercícios Espirituais. Morreu sem poder realizar o projeto de uma nova fundação: os “Irmãos Josefinos”, que se dedicariam à educação masculina.

O papa João Paulo II o beatificou em Roma no dia 14 de outubro de 1979 e o canonizou aos 16 de junho de 1993, em Madri, por ocasião de sua visita a Espanha.

### 1.2.2.

Influxos principais da opção evangelizadora

Numa conjuntura de Espanha em conflito sócio-político-religioso, sob o influxo do racionalismo, do laicismo, da maçonaria <sup>47</sup> e do espiritismo, a opção de Enrique de Ossó não é pela política partidária, mas pela evangelização. Para isto, utiliza todos os meios possíveis que estão ao seu alcance. Dinamiza um projeto que aglutina uma série de pessoas em associações (Arquiconfraria, Rebañito, Companhia, Irmandade Josefina, Projeto da Irmandade Teresiana Universal e Missionários Teresianos) com a finalidade de regenerar a sociedade espanhola de seu tempo.

---

<sup>45</sup> A espiritualidade pessoal de Enrique de Ossó encontrou na devoção ao Sagrado Coração de Jesus uma fonte inesgotável de renovação pessoal e social. G. RODRIGUES – S. CASADO, **Experiência espiritual de Enrique de Ossó**, op. cit., p. 87, nota 138.

<sup>46</sup> Escreve: “Rudimentos de Religión y moral”, “Rudimentos de Historia Sagrada”, “Rudimentos de Historia da Espanha”, “Reglas fundamentales de Urbanidad”.

Para melhor atingir as pessoas de seu meio, apresenta dois testemunhos concretos de seguimento de Jesus Cristo e os elege como modelos para si e para as obras por ele fundadas: Santa Teresa de Jesus e São Francisco de Sales.

#### 1.2.2.1.

##### Santa Teresa de Jesus<sup>48</sup>

Motivado por altos ideais, Enrique de Ossó encontrou em Teresa de Jesus o modelo<sup>49</sup> que ecoou e fomentou sua paixão por Deus e pela humanidade: “grande em empreendimentos apostólicos; grande de coração, de espírito; porém, sobretudo, grande em santidade”<sup>50</sup>. Evidencia traços da personalidade teresiana como o autoconhecimento, a humildade, a fé e a esperança, sobretudo, o zelo apostólico<sup>51</sup>. Teresa de Jesus se torna, para Enrique de Ossó, como um *lugar teológico* de salvação<sup>52</sup>, e por isso ele a apresenta como um caminho para experimentar o Deus de Jesus Cristo.

De formas muito diversificadas, difundiu a devoção à Santa Teresa e divulgou seus escritos: “todo nosso afã é dar a conhecer a grande Santa, estudá-la sob todos os aspectos, penetrando, sobretudo nos delicados matizes do seu abrasado coração de serafim”<sup>53</sup>. Não perdeu tempo em convidar para a missão de *zelar pelos interesses de Jesus* vivendo o espírito apostólico da grande padroeira,

---

<sup>47</sup> RT, n. 28, janeiro 1875, pp.122-123.

<sup>48</sup> Natural de Ávila, Espanha, Santa Teresa de Jesus (1515-1582) destacou-se como mística, reformadora, escritora e doutora da Igreja. Carmelita, fundou em 1562 o primeiro convento reformado de São José de Ávila (1562) ou *carmelitas descalças*. Com a ajuda de São João da Cruz, reformou vários conventos, restaurando a disciplina e o espírito evangélico. Dá sobretudo um espírito novo às suas fundações: abnegação e austeridade, alegria e fervor, sentido apostólico muito profundo. Entre seus vários escritos citamos Vida, Caminho de perfeição, Castelo interior, Fundações, Cartas, etc.

<sup>49</sup> Na RT n. 6, março 1873, p.141 cita a máxima teresiana: “Que os vossos pensamentos sejam sempre de muita coragem, para que assim também sejam as obras” (Conceptos de Amor de Dios C.4).

<sup>50</sup> RT n. 31, abril 1875, p.197.

<sup>51</sup> Cf. RT n. 24, dezembro 1873, p.67; RT n. 26, dezembro 1874, p.162; RT n. 49, outubro 1876, p.11; RT n. 61, outubro 1877, pp.3-4.

<sup>52</sup> Cf. “Palavras do bispo de Ávila - Frei Fernando”, in RT n. 20, maio 1874, p.232.

<sup>53</sup> RT n. 42, Março 1876, p. 162. Enrique de Ossó seguidamente se refere à Santa Teresa de Jesus como possuidora de um coração de *serafim*. Segundo o Dicionário Aurélio é um termo de origem hebraica, *seraphim*, significando ‘aquilo que queima, e que purifica como o fogo’.

Teresa de Jesus<sup>54</sup>. Portanto, é uma devoção caracterizada pela interpelação de despertar todos os discípulos da Santa para o zelo e o compromisso apostólico:

“Todos os amantes de Teresa de Jesus participam, não pouco do encargo que Jesus lhe confiou de zelar pela sua honra, porque a honra de Teresa de Jesus é a de Jesus, tal como a de Jesus, é a de Teresa. [...] Que podemos fazer para propagar os interesses de Jesus?”<sup>55</sup>.

O que contagia quem se aproxima de Teresa é o seu zelo e amor apostólico “*Eu vim lançar fogo sobre terra*”<sup>56</sup>. Enrique de Ossó a apresenta como missionária do amor divino, enviada para trazer fogo ao mundo com o único interesse de inflamar os corações. Para ele, foi o fogo do amor de Deus que invadiu o coração de Teresa, que o transformou e o dilatou, tornando-o eclesial. Segundo Enrique de Ossó, a experiência mística da Transverberação<sup>57</sup> é a realização e o cumprimento em Teresa do desejo de Jesus para com todas as pessoas, expresso por Lucas, na imagem do fogo<sup>58</sup>. Para Enrique de Ossó, é por este motivo que Teresa “nos convida a dilatar nosso coração”<sup>59</sup>.

---

<sup>54</sup> Cf. RT n.16, janeiro 1874, p.102.

<sup>55</sup> RT n. 6, março 1873, p.141.

<sup>56</sup> Lc 12, 49.

<sup>57</sup> Cf. Santa Teresa de Jesus, **Vida**, 29 e VI **Moradas**; “Transverberação: (*do latim transverberare, transpassar, ferido*). Graça mística especial concedida a Santa Teresa de Ávila: ela via um Serafim que transpassava o coração com um dardo inflamado: esta visão causava-lhe uma dor espiritual intensa e, ao mesmo tempo, deixava-a, mais do que nunca, abrasada de amor (Autobiografia cap. 29) - Representação iconográfica da Santa em êxtase, transverberada por um Serafim”, E. BROSSE – A. HENRY – P. ROUILLARD, **Dicionário de Termos da fé**. São Paulo: Santuário, p. 782. Apelamos para o sentido que o dicionário de Português dá a palavra *transberar*. Consideramos importante transcrever aqui, pois nos dá mais elementos para uma melhor compreensão da experiência mística chamada “Transverberação”. Portanto, para o Dicionário Aurélio *transberar* significa: “1.Fazer transparecer; deixar passar (luz, cor, etc.); refletir: a clarabóia transverba a claridade, iluminando a sala. 2. Manifestar-se, transparecer, transluzir: funda tristeza, transverba nos seus olhos. 3. Dimanar, brilhando; derivar. 4. Manifestar-se, refletir-se”: A. B. HOLANDA FERREIRA. **Novo Aurélio século XXI, o Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.1990; Santa Teresa conta: “[...]vi junto de mim, à minha esquerda, um anjo em forma corporal, o que só me é dado muito excepcionalmente [...] Tinha nas mãos um dardo de ouro, e julguei ver na ponta do ferro uma chama. Pareceu-me que me transpassava algumas vezes com o dardo o coração até o mais íntimo e que me arrancava este dardo deixando-me abrasada em grande amor de Deus. A dor era tão violenta que me fazia gemer; a tal ponto excessiva era a suavidade desta dor vivíssima, que não era possível desejar vê-la terminada e a alma já não se contentava senão em Deus. Dor espiritual, não corporal, senão que o corpo não deixasse de ter nela alguma e mesmo grande parte. É uma troca de amabilidades tão suave entre Deus e alma, que peço a Deus faça experimentar a quem pensa que eu minto”: Obras Completas, BAC. Cf. ainda: *Exclamaciones, 16,2, in M. MARÇANEIRO, Mística e Erótica: um ensaio sobre Deus, Eros e Beleza*. Petrópolis: Vozes, 1996, pp.96-97.

<sup>58</sup> Cf. C. MELCHOR, **Voltar às Fontes**, op. cit., nota 4, p. 200.

<sup>59</sup> Cf. RT n. 4, janeiro 1873, p. 87.

Ao incentivar a Irmandade Teresiana Universal<sup>60</sup>, tem clareza de que a espiritualidade teresiana não é intimista, no sentido individualista - pejorativo do termo, mas leva a assumir o compromisso de ser cristão no mundo, ou seja, de um viver ético: “[...] não pode ser devoto da grande Teresa se não sente ferver em seu peito a pequena centelha do zelo da maior honra de Jesus. Sendo o zelo avivado, a chama da caridade adquire imensas proporções [...]”<sup>61</sup>.

Quando coloca Teresa de Jesus como modelo<sup>62</sup>, Enrique de Ossó revela que seu coração já foi roubado por ela: “a grandeza de coração de Teresa rouba minha atenção, como também sua magnanimidade e grandeza de alma incalculável”<sup>63</sup>. Por isso incentiva o povo espanhol para ir à fonte teresiana:

---

<sup>60</sup> IRMANDADE TERESIANA UNIVERSAL: Enrique de Ossó funda a Revista Teresiana com a finalidade de fazer conhecer e amar a “sem par Doutora e mística Teresa de Jesus” (RT n. 60, setembro 1877, p.333). Em seguida funda a Associação Teresiana, elevada a Arquiconfraria por Pio IX. Desta brotaram “dois vistosos pimpolhos que hão de dar frutos abundantíssimos para todo o mundo, o *Rebañito del Niño Jesús de Teresa* e a Companhia de Santa Teresa de Jesus” (RT n. 60, setembro 1877, p.333). Após a experiência da mobilização teresiana que Enrique de Ossó conseguiu, organizando uma peregrinação de Ávila à Alba de Tormes, do berço ao túmulo de Santa Teresa, em agosto de 77, durante 12 dias, envolvendo, não apenas algumas províncias da Espanha, mas o país todo (Cf. RT n. 58, julho 1877, pp. 279-281) escreve: “se da *Revista* brotou a Arquiconfraria, da Arquiconfraria o Rebanhito e a Companhia de Santa Teresa de Jesus, da peregrinação teresiana brotaram mil obras, todas em obséquio de Santa Teresa de Jesus, como derivações de sua Irmandade Teresiana Universal”. Lança então a idéia dos sacerdotes teresianos, dizendo que, com esta Irmandade Universal haverá de “crescer e desenvolver outra Irmandade universal de sacerdotes teresianos, os que, qual avançados e zelosos sentinelas, hão de iniciar, promover e sustentar todas as obras que se consagram a procurar a extensão do reinado e conhecimento e amor de Jesus, Maria e José, por meio de Santa Teresa de Jesus. É esta uma obra necessária [...]” (RT n. 60, setembro 1877, p.334; Cf. RT n. 60, setembro 1877, p.351: aqui Enrique de Ossó relata como vai se dando esta articulação da Irmandade Teresiana Universal). Porém este projeto, provavelmente aberto demais para àquele momento eclesial, não chegou a se solidificar. Na fraternidade universal caberiam todos os que de uma maneira ou de outra encontraram em Teresa de Jesus uma mulher autêntica, uma pessoa madura, uma crente, uma mística e escritora. Em qualquer destas facetas Teresa de Jesus representava uma boa notícia para as pessoas daquele contexto. A Irmandade Teresiana Universal, como uma grande associação seria como um grande movimento de espiritualidade teresiana (Cf. C. MELCHOR, **Voltar às Fontes**, op. cit., p. 471, nota 18).

<sup>61</sup> RT n. 60, setembro 1877, p.336.

<sup>62</sup> “Todas lleven delante siempre el ejemplo de su Santa Madre Teresa de Jesús en el hablar, obrar, pensar y amar, y pronto se asemejarán a Santa Teresa de Jesús. Así como tienen dechado delante para aprender las labores, así tengan este dechado del cielo delante y aprenderán la primorosa labor del alma en perfección altísima”. Carta às Irmãs de Roda, Tarragona, 24/6/1884 (**AGSTJ OSSÓ-CARTAS I** pág.47 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.159) Ed. 1969, Carta n. 300. Sobre as citações das Cartas de Enrique de Ossó, queremos esclarecer que optamos pela Transcrição eletrônica 2003 ([T@/03](#)). Serão transcritas sem tradução.

<sup>63</sup> RT n. 2, novembro 1872, p. 29.

“ [...] cavemos nesta mina, aprofundemos neste tesouro, beneficiemo-nos neste campo fértil [...]”<sup>64</sup>. “Animemo-nos pois, com o exemplo de Teresa e as palavras de Jesus Cristo. Degustemos da doutrina da nossa Doutora que nos diz: ‘A fé viva nos faz alcançar todas as coisas grandiosas de Deus. Deus é amigo de pessoas animosas desde que tenham muita confiança naquele que tudo pode’<sup>65</sup>.”

Conhecendo o coração humano dos seus interlocutores, possivelmente cheios de afã e, ao mesmo tempo, *afogados* diante dos desafios sócio-político-religiosos de seu contexto, Enrique de Ossó alenta-os com estimuladoras palavras de ânimo e de coragem:

“Avante [...] Que o espírito de Teresa viva e vos alente! Que as palpitações do seu coração [...] generoso ressoe em nossos corações da mesma forma e vibração que a fez assumir grandes empreendimentos [...]”<sup>66</sup>. “Nada nos turbe, nada nos espante; quem a Deus tem, e com Ele à Maria e Teresa de Jesus, nada lhe falta”<sup>67</sup>.

Para incentivar a participação das mulheres, apresenta Teresa como modelo perfeito de mulher católica e espanhola, cujo espírito permite avaliar a importância da mulher no apostolado e assumir uma autêntica educação cristã da juventude feminina:

“Vocês serão a poderosa alavanca de regeneração social; vocês estão destinadas a formar o coração da sociedade e a traçar-lhes o caminho do bem [...] Porque, quem pode imaginar a influência da mulher católica formada desde a sua juventude, segundo o espírito de Santa Teresa de Jesus? [...] Entretanto, eu as confio aos cuidados de Teresa de Jesus, e elevo minha pobre oração por vocês ao bom Jesus de Teresa”<sup>68</sup>. Vocês realizarão maravilhas sob a proteção de Maria e Teresa, imitando as virtudes de ambas e seguindo os escritos de Teresa<sup>69</sup>. “[...] Que Teresa de Jesus as sustente no caminho, as alente na luta e confirme no amor a Deus. Que Maria Imaculada as acolha em seu manto e as preserve da sedução do século. Que o amor de Jesus [...] encha vossos corações, reine em vocês, até que vocês possam reinar com Ele [...]”<sup>70</sup>.

Já foi dito que Enrique de Ossó foi um apaixonado por Teresa de Jesus. Coloca-a como um exemplo de seguimento do Mestre. Enfatiza vários atributos teresianos. Entre os atributos que Enrique de Ossó dá à Santa Teresa, destacaremos alguns atributos extraídos dos escritos de Ossó. Para ele, Teresa é a grande zeladora dos *interesses de Jesus* e da fé, que não descansa

---

<sup>64</sup> RT n. 1, outubro 1872, pp. 12-13.

<sup>65</sup> Cf. RT n. 6, março 1873, p.144.

<sup>66</sup> RT n. 6, março 1873, p. 153.

<sup>67</sup> RT n. 37, outubro 1875, p. 11.

<sup>68</sup> RT n. 37, outubro 1875, p. 25.

<sup>69</sup> Cf. RT n. 14, novembro 1873, pp.52-55.

<sup>70</sup> RT n. 14, novembro 1873, p.55.

quando estão *em causa os interesses de Jesus*. Santa Teresa é também a “nova Débora”, “conquistadora de almas”, mestra dos sábios, mãe espiritual terníssima que faz amável a verdadeira virtude e nutre seus devotos com a verdadeira doutrina. Ossó a chama de seráfica doutora e mestra de oração a quem podem recorrer sacerdotes e religiosos para alcançar inspiração, fé viva, sabedoria divina, amor e *zelo pelos interesses de Jesus*. Com frequência Enrique de Ossó chama a Santa de Ávila de roubadora de corações, ímã irresistível que atrai corações ao serviço de Deus, capitã invencível que pode dizer como São Paulo ‘*Tudo posso Naquele que me conforta. Só Deus basta!*’<sup>71</sup>.

Enrique de Ossó, portanto, queria que todas as pessoas por ele dirigidas tivessem diante de si o modelo de Santa Teresa de Jesus. Desse modo incentivava as pessoas para que se colocassem sob a orientação da Santa e assim impregnar o mundo com “o bom odor de Cristo”<sup>72</sup>, atrair as pessoas ao amor de Jesus, Maria e José<sup>73</sup>, tornando-se “outras Teresas de Jesus”<sup>74</sup>, vivendo e morrendo no amor<sup>75</sup> infinito de Cristo<sup>76</sup> e assim realizar o Reino de Deus no já, e no ainda não escatológico.

#### 1.2.2.2.

#### São Francisco de Sales<sup>77</sup>

Depois de Santa Teresa de Jesus, Enrique de Ossó propôs São Francisco de Sales<sup>78</sup> como modelo da ação apostólica orientada para os *interesses de Jesus*<sup>79</sup>.

---

<sup>71</sup> Frases extraídas de obras e artigos de Enrique de Ossó. São citadas ao longo de sua obra: RT, Cartas, **EEO I** (GC, TJ) e **II** (SC), etc.

<sup>72</sup> SC, in **EEO II**, p. 26, n.12.

<sup>73</sup> SC, in **EEO II**, p. 16, n.3; C in **EEO II**, pp.332-333.

<sup>74</sup> **Cartas** Ed. n.32, n.266, n.280.

<sup>75</sup> **Carta** Ed. n. 294.

<sup>76</sup> Cf. S.VALSANZIBIO, **Os interesses de Jesus nos escritos de Santo Enrique de Ossó**. Barcelona: Editorial STJ, 1993, p.17-18.

<sup>77</sup> São Francisco de Sales, bispo e doutor da Igreja, nasceu na Itália em 1567 e morreu em 1622. Contrariando a expectativa do pai, abandona a carreira de advogado para ser sacerdote. Durante 20 anos foi bispo de Genebra, sendo um verdadeiro pastor de seu clero e de seus fiéis, como também grande mestre de espiritualidade. Os seus contatos com Joana de Chantal, co-fundadora da Visitação, e a formação espiritual das primeiras Visitandinas originaram duas obras, essenciais para conhecer a espiritualidade e a personalidade de Francisco: o *Tratado do amor de Deus* e os *Entretimentos Espirituais*. É patrono dos jornalistas e dos escritores católicos.

<sup>78</sup> Enrique de Ossó propôs São Francisco de Sales como modelo da ação apostólica voltada aos interesses de Jesus. Sobre esse tema: cf. S. VALSANZIBIO, op.cit., p.19.

Ao lermos com atenção os escritos de Enrique de Ossó, facilmente podemos perceber que, antes de aconselhar a outros, primeiramente ele assimilou e viveu as orientações de São Francisco de Sales em sua vida e missão. Ainda como seminarista tinha simpatia pelo santo: “Imitar e copiar no meu coração e no meu comportamento a Jesus, de modo que possam dizer de mim o que diziam de São Francisco de Sales: *assim se portava Jesus*”<sup>80</sup>. Queria identificar-se com Jesus tão fielmente, tão plenamente, na sua pessoa como um todo, interior e exteriormente, que pudesse revelar Jesus, como o fez São Francisco de Sales. Esta era, para Enrique de Ossó, o sentido da virtude da modéstia, que ele comparava ao aroma de um perfume, capaz de atrair as pessoas ao amor de Jesus Cristo com mais eficácia do que todas as pregações<sup>81</sup>.

Além do caráter predominante de *zelo pelos interesses de Jesus*, ou seja, pela salvação das pessoas, Enrique de Ossó reconhece o doutor da Igreja como um dos santos mais “amáveis e semelhantes ao nosso Salvador”<sup>82</sup>, porque, através da sua mansidão e bondade, conquistava as pessoas, convertendo-as a Cristo. Mansidão como manifestação do amor fraterno, da caridade pastoral paciente, delicadamente atenta aos outros<sup>83</sup>.

Recomendou a leitura de suas obras e de sua vida<sup>84</sup>; incentivou a leitura, reflexão e vivência do testamento do santo, destacando o seguinte fragmento:

“...<sup>85</sup> não peçais nada, nem recuseis nada, estais dispostas ao que Deus e a obediência querem de vocês. Seja o vosso único desejo amar a Deus mais que a ninguém; a vossa única ambição,

---

<sup>79</sup> Para Enrique de Ossó, São Francisco de Sales colocava seu maior empenho nesta tarefa do *Zelo pela salvação das almas*. Era também a finalidade de todos os seus sermões e lhe ocupava a maior parte de seu tempo. Cf. TFS, in **EEO III**, pp.668-669.

<sup>80</sup> M. M. GONZÁLEZ, **Henrique de Ossó. A força do sacerdócio**, op.cit., p.102. Cf. C. MELCHOR, **Voltar às Fontes**, op. cit., p.230, nota 9.

<sup>81</sup> Cf. G. RODRIGUES – S. CASADO, **Experiência espiritual de Enrique de Ossó**, op. cit., pp.119-120.

<sup>82</sup> TFS, in **EEO III**, p.634.

<sup>83</sup> Cf. C. MELCHOR, **Voltar às Fontes**, op. cit., pp.230-231.

<sup>84</sup> Cartas Ed. n.48, n.50, n.68, n.204.

<sup>85</sup> As reticências deste texto fazem parte do texto original.

possuí-lo... Silêncio, humildade... ou morrer, ou amar. Viva<sup>86</sup> Jesus”

87.

Ao escrever a Saturnina Jassá, Enrique de Ossó expressa seu apreço ao santo protetor da Companhia de Santa Teresa de Jesus, especialmente no desejo de que sejamos, como ele, ímã suavíssimo do Coração de Jesus<sup>88</sup>, que atrai muitas pessoas ao Reino de Deus.

E para concluir, resolvemos transcrever integralmente uma Carta onde Enrique de Ossó cita um belíssimo texto de São Francisco de Sales sobre as orientações básicas de como deve agir uma Superiora de Comunidade.

“Penso que, neste ano, São Francisco de Sales irá nos conseguir muitas graças especiais... Hoje li que Ihe dizia à sua Madre Chantal:

*‘Para desempenhar bem o vosso cargo de Superiora, não sejais com as vossas Irmãs nem severas, nem adadoras, mas dóceis, amáveis e afáveis, amando-as com um amor cordial, maternal, pastoral, fazendo-vos toda para todos, Mãe de todas, o recurso de todas, a alegria de todas: com estas condições, tudo vai bem; sem elas nada basta’. ‘As Superiores’ - acrescenta – ‘devem ter em Deus uma confiança maior do que a desconfiança em si mesmas. Pensais que um Pai tão bom como é Deus vos faz amas-de-leite<sup>89</sup> de seus filhos sem dar-vos abundância de leite, de manteiga e mel? Se o Senhor vos entrega estas almas para que as*

---

<sup>86</sup> Na RT n.49, outubro 1876, p.12, Enrique de Ossó recorda os dois lemas que o Santo repetia com frequência: “...meu Deus, se eu descobrisse no meu coração, uma fibra que fosse, que não clamasse ‘Viva Jesus’, arrancá-lo-ia imediatamente, porque preferiria não ter coração a tê-lo infiel; ‘Ou morrer, ou amar’”. Dos dois lemas, Enrique de Ossó preferia o ‘Viva Jesus’. Imitando o Santo, utilizou este lema para encabeçar as suas obras e cartas, e o recomendou às suas filhas como divisa espiritual e habitual saudação. Cf. S.VALSANZIBIO, op.cit., p.30, nota 101.

<sup>87</sup> Carta as Irmãs de Maella, Vilallonga, 29/1/1880 (CCS Ref.1532 **AGSTJ** Vol.16 pág.113) Ed. 1969, n. 118.

<sup>88</sup> “No podré estar en ésa el día de nuestro dulcísimo Padre y Protector San Francisco de Sales. [...]

San Francisco de Sales nos llena de su espíritu de dulzura, amor y paz, y seamos imán suavísimo del Corazón de Jesús como el Santo. Te felicito y a esas tus hijas que mucho se aprovechen ese día”. Carta Saturnina Jassá, Barcelona, 28/1/1881 (CCS Ref.109-110 **AGSTJ** Vol.12 pág.110).

<sup>89</sup> A Ed. coloca somente a expressão “amas”.

*façais dignas dEle, estenderá o seu braço poderoso proporcionalmente à obra que vos impõe.*

*Toleraí e desculpai muito ao próximo. Não filosofeis sobre as contradições que vos sobrevêm. Em todas as coisas, não mireis senão a Deus e submetei-vos a todas as suas disposições com grande simplicidade. **Fazei tudo por Jesus**, unindo-vos a Ele e continuando a vossa união, dirigindo-lhe simples olhares ou elevai o vosso coração. Não vos precipiteis nunca; fazei tudo tranqüilamente e com espírito de paz. Por qualquer coisa que aconteça não percais a vossa paz interior, mesmo que toda a alma se sinta perturbada, porque, o que são todas as coisas desta vida comparadas com a paz do coração?*

*Encomendai todas as coisas a Deus e mantende-vos tranqüilas no seio de sua paternal providência. Quando encontrardes o vosso espírito disperso, recolhei-o doce e simplesmente sem vos inquietardes com cuidados, desejos, afetos ou pretensões.*

*Nosso Senhor Jesus e sua Teresa vos amam e vos querem toda dEles. Não tenhais outro braço para vos apoiardes senão o seu, nem outro regaço em quem descansar que o da Divina Providência; e não fixeis vossos olhares e o vosso espírito senão somente nele...Não desejeis nada senão o puro amor de Nosso Senhor Jesus e sua Teresa<sup>90</sup>, e amando-o em seus sofrimentos<sup>91</sup>.*

Sem dúvida, os princípios salesianos eram uma riqueza de ensinamentos para Enrique de Ossó e que continuam adequados para os nossos dias, não só para quem coordena uma Comunidade Religiosa, mas também para todos os Educadores e Agentes de Pastoral.

---

<sup>90</sup>Para Enrique de Ossó, as expressões tão caras e tão repetidas, "Tudo por Jesus" e "Nosso Senhor Jesus e sua Teresa", parece que as toma de S. Francisco de Sales.

<sup>91</sup> Carta a Saturnina Jassá, Tarragona, 4/2/1882 (CCS Ref.1693-1695-1696 **AGSTJ** Vol.17 pág.137) Ed. 1969, n.199.

### 1.2.3.

**O eixo central: *conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-lo conhecido e amado.***

#### 1.2.3.1.

Um itinerário de configuração com Cristo

Enrique de Ossó provoca na pessoa o dinamismo de seguir a Jesus Cristo. Em tudo que faz e escreve demonstra uma sensibilidade muito refinada para captar as necessidades de seus conterrâneos. Impulsiona e incentiva as pessoas para crescerem e entrarem no caminho do dinamismo de ser cristão, ou seja, para conhecerem cada vez mais intimamente a Jesus Cristo através da intimidade de uma vida de oração diária – o *Quarto de hora de Oração*.

Num contexto conturbado, onde há uma diluição da tradicional garantia de uma fé católica na Espanha, ele, conhecendo a psicologia do ser humano, incentiva progressivamente os seus conterrâneos para que se agreguem em Associações (Filhas de Maria Imaculada e de Santa Teresa de Jesus, Escola Dominical para jovens, *Rebanhito* do Menino Jesus, Irmandade Josefina, Companhia de Santa Teresa de Jesus, etc.) para assim a pessoa se encaminhar num processo de conversão. Ele sabe onde quer chegar: através de vários meios oferecidos, especialmente do modelo de vida e doutrina de Santa Teresa, quer que a pessoa chegue à identificação com Jesus Cristo; que assuma com garra e dinamize toda a sua vida na via de viver e realizar o que ele chama “os interesses de Jesus”, que não é outra coisa que a fé cristã que Enrique de Ossó experimentou e seguiu: quem faz a experiência do encontro com Jesus Cristo e opta por Ele, canaliza toda sua vida, seus dons, bens, capacidades, enfim, tudo, para proclamar a Boa notícia ao mundo.

O discipulado leva ao processo de identificação com Jesus Cristo, o Mestre: “Pensar, sentir, amar como Cristo Jesus; agir, conversar e falar como Ele; conformar, numa palavra, toda a nossa vida com a de Cristo, revestir-nos de Cristo Jesus é a nossa ocupação essencial”<sup>92</sup>. Para isso faz-se necessária uma conversão contínua onde algumas virtudes devem resplandecer:

---

<sup>92</sup> MCJ, in EEO III, p.456.

“Este deve ser o vosso único empenho: ser todas de Jesus. Que nada haja no vosso interior ou exterior que não anuncie Jesus [...] os gestos, o olhar, as palavras e ações, tudo, em resumo, deve clamar: *Viva Jesus. Amemos a Jesus. Tudo por Jesus*”<sup>93</sup>.

Esta identificação com Cristo exige uma confiança total em Deus. Enrique de Ossó alerta que devemos fazer tudo de nossa parte e confiar totalmente em Deus pois “o espírito e a graça irão elaborando o que falta” e com isso, “tudo vos será fácil com a graça do céu”<sup>94</sup>.

Enrique de Ossó propôs aos leigos um itinerário de configuração com Cristo mediante os ensinamentos de Santa Teresa de Jesus, um caminho onde possibilitaria um encontro real de relação de amizade com Deus, ensinando-os a orar. Além disso, desperta-os para a missão evangelizadora no mundo, centrada em Cristo e unificada no Amor. É justamente do berço deste carisma, desta espiritualidade e missão leiga que nasce a Companhia de Santa Teresa de Jesus, fundada, como dissemos anteriormente, em 1876.

O sonho de Enrique de Ossó era de que a Companhia havia de ser como que o lugar próprio e centro de irradiação<sup>95</sup> deste “movimento Teresiano de zelo pelos interesses de Jesus”<sup>96</sup>. Em Enrique de Ossó foi tomando corpo a idéia de uma grande família teresiana universal no qual a Companhia estava “destinada a imprimir vida, movimento e espírito teresiano a estas obras e regenerar com elas, o mundo”<sup>97</sup>. Por isso considerava a Companhia de Santa Teresa de Jesus como sua “Obra predileta”.

### **1.2.3.2.**

#### **Evangelizar mediante a oração e a educação**

---

<sup>93</sup> SC, in EEO II, pp.26.

<sup>94</sup> SC, in EEO II, p.11 e 13.

<sup>95</sup> Cf. RT n. 66, março 1878, pp.162-164.

<sup>96</sup> RT n. 72, setembro 1878, p.347.

<sup>97</sup> RT Janeiro 1878, pp.97-100.

A missão da Companhia de Santa Teresa de Jesus é, prioritariamente formar pessoas para a tarefa evangelizadora:

“As da Companhia devem ser almas de fogo, consumidas e abrasadas de zelo pela salvação das almas, de tal modo que possam dizer como Jesus e Teresa: *Vim trazer fogo à terra, e que quero senão que arda? É esta a sua missão!*”<sup>98</sup>. “O vosso único afã deve ser o de que a nossa humilde Companhia seja sempre a que dê à Igreja *apóstolos* mais perfeitos e zelosos do *conhecimento e amor de Jesus Cristo*”<sup>99</sup>.

Enrique de Ossó, inspirado em Santa Teresa de Jesus, desejava que suas filhas fossem *apóstolas convocadas por Jesus* para serem enviadas por Ele, dedicadas à oração e ao ministério da Palavra.

“O fim da Companhia é, pois, a salvação e perfeição tanto própria como alheia. Conhecendo-nos e conhecendo-o, amando-o e fazendo-o conhecido e amado<sup>100</sup>. Orar, ensinar e sacrificar-se para que todos conheçam e amem a Jesus, para procurar a regeneração do mundo, para educar a infância e a juventude, segundo a doutrina de Santa Teresa de Jesus”<sup>101</sup>.

Ser *outras Teresas de Jesus*, preocupadas e ocupadas com os Seus interesses:

“revesti-vos do espírito de zelo e das virtudes apostólicas que adornavam o coração de vossa mãe, Santa Teresa de Jesus”<sup>102</sup> e “estendei o reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo

---

<sup>98</sup> SC, in EEO II, p. 60.

<sup>99</sup> Ibid., p.28.

<sup>100</sup> **Preces de la Compañía**, in EEO II, p. 183; **Fines principalísimos**, in EEO II, p. 408.

<sup>101</sup> SC, in EEO, p.14

<sup>102</sup> Ibid., p.15

por todo mundo, por meio do apostolado da oração, ensino e sacrifício”<sup>103</sup>.

Portanto, a oração e a educação teresiana são os dois valores que fazem parte do Projeto básico de Enrique de Ossó para a Companhia de Santa Teresa de Jesus, duas mediações imprescindíveis de relação com Deus e com a pessoa humana que só podem ser vividos na dinâmica do Mistério Pascal<sup>104</sup>.

O ideal de Enrique de Ossó foi o de formar educadoras teresianas – mães e mestras – para serem as educadoras dos cristãos e cristãs com os valores teresianos. Assim, o peculiar da missão evangelizadora da Companhia é a paixão pela pessoa humana em processo educativo.

Dissemos que Enrique de Ossó propôs às pessoas do seu contexto um itinerário de configuração com Cristo, mediante os ensinamentos teresianos. E que sua intuição carismática para a Companhia é a de *estender o Reino de Deus através da oração e da educação*. Enrique de Ossó entende que para realizar esse fim é imprescindível o elemento da doação, da entrega a essa missão. Ele expressa essa realidade com a expressão *sacrifício*. Ou seja, para quem assume o seguimento de Jesus, certamente as dificuldades, incompreensões e desafios se apresentam. O que importa é não perder de vista a meta principal de quem assumiu seguir o Mestre e anunciar a Boa Nova da salvação. Assim, a orientação ossoniana de que “devemos superar o mal com a abundância do bem [...] Não nos estorvemos uns aos outros [...] quando se trata da maior glória de Deus ou dos *interesses de Jesus*, mas pelo contrário, ajudemo-nos mutuamente”<sup>105</sup>, parece muito pertinente na atualidade.

Aqui queremos chamar a atenção do leitor sobre um aspecto testemunhal da vida de Enrique de Ossó. Em momentos muito duros pelos quais passou, mantém fidelidade ao seu projeto de vida: “Serei sempre de Jesus. Seu ministro, seu apóstolo, seu missionário de paz e de

---

<sup>103</sup> Ibid., p.17

<sup>104</sup> Cf. C. MELCHOR, **Voltar às Fontes**, op. cit., p.477.

<sup>105</sup> SC, in EEO II, p.28.

amor<sup>106</sup>. São palavras de um ser humano que viveu na própria carne momentos de verdadeiro combate e perseguição, especialmente na cruz do Pleito<sup>107</sup> durante dezessete anos de sua vida com as Carmelitas de Tortosa e do Interdito<sup>108</sup> do primeiro Colégio-Noviciado da Companhia e que, apesar de tudo, consola as Irmãs dizendo que “[...] As tempestades são boas para purificar o horizonte”<sup>109</sup>. Na Bula de Canonização se lê: “Seus amigos experimentaram sua fidelidade inquebrantável, e para os que se comportaram injustamente com ele e o traíram, não deixou de ter a mesma amabilidade, silêncio magnânimo e perdão”<sup>110</sup>.

Portanto, Enrique de Ossó não somente colocou para a Companhia a missão de evangelizar através do carisma específico da oração e da educação. Com seu testemunho de vida, com sua fidelidade pessoal, enfrentou muitas dificuldades para manter fidelidade a esse carisma de educador e fiel seguidor de Jesus Cristo.

---

<sup>106</sup> TF, in EEO III, p.194.

<sup>107</sup> “Enrique de Ossó esteve envolvido num Pleito desde 1879 que o obrigou a comparecer perante os tribunais eclesiásticos de Tortosa, Tarragona, Madri e Roma. Durou até sua morte, em 1896, e ficou resolvido com sentença adversa em 1897. Com outros agravantes dolorosos: não somente são os últimos anos de sua vida; o Pleito coincide com as atividades de fundador e atinge, na contenda, as duas secções prediletas de sua obra: as carmelitas descalças de Tortosa, fundadas por ele em 1877, e a Companhia de Santa Teresa de Jesus, fundada no ano anterior, em 1876. O Pleito exigirá a demolição da “Casa – Mãe” deste segundo instituto, construída ao lado do primeiro, e envolverá na contenda as pessoas mais queridas do fundador”: ALVAREZ, Tomás, “Crisol del alma. Pleito en Tortosa”, in **Mano de Oro. Enrique de Ossó, sacerdote y teresianista**, op.cit., pp. 251-252.

<sup>108</sup> Inserido no longo processo judicial do Pleito, cf. nota anterior, foi decretado um *Interdito*, uma sanção para Enrique de Ossó e para o Colégio-Noviciado da Companhia: um decreto governativo diocesano de 17 de março de 1884 impôs a pena de *Interdito* à casa, privando as suas moradoras de terem a presença do Santíssimo Sacramento e da celebração da Eucaristia por não terem cumprido o decreto anterior que exigia a demolição do edifício. Enrique de Ossó leva o Santíssimo na Capela do Colégio de Barcelo, Rua Junqueras. A partir de então, as Irmãs da Comunidade do Colégio-Noviciado saem de casa para ir a esta capela. O interdito foi levantado somente em 22/12/1885 e no dia primeiro de janeiro de 1886, Enrique de Ossó celebra missa e coloca novamente o santíssimo no Colégio Noviciado. Cf. C. MELCHOR, p. 64, nota 81. O processo do Pleito continuou e, após sua morte, foi demolido finalmente o primeiro Colégio-noviciado da Companhia. Para maiores esclarecimentos em relação ao processo do Pleito do Colégio-Noviciado. Cf. M. M. GONZÁLEZ, **A força do sacerdócio**. op.cit., pp.347-358. Cf. *Inquisitio Histórica de Lite indiciali circa proprietate domus pricipis dertusensis Congregationis sororum a sancta Teresia a Iesu ex officio concinnata*, ROMA 1974).

<sup>109</sup> Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 3/3/1884 (Inédita em CCS Ref.1303-1304 **AGSTJ** Vol.14 pág. 8).

<sup>110</sup> Cf. LAURA RÍUS, **Santo y Sábio: Estúdio de la experiência espiritual de san Enrique de Ossó**. Tese para o Magistério em Ciências Religiosas, Roma, 1995, in **AGSTJ**, p. 260, nota 367.

## **Conclusão**

Iniciamos este primeiro capítulo abordando o contexto de Enrique de Ossó. Vimos que, distintamente de outros contemporâneos seus que viam na política e na economia a solução dos problemas sociais, Ossó opta pela evangelização. Ele ama o ser humano, quer que seja feliz, que possa exercer sua liberdade. Contempla as pessoas com os olhos de Jesus, e como Jesus, se compromete para que as pessoas do seu contexto descubram a dignidade de filhos e filhas de Deus e possam viver como irmãos e irmãs entre si<sup>111</sup>.

*Enrique de Ossó é sensível aos desafios dos cristãos da sua época, principalmente a juventude feminina e as crianças. Como evangelizador, prioriza a formação cristã. Para isso escreve e publica livros, artigos, revistas, periódicos a fim de lhes apresentar a proposta evangélica e tornar a doutrina cristã acessível ao povo mais simples. Apóia-se na tradição espiritual da Igreja e na vida dos santos, especialmente Santa Teresa de Jesus e São Francisco de Sales. Vê a educação e a oração como um meio para ajudar o ser humano no processo do autoconhecimento, do encontro com Jesus Cristo. Pois, ser discípulo de Jesus significa um processo de identificação com o Mestre. Ossó articula as pessoas para a vivência comunitária do compromisso cristão.*

*Enfim, Enrique de Ossó provoca nas pessoas o dinamismo do seguimento a Jesus Cristo. Incentiva a vivência do cristianismo no dia-a-dia, na realidade onde o ser humano vive e trabalha. Aqui encontramos um elemento importante que, um século posterior, o Concílio Vaticano II irá enfatizar. Trata-se da importância de vivenciar o cristianismo inserido no mundo, ou seja, nas diferentes realidades onde o cristão vive e trabalha.*

---

<sup>111</sup> Cf. CARMEN MELCHOR, **Enrique de ossó, discípulo y apóstol de Jesús: catequista y educador teresiano**, comunicado apresentado no Simpósio sobre a "Transmisión de la fe en el Tercer Milenio": El Escorial 7-9 de febrero de 2002). Publicado in *Actualidad Catequética*, nº 193, janeiro-março de 2002, p.131ss.

*Ossó viveu num contexto complexo onde a Igreja se coloca numa atitude de autodefesa diante da modernidade. Que antropologia Enrique de Ossó assume neste contexto? Foi ele capaz de articular as várias dimensões da pessoa humana de forma integrada? No próximo capítulo apresentaremos como Ossó, ao propor a polarização da vida na proposta de Jesus Cristo, articula a concepção antropológica cristã.*

## 2 A integração da pessoa humana a partir da opção por Jesus Cristo.

O Senhor que iniciou a obra, a conduzirá ao seu fim e a consolidará [...]”<sup>112</sup>.

### INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo desta dissertação, tratamos de apresentar a vida e a obra de Enrique de Ossó situada no seu contexto histórico a fim de compreendermos a sua opção pela evangelização. Vimos como Ossó, situado num contexto desafiador para a fé cristã, em sua paixão pela pessoa humana, prioriza a oração e a educação como meios para ajudar as pessoas no processo do encontro com Jesus Cristo. Para isso propaga a fé cristã, através da imprensa e no incentivo às mais variadas formas de ação apostólica. Entre os influxos principais da sua opção evangelizadora, apresenta Teresa de Ávila como mestra e doutora no processo de chegar a Deus.

No segundo capítulo, objetivamos apresentar o pensamento antropológico de Enrique de Ossó presente em suas Cartas<sup>113</sup>, como ele articulou as várias dimensões da pessoa humana a partir da polarização em Jesus Cristo. Portanto, como sabemos, a não articulação entre as dimensões da corporeidade e da espiritualidade, traz como consequência o dualismo, tão prejudicial à pessoa humana.

Dividimos o segundo capítulo em quatro itens, cada qual com sua relevância própria. No primeiro item, apresentamos a compreensão de Enrique de Ossó no que diz respeito à pessoa em relação consigo mesma e com os outros. Colocamos dois temas neste primeiro item pois entendemos que a relação consigo está unida a abertura para os outros: ambas as relações podem ser vistas juntas, sem dualismos.

No segundo item, apresentamos a perspectiva de integração do ser humano a partir da sua relação com o mundo criado. Procuramos fazer isso pois, para Enrique de Ossó, a criatura humana, criada à

---

<sup>112</sup> Carta a Rosario Elíes, Barcelona, 21/9/1883 (CCS Ref.1549-1550 **AGSTJ** Vol.16 pág.28) Ed. 1969, n. 262. Enrique de Ossó parece fundamentar-se em Paulo (Cf. 2Cor 8,11; Fl 1,6).

<sup>113</sup> A nossa pesquisa é baseada nas Cartas escritas por Enrique de Ossó da transcrição eletrônica 2003 ([T@/03](#)) hoje conservadas no Arquivo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus (**AGSTJ**). Tivemos a oportunidade de confrontá-las com as Cartas editadas: **Cartas do Servo de Deus Henrique de Ossó fundador da Companhia de Santa Teresa de Jesus** publicadas pela editora STJ, 1969 (513 cartas) e as **Cartas de Enrique de Ossó a F. Sardá y Salvany** publicadas por G. VOLPE, Ed. STJ, Barcelona, 1997 (129 cartas). Em relação aos originais das Cartas que Enrique de Ossó escreveu a FELIX SARDÁ Y SALVANNY (Sabadell 1844-1916) observamos que as mesmas estão no *Arquivo Provincial Tarraconense da Companhia de Jesus (AHSIC)*, em San Cugat Del Vallés (**AHSIC FONS SIS C 4/3**). Sobre F. Sardá y Salvany, cf. C. MELCHOR, **Voltar às fontes**, p. 65, nota 84.

imagem e semelhança de Deus, é convidada a viver com equilíbrio todas as dimensões de sua vida, inclusive na sua relação com o mundo criado.

No terceiro item, apresentamos a visão que Enrique de Ossó tem de Jesus Cristo: é o mediador entre o Pai e a humanidade. Para Ossó, a identificação com Jesus Cristo significa humanização e encontro com Deus. É nessa ótica que ele estimula a relação de intimidade com Deus (oração). Nosso interesse é mostrar que a relação com o Deus de Jesus Cristo e homem Deus por ele revelado, integra a pessoa: assim nela surge o compromisso de doar a vida à humanidade.

No quarto item, apresentamos a proposta integradora de Enrique de Ossó numa pedagogia relacional. Este quarto item aborda a relação com os outros assim como o primeiro item. Insere-se no final do capítulo, para enfatizar um tema peculiar de Enrique de Ossó: a pedagogia. Nesta pesquisa, distintamente de outros escritos de Ossó, seus princípios pedagógicos são evidenciados no testemunho vivencial, expresso nas suas Cartas.

Ao considerar a pessoa na sua totalidade de aspectos ou dimensões, contata-se que as relações, embora tenham uma lógica progressiva, se articulam concomitantemente quando se trata do amadurecimento da pessoa.

## **2.1.**

### **A pessoa em relação consigo mesma e com os outros**

Para a pessoa humana viver a integração entre a corporeidade e a espiritualidade os desafios são imensos, especialmente no confronto consigo mesma e com os outros: “[...] Os homens vêm somente o exterior, mas Deus, o coração. Seja este sempre limpo, singelo, puro, fiel [...]”<sup>114</sup>. Sabendo que Deus vê com o coração, ou seja, vê com misericórdia e amor, deve-nos animar no processo desafiante do conhecimento próprio e dos outros, nos acolhermos como somos para nos tornarmos conforme o coração dEle, amor apaixonado pela pessoa humana.

---

<sup>114</sup> Carta a Teresa Plá, 15/3/1878 (Inédita em CCS Ref.93, 94 **AGSTJ** Vol.1 pág.48).

### 2.1.1.

#### Conhecimento próprio

“Grande coisa é o próprio conhecimento”<sup>115</sup>.

Para a pessoa desencadear um processo de amadurecimento em todas as dimensões, faz-se fundamentalmente necessário estar no dinamismo do autoconhecimento. No texto que segue, Enrique de Ossó parece ter muita clareza sobre este tema: “Rosália começa a conhecer-se, significa que está começando a emendar-se”<sup>116</sup>. Como alcançar este conhecimento? Somente com abertura de coração para ver-se na verdade, exatamente naquilo que ela é na sua condição de pessoa humana. Sem dúvida, é um exercício desafiante, que exige muita humildade<sup>117</sup>.

Enrique de Ossó conhece a limitação humana e, portanto, sabe que a pessoa não é capaz de se bastar a si mesma, necessitando da mediação humana e divina. E, para haver autoconhecimento, além da pessoa viver numa atitude de humildade, é preciso exercitar-se diariamente na auto-avaliação pessoal<sup>118</sup>, no diálogo com Deus, através da oração e abrir-se aos outros. “Não descuides de fazer, todos os dias, o exame [...]. Necessitas muita humildade, desconfiança de ti mesma e apoiar-te na oração. Sem isto não farás mais que deslizar; e, nas coisas de alguma importância, pedir antes conselho”<sup>119</sup>. De todos os acontecimentos deve-se tirar humildade e conhecimento próprio para poder superar a condição humana egoísta:

---

<sup>115</sup> Santa Teresa de Jesus, **Moradas** 1,8 in **Obras completas** BAC (Biblioteca de Autores Cristianos), Madrid: Editorial Católica, 1967. A partir daqui citaremos somente a obra de Santa Teresa. As citações teresianas se referem à publicação citada aqui.

<sup>116</sup> Carta a Cinta T., Jesús, 8/6/1880 (Inédita em CCS Ref.161-162 **AGSTJ** Vol.3 pág.86).

<sup>117</sup> “[...] que todo sea para su propio conocimiento”. Carta às Irmãs Teresas Plá e Blanch, Barcelona, 28/7/1884 (Inédita em CCS Ref. 669 **AGSTJ** Vol.7 pág.40).

<sup>118</sup> Enrique de Ossó escreve para as Irmãs da Companhia vários roteiros de exames formulados através de perguntas. Provavelmente adotou este método para facilitar a auto-reflexão de cada Irmã. Cf. **EEO** II, pp.215; 439-463.

<sup>119</sup> Carta Carmen Chavarría, Jesús, 1/3/1881 (Inédita em CCS Ref.1928-1929 **AGSTJ** Vol.19 pág.68).

“[...] alegram-me as notícias que me dás. Muitas coisas hão de sair até que viva e reine no coração somente a filha de Maria<sup>120</sup>. Nada te surpreenda, coisas maiores virão. O que convém, filha minha, é que de tudo saques humildade. O Senhor aprecia muito mais um pouco de humildade e conhecimento próprio do que os maiores obséquios. [...] Te convém mais conhecimento próprio, e dá muitas graças ao Senhor por esta graça, a principal e mais essencial [...]”<sup>121</sup>.

Aconselha a pessoa para que cresça, confie em Deus e faça tudo com paz. Chama a atenção de que o saber intelectual não é suficiente. É necessário que esteja conjugado ao viver. Através do autoconhecimento a pessoa percebe suas incoerências no aprimoramento das virtudes:

“[...] não te apures, faze tudo com paz. Paz, paz filha minha, pois há um ardor febril ou atividade natural que não é obra da graça e não agrada a Deus. Só Deus basta. Acode a Ele e não temas, pois com sua ajuda tudo é fácil. Quão pouco sólidas são as virtudes que tens! Muitas verdades [...] poucas virtudes. Muitas são as Irmãs que te ganham [...]”<sup>122</sup>.

Ter conhecimento próprio significa que a pessoa tem consciência do que se passa no seu interior, percebendo a raiz das suas motivações: “[...] Se choras por teus pecados, bem me parece; se é por amor próprio, não convém [...]”<sup>123</sup>. Neste caso Enrique de Ossó alerta para que a pessoa tenha consciência da motivação do choro. Se for pelos próprios pecados, ou seja, por ter se desviado do caminho de forma consciente, pode lamentar, chorar e se

---

<sup>120</sup> No texto que segue podemos compreender o que Enrique de Ossó entende quando incentiva para *crucificar a filha de Eva e fazer reinar a filha de Maria*: “A todas esas mis hijas, en el Señor, que no se descuiden este mes de crucificar la hija de Eva, y de que reine la hija de María. Mucho deseo que hayan aumentado los intereses de Jesús, lo que se logra negándose a sí mismas, tomando la cruz y siguiendo a Jesús. Que no lo olviden. El reino de los cielos padece violencia y sólo los que se la hacen lo arrebatan, dice el Señor”. Carta a Saturnina Jassá, Tarragona, 17/5/1880 (Inédita em CCS Ref. 251-252 **AGSTJ** Vol.3 pág. 135) Ed. 1969, n. 133.

<sup>121</sup> Carta a Saturnina Jassá, Tarragona, 17/5/1880 (Inédita em CCS Ref.251-252 **AGSTJ** Vol.3 pág. 135) Ed. 1969, n. 133.

<sup>122</sup> Carta Saturnina Jassá, Zaragoza, 9/9/1880 (Inédita em CCS Ref.1019-1020-1021 **AGSTJ** Vol.11 pág.109).

<sup>123</sup> Carta a Rosario Elíes, Barcelona, 21/9/1883 (CCS Ref.1549-1550 **AGSTJ** Vol.16 pág.28) Ed. 1969, n. 262.

arrependido. Mas, se for para mascarar a verdadeira motivação egocêntrica, ele sugere que a pessoa erga a cabeça e vá em frente, supere-se e páre de chorar. Aqui é possível perceber onde Enrique de Ossó quer chegar. Chorar, tendo pena de si mesmo, egocentricamente, não convém, pois acaba gastando energias com aquilo que não leva ao crescimento pessoal.

É possível articular a paz interior com as contrariedades? Para Enrique de Ossó a paz não está em não experimentá-las, mas em sobrelevá-las e vencer, confiar em Deus.

“Põe ordem em todas as coisas e cada coisa ocupe o seu lugar. Deus é Deus de paz e quer ser servido em paz e amor. Toda a perturbação vem do amor próprio. Não o esqueças. A paz não está no fato de não experimentar contrariedades, mas em saber ultrapassá-las e vencer. Quando estiveres inquieta, cala-te. [...] Serenidade, oração e confiança em Deus”<sup>124</sup>.

Uma real conversão à vida cristã não se dá isenta de um processo gradativo de crescimento, abrangendo todas as dimensões da pessoa. Para isso é fundamental mergulhar cada vez mais na dinâmica do autoconhecimento, não para ficar egoisticamente em torno de si mesma, mas canalizando gradativamente todas as suas potencialidades na construção do Reino de Deus.

### **2.1.2.**

#### **Abertura de coração**

Para o *eu* abrir-se ao *tu*, é necessário a presença do outro, do próximo que escuta. Partilhar o que se passa no próprio interior é fator de auto e hétero-crescimento. Enrique de Ossó parece perceber claramente a importância, para o ser humano, de conhecer a sua interioridade, identificar os sentimentos que povoam seu *coração*, expressar-se, e assim, dar condições para a integração pessoal. “Que coisinhas estão pesando

---

<sup>124</sup> Carta a Saturnina Jassá, 12/4/1880 (CCS Ref.9 **AGSTJ** Vol.1 pág. 155) Ed. 1969, n. 127.

em teu coração? Por quê não és franca e as dizes? As penas comunicadas se tornam leves”<sup>125</sup>.

Ele mesmo usa de grande psicologia, empatia, amizade e carinho: “[...] Tens chorado em nossa ausência? Te vi triste. [...] Tudo passa [...] Anda sempre em companhia de Jesus e sua Teresa e terás paz [...]”<sup>126</sup>. Incentiva para a abertura com a finalidade de ajudar na auto-superação<sup>127</sup>. Na relação entre quem ajuda e a pessoa beneficiada, o enriquecimento mútuo pode acontecer, como muito bem expressa Enrique de Ossó: “[...] tua cartinha me serviu de consolo”<sup>128</sup>.

Compreende o que se passa no coração da outra pessoa, sem que ela mesma tenha verbalizado: “Senti que ficaste triste, sem me dizer tudo o que se passava contigo. Faze-o, filha minha, com toda confiança”<sup>129</sup>. O próprio Enrique de Ossó expressa seus sentimentos diante das inúmeras dificuldades, contradições<sup>130</sup> e desilusões que teve que enfrentar com o Pleito por causa do colégio “Casa – Mãe”, situado ao lado das Carmelitas Descalças de Tortosa:

“[...] são tantas as coisas e coisinhas que caem sobre mim de algum tempo para cá que me fazem reconhecer o pouco que sou e que valho; quão pouca ou nenhuma virtude tenho. Por isso tudo, minha querida Mãe, faça-me alcançar a

---

<sup>125</sup> Carta a Teresa Plá, San Gervasio, 7/4/1886 (Inédita em CCS Ref.743 **AGSTJ** Vol.8 pág.69).

<sup>126</sup> Carta a Agustina Alcoverro, Tortosa, 17/12/1879 (CCS Ref.1011 **AGSTJ** Vol.11 pág. 11) Ed. 1969, n. 114.

<sup>127</sup> “¿Por qué no puedes decirme esas muchas cosas que quieres? ¿Qué motivos serán los que obliguen a una hija de la Compañía de Santa Teresa de Jesús para no decir a su padre lo que conviene decirle? ¡Cuanto me disgustan estos apretamientos tontos!”. Carta a Dolores Llorach, Jesús, 22/11/1881 (Inédita em CCS Ref.1453-1454 **AGSTJ** Vol.15 pág.31).

<sup>128</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 10/7/1880 (Inédita em CCS Ref.382-383 **AGSTJ** Vol.4 pág.42).

<sup>129</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 6/5/1878 (Inédita em CCS Ref.223-224 **AGSTJ** Vol.3 pág.17).

<sup>130</sup> “Rogad para que el Señor me dé paciencia y no pierda ocasión tan buena de merecer y hacerme santo con esta condición. Todo se hará como tiene aparejado la Santa de nuestro corazón. Algún día sabréis los apuros y contradicciones que le dices paso por la Compañía. Todo por Jesús y su Teresa, cierto que a veces riño con ellos y les digo cosas claras y muy alto. Y así todo se arregla ¡Qué trazas tiene sobre su obra la Santa de nuestro Corazón!”. Carta às Irmãs da Companhia, Tarragona, 13/11/1879 (CCS Ref.773-774 **AGSTJ** Vol.8 pág.38) Ed. 1969, n. 106. Nota da [T@/03](#): “En la editada pone como destinataria: Hna. Teresa Plá, Aleixar”.

graça que mais lhe peço, ou seja, conhecer-me, conhecer-te a ti e a Jesus, para amar-vos mais que todos os corações e faze-vos amar mais que a todos”<sup>131</sup>.

Uma mediação, segundo Enrique de Ossó, para a pessoa se autoconhecer, viver alegre e feliz, são as pessoas que têm a função de liderança na Companhia Santa Teresa de Jesus. Elas têm a missão de ajudar a pessoa a manter-se fiel ao projeto assumido, ou seja, viver e configurar-se cada vez mais com Cristo Jesus. Ele supõe que a pessoa encarregada de coordenar a comunidade, a *Irmã Maior*, deveria ser a pessoa mais indicada em desempenhar o papel de quem escuta: “Podes comunicar os teus pesares à Irmã Maior. Bem sabes que as penas comunicadas ficam mais leves. Este ato de humildade e de obediência faz com que o Senhor comunique graças especiais”<sup>132</sup>.

Na vida de Enrique de Ossó podemos constatar que ele procurou ter abertura e se deixou guiar pelos seus *superiores*, acreditando serem uma mediação divina. Por isso insiste na importância de ter franqueza e não ocultar nada a eles, do contrário a pessoa facilmente pode ser enganada, trilhando outro caminho que não é o dos *interesses de Jesus*.

“A Irmã Maria que seja franca [...]. Que recorde as santas Regras onde diz que tem a obrigação de dizer aos superiores suas necessidades espirituais e temporais. Que peça o que lhe falta”<sup>133</sup>.

“Vejo pelas tuas cartas que tua alma tem se animado muito por estes dias; bom ânimo e avante! Nada te perturbe, nada te espante. Confio que este ano sairás com grande ganho. Sê franca. Cada semana escreve-me como anda tua alma, que tentações te incomodam, etc., e verás como tudo desaparecerá. Tu te ocultaste de teus superiores que tanto amam tua alma e por isso passaste mal. Corrige-te e sê humilde [...]. Jesus estará contigo, pois é teu Esposo. Sê fiel a Ele”<sup>134</sup>.

---

<sup>131</sup> Carta, Tortosa, 19/2/1878 (Inédita em CCS Ref.151-152 **AGSTJ** Vol.2 pág.31). Nota da [T@/03](#): “A carta não tem nome, mas pelo conteúdo refere-se à Teresa Plá”.

<sup>132</sup> Carta a Saturnina Jassá, Tortosa, 27/11/1877 (CCS Ref.731 **AGSTJ** Vol.8 pág.19) Ed. 1969, n.38.

<sup>133</sup> Carta às Irmãs de Gracia, Jesús, 31/10/1880 (Inédita em CCS Ref.327-326 **AGSTJ** Vol.4 pág.16).

<sup>134</sup> Carta a Paula Altés (Villanueva), San Gervasio, 7/9/1886 (Inédita em PIB 26 **AGSTJ** Vol.29 pág.25).

Enrique de Ossó dá muita importância à Confissão<sup>135</sup> e à Orientação Espiritual como meios para o crescimento e amadurecimento da pessoa. Deixa claro que a orientação espiritual não significa uma prestação de contas em minúcias, mas uma partilha da caminhada: “Podes dar conta da vida toda, em especial a (que vieste) na Companhia [...] pois convém sempre grande clareza de consciência com os Diretores. Porém que seja em geral, sem minúcias, nem pequenos detalhes, que a nada conduzem”<sup>136</sup>. Confissão é somente confissão, não é Direção Espiritual. É muito difícil encontrar um bom diretor espiritual, pois deve ser uma pessoa prudente, de caridade e de ciência<sup>137</sup>. Seu desejo é de que as Irmãs da Companhia Santa Teresa de Jesus, onde for possível, se confessem com os jesuítas<sup>138</sup>, pelo seu método e também porque foram eles, segundo Enrique de Ossó, que formaram, em grande parte, Santa Teresa de Jesus<sup>139</sup>.

---

<sup>135</sup> Cf. Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 10/9/1883 (CCS Ref.1311-1312 **AGSTJ** Vol.14 pág.12) Ed.1969, n. 256.

<sup>136</sup> Carta a Cinta Tarlan, Benicasim – Deserto das Palmas, 26/7/1878 (Inédita em CCS Ref. 13 **AGSTJ** Vol.1 pág.60). Nota da [T@/03](#): “En una transcripción de Gloria Volpe pone: 24/7/78. Podría ser”.

<sup>137</sup> Resolvemos transcrever esta carta, quase na íntegra para termos uma idéia sobre as orientações de Enrique de Ossó: “[...] 1º, que sólo hay obligación de confesar los pecados mortales, pues los veniales se perdonan, como dice la Doctrina, por agua bendita, Pater noster, etc. 2º, que el confesor no debe hacer más que confesar, o sea, absolver los pecados. El Director es a quien se ha de dar cuenta de todo, pero como sólo hay uno bueno cada diez mil sacerdotes, como dice S. Francisco de Sales, para este cargo, porque debe estar lleno de prudencia, de caridad y de ciencia, de ahí es que ese Padre, si no reúne dichas condiciones, no debe ser Director de las almas de las Hermanas, sino sólo confesor. Esto lo debéis saber bien. Confiésate de tus pecados y acabad pronto, y pide que te absuelva. Si no te quiere absolver porque no tienes materia, pon siempre, como dicen las Reglas, un pecado de la vida pasada y con esto te ha de absolver. Si no lo quiere hacer, comulga, y escribe lo que ocurra. El confesonario es para confesar y nada más. No estés ese tiempo en el confesonario: es perder tiempo y con peligro del alma. Dile que miente o no ha leído bien la Sta. Regla cuando dice que todo lo habéis de decir al confesor: fuera de los pecados mortales no tienes tú, ni nadie, obligación de confesarte. Eso lo dice el Concilio de Trento. No gastéis razones con él. Dile que las Reglas aprobadas o recomendadas por Roma lo dicen más claro y allí verá, cuando se las puedas dar, lo que recomiendan respecto de los confesores. Hazle leer entretanto lo que dice el librito de Las enfermedades del alma, en la p<sup>a</sup>. 120, n<sup>o</sup>. LVII y siguientes. Déjaselo para que lo medite bien”. Carta a Maria Juez (Torres Novas), Barcelona, 15/9/1889 (Inédita em CCS Ref. 1290 **AGSTJ** Vol.13 pág.52).

<sup>138</sup> Cf. Carta a Josefa Llatsé, San Gervasio, 12/8/1892 (Inédita em CCS Ref. 807-808 **AGSTJ** Vol.9 pág.101).

<sup>139</sup> “[...] mi intención es que donde haya P.P. de la Compañía de Jesús confiesen siempre ellos a las de la Compañía de Sta. Teresa de Jesús, ya por la identidad de miras y medios de lograrlas, ya también porque ellos fueron los que formaron en gran parte el espíritu de nuestra Santa Madre [...]”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 7/2/1878 (Inédita em CCS Ref.109-110-111 **AGSTJ** Vol.2 pág.11). Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 1/12/1877

O caminho para o ser humano viver alegre e feliz, segundo Enrique de Ossó, é ter um projeto de vida, exercitar-se diariamente no autoconhecimento, na abertura para com os outros e para com Deus. É uma dinâmica de integração pois desencadeia na pessoa um processo de crescimento e amadurecimento, não só humano, mas espiritual, afetivo e social.

### 2.1.3.

#### ***A humildade é andar na verdade***

Enrique de Ossó enfatiza a vivência da humildade. O que é ser uma pessoa humilde? É na clássica definição teresiana que encontramos o que ele entende por humildade: “A humildade consiste em andar na verdade”<sup>140</sup>. Para ele, Teresa d’Ávila foi doutora dessa nobilíssima virtude, não só em palavras, mas também em obras<sup>141</sup>.

A pessoa só tem condições de se abrir ao crescimento pessoal se for humilde: “Sempre com as estreitezas de coração! Não podes imaginar quanta alegria me darás ao ver-te varonil<sup>142</sup>, e sê-lo-ás quando fores humilde”<sup>143</sup>.

Humildade se opõe à soberba. E o primeiro passo para uma auto superação de qualquer entrave é reconhecer o limite humano que se está vivendo. Ou seja, sem a atitude de acolher-se e amar-se é difícil ter a coragem de corrigir-se e crescer.

“[...] trabalhai para serdes humildes, porque Deus resiste aos soberbos e só aos humildes dá a sua graça, e já sabeis que, sem a graça de Deus, nada,

---

(Inédita em CCS Ref. 59-60 **AGSTJ** Vol.1 pág.32). Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 12/1/1878 (Inédita em CCS Ref.128-127 **AGSTJ** Vol.2 pág.19).

<sup>140</sup>Santa Teresa de Jesus, VI **Moradas** 10, 7.

<sup>141</sup> Cf. RT n. 8, junho 1873, pp.197-202.

<sup>142</sup> Verificamos o sentido desta palavra no espanhol e no português. Ambas colocam como sinónimos: viril, forte, enérgico, heróico, esforçado.

<sup>143</sup> Carta a Dolores Llorach, Jesús, 2/11/1882 (CCS Ref.1207 **AGSTJ** Vol.13 pág.64) Ed. 1969, n.227. A Ed. coloca uma nota observando que Dolores Llorach era Superiora de Barcelona – Calle Junqueras e que “foi nomeada visitadora Geral no Capítulo Geral de 15 de outubro de 1882”. Um ano anterior, Enrique de Ossó já advertia a Dolores Llorach de que a falta de confiança seria falta de humildade: “Siempre corazón apretado .... ¿Por que? ¿A qué Padre sirves, hija mía?. No seas boba. La intención recta y la voluntad determinada de no ofender al Señor, que en lo demás no es

absolutamente nada podemos fazer. Que cada uma, pois, trabalhe por corrigir-se de seus defeitos e para corrigir-se é preciso, primeiro, que ame a correção”<sup>144</sup>.

“Sabes humilhar e exercitar às demais, porém tu mesma não fazes o que deves. Se fosses humilde, não andarias tão inquieta como andas, com esses temores, fazendo padecer com tuas coisinhas”<sup>145</sup>.

Segundo Enrique de Ossó, a humildade e a superação do amor próprio<sup>146</sup> devem andar de mãos dadas. E qual é o sentido que ele dá quando fala de amor próprio? “[...] A Josefa que não adormeça no amor próprio [...]”<sup>147</sup>. Enrique de Ossó parece aplicar este termo no sentido negativo. Amor próprio seria o oposto a uma atitude de humildade, de confiança e amor: “[...] Anda com singeleza e humildade e andarás com confiança. O fundo dos teus males é soberba e amor próprio refinado. Não é amor de Jesus [...]”<sup>148</sup>. Por ser *filha de Eva*<sup>149</sup> carrega em si a concupiscência do egoísmo e nele o amor próprio. “[...] É tentação o que te perturba e um resto de secreto e refinado orgulho ou amor próprio, talvez. Anima-te e, com coração magnânimo, trabalha para vencer-te e elevar-te sobre as misérias de filha de Eva [...]”<sup>150</sup>. O amor próprio, ou seja, a concupiscência humana como inclinação ao mal está tão entranhada no ser humano, que, normalmente, ele reaparece: “[...] Tens

---

nada delicado tan buen Dios. Es falta de humildad”. Carta Dolores L., Jesús, 9/11/1880 (Inédita em CCS.1199 **AGSTJ** Vol.12 pág.54; CCS.5 **AGSTJ**. Vol.20 pág.10 (3º).

<sup>144</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 14/11/1877 (**AGSTJ PIB** – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.22- copia autenticada) Ed. 1969, n. 36.

<sup>145</sup> Carta a Dolores Llorach, Tortosa, 30/12/1882 (Inédita em CCS Ref.1189 **AGSTJ** Vol.12 pág.49).

<sup>146</sup> *Amor próprio* no sentido que hoje entendemos por egocentrismo.

<sup>147</sup> Carta a Dolores Llorach, Jesús, 28/12/1880 (CCS Ref.393-394 **AGSTJ** Vol.4 pág.134) Ed. 1969, n.121.

<sup>148</sup> Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 7/10/1883 (Inédita em CCS Ref.55 e 56 **AGSTJ** Vol.1 pág.174).

<sup>149</sup> Enrique de Ossó incentiva para a superação do que ele chama de “filha de Eva”, ou seja, do egocentrismo. *Sacrificar a filha de Eva* é outra forma de falar sobre o amor próprio egocêntrico. “No olvides que has de crucificar a las hijas de Eva tuya y demás, pues a eso venís a la Compañía”. Carta a Cinta Talarn, Tarragona, 14/12/1884 (Inédita em CCS Ref.175 **AGSTJ** Vol.2 pág.93). Para Enrique de Ossó *sacrificar a filha de Eva* tem relação com a disposição de assumir com grande determinação a missão de *conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-Lo conhecido e amado*. Complementando esse tema, cf. C, in **EEO II**, pp.16-18. Cf. Carta a M<sup>ª</sup> Cinta Tarlan e Companhia, Villafranca Del Cid, 18/7/1878 (Inédita em CCS Ref.145-146 **AGSTJ** Vol.2 pág.78). Ver também, nessa dissertação, os itens sobre o “conhecimento próprio” (2.1.1).

<sup>150</sup> Carta Saturnina Jassá, Vinebre, 23/2/1881 (CCS Ref.1215 **AGSTJ** Vol.13 pág.117) Ed. 1969, n.168.

vivido tantos anos, filha minha, sem saborear a doçura prática da profunda humildade que não deves maravilhar-te se alguma vez o amor próprio se rebela [...]”<sup>151</sup>. Sair da mesquinhez de um coração fechado em si mesmo, egocêntrico, e, com magnanimidade, lançar-se na vivência do amor que liberta, significa superar o amor próprio. “[...] Não deixes de servir a Deus com humildade e simplicidade de coração e viverás com muita paz e contentamento interior. Há tantos *rinconcitos*<sup>152</sup> no nosso coração para o amor próprio, que é tão sutil [...]”<sup>153</sup>.

Ser humilde supõe colocar toda sua confiança na graça de Deus. “Vejo-te sempre medrosa e covarde. Nasce da falta de humildade, pois não há alma mais valorosa do que a humilde, porque, apoiada em Deus, muda a sua debilidade em fortaleza. Sê humilde e serás valente”<sup>154</sup>. Uma missão evangelizadora com um coração materno, cheio de amor, conjugado a uma atitude de humildade, pode se tornar bem mais eficaz. “Sê varonil<sup>155</sup> e humilde, de coração magnânimo. Não te esqueças de ser mãe, a qual nunca se cansa de suportar e corrigir as suas filhas”<sup>156</sup>. A pessoa que se sente humanamente amada por quem anuncia a mensagem evangélica, certamente acolherá, com mais facilidade, o desafio de enveredar pelos caminhos de Deus assumindo suas conseqüências éticas.

Viver a humildade significa abertura para perceber onde a Trindade se revela, apesar dos preâmbulos da história caduca e conflitiva. Na experiência cristã, quanto mais santa se torna uma pessoa, mais trilha no caminho da acolhida, da humildade e da simplicidade. Quanto mais se aproxima do jeito de ser de Deus, mais se reconhece pecadora<sup>157</sup>

---

<sup>151</sup> Carta Saturnina Jassá, Valls, 12/2/1881 (Inédita em CCS Ref.1097-1098-1099-1100 **AGSTJ** Vol.11 pág.146).

<sup>152</sup> Pequenos lugares, espaços.

<sup>153</sup> Carta Saturnina Jassá, Valls, 12/2/1881 (Inédita em CCS Ref.1097-1098-1099-1100 **AGSTJ** Vol.11 pág.146).

<sup>154</sup> Carta a Montserrat Fito, Tarragona, 15/12/1884 (**AGSTJ OSSÓ-CARTAS** II pág.53 - cópia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.102) Ed. 1969, n. 312.

<sup>155</sup> A expressão “sede varonis” é utilizada freqüentemente por Enrique de Ossó. Ele quer atribuir à mulher as qualidades que vê no sexo masculino. São elas: fortaleza, destemor, decisão, segurança diante dos problemas. Contrapõe estas qualidades masculinas às características que eram atribuídas à mulher: impossibilidade de solucionar problemas, fraqueza, fragilidade, etc. Ele não disse para as teresianas serem do gênero masculino, mas que assumissem as características masculinas, que na visão daquele contexto significava superação da fraqueza, da debilidade.

<sup>156</sup> Carta a Dolores Llorach, Manresa, 10/12/1881 (CCS Ref.1317-1318 **AGSTJ** Vol.14 pág.64) Ed. 1969, n. 192. A Ed. situa a carta no período da abertura da Escola dominical de Gracia (Barcelona).

<sup>157</sup> Para as Irmãs professoras da Companhia, Enrique de Ossó orientava que fizessem o exercício de humildade e pedido de perdão às demais Irmãs: “[...] Jueves Santo: besa

e tanto mais vive e experimenta a libertação e a paz interior: “Exercita-te nesta santa virtude, tão querida do Coração de Jesus [...] e terás paz em tua alma [...]”<sup>158</sup>. A pessoa passa a se tornar, na grande família humana, reflexo do amor de Deus. Revela, assim, o jeito de ser da Trindade, comunhão e relação de amor.

No fundo o sentido da humildade cristã é o reconhecimento de que somos criaturas e não deuses. Reconhecer que somente Deus é Deus. Acolher a caducidade da condição existencial humana do tempo, espaço, corpo, saúde, relações, idade, enfim, assumir que esse mundo ainda não é a plenitude. Acolher e viver essa humildade criatural significa desapego de si, das criaturas, das coisas, de tudo o que é passageiro nessa vida. É um abrir-se ao divino, ao eterno; canalizar todas as energias, articulando-as com tantos irmãos e irmãs de caminhada para a construção do Reino de Deus, começando no aqui e agora desse mundo, na vivência do amor e da justiça.

Oxalá possamos acolher a graça divina que plenifica nosso ser e nosso agir, dando sentido pleno à nossa existência. Esta é a humildade evangélica que somos chamados a viver, tal como Enrique de Ossó sonhou e que certamente nos torna pessoas integradas tanto em nossa interioridade, quanto em nossa missão de evangelizadores.

#### 2.1.4.

#### ***A paciência tudo alcança***<sup>159</sup>

Na relação com as demais pessoas, com o intuito de ajudá-las a crescer, a paciência torna-se um elemento fundamental para a nossa

---

los pies y da un abrazo a todas las Hermanas y pídale perdón. Viernes Santo: pídale perdón por todas las faltas y mal ejemplo que les hayas dado durante el año, y que rueguen a Jesús y a su Teresa por ti, la más ruin de la Compañía”. Carta a Concepción Palmies, Jesús, 26/3/1885 (Inédita em CCS Ref.1778 **AGSTJ** Vol.18 pág.97).

<sup>158</sup> Carta Saturnina Jassá, Valls, 12/2/1881 (Inédita em CCS Ref.1097-1098-1099-1000 **AGSTJ** Vol.11 pág.146).

<sup>159</sup> Santa Teresa de Jesus, **Poesias** 30.

ação: “[...] A paciência tudo alcança<sup>160</sup>. Tem um coração magnânimo e não te aflijas”<sup>161</sup>. Porém, a pedagogia ossoniana vai mais além. O exemplo arrasta mais do que mil palavras. À medida que demonstramos com o nosso testemunho de vida aquilo que acreditamos e pregamos, acabamos influenciando as outras pessoas. É a dinâmica evangélica de *espalhar o bom odor de Cristo*<sup>162</sup>: “Com Geneveva tenha muita paciência que tudo poderá alcançar. Se tu fosses melhor, ela o seria também. Prega mais com o exemplo do que com as palavras”<sup>163</sup>.

O perdão, a humildade e a paciência devem estar sempre presentes para quem quer cultivar uma boa relação com os demais. Porém, se surgirem dificuldades ao longo da caminhada, que essas sejam encaradas como um “exercício proveitoso para a humildade e a paciência”<sup>164</sup>.

Faz-se necessário ter paciência para conhecer-se e conhecer os demais e assim, saber como agir. Há aqueles que são instáveis, que são dirigidos conforme a paixão do momento: “Não façam caso dos dizeres [...] de certos homens. [...] Cada um fala o que lhe parece e, quando a paixão muda, mudam também de postura [...]”<sup>165</sup>. Exigir dos outros sem coerência de vida traz inquietação e desconforto para todos: “Sabes humilhar e exercitar às demais, porém tu mesma não fazes o que deves. Se fosses humilde, não andarias tão inquieta como andas, com esses temores, fazendo padecer com tuas coisinhas”<sup>166</sup>.

Ter paciência não só com o próximo, mas também consigo mesmo<sup>167</sup>, é, para Enrique de Ossó, o caminho para vencer as

---

<sup>160</sup> Enrique de Ossó parece ter internalizado em sua vida essa expressão teresiana. Nas Cartas ele a repete constantemente, tanto que muitas vezes a assume como própria, como nesse caso.

<sup>161</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 3/1/1878 (CCS Ref.115-116 **AGSTJ** Vol.2 pág.13) Ed. 1969, n. 41.

<sup>162</sup> Cf. 2Cor 2, 14-16. Essa expressão aparece seguidamente nos escritos de Enrique de Ossó. Cf. EEO II, p.26.

<sup>163</sup> Carta a Teresa Guillamón, Tarragona, 11/12/1879 (Inédita em CCS Ref.1142 **AGSTJ** Vol.12 pág.129).

<sup>164</sup> Carta a Teresa Plá, 15/3/1878 (Inédita em CCS Ref.93, 94 **AGSTJ** Vol.1 pág.48).

<sup>165</sup> Carta a Dolores Llorach, Barcelona, 19/5/1884 (Inédita em CCS Ref.1423 **AGSTJ** Vol.15 pág.17).

<sup>166</sup> Carta a Dolores Llorach, Tortosa, 30/12/1882 (Inédita em CCS Ref.1189 **AGSTJ** Vol.12 pág.49).

<sup>167</sup> “Devemos ter paciência para com todos, porém mais ainda conosco mesmos”. Carta a Josefa Llatse (Alcira), Jesús, 19/9/1887 (CCS Ref.729-730-731 **AGSTJ** Vol.8 pág.108) Ed. 1969, n. 376; “Se com todos temos paciência [...], conosco, devemos tê-la mais ainda [...] porque a todo instante somos condicionados [...]. O que acontece conosco é semelhante ao que aconteceu com os dois irmãos, o filho Pródigo e o filho mais

dificuldades que a missão do Reino de Deus nos convoca: “[...] Acho que é bom, minha filha, que te esforces por vencer-te em todas as coisas, pois o reino dos céus padece violência e só os violentos o arrebatam. Sê varonil e nada te perturbe, pois Jesus e sua Teresa amam muito a sua filha Lorenza”<sup>168</sup>.

Enrique de Ossó, ao colocar como modelo Santa Teresa de Jesus, incentiva o seguimento dos ensinamentos da Mãe e Mestra. Aprender dela a enveredar pelo interior da pessoa humana, como ela mesma experimentou tão fortemente em sua vida, e seguir o que ela tem a nos ensinar. Conforme os ensinamentos de Teresa, para acolher a condição existencial da limitação humana, é de fundamental importância a atitude da humildade e da paciência consigo. Mas só isso não basta. Sem a graça e o amor misericordioso de Deus, nada fazemos. Em última instância, somente Ele é que nos transforma tornando-nos cada vez mais humanos, ou seja, seres plenificados na concretude do amor, como Cristo Jesus.

“Não há nada que devemos usar mais que a paciência: primeiro contigo mesma, depois com o próximo. Quando serás outra Teresa de Jesus? Nada te perturbe...<sup>169</sup> nada te espante... Aviva a fé, a esperança e o amor”<sup>170</sup>.

“Devemos saber esperar a hora de Deus e lembrar-nos de que todos os princípios são penosos, como dizia a vossa Santa Mãe. Temos de aceitar as coisas como são e não como desejamos; embora devemos trabalhar com calma para que sejam tais como Jesus e Santa Teresa as querem”<sup>171</sup>.

Acolher e aceitar as situações do jeito que elas acontecem, as pessoas do jeito que são e, a nós mesmos do jeito que somos, é o primeiro passo para a realização do dinamismo evangélico em nós: “Teu coração queria tudo perfeito em um momento. Não pode ser assim, filha minha. A

---

velho. Estas duas atitudes se repetem dentro de nós [...]”. RT n. 9, maio 1873, p.216. (Cf. Lc 15, 11-32).

<sup>168</sup> Carta a Lorenza, Jesus, 14/10/1881 (CCS Ref.1557 **AGSTJ** Vol.16 pág.122) Ed. 1969, n.189.

<sup>169</sup> As reticências são do texto original: Cf. [T@/03](#).

<sup>170</sup> Carta a Dolores Llorach, Manresa, 10/12/1881 (CCS Ref.1317-1318 **AGSTJ** Vol.14 pág.64) Ed. 1969, n. 192. A Ed. situa a carta no período da abertura da Escola dominical de Gracia -Barcelona).

<sup>171</sup> Carta a Saturnina, Tortosa, 9/11/1877 (CCS Ref.695 **AGSTJ** Vol.7 pág.104) Ed. 1969, n. 35.

paciência tudo alcança. Tem coração de Mãe para com tuas filhas e faze que se dilate mais ainda com a contradição ou prova”<sup>172</sup>. Ter paciência, acolher as contradições e permitir o crescimento pessoal. Sim, dilatar o coração. Ter coração de mãe: acolher, compreender, educar, acreditar, incentivar, conhecer os filhos e filhas, até mesmo além daquilo que eles mesmos podem compreender e conhecer de si mesmos. Enfim, amar! E quem ama tem paciência, por isso tudo alcança. Em Jesus Cristo aprendemos essa paciência e que Enrique de Ossó incentiva para vivê-la na missão evangelizadora.

### 2.1.5.

#### **Integração entre: cuidados com o corpo, saúde, lazer, trabalho e o estudo.**

Enrique de Ossó se empenha para que as pessoas vivam e integrem todas as dimensões de suas vidas. Por isso dá importância ao trabalho, ao estudo, ao espiritual, mas também ao lazer e ao cuidado com a saúde.

Em relação ao grupo iniciante da Companhia Santa Teresa de Jesus faz o papel de pai-mãe: verifica se têm dinheiro, comida suficiente, se estão com saúde e até mesmo em relação ao frio, orienta para que tenham os cuidados necessários<sup>173</sup>. Demonstra compreender a pessoa na sua unidade físico-espiritual. Procura perceber o motivo pelo

---

<sup>172</sup> Carta a Cinta Talam (Inédita em CCS Ref.67-68 **AGSTJ** Vol.1 pág.87. A [T@/03](#) coloca a data de 21 de fevereiro de 1881 com a seguinte nota: “Sin fecha el original. Una carta de 22/2/81 a la Hna. Saturnina empieza: ‘Estoy sitiado por la lluvia’ (Vol.8,41). En otra de 24/2/81 dice: ‘Mañana pienso salir para Jesús, para empezar ejercicios en los días de Carnaval’. (Vol.17, 63)”.

<sup>173</sup> “¿Cómo sigue Saturnina de salud? Haz que el médico la visite de vez en cuando, y que tome alimento a menudo. Lo mismo la Hna. Soler, pues es debilidad lo que tiene en la vista. [...] ¿Cómo estáis de dineros? [...] Guardaos del frío, que en ésta empieza a dejarse sentir. Si es muy de mañana la Misa, podríais estudiar antes y oírla después. Te lo indico por si lo juzgas más conveniente. Hasta que tengamos oratorio y casa propia, muchas cosas habremos de sufrir, pero todo por Jesús”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 14/11/1877 (**AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.22- copia autenticada) Ed. 1969, n. 36.

qual atingiu tão profundamente a jovem teresiana<sup>174</sup>, afetando até mesmo a saúde física.

“[...] Minha filha, pelo que ouvi e eu mesmo compreendi, estás atravessando uma forte tentação. Vieste à Companhia com toda decisão: a meta e o plano da obra satisfazem as tuas aspirações e sentiria que por um respeito humano qualquer perdesse a vocação e com ela a tua felicidade [...]”<sup>175</sup>.

Então oferece os meios<sup>176</sup> necessários para que a pessoa possa se recuperar prontamente.

Cabe à comunidade a missão de cuidar da integridade dos seus membros. Quando alguém não se encontra bem, deve proporcionar todos os meios para sua pronta recuperação<sup>177</sup>.

Quando uma dimensão da pessoa não está em harmonia, afetará automaticamente as outras áreas. Enrique de Ossó orienta a pessoa que está fisicamente doente, para a harmonização e a integração pessoal: “Creio que tua enfermidade se curará melhor tendo paz, paciência e sossego na tua alma. Nada te perturbe, nada te espante [...]”<sup>178</sup>. Aconselha que, se a enfermidade vier, que seja acolhida em oblação, por isso diz às doentes “[...] que não deixem de oferecer-se ao Senhor Jesus que padeceu por nosso amor”<sup>179</sup>. Certa flexibilidade em todos os aspectos pode ser um incentivo para a

---

<sup>174</sup> A carta não explicita qual é esse motivo, porém, pela data, provavelmente tenha sido a crise ocorrida no grupo iniciante, onde algumas se retiraram da Companhia. Cf. Carta a Agustina Alcoverro, 17/8/1877 (CCS Ref.1579 **AGSTJ** Vol.16 pág.88) Ed. 1969, n. 26.

<sup>175</sup> Ibid.

<sup>176</sup> Quanto aos meios que foram oferecidos para curar-se, parecem estar subtendidos no trecho que segue: “[...] No sé si el Dr. Forcades te habrá invitado a ir unos días a Gandesa para restablecer de tu salud más presto, y por septiembre poder emprender los estudios con más ardor. No obstante, si te hallas bien, no te muevas, o primero consúltalo con tus padres”. Ibid.

<sup>177</sup> “Cuida mucho de Saturnina, pues no me gustó su aspecto. Que coma y tome caldo a las 10, que descanse unos días de su oficio, y sobre todo que duerma mucho, y no la dejes estudiar. Esto ordénaselo como cosa tuya propia, y dime después cómo se halla y cómo lo cumple. Los desmayos que me indicabas son cansancio y debilidad. Tanto ella como las otras hermanitas sentiría perdieseis la salud. Ahora, como tiempo de invierno, ya podéis dormir una hora más”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 3/10/1877 (Inédita em CCS Ref.11 **AGSTJ** Vol.1 pág.11).

<sup>178</sup> Carta a Saturnina, Tortosa, 9/11/1877 (CCS Ref.695 **AGSTJ** Vol.7 pág.104) Ed. 1969, n. 35.

<sup>179</sup> Carta a Agustina Alcoverro, Jesús, 10/9/1884 (CCS Ref.1003 **AGSTJ** Vol.11 pág.7) Ed. 1969, n. 302.

pronta recuperação de alguém que não está bem: “[...] procura a saúde do teu corpo. Descansa [...]. Podes fazer a oração passeando, às vezes, ou saindo ao campo, como aconselha a Santa Mãe”<sup>180</sup>. Fazer todo o possível para que as doentes recuperem a saúde<sup>181</sup>: [...] Antes falte o melhor às que tem saúde, que algo às doentes”<sup>182</sup>. Até mesmo em relação ao sono, quer a garantia de que tenham condições para dormir o suficiente<sup>183</sup>. Insiste que sejam cumpridas todas as ordens médicas<sup>184</sup>. Apóia o tratamento de saúde em águas medicinais a Irmãs que o necessitam<sup>185</sup>. Noutro caso, sugere o

---

<sup>180</sup> Carta a Saturnina Jassá, Tarragona, 17/5/1880 (CCS Ref.251-252 **AGSTJ** Vol.3 pág.135) Ed. 1969, n.133.

<sup>181</sup> Impressiona a delicadeza, o empenho, a valorização da pessoa humana, especialmente no cuidado à saúde, que Enrique de Ossó demonstra no caso da jovem Dolores Soler. A mesma entrou na Companhia Santa Teresa de Jesus, porém, por motivo de uma cegueira progressiva, não pode continuar no Instituto. Queremos salientar que, em várias cartas, Enrique de Ossó manifesta sua preocupação em proporcionar todos os meios possíveis para tratar a saúde desta jovem. A seguir destacamos um trecho da carta de Ossó ao amigo seu Sardá, onde comunica a decisão final sobre o caso: “Mi querido Félix: después de haber encomendado a Dios mucho el asunto de Dolores, de haber pedido consejo a personas muy virtuosas, letradas y autorizadas, y visto el parecer definitivo de las hermanas Fundadoras de la Compañía de S. Teresa de Jesús, debo decirte que no puede ser admitida a la Compañía la dicha Dolores Soler; y por lo mismo que no espere más. Dios sabe cuánto he sufrido para decirte eso; porque yo he dicho sí consultando a los impulsos de caridad y a la compasión que me inspira la dicha Dolores; por lo que puedes estar cierto que he agotado todos los recursos que la prudencia humana aconseja; y como yo quería que fuese sí, y todos casi no, y no he hallado medio de mudar pareceres, por fin te escribo la definitiva. No extrañes su retraso, todo hijo del buen deseo de poder favorecer a Dolores, pero visto que no hallo camino, con sentimiento, repito, te trasmito la negativa. En estos días de soledad lo he pedido más y más. Jesús y su Teresa parece lo quieren así. Acatemos su voluntad. Di a Dolores que por eso puede siempre contar con las oraciones y consideración de quien mucho la estima en Jesús y su Teresa. Ya te escribí diciéndote que no la desahuciaba pero que todavía no podía decirte si o no. Hoy por fin que creo es llegada la hora y que por mi parte he hecho lo que debía te lo digo. Orará siempre la Compañía por Dolores, pues recuerdan su bondad y sus trabajos”. Carta a Sardá, Benicasim, Deserto das Palmas, 7/8/1879 (**AHSIC** 74/1-2) Ed.1997, n. 71.

<sup>182</sup> Carta a Teresa Plá, Jesús, 20/3/1882 (Inédita em CCS Ref.549 **AGSTJ** Vol.6 pág.28). Obs: esta frase se encontra sublinhada no texto original, cf. [T@/03](#) .

<sup>183</sup> “¿A qué hora te acuestas? ¿Es mucho más de las diez?. Ya sabes que tu Madre Santa Teresa reprueba como muy perjudicial a la salud el trasnochar, y ella atribuye en parte sus enfermedades a esta costumbre. Cuidado, pues, con hacerlo, sin grave necesidad; y cosa de escribir y estudiar, mucho menos después de cenar. Prefiero que te levantes a las cuatro a que te acuestas a las once”: Carta a Teresa Plá, Tortosa, 19/11/1877 (**AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.19- copia autenticada) Ed. 1969, n. 37.

<sup>184</sup> “La hermana Soler que haga lo que dice el médico. Procure se cumplan siempre sus disposiciones. O no llamarlo, o que se haga todo como él dice”. Carta a Teresa Plá, Benicasim, 31/7/1878 (CCS Ref. 243-244 **AGSTJ** Vol.3 pág.26) Ed. 1969, n.72.

<sup>185</sup> Cf. Carta a Cinta Talarn, Benicasim, 31/7/1878 (Inédita em CCS Ref. 263-264 **AGSTJ** Vol.3 pág.88); “Pregunta al Médico si le convendría a Antonia el agua ferruginosa”. Carta a Teresa Plá, Vilallonga, 27/7/1879 (CCS Ref.306 **AGSTJ** Vol.4 pág.7) Ed.1969. n.99.

tratamento homeopático: “[...] Experimentem a Homeopatia para a Irmã Ramona. Procurai saber com o Dr. Forcades quem é o melhor médico Homeopata [...]”<sup>186</sup>.

Enrique de Ossó dá muita importância no cuidado ao corpo, valoriza a saúde<sup>187</sup> assim como alerta para a importância em preservá-la<sup>188</sup>, a fim de ter condições de se colocar integralmente a serviço da *maior glória de Deus*<sup>189</sup>. Em outras palavras, cuidar e conservar a saúde para gastá-la no apostolado da Companhia Santa Teresa de Jesus: “[...] Guardai a saúde para gastá-la no apostolado da oração e do ensino”<sup>190</sup>.

Não abre mão de que devem se alimentar muito bem. “[...] Vês que, como dizia a Santa Mãe, quando alguém está enfermo para nada ou muito pouca coisa serve. E se for para economizar, depois se gastará o dobro em médicos e farmácias [...]”<sup>191</sup>. O cardápio precisa ser bem reforçado<sup>192</sup> “[...] A comida deve ser abundante e substanciosa [...] e beber muita água [...]”<sup>193</sup>. Em período de estudos é

---

<sup>186</sup> Carta a Rosario Elíes, Jesús, 4/11/1879 (Inédita em CCS Ref.825-826 **AGSTJ** Vol.9 pág.18).

<sup>187</sup> Orienta para os cuidados à saúde das Irmãs: “Cuide mucho de Saturnina, que coma a menudo, y mejor que tome caldo y por las mañanitas tal vez la leche; su mal no es otra cosa que una debilidad suma y cansancio y temo que, si no se ataja, no hay después remedio. [...] y cuando se halle un poco más reforzada que salga algún ratito a paseo con V. o con la Hna. Soler que también necesita alimento, pues me da cuidado su larga debilidad de la vista. y tú ¿cómo estás del resfriado?”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 5/11/1877 (Inédita em **AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.77- copia autenticada). Obs.: as abreviaturas deste texto estão cf. os originais da [T@/03](#). Na Carta a seguir citada, o leitor poderá constatar a preocupação de Enrique de Ossó em relação a seu pai que está doente, como também em relação à saúde da jovem Antônia. Cf. Carta a Teresa Plá, Batea, 22/8/1879 (CCS Ref.281 **AGSTJ** Vol.3 pág.43) Ed. 1969, n.102.

<sup>188</sup> Anima a jovem Irmã para que continue colocando os meios para recuperar plenamente a saúde: “Estimada en Jesús Saturnina: recibida tu esquela y celebro tu mejora. Prosigue en lo que te diga el médico: paseo, distracción santa, lecturas ligeras, o que no sean muy serias y mucha paz y reposo. Descansa, descansa. Cobra fuerzas, que ya vendrá todo. La paciencia todo lo alcanza. Entre tanto, en silencio y esperanza está nuestra fortaleza”. Carta a Saturnina Jassá, Tortosa, 27/11/1877 (CCS Ref.731 **AGSTJ** Vol.8 pág.19) Ed. 1969, n. 38.

<sup>189</sup> Expressão inaciana muito cara para Enrique de Ossó. Poderíamos afirmar que seria outra forma de expressar o que enfatiza constantemente: *zelar pelos interesses de Jesus*. Cf. Carta a Saturnina Jassá, 27/7/1880 (Inédita em PIB 21 **AGSTJ** Vol.29 pág.21).

<sup>190</sup> Carta a Agustina Alcoverro, Tortosa, 28/12/1879 (CCS Ref.1557 **AGSTJ** Vol.16 pág.78) Ed. 1969, n. 115.

<sup>191</sup> Carta a Saturnina Jassá, 27/7/1880 (Inédita em PIB 21 **AGSTJ** Vol.29 pág.21).

<sup>192</sup> “[...] Marcad el pan a cada una, y ponédselo al lado del plato con el cuchillo y además de la ración crecida que ya dais a cada una poned en medio de la mesa, y la que necesite más que coma más[...]”. Carta a Saturnina Jassá, 27/7/1880 (Inédita em PIB 21 **AGSTJ** Vol.29 pág.21).

<sup>193</sup> Carta a Saturnina Jassá, Tortosa, 10/9/1879 (Inédita em CCS Ref.1183-1184 **AGSTJ** Vol.12 pág. 97).

importantíssima uma boa alimentação<sup>194</sup>. Para alguns casos sugere que a pessoa coma muito, sorria, beba vinho e, como não poderia faltar nas recomendações de Enrique de Ossó, que seja outra Teresa de Jesus: “[...] coma muito pão e carne assada; beba um pouco de vinho, ria bastante e descanse [...] quero vê-la outra Teresa de Jesus [...]”<sup>195</sup>.

O lazer, além de descansar o corpo, re-equilibra a pessoa no seu todo, socializando o grupo<sup>196</sup>. Recomenda passear e descansar: “Saíam a passeio todos os dias mesmo que não seja mais que meia hora, e descansem [...]”<sup>197</sup>. Incentiva para tirarem férias, convida-as para irem tomar banho de mar<sup>198</sup>. Seu cuidado é tanto em relação à saúde do grupo que chega a recomendar que, se alguma estivesse no período menstrual deveria evitar os banhos. Observemos que, para a mentalidade do séc. XIX,

---

<sup>194</sup> “En los estudios no os atropelléis. Tú sobre todo no estudies demasiado y toma siempre a las diez alguna cosa. Lo mismo Rosario y si alguna más lo necesita. Tal vez convendría en lugar del chocolate almorzar, esto es tomar sopa y otra cosilla. Para Rosario y a ti que estáis o habéis estado tan débiles es una necesidad. Este mal sólo se cura comiendo mucho. No dejéis de tomar vino. Mirad, hijas mías, que se os esperan grandes trabajos y muy pesados, y conviene que os reforcéis bien ahora que estáis en paz, que cuando estéis en campaña quizá no podréis”. Carta a Saturnina Jassá, Tortosa, 5/10/1878 (Inédita em CCS Ref. 1325-1326-1327 **AGSTJ** Vol.14 pág.18). “No padezcas y cuídate mucho. Por la mañana chocolate o almuerzo mejor; a las diez toma caldo o cualquier cosa; y al medio día puchero; sin dejar la merienda y la cena”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 7/10/1878 (Inédita em CCS Ref.183-184 **AGSTJ** Vol.2 pág.47). Nota da [T@/03](#): “Plá está en Godall después de haber sacado el título superior”.

<sup>195</sup> Carta a Cinta Talarn, junho de 1880 (Inédita em CCS Ref.29-30 **AGSTJ** Vol.1 pág.68). “Buenos caldos, vino y carne asada y leche es lo que la pondrá buena pronto, y descanso. Los parvulitos que hagan por ella una novena a San José”. Carta a Concepción Palmies, Jesús, 25/9/1886 (CCS Ref.1764 **AGSTJ** Vol.18 pág.90) Ed. 1969, n.354. Cf. outra carta onde recomenda beber vinho. Carta a Cinta Talarn (Inédita em CCS Ref.362 **AGSTJ** Vol.4 pág.33).

<sup>196</sup> **“He recibido tu carta que me ha alegrado no poco viendo cómo aprovecháis el tiempo. No dejéis todos los meses si es posible, de pasar todo el día, como me indicas en el campo, y algunas tardes de los jueves también podríais ir a la misma huerta, saliendo luego después de comer. Tú debes ir observando la salud de las hermanas, y en esto disponer lo que más convenga, consultándolo antes con el Dr. Forcades y conmigo. Si el arco siempre está tirante se romperá pronto: y por ello conviene estos descansos, para después correr más y mejor”.** Carta a Teresa Plá, Tortosa, 27/11/1877 (Inédita em **AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.28- copia autenticada). Cf. Carta a Teresa Plá, Villafranca Del Cid, 18/7/1878 (Inédita em CCS Ref.231-232-233-234 **AGSTJ** VOL.3 pág. 21).

<sup>197</sup> Carta a Saturnina Jassá, 27/7/1880 (Inédita em PIB 21 **AGSTJ** Vol.29 pág.2).

<sup>198</sup> “Podéis ir a lavaros en grupos una vez sola al mar con la tartana”. Carta às Irmãs, Benicasín (Cenia), 31/7/1879 (Inédita em CCS Ref.155-156 **AGSTJ** Vol.2 pág.131).

molhar-se durante o período menstrual, poderia trazer muitos malefícios à mulher<sup>199</sup>.

Proíbe certas mortificações externas: “Mal fizeste em permitir essa mortificação exterior à Irmã Saturnina. Que a suspenda hoje mesmo [...]”<sup>200</sup>. Permite jejuns se estão com boa saúde<sup>201</sup>, ou somente na Semana Santa: “Dizem-me que não come e jejua. Não o faça. Dou-lhe permissão para jejuar somente na Quinta e Sexta feira Santa. Haverá de comer mais que todas e dar-lhes bom exemplo nisto como no demais”<sup>202</sup>.

Enfim, na sua paixão pelo ser humano e por Deus, a ênfase que Enrique de Ossó dá no cuidado ao corpo e à saúde, está na linha da integração espiritual e social. O corpo é parte da obra do Deus amor que nos chama e convida, com tudo que temos e somos, para canalizar todos os dons e energias e colocá-los a serviço dos irmãos e irmãs, construindo um mundo de fraternidade e partilha.

#### 2.1.6.

#### Vida Comunitária: projeto de vida partilhado

Enrique de Ossó sonha com que a vida comunitária dos que seguem o projeto de Jesus: possa ser como um meio para o crescimento pessoal e grupal. Para isso deverá ser como uma “ante-sala do céu”<sup>203</sup>, ou seja, uma comunidade que ora, que vive a partilha, a paz, a união, o amor e a concórdia, em vista da missão: “[...] deveis viver unidas para melhor zelar pelos interesses de Jesus”<sup>204</sup>. Dá ênfase ao amor: “Tudo por amor, nada por

---

<sup>199</sup> “No vayan a bañarse ninguna de las que tengan la regla, porque les producirá fatales consecuencias. En esos días de ningún modo conviene. Las que nada tengan vayan un día a bañarse”. Carta a Saturnina Jassá, Deserto das Palmas, 4/8/1879 (Inédita em CCS Ref.157 **AGSTJ** Vol.2 pág.132).

<sup>200</sup> Carta a Teresa Plá, 15/3/1878 (Inédita em CCS Ref.93, 94 **AGSTJ** Vol.1 pág.48). Sobre a destinatária cf. nota da [T@/03](#).

<sup>201</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 11/9/1877 (Inédita em CCS Ref.37-38 **AGSTJ** Vol.1 pág.23).

<sup>202</sup> Carta a Dolores Jordá, Jesús, 25/3/1885 (Inédita em CCS Ref.15 **AGSTJ** Vol.1 pág.119).

<sup>203</sup> Cf. Carta às Superiores e Diretoras da Companhia STJ, Monte Casino, 15/7/1894 (Inédita em **AGSTJ** PIB Cuaderno Epistolario nº 38, pág.67 copia autenticada).

<sup>204</sup> Carta a Teresa, Jesús, 7/5/1880 (Inédita em CCS Ref.1256 **AGSTJ** Vol.13 pág.35). A [T@/03](#) põe: “Teresa Guillamón - Vilallonga”.

força; ou morrer, ou amar”<sup>205</sup>. Porém, ao contrário de ser platônico, esse amor tem a característica de poder ser avaliado e demonstrado através do agir concreto: “[...]esse amor há de ser constatado nas obras”<sup>206</sup>. Ele mesmo vive o desprendimento de si mesmo e das suas próprias coisas pessoais, colocando-as a serviço do grupo a fim de que a comunidade cresça cada vez mais no objetivo proposto, o de propagar os *interesses de Jesus*<sup>207</sup>.

Amar e canalizar a vida para a vivência dos valores evangélicos não significa agir com ingenuidade diante dos negócios do mundo<sup>208</sup>. O amor e o interesse a tudo o que pertence ao grupo, ao social, merece o maior cuidado de todos os membros: “[...] cuideis bem dos livros, penas, não desperdiceis o papel, ainda que seja o mínimo pedacinho; e o mesmo nas coisas de comida, limpeza, etc. Economia, economia em tudo, sem privar-vos, como sabeis, de nada que vos seja necessário”<sup>209</sup>.

Quem ama e está vinculado a um projeto comum de vida comunitária, cria laços significativos, torna-se cúmplice com os seus membros de tal comunidade, sente saudades, e quer notícias:

“Há quase oito dias que nada sei da minha querida Companhia. Que fazeis? Como andais?”<sup>210</sup>. “[...] Desejo ter notícias de vocês [...]. Escreva-me e diga-me muitas coisas boas, ou as que forem, pois já sabeis que tenho feito companhia com a vossa Companhia e me são comuns alegrias e pesares”<sup>211</sup>.

---

<sup>205</sup> Carta às Irmãs de Mérida, 3/3/1894 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS I pág.2 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.56-59); obs.: Essa frase se encontra sublinhada no texto original, cf. a [T@/03](#).

<sup>206</sup>Cf. Carta a Teresa Plá e Irmãs, Tortosa, 5/11/1877 (CCS Ref. 21-22 **AGSTJ** Vol.1 pág.16) Ed. 1969, n. 34.

<sup>207</sup> “[...] podréis tomar mi cuadro de la Santa Madre para vuestro oratorio, la cama de hierro pequeña, a la que haréis un jergón a propósito para dormir tú en ella, y mi catre”. “En mi casa hay varios cajones grandes vacíos. Si os conviene, podéis tomar los que necesitéis [...]”. Carta a M<sup>a</sup> Cinta Talarn, Tarragona, 19/12/1878 (Inédita em CCS Ref.3-4 **AGSTJ** Vol.1 pág.55).

<sup>208</sup> “[...] No os fiéis de las palabras de los hombres que son mentirosos en general. Guardaos de los hombres [...] No hagáis cosas sin que os lo paguen antes [...]”. Carta a Cinta Talarn, Tarragona, 5/4/1880 (Inédita em CCS Ref.271-272 **AGSTJ** Vol.3 pág.92).

<sup>209</sup> Carta a Teresa Plá e Irmãs, Tortosa, 5/11/1877 (CCS Ref. 21-22 **AGSTJ** Vol.1 pág.16) Ed. 1969, n. 34.

<sup>210</sup> Carta a M<sup>a</sup> Cinta Talarn, Tortosa, 9/9/1879 (Inédita em CCS Ref.5 **AGSTJ** Vol.1 pág.56).

<sup>211</sup> Carta à Saturnina e demais Irmãs, Vinebre, 17/8/1879 (CCS Ref.1261-1262 **AGSTJ** Vol.13 pág.138) Ed.1969, n.101.

Dinamizar o equilíbrio entre a dimensão interna e externa da própria comunidade, faz parte do bom senso de uma vida comunitária. É preciso colocar os meios para que isso aconteça. Quando a comunidade leva a uma atividade pastoral intensa, sente necessidade de ter um espaço comunitário reservado: “que ninguém entre no vosso aposento a não ser médico ou confessor, se houver doentes”<sup>212</sup>.

Quanto à relação da comunidade de vida consagrada feminina com pessoas do sexo oposto, ao contrário do que pode parecer, o fato de ter alguns cuidados, indica prudência, ou talvez, muito mais que isso. Parece sinalizar uma certa garantia para que esse grupo de mulheres, situado numa sociedade extremamente machista, possa ter seu próprio espaço comunitário, sem o domínio masculino<sup>213</sup>. A mesma orientação serve para o contato com os confessores. Enrique de Ossó recomenda, muitas vezes, que, se for necessário falar com o confessor fora do confessionário, a Irmã deve estar sempre acompanhada por outra pessoa. Teria Enrique de Ossó a intenção de preservar as Irmãs de alguma eventualidade, ou, mesmo diante do povo, evitar qualquer escândalo ou fofoca,<sup>214</sup> prejudicando assim a missão entre àquela gente?

Portanto, para Enrique de Ossó, a comunidade deve ser fonte de apoio e de crescimento para seus membros, em vista da missão. Para isso necessita ter clareza em relação ao projeto de vida, sua meta. E esta não é outra senão a de assumir, em primeiro lugar, a missão de ser evangelizadora dos seus próprios membros e estes, sendo pessoas integradas evangelicamente, poderão estar em condições de propagar o Reino de Deus ao mundo.

---

<sup>212</sup> Carta a Cinta Talarn, Tarragona, 17/12/1879 (CCS Ref.261-262 **AGSTJ** Vol.3 pág.87) Ed. 1969, n. 112.

<sup>213</sup> “[...] que nada absolutamente hablen con el Sr. maestro fuera de clase, y de cosas que no sean de clase [...]”. Carta a M<sup>a</sup> Cinta Talarn, Tortosa, 10/9/1879 (Inédita em CCS Ref.187 **AGSTJ** Vol.2 Pág.97). “Pero otra vez lo harás mejor no abriendo la puerta sin saber quien llama y conocerlo, y saber el motivo que lo conduce a esa santa casa. Conocido, ni abrirle siquiera; y si es por sorpresa pocas palabras, seria, y que no estés sola nunca cuando venga algún joven u hombre a visitarte. Que no estés sola nunca ni al recibirlo ni mientras dura la visita. Esfuérzate y sé varonil, y nada te turbe; solo Dios basta, y él no os dejará jamás caer en la tentación, si sois humildes y acudís a él en demanda de socorro”. Carta a M<sup>a</sup> Cinta Talarn, Tarragona, 20/8/1878 (Inédita em CCS Ref.233 **AGSTJ** Vol.3 pág.73).

<sup>214</sup> Cf. Carta a Andrés, Barcelona, 28/7/1885 (Inédita em CCS Ref.1598 **AGSTJ** Vol.16 pág.142).

### 2.1.7.

#### Viver alegres e felizes

Em todos os tempos encontramos o ser humano trilhando por vários caminhos em busca da felicidade, ou seja, em busca de um sentido para a sua existência. A vida e a missão de Enrique de Ossó podem ser definidas como um constante empreendimento no sentido de ajudar as pessoas a viverem alegres e felizes. Ele tem clareza em relação à meta que pretende alcançar. Para Enrique de Ossó é importante ter bom humor, sorrir e viver alegres<sup>215</sup>, ter boa saúde a fim de se colocarem inteiramente a serviço do Senhor:

“Estes são os desejos do vosso Padre e Capelão, minhas filhas no Senhor Jesus e sua Teresa, que vos bendiz e deseja toda espécie de felicidade amando, vivendo e morrendo por Jesus, Maria, José e Teresa de Jesus”<sup>216</sup>. “Cuida muito destas minhas amadas filhas. Que descansem, comam, sorriam, trabalhem e engordem seus corpos e a vontade para a maior glória e serviço do Senhor”<sup>217</sup>.

Mesmo sem os elementos que hoje temos em mãos, proporcionados pelo desenvolvimento das ciências humanas, Enrique de Ossó é sábio e intuitivo ao orientar e incentivar as pessoas para o autoconhecimento. Que percebam o que passa no seu interior e assim, superar os sentimentos negativos que vão aflorando dentro de cada pessoa. “[...] Como tem estado teu coração? Preserva-te, minha filha, da perturbação, do enfado ou tristeza da alma [...]”<sup>218</sup>. Seu objetivo é que vivam alegres: “[...] Como está a Irmã Blanca? Gostaria que lhe arrancasses a causa da sua tristeza. É

---

<sup>215</sup> “[...] viva alegre”. Carta a Rosario Elíes (San Gervasio), Roma, 22/8/1894 (CCS Ref.657 **AGSTJ** Vol.7 pág.85) Ed.1969, n.475. É importante observar que Enrique de Ossó escreve esta carta durante o período que ficou em Roma passando por muitos desafios em função do Pleito. Sobre o Pleito cf. capítulo primeiro desta dissertação, nota 97, p. 37.

<sup>216</sup> Carta às Irmãs de Almunia, 19/2/1885 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.55).

<sup>217</sup> Carta a Francisca Valldepérez e Carmen Chavarría, Tarragona, 24/7/1884 (Inédita em CCS Ref.537 **AGSTJ** Vol.6 pág.72). As destinatárias estão em Roda de Bará, Tarragona.

<sup>218</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 7/3/1878 (Inédita em CCS Ref.101-102 **AGSTJ** Vol.2 pág.7).

tentação e convém que o descubra para que viva alegre [...]”<sup>219</sup>. Incentiva para que a pessoa trabalhe seus sentimentos. No exemplo do cão que inutilmente mordida as pedras, mostra o quão inútil e como faz mal à pessoa guardar e alimentar os sentimentos negativos.

“Que filha de Eva<sup>220</sup> tão feia e tão gorda tens! Irmã Josefa: para que viestes à Companhia? - Para padecer e morrer por Jesus e sua Teresa – O que é a vida da boa religiosa? Um prolongado martírio. Teu mal está em que das provações não tiras coisas boas<sup>221</sup>. Uma vez havia um cão contra o qual lançavam pedras e ele, enraivecido, mordida a pedra. E todos riam porque ia perdendo os dentes e nada remediava...Olha mais para o alto. Não sabes que o Senhor dispõe de todas as coisas para o bem dos que o amam? Não sabes que nada nos vem nem sucede sem a permissão do nosso Pai celestial? Néscia, queres ser humilde sem humilhações, virtuosa sem virtudes, santa sem trabalhos...Néscia. Quando aprenderás a viver crucificada com Jesus? Tudo te vem por tua pouca virtude. E a estas raivas nada te aproveitam para tua alma e teu corpo. Sê sensata... tudo por Jesus. Sê humilde e terás paz”<sup>222</sup>.

Enrique de Osso não quer mau humor, mas que a Irmã sorria, esteja bem corporalmente, seja jovial e que cresça em todas as dimensões. Certamente sabe muito bem o que os melindres fazem<sup>223</sup> e sugere que sejam relativizados. Apresenta a dinâmica de ampliar o coração para outra motivação maior, ajudando a pessoa na auto-superação dos entraves pessoais.

“À Irmã Rosario, minhas recomendações. Que coma muito, sorria e engorde pois deve deixar todos os maus humores [...] que não se faça de velha

---

<sup>219</sup> Carta a Saturnina Jassá, Cinctorres, 28/10/1878 (CCS Ref. 271-272-273-274 **AGSTJ** Vol.3 pág.84) Ed. 1969, n. 84.

<sup>220</sup> Enrique de Ossó contrapõe filha de Maria com filha de Eva. Superar a Eva que está em si mesma, significa para ele, superar a condição humana egoísta, que desencadeia a não-vida.

<sup>221</sup> Para uma melhor compreensão, optamos por esta tradução, embora, segundo a [T@/03](#), o texto original é: “*Tu mal está en que de las pruebas sacas malicia*”. A Ed. omite esta frase.

<sup>222</sup> Carta a Josefa Llatse (Alcira), San Gervasio, 5/9/1888 (CCS Ref.715 **AGSTJ** Vol.8 pág.101) Ed. 1969, n. 393. As reticências são do original. A Ed. omite algumas expressões ou frases deste texto.

antes do tempo.[...] Que aproveite muito na oração, estudo e união ao Coração de Jesus [...]. Quero ver se, quando vier, a encontrarei melhor de alma e de corpo. À Irmã Genoveva, que dilate seu coração e não tenha melindres [...]”<sup>224</sup>.

Para Enrique de Ossó, as dificuldades assumidas por uma causa dando sentido existencial à pessoa, tiram todos os maus humores das filhas de Eva. A solução dos entraves interiores está na entrega ao Senhor:

“Recebi a crônica da difícil viagem de Barcelona a Valência<sup>225</sup>. Virão coisas melhores. O estresse tirará todos os maus humores de filha de Eva e tereis melhora. [...] Abençoa-vos e deseja-vos feliz viagem e apostolado em Jesus e Santa Teresa [...]”<sup>226</sup>. “[...] Acode ao Coração de Jesus [...] e não temerás”<sup>227</sup>.

Estimula para que não percam tempo com aquilo que as tira da meta principal, *caçando lagartixa*, como diz a *Santa*, já que têm energias para *caçar leões!*: “Quando terás um coração maior? Não sei porque sempre a vejo representada diante da Santa do nosso coração *caçando lagartixas*. Lástima podendo *caçar leões* e dar grande glória a Jesus e sua Teresa”<sup>228</sup>.

Enrique de Ossó não só incentiva a outros, mas demonstra ter ele mesmo um espírito alegre. Ao tratar com suas filhas, parece ter muita liberdade, confiança e humor, chamando-as por apelidos: “Como vai a pequena? E a choramingtona? E a ceguinha? E a boba? E a intrépida? E a Coxa? E a adoentada? Lembranças e benção a todas”<sup>229</sup>.

---

<sup>223</sup> “Muy disgustado me tenéis con vuestras cositas. Siempre las mismas [...] niferías”. Carta a Dolores Llorach, Tortosa, 30/12/1882 (Inédita em CCS Ref.1189 **AGSTJ** Vol.12 pág.49).

<sup>224</sup> Carta às Irmãs de Aleixar: Teresa Plá, Rosario Elíes e Genoveva Queralt, Tarragona, 10/6/1879 (Inédita em CCS Ref.318-319 **AGSTJ** Vol.4 pág.12).

<sup>225</sup> As Irmãs viajaram para a fundação de Orán, África. Obs.: na Ed. uma parte deste parágrafo foi omitida.

<sup>226</sup> Carta às Irmãs de Orán, Barcelona, 4/2/1885 (CCS Ref.975 **AGSTJ** Vol.10 pág.79) Ed. 1969, n. 317.

<sup>227</sup> Carta Carmen Cavaría, Jesús, 14/11/1881 (Inédita em CCS Ref.1936 **AGSTJ** Vol.19 pág.72).

<sup>228</sup> Carta a Dolores Llorach, Jesús, 10/11/1881 (Inédita em CCS Ref.1401 **AGSTJ** Vol.15 pág.6).

<sup>229</sup> Carta às Irmãs de Orán, Barcelona, 2/2/1885 (CCS Ref.1536 **AGSTJ** Vol.16 pág.115) Ed. 1969, n. 316.

O viver alegre e feliz a que Enrique de Ossó aspira não tem sua origem na exterioridade, na superficialidade, mas brota do mais profundo do ser da pessoa. Como chegar a uma real superação de tudo o que impede a pessoa na integração consigo mesma e com os outros para ser feliz? É imprescindível não só conhecer o que acontece no próprio interior, mas canalizar todas as energias pessoais para dar sentido à vida. E qual é o sentido da vida para Enrique de Ossó? Não é outra coisa senão, como ele constantemente repete: *sentir, amar, viver e servir como Cristo Jesus*. Ou seja, só é possível encontrar o sentido da vida, ser feliz, viver a plenitude da alegria e a integração consigo mesmo e com os outros, à medida que a pessoa se identifica e assume o projeto dAquele que se fez humano, sendo divino.

## 2.2.

### **A pessoa em relação ao mundo criado<sup>230</sup>**

Em suas Cartas, Enrique de Ossó deixa transparecer que o contato com o mundo criado reporta ao Criador. Tal contato possibilita a pessoa perceber-se criatura em meio à criação. Reintegra-a na sua unidade. Ajuda-a a descobrir seu sentido existencial no processo de cultivar sua interioridade e dinamização da ação apostólica. Conscientiza a pessoa sobre a profunda saudade que tem do seu Criador<sup>231</sup>. Possibilita externar o íntimo e eterno desejo de estar constantemente na presença dAquele que a criou. Percebe a pequenez e a grandeza de ser criatura, criada à Sua imagem e semelhança<sup>232</sup>. Faz brotar o louvor, a gratidão e o reconhecimento de que somos criaturas queridas e amadas por Ele e que nEle tudo temos e somos. Faz-nos encontrar o sentido do cristocentrismo da criação e da história<sup>233</sup>. Estimula-nos para a opção

---

<sup>230</sup> Além das Cartas, nos permitimos enriquecer este tema com alguns textos da RT que nos ajudam na compreensão da relação de Enrique de Ossó com a natureza e com o mundo criado.

<sup>231</sup> Cf. L. GONZÁLEZ-QUEVEDO, **Experiência de Deus: presença e saudade**. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 41-57.

<sup>232</sup> Cf. Gn 1, 26-27; 1Cor 15, 24-28; Cl 1, 13-17

<sup>233</sup> Cf. M. F. MIRANDA, **A salvação de Jesus Cristo: doutrina da graça**. São Paulo: Loyola, 2004, pp.37-45.

pelo Verbo eterno presente e manifestado em toda a criação. Conseqüentemente, não há como fugir do compromisso de zelar pela criação. Cuidar dela de forma responsável, evitando a absurda depredação a que está sendo submetida pelo ser humano<sup>234</sup>. Torna-se, portanto, imperativo reverter o processo de desequilíbrio que atinge não somente a natureza, mas também as pessoas e todo o cosmos, enveredando na dinâmica de gerar e dinamizar a vida.

### 2.2.1.

#### Dignidade da criatura humana: imagem e semelhança de Deus

Ao nos criar, Deus manifestou sua infinita bondade e misericórdia. Dotou-nos de capacidade para a relação com Ele, com os outros seres humanos e com toda a criação. A obra que saiu de suas mãos é muito grande, digna de todo louvor, mérito e estima. “Que dizes de ti mesmo? Não é verdade, leitor meu [...] que és grande, que vales muito, que mereces consideração, louvor e estima? [...]”<sup>235</sup>.

E para que fomos criados? Fomos criados para a felicidade. O criador, “[...] em sua infinita bondade e Providência te colocou para ser grande e feliz”<sup>236</sup>.

Deu-nos capacidade para

“[...] que O conheçamos, nos lembremos dEle, O amemos, tenhamos sempre presente seus benefícios, admiremos suas obras maravilhosas e O louvemos sem cessar. Criou-nos unicamente para Ele; para que O gozemos eternamente na imensidão de sua glória [...]”<sup>237</sup>.

O convite que Enrique de Ossó faz é de contemplar a Deus, em comunhão trinitária pericorética<sup>238</sup>.

“Pois, esta imagem e semelhança de Deus és tu, ó homem, que te admiras e pasmas da altura dos céus, da profundidade dos abismos e da magnificência da criação e não entras em ti mesmo para considerar tua nobreza incomparável. [...] Porém, se és grande em tua origem [...] maior ainda és pelo fim ao qual foste engrandecido. [...] Pergunta ao céu, à terra, às aves e

---

<sup>234</sup> Cf. A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. São Paulo: Paulus, 2001, pp.291-293.

<sup>235</sup> Cf. RT n. 16, janeiro 1874, pp. 97-99.

<sup>236</sup> Ibid., p. 97.

<sup>237</sup> RT n. 20, maio 1874, p. 224.

<sup>238</sup> “Pericorese: compenetração perfeita e viva das três Pessoas divinas. Transposição erudita da palavra de Cristo: ‘Eu estou no Pai e o Pai está em Mim’. E. BROSSE – A.HENRY – P. ROUILLARD, **Dicionário de Termos da fé**. São Paulo: Santuário, (s.d.), p.588.

flores, fontes e águas, se são teu fim; e te responderão com o profeta: Não o somos; somos tão somente obra de suas mãos. Pergunta às riquezas, honras, prazeres e demais glórias mundanas se são teu fim, e repetirão: Não somos, porque é o Senhor quem nos fez [...]. És digno de Deus, capaz de ver, amar e gozar d'Ele [...]"<sup>239</sup>.

Somos especiais, porque a nossa identidade é a "dignidade de sermos filhos de Deus, participantes de sua natureza, herdeiros de sua glória"<sup>240</sup>. "Diz-me, pois, o que sentes de ti mesmo? [...] Tu te aprecias de acordo com a tua dignidade cristã, por ser filho de Deus, herdeiro da sua glória? [...]"<sup>241</sup>.

Reconhecer o valor de ser criado "[...] à imagem de Deus, redimido com seu sangue, embelezado com sua graça [...]"<sup>242</sup>, não só nos identifica mas nos convida a sermos dignos desta identidade na vivência da liberdade, do amor, da justiça, da paz, enfim, de tudo o que supõe o respeito à dignidade de criaturas de Deus, feitos à sua imagem e semelhança.

### **2.2.2.**

#### **A relação com o mundo criado reintegra a pessoa na sua unidade**

Numa ótica de ser humano integrado, que vive com equilíbrio todas as dimensões de sua vida, a relação com a natureza, como parte integrante da criação, ao contrário de ser alienante, sensibiliza, refaz e compromete para a vivência do equilíbrio pessoal e coletivo.

"[...] Acabo de chegar de uma expedição, a mais pitoresca que fiz em minha vida. Bosques de palmeiras, esbeltas e graciosas, coroadas com formoso diadema e adornadas com riquíssimos frutos; várzeas ameníssimas, regadas por copiosas águas, bosques de laranjais carregados de dourados frutos; e tudo isso em meio à gente simples e piedosa; eis aí o maravilhoso espetáculo que o Senhor me permitiu gozar para aliviar as fadigas do cansaço [...]"<sup>243</sup>.

---

<sup>239</sup> RT n. 16, janeiro 1874, pp. 98-99.

<sup>240</sup> RT n. 15, dezembro 1873, p. 68.

<sup>241</sup> RT nº 23, agosto 1874, p. 299.

<sup>242</sup> Ibid.

<sup>243</sup> Carta às Irmãs de Tarragona, Alicante, 6/2/1879 (Inédita em CCS Ref.269-270 **AGSTJ** Vol.3 pág.3) Ed. 1969, n. 88.

Manifestando veia poética, Enrique de Ossó expressa sua sensibilidade em relação à natureza. Esta nos leva ao reconhecimento e louvor do Deus criador.

“Quero sentar-me neste delicioso vale, na agradável sombra destas frondosas árvores, cujos ramos verdes agitam com suave alento a brisa da tarde, e os lânguidos raios de sol, próximos a seu ocaso, banham suas copas. Aqui, longe deste mundo inquieto e buliçoso, alheio aos sucessos que rodeiam de mil modos a mutabilidade da vida humana; aqui, sentado, levanto meus olhos a este céu que serve de escabelo ao Deus excelso para que Ele revigore em meu peito a esperança e guie meus vacilantes passos por uma senda de vida”<sup>244</sup>.

E ao visitar a fundação teresiana de La Fraga, Portugal, Enrique de Ossó manifesta sua admiração ao mundo criado por Deus. No caminho, passaram por Francoso, Portugal, que, segundo Enrique de Ossó, era um lugar muito memorável<sup>245</sup>. Chegaram, enfim, ao antigo mosteiro dos franciscanos, assumido pela Companhia de Santa Teresa de Jesus como Colégio Santa Teresa de Jesus. Impressionado com a beleza natural, confessa que superou sua expectativa, indo além do que havia imaginado. A paisagem natural muito lhe agradou. Ao descrevê-la, sugere que se imagine um pequeno rio com as suas margens esverdeadas por bosques de pinheiros seculares, castanheiros, carvalhos e no declive do rio, voltado para o Oriente, um santuário-mosteiro de Nossa Senhora da Fraga que chama ao recolhimento e à oração.

“[...] O edifício está protegido dos frios e ventos do Norte por uma alta serra de rochas [...]. O convento é lindíssimo, com seus claustros de pedra lapidada e seu jardim. Há uma grande e rica horta, [...] e terras de plantação [...]. Assim é, que pela pureza dos ares, das águas e dos alimentos, este é um lugar extremamente saudável”<sup>246</sup>.

---

<sup>244</sup> RT n. 43, abril 1876, p. 193.

<sup>245</sup> “[...] situado numa alta colina, que ostenta antigas muralhas e ameadas torres, que o tempo e a negligência dos homens destroem, pois vi como uma de suas soberbas muralhas e pedras serviam de parede para edificar uma pobre casa. Neste lugar, segundo a tradição, foi onde Santa Isabel se casou [...]”. Carta a Altés, La Fraga (Portugal), 4/11/1886 (RT n. 170, novembro-1886 p.39).

Do alto da serra desce água em abundância. No vale “[...] são cultivadas oliveiras, videiras, muitas plantas e verduras [...]. Vejo que nada falei do principal, que é a imagem milagrosa de Santo Cristo da Fraga, imagem de pedra, talhada pelos homens a partir de uma rocha, e dentro da própria rocha [...] a capela e o convento [...]”<sup>247</sup>.

Enrique de Ossó, demonstrando espírito de preservação da natureza, orienta para que “[...] dentro do possível, não retirem árvores do jardim [...]”<sup>248</sup>. Em Vinebre, sua terra natal, além de ler e passear nos atrativos bosques das margens do rio Ebro, cultivava um pequeno jardim<sup>249</sup>. Por ocasião de uma mudança de casa do grupo fundante da Companhia de Santa Teresa de Jesus, Enrique de Ossó parece estar feliz por ter abundante natureza, inclusive a possibilidade de cultivar um jardimzinho: “[...] No próximo mês mudaremos de casa [...] A entrada é régia e tudo muito bom. Água viva e, com o tempo, poderemos fazer um pequeno jardim [...]”<sup>250</sup>. Em outra ocasião, envolve a família para ampliar o cultivo das plantas:

“Diga ao tio Francisco Saens que, no tempo apropriado, corte os sarmentos de que necessitamos para plantar nesse colégio. Deverão ser de videira [...]; alguns de S. João, dos que amadurecem rapidamente, e outros, dos mais tardios. Poderá enviar um total de 400 a 500 [...]”<sup>251</sup>.

---

<sup>246</sup> RT n. 43, abril 1876, pp.40-42.

<sup>247</sup> Ibid.

<sup>248</sup> Carta a Rosário Elies, Rubí, 17/3/1885 (Inédita em CCS Ref.1587 **AGSTJ** Vol.16 pág.46).

<sup>249</sup> “Mis días en ésta se deslizan tranquilos y reposados. Un ameno paseo por los atractivos bosquecillos de las orillas del Ebro. Una divertida lectura de poesía o del filosófico Fr. Luis de León o de la sencilla y familiar Teresa de Jesús, o de otro autor mariano son todas mis ocupaciones sin olvidar el cultivo de mi pequeño jardín”. Carta a Sardá, Vinebre, 28/7/1865 (**AHSIC** 52) Ed.1997, p.16. “En la copia de **AGSTJ** pone: APT SIS 8 S. Cugat del Vallés (Archivo Provincia Tarraconense, S, Cugat del Vallés)”: nota da [T@/03](#). Para situar a vida de E. Ossó, observamos que ele escreve ao amigo desde sua terra natal, onde passa férias. Durante o período de 1863-1866, estuda no Seminário de Barcelona, entre outros, Dogma, Moral e História Eclesiástica.

<sup>250</sup> Carta a Saturnina, 15/2/1877 (CCS Ref.1302 **AGSTJ** Vol.14 pág.7) Ed. 1969, n.16.

<sup>251</sup> Carta escrita desde Barcelona, San Gervasio, 26/11/1890 (Inédita em CCS Ref.1683 **AGSTJ** Vol.17 pág.42). Nota da [T@/03](#): “Por el contenido se deduce que se dirige a las Hnas. de Vinebre”.

Considerando as várias dimensões da pessoa, a relação direta com a criação se torna indispensável para manter a harmonia. O descanso e o lazer<sup>252</sup> no meio da natureza e a companhia de pessoas amigas<sup>253</sup> são meios adequados para o equilíbrio, tanto pessoal, como grupal. Enrique de Ossó articula amigos<sup>254</sup> e orienta para o descanso e o lazer<sup>255</sup>. Admite que as Irmãs tenham canários ou pintassilgos<sup>256</sup>. Expressa desejo de retirar-se por uns dias no meio da natureza a fim de descansar<sup>257</sup>. Costumava ir ao Deserto das Palmas<sup>258</sup>, um conjunto montanha-mar, para recolher-se e restaurar as forças.

“[...] Onde irá esta encontrar-te, meu bom amigo? Suando em terra árida e seca? [...] Por que não vieste ao Deserto das Palmas repousar e recobrar alento em deliciosa solidão [...] ao lado de uma linda capela nova, bem pertinho do mar. [...] Uma frondosa videira cobre a minha janela que dá para o mar e, ao compasso das ondas e da suave brisa refrescante, te escrevo. Hoje começo os banhos [...] quero descansar [...]”<sup>259</sup>.

Era neste lugar teresiano que o Solitário<sup>260</sup> revia sua vida, suas preocupações, desejos e esperanças. Ficava a sós com o Senhor e sua amada

---

<sup>252</sup> “Mañana Dios mediante empiezo a tomar los baños. Iremos con el Dr. Cortés y Sardá”: Carta a Manuel Domingo y Sol, Barcelona, 9/7/1872 (CCS Ref. 6 **AGSTJ** Vol.1, pág.149) Ed. 1969, n. 4. “O Beato Manuel Domingo y Sol, fundador dos Sacerdotes Operários Diocesanos do Sagrado Coração de Jesus”. Ed.1969, nota 1.

<sup>253</sup> “[...] ¿Quiere U. venir a ver el país de las nieves perpetuas? Se reforzaría con el frío y aguas fuertes”. Carta a Manuel, 14/7/1871 (Inédita em CCS Ref.5 **AGSTJ** Vol.1, pág.148). “Puede ser Domingo y Sol, cf. Carta de 9 de julio de 1872 (Vol.1, 149)”: nota 22 da [T@/03](#).

<sup>254</sup> “Mi querido Félix [...] El 1º de junio ire yo, D.M. a darles ejercicios. [...] Después haríamos una excursión con Altés y Froilán (“Froilán Beltrán, sacerdote amigo de ambos” cf. Ed.1997, n.50, nota 1) por estas riberas y playas y fuentes y montes y bosques etc”. Carta a Sardá, Tortosa, 12/4/1877 (**AHSIC** 52) Ed.1997, n. 50.

<sup>255</sup> “El sábado por la tarde que vayan de campo todas las de la Compañía y si os parece prudente las forasteras que lleguen. Al menos la Teresa de Valencia”. Carta a Teresa, Vilallonga, 12/2/1879 (Inédita em CCS Ref.261 **AGSTJ** Vol.3 pág.34). “A la Hna. María que se quede algún día a dormir hasta las siete, con esto quizás descanse. No dejéis los paseos, sean largos y por el monte”. Carta a Cinta T., Jesús, 8/6/1880 (Inédita em CCS Ref.161-162 **AGSTJ** Vol.3 pág.86).

<sup>256</sup> Cf. Carta a Dolores Llorach, Jesús, 17/11/1881 (Inédita em CCS Ref.1459-1460-1361 nº 47 **AGSTJ** Vol.15 pág.34).

<sup>257</sup> Cf. Carta às Irmãs, Castellón, 15/2/1879 (Inédita em CCS Ref.267-268 **AGSTJ** Vol.3 pág.37).

<sup>258</sup> Sobre o significado do Deserto das Palmas para E. de Ossó, cf. nota 27 do capítulo primeiro desse trabalho, p. 24.

<sup>259</sup> Carta a Altés, Benicasim-a la vista del mar, 25/7/1873 (**AGSTJ** PIT - caja archivador 4- Vol.XIII, pág.6 -copia autenticada) Ed. 1969, nº 5.

<sup>260</sup> Um dos pseudônimos de Enrique de Ossó na RT.

Teresa:

“[...] Não queres vir para saborear as delícias desta solidão teresiana, respirar o ar embalsamado do aroma dos pinhos e arbustos da montanha? Desde minha cela ouço o apito (assobio) da locomotiva ao ocultar-se no túnel de Oropesa, e o suave canto do pintassilgo [...]; o triste embalo da rola e da valente perdiz”<sup>261</sup>.

Enrique de Ossó parece ter a intuição de que o contato com o mundo criado, além de reportar ao criador, proporciona meios para a pessoa se reintegre consigo mesma, com os outros e com Deus, colocando-a assim em condições de melhor servir na missão apostólica.

Nesse sentido, Enrique de Ossó acrescenta ao mundo criado um aspecto mais amplo, na ótica da relativização de tudo o que é passageiro neste mundo. Dito de outro modo, as realidades humanas estão integradas com toda a criação. Sem ser teólogo, Enrique de Ossó já apontava para essa integração da existência humana ao mundo criado. Ele se pergunta sobre o sentido da vida, da riqueza e do poder. O que o mundo nos apresenta como absoluto e que na verdade é ilusão? Qual o valor da vida, das pessoas, do tempo? Tudo passa: infância, juventude, doenças, tudo, até chegarmos à morte, à eternidade!

Aos seus quatorze anos de idade, escreveu à tia para que pensasse nas coisas eternas, as que não passam<sup>262</sup>. Costumava lembrar que tudo passa, e que aqui neste mundo não temos lugar permanente<sup>263</sup>. Podemos viver iludidos, acreditando que somos imortais neste mundo. As pessoas morrem, não voltam, diz ele. Porém, em nossas mãos está a decisão da opção de viver

---

<sup>261</sup> Carta a Sardá, 9/7/1873 (**AHSIC** 26/1-2) Ed.1997, n. 26.

<sup>262</sup> “No pongáis el corazón en los bienes caducos de la tierra porque se pasan como una sombra y hacen olvidar muchas veces los beneficios de Dios. Pensad en las cosas eternas todos los días y en la hora de la muerte pues con esto sujetaréis todas las pasiones de la carne que siempre trabaja y lucha contra el espíritu para despartarle de las buenas obras y privarle de la gracia de Dios. Honraréis el día del descanso no trabajando corporalmente pues de lo contrario vendrá sobre vos todo género de males y os privaréis de la gloria de Dios, y por mucho que trabajéis nunca sacaréis el fruto porque Dios se habrá apartado de vos”. Carta a Dña. Mariana de Ossó, 27/8/1854 (**AGSTJ** PIT - caja archivador 4, n.1 pág.7 - copia autenticada) Ed. 1969, n. 5.

<sup>263</sup> Cf. Carta a Cinta Talarn y Agustina Alcoverro, Tarragona, 27/11/1879 (CCS Ref.41-42 **AGSTJ** Vol.1 Pág.74) Ed. 1969, nº 101.

por aquilo que vale a pena<sup>264</sup>. Incentiva que a pessoa faça, diariamente, o *Quarto de Hora* de oração como um meio para meditar sobre a vida, dar-se conta e optar por aquilo que é duradouro, o que dá verdadeiramente sentido à vida. Enrique de Ossó empenha sua vida naquilo que considera duradouro. Opta por entregar-se aos desígnios de Deus.

“De que serve ao colosso seus domínios, seu poder, suas riquezas, seus palácios, sua honra, seus aplausos, suas conquistas, seu nome, sua memória e a coroa que ornamenta seu sepulcro, se na tumba acabam suas grandezas, sendo que, envolvido em suas sombras, não percebe a formosura deste céu, desta glória? Que eu viva pobre, humilhado ou perseguido [...] que te ame e não te ofenda, Senhor meu; nada mais desejo; e isto me basta [...]”<sup>265</sup>.

O sentido de viver, para Enrique de Ossó, está na centralização da vida em Jesus Cristo: “Que maior lucro, ó minha alma do que realizar sua [de Deus] vontade neste mundo? Lixo é o demais; esterco vil; vaidade das vaidades [...]”<sup>266</sup>.

Mas, o caminho contrário ao de Cristo nos fascina e atrai terrivelmente; é como ir a favor da maré, da correnteza, e que, na maior parte das vezes, deixa a vida sem sentido. Por isso a vida do cristão supõe um constante sacrifício<sup>267</sup>.

Seguir a Cristo, encontrar o verdadeiro sentido existencial, é um constante nadar contra a corrente, ou seja, seguir na contramão da História. Em outras palavras, optar por Jesus Cristo, dar a vida na realização do Reino de Deus, significa seguir o caminho contrário ao fácil, contrário a tudo o que não é duradouro, a exemplo de Jesus de Nazaré: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e doutores da Lei, deve ser morto, e ressuscitar depois de três dias”<sup>268</sup>.

Nossa relação com o mundo, com as coisas criadas, com as pessoas, com a vida, com o tempo, enfim, com tudo o que está ao nosso redor, para Enrique de Ossó, deve ser uma relação de reconhecimento de que tudo nos foi dado gratuitamente pelo Criador. DEle viemos e

---

<sup>264</sup> “Em nossas mãos está a decisão. Veja como vive e poderá concluir como morrerá. Considera que a árvore cai para o lado para onde se inclina. A morte é o eco da vida”. Cf. RT n. 39, dezembro 1875, p. 67.

<sup>265</sup> RT n. 43, abril 1876, p. 194.

<sup>266</sup> RT nº 44, maio 1876, p. 224. Cf. Fl 3,7-9.

<sup>267</sup> Cf. RT n. 52, janeiro 1877, p. 124.

para Ele voltaremos. Nossa atitude deve ser de acolhida e desprendimento. Optar pelo Deus cristão significa colocar-se a serviço da vida, das pessoas, para que descubram o sentido existencial no cristocentrismo da criação, da vida e da história<sup>269</sup>. Isso nos leva ao comprometimento de lutar contra a desenfreada destruição a que está submetido o mundo criado, pois atinge a integração da pessoa nas suas diversas dimensões.

### **2.3.**

#### **A pessoa em relação com Deus, mediante Jesus Cristo**

Uma leitura atenta das Cartas, buscando a imagem de Deus que Enrique de Ossó apresenta, nos mostra que, para ele, a relação da pessoa humana com a transcendência passa pelo Deus cristão trinitário, mediante Jesus Cristo. Um Deus Pai, criador; Deus Espírito Santo, impulsionador de vida e Jesus Cristo, humano e divino, nosso mediador e protótipo humano, o qual somos convidados a seguir. Para Enrique de Osso, Jesus é aquele que se relaciona com o Pai e com a humanidade. E experienciar a amorosa presença trinitária na profundidade do ser, além de integrar a pessoa humana nas suas diferentes dimensões, impulsiona-a a viver e expandir esse amor na construção do Reino de Deus.

---

<sup>268</sup> Mc 8, 31.

<sup>269</sup> Cf. Cl 1, 13-20.

### 2.3.1.

#### O encontro com o Deus de Jesus Cristo

Para Enrique de Osso, Deus é Pai, criador de todo bem. Fonte de tudo, amante e amado, amor pleno. Tudo vem pelas mãos do Pai celestial, que nos ama<sup>270</sup>. Se considerarmos os benefícios que Deus Pai nos concedeu, não deixaremos de amá-lo<sup>271</sup>. Que seria de nós sem Deus Pai que nos envia sem cessar torrentes de luz, de bênçãos<sup>272</sup> e de paz? Ele nos ama, conforta, alimenta, guia e fortalece.

Como Deus é bom! Somos amados por Ele e convocados para corresponder à sua graça<sup>273</sup>. Esta não deve ser recebida em vão<sup>274</sup>, mas revivida e tornada fecunda: “Não te esqueças, filha minha, da graça recebida. Renova-a, tornando-a fecunda”<sup>275</sup>.

---

<sup>270</sup> Cf. Carta a Francisca Macazaga, 2/4/1895 (CCS Ref.1606 **AGSTJ** Vol.17 pág.8) Ed.1969, n. 491.

<sup>271</sup> Cf. Carta às Irmãs de Montevideo, outubro de 1894 (**AGSTJ** Vol.30 pág.17 Cópia autenticada em **AGSTJ** Cuaderno “Epistolario 7” pág.56-57) Ed.1969, n. 502.

<sup>272</sup> Ser mediação de Deus para com as pessoas é um tema que aparece seguidamente nas Cartas de Enrique de Ossó. Para ele, os (as) Superiores (as) são mediadores (as) entre Deus e a comunidade. Por isso têm a missão de zelar para que o grupo sirva a Deus com todo o esmero. Tudo indica que Enrique de Ossó tinha uma visão hierarquizada da Igreja. Mesmo assim não se pode perder de vista que a Coordenadora de Comunidade pode ser fonte de bênçãos para as demais integrantes da comunidade. O texto que segue, mesmo não parecendo letra de Enrique de Ossó, se encontra entre suas Cartas. Certamente foi um ritual que se fazia na época e, por sinal, muito sugestivo para os nossos dias. Na nossa Igreja Católica, dar a bênção é um ritual delegado oficialmente ao clero. O fato de pedir a bênção à Superiora antes de dormir não seria um resgate do valor da bênção que as mulheres podem dar, assim como a mãe que abençoa a família? Dar a bênção, bendizer, irradiar o bem, gesto bíblico tão importante e que merece ser resgatado em nossos tempos. Vejamos o texto atribuído a Enrique de Ossó: “San Francisco de Sales les manda ese recuerdo. La Superiora de la Residencia, después de las paces, se sentará y las Hermanas, una después de otra, se arrodillarán delante de ella y con las manos juntas le dirán: Bendígame Hermana y Señora mía, y la Superiora la bendecirá diciendole: Jesús y su Teresa te bendigan y guarden siempre en su compañía y amor, y responderá, Amén. Le besará la mano y se irá a descansar”. Carta às Irmãs da Residência de Aleixar, 23/1/1883 (Inédita em CCS Ref.205 **AGSTJ** Vol.22 pág.10 (2º fragmento). Nota da T@/03: “La letra, muy cuidada, no parece de Enrique de Ossó”.

<sup>273</sup> “Leo en tu corazón cositas que no dicen bien. La Hna Dolores ama mucho a Jesús y su Teresa y leo en el corazón de Jesús y Teresa: que te aman mucho y te reservan para grandes cosas. Sé fiel a la gracia, pues a la Santa Madre no le gustan almas apretadas, tímidas o arrinconadas [...]”. Carta a Dolores Llorach, Tortosa, 24/9/1881 (CCS Ref.1355 **AGSTJ** Vol.14 pág.83) Ed.1969, n.184.

<sup>274</sup> Cf. Carta a Sardá, Gandesa, 2/9/1876 (**AHSIC** 39) Ed.1997, n. 40.

<sup>275</sup> “¿Cómo has negociado en este año las gracias que el Señor te dio en este día el año pasado? ¿Eres más pura, más amante de la pobreza, más obediente? No dejes así pasar este año próximo. Todo se pasa: lo mismo una vida fervorosa que tibia... ¿Que le dirías a tu Esposo si hoy te llamara a cuentas? ¿Eres virgen prudente o necia?, ¿santa

Enrique de Osso recomenda às Irmãs que continuem correspondendo à graça recebida dando graças ao Senhor. E novas graças serão recebidas a cada instante<sup>276</sup>. “Esmeremo-nos em corresponder à graça de Deus, o demais virá por acréscimo”<sup>277</sup>. Incentiva-as também a que esperem porque verão grandes coisas<sup>278</sup> já que já que Deus resiste aos soberbos e aos humildes dá a sua graça<sup>279</sup>.

Seguir o chamado de Deus corresponde ser fiel à graça<sup>280</sup>. Com a graça de Deus tudo podemos<sup>281</sup>. Cooperar com a graça de Deus é enveredar com todo o afincamento no caminho da santidade e da sabedoria. Não descuidar de “[...] trabalhar a cada dia para tornar-se santa e sábia como sua seráfica Mãe<sup>282</sup> e merecer, com a fiel cooperação, a graça de não somente ser chamada, mas de ser escolhida<sup>283</sup> [...]”<sup>284</sup>. Deus sempre dá a graça para cumprir a missão confiada<sup>285</sup>. Ao recapitular as graças maiores Deus, louvar, renovando o compromisso pelo Reino de Deus na Companhia, pedindo

---

o pecadora?, ¿sabia o tonta? Mira tus obras, pide perdón, y propón la enmienda. Humilde, pura, pobre y obediente”. Carta Francisca Plá, 21/11/1881 (CCS Ref.595 **AGSTJ** Vol.6 pág.99) Ed.1969, n.191.

<sup>276</sup> Cf. Carta às Irmãs de Aleixar, Tarragona, 29/5/1879 (CCS Ref.247-248 **AGSTJ** Vol.3 pág.28) Ed.1969, n.95. Nota da [T@/03](#): “T. Plá, R. Elfes, G. Queralt, fundadoras de Aleixar”.

<sup>277</sup> Carta a Teresa Plá, Benicasim - Deserto das Palmas, 25/7/1878 (CCS Ref. 235-6 **AGSTJ** Vol.3 pág.22) Ed.1969, n.71.

<sup>278</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Benicasim, 31/7/1878 (CCS Ref. 243-244 **AGSTJ** Vol.3 pág.26) Ed.1969, n.72. Cf. Carta às Irmãs de Tarragona, Tortosa, 23/3/1878 (CCS Ref.83-84 **AGSTJ** Vol.1 pág.43) Ed.1969, n.62.

<sup>279</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Tarragona,20/1/1880 (Inédita em CCS Ref.346-347 **AGSTJ** Vol.4 pág.26).

<sup>280</sup> “[...] procura, hija mía, con tu fidelidad a la gracia, hacerte digna no sólo de ser llamada, sino de ser elegida, como pide a Jesús y a su Teresa tu afmo. C. y Padre que te bendice Enrique de O”. Carta a Agustina Alcoverro, Tortosa 6/4/1877 (CCS Ref.1023 **AGSTJ** Vol.11 pág.15) Ed.1969, n.17.

<sup>281</sup> Cf. RT n. 2, novembro 1872, p.30.

<sup>282</sup> Refere-se à Santa Teresa de Jesus.

<sup>283</sup> Palavras sublinhadas no original, cf. [T@/03](#).

<sup>284</sup> Carta a Basilisa, Tortosa, 24/2/1877 (Inédita em CCS Ref.1731 **AGSTJ** Vol.17 pág.15). Há dúvidas sobre a datação desta carta. Cf. nota da [T@/03](#).

<sup>285</sup> “Buen ánimo, adelante y nada temas. No estás sola hija mía, sé humilde y pide luz al Señor y consejo a tu buena Madre Santa Teresa, y nada te turbe, nada te espante. Dios lo quiere, hágase su santísima voluntad. Que se te ensanche el corazón confiando en que Dios es fiel y cuando da un cargo da Gracia para cumplirlo: buen ánimo y adelante. Todo por Jesús. Cuenta con las oraciones y consejos de quien te aprecia en Jesús y su Teresa”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 8/9/1877 (CCS Ref.63 **AGSTJ** Vol.1 pág.34) Ed. 1969, n.29.

outras maiores<sup>286</sup>. Observar as Constituições e santas Regras é corresponder às graças de Deus e seguir o seu projeto de vida e amor<sup>287</sup>.

Enrique de Osso convida a amar a quem tanto nos ama!<sup>288</sup>; trabalhar para ter um coração filial, a serviço de Deus, e então “[...] a paz de Deus reinará em vossos corações. Nada temereis, nada amareis, nada evitareis e nada façais senão o que sabeis que é vontade do vosso Pai celestial”<sup>289</sup>.

Aconselha a servir a Deus com alegria<sup>290</sup> e amor filial, que é nosso Pai muito amado<sup>291</sup>.

“[...] esmerai-vos em servir e amar a Deus, como Pai muito amado, que vos ama com infinito amor. Quando comerdes, pensai que o vosso Pai é quem vos envia o alimento; quando beberdes ou gozardes de saúde, pensai que são dádivas do vosso Pai. Ao vos vestirdes, tende consciência que foi vosso Pai quem vos enviou [as vestimentas]. Quando tiverdes fadigas, lembrai que foi o vosso Pai que vô-las enviou e tudo se tornará mais fácil; quando orardes, lembrai-vos antes de mais nada que falais com o vosso Pai, que vos ama, e sempre rezareis bem.

---

<sup>286</sup> “Puedes el día de tu ingreso en la Compañía comulgar y tener más retiro. Recapacitar los beneficios innumerables que has recibido estando en la Compañía, dar gracias y pedir mayores, haciendo nuevos propósitos. Veo que aún eres encogida. Pide, hija mía, cuanto gustes, o te parezca mejor, con tal que estés dispuesta a obedecer lo que se te diga”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 7/2/1878 (Inédita em CCS Ref.109-110-111 **AGSTJ** Vol.2 pág.11).

<sup>287</sup> Parece que Enrique de Ossó coloca as Santas Regras como a mediação, o caminho para realizar a concretude evangélica, garantia da salvação: “Recibidas todas vuestras cartas y doy gracias al Señor, que así os favorece. No ceséis de corresponder a sus gracias y cada día recibiréis mayores. No sé por qué en esa Residencia Jesús y su Teresa han de derramar abundantísimas gracias. Debéis saber agradecerlas. Hay muchas almas que no conocen cuánto las aman Jesús y su Teresa, por eso no observan sus Constituciones y santas Reglas, no son francas ni obedientes como deben, y no tienen empeño en aumentar los intereses de Jesús en su alma y en la de los prójimos. Orad por ellas, que bien desdichadas son. No imitéis su ejemplo y consolad al Corazón de Jesús, grandemente contristado por tan negra ingratitud”. Carta às Irmãs de Maella, Barcelona, 5/2/1885 (CCS Ref.1754 **AGSTJ** Vol.18 pág.85) Ed.1969, n. 318.

<sup>288</sup> Cf. Carta às Irmãs de Montevideo, Madrid, 25/10/1892 (**AGSTJ** OSSÓ-CARTAS IV pág.161 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.40) Ed. 1969, n.436.

<sup>289</sup> Carta às Noviças (Jesús), Montecasino, 15/7/1894 (**AGSTJ** OSSÓ-CARTAS IV pág.204 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.150) Ed.1969, n. 470.

<sup>290</sup> “[...] Dios no falta a quien le sirve y es ayudador en tiempo oportuno. Su querer es poder. ¡Oh, qué buen Amigo! ¡Qué buen Señor! ¡Qué buen Padre! ¡Qué fiel ayudador! Sirvámosle y nos servirá. [...]”. Carta a Saturnina Jassá, Jesús, 9/9/1884 (CCS Ref.209-210 **AGSTJ** Vol.3 Pág.114) Ed.1969, n.310. O sublinhado é do original. Sobre a datação cf. nota da [T@/03](#).

<sup>291</sup> “[...] La que le diga más veces y con más sencillez y verdad de corazón: ‘Padre, Padre’, esa saldrá la mejor librada, porque el Señor le responderá: ‘Me has llamado, soy tu Padre, estoy aquí. ¿Qué quieres, hija mía? Soy Yo. No temas’: Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 10/9/1883 (CCS Ref.1311-1312 **AGSTJ** Vol.14 pág.12) Ed. 1969, n.256.

Sobretudo, minhas filhas caríssimas, obsequiai a vosso Pai celeste, servindo-o com afeto filial<sup>292</sup>.

Jesus chamava a Deus de “Abbá”<sup>293</sup>, paizinho, revelando-o muito próximo ao ser humano. Amar a Deus Pai significa fazer, em tudo, a sua vontade: “Cada dia vou conhecendo mais a felicidade que se tem não pedindo nada, não desejando nada, nem recusando nada; mas somente fazendo a vontade de Deus em tudo”<sup>294</sup>. Colocá-lo como centro da vida, confiar totalmente em sua bondade paternal e maternal: “[...] Tudo o que acontece<sup>295</sup>, não o esqueçais, é para um maior bem. Repousai tranquilas no seio da Providência de Deus. Sede fiéis à graça da vossa vocação. Esperai e vereis grandes coisas”<sup>296</sup>. E, se como criaturas falhamos, Ele é sempre o mesmo em sua bondade e misericórdia<sup>297</sup>.

O encontro com Deus, nosso Pai, supõe amá-Lo, louvá-Lo e reverenciá-Lo<sup>298</sup>. É um apelo para colocar nossos olhos no hoje e na eternidade<sup>299</sup>. Significa ter consciência da sua presença no meio de nós. Leva ao compromisso ético<sup>300</sup>: “[...] Amai-vos como irmãs e respeitai-vos como

---

<sup>292</sup> Carta às Noviças (Jesús), Montecasino, 15/7/1894 (**AGSTJ** OSSÓ-CARTAS IV pág.204 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7 pág.150 Cf. [T@/03](#) COC: 1894) Ed. 1969, n. 470.

<sup>293</sup> Cf. Mc 14, 36; Rm 8,15; Gl 4,6.

<sup>294</sup> Carta a Rosario Elíes (San Gervasio), Roma, 22/8/1894 (CCS Ref.657 **AGSTJ** Vol.7 pág.85) Ed.1969, n.475. É importante observar que Enrique de Ossó escreve esta carta durante o período que ficou em Roma passando por muitos desafios em função do Pleito.

<sup>295</sup> “Refere-se à deserção de algumas - não aptas para a vida religiosa – cuja ausência foi muito benéfica à Companhia nascente”. Ed. n. 27, nota 1.

<sup>296</sup> Carta às Irmãs, 19/8/1877 (CCS Ref.67-68 **AGSTJ** Vol.1 pág.36) Ed.1969, n.27. Sobre a data desta carta, cf. nota da Ed. e da [T@/03](#).

<sup>297</sup> Numa das etapas do processo do Pleito, receberam a ordem de derrubar o Colégio. Enrique de Ossó e as Irmãs recorrem à Roma e a ordem é milagrosamente suspensa. Neste processo a Superiora Geral fica doente e Enrique de Ossó toma a direção dos encaminhamentos. Então escreve: “[...] Sólo Dios basta. Pues verdaderamente Él solo Basta, porque quien a Dios tiene nada le falta [...] todo lo habéis de esperar de su bondad paternal, y como os quiere muy desasidas de todas las criaturas, os hace ver cuán poco hay que fiar de ellas, y así asirse bien de vuestro Padre celestial que no se muda”. Carta a Rosario Elíes (Madrid), Barcelona, San Gervasio, 1/2/1894 (Inédita em CCS Ref.397-398-3990400 STJ Vol.4 pág.136).

<sup>298</sup> Para Enrique de Ossó, cuidar das coisas do Senhor – o litúrgico – é uma forma de demonstrar o amor a Deus. Cf. Carta a Teresa Guillamón, Jesús, 27/10/1881 (Inédita em CCS Ref.1168 **AGSTJ** Vol.12 pág.142).

<sup>299</sup> “Y a ti, hija mía, te repetiré el aviso de nuestra santa Madre: Ama más y anda con rectitud en la presencia del Señor, y mira a la eternidad y al Corazón de Jesús y su Teresa y todo se te hará fácil”. Carta a Saturnina Jassá, Tortosa, 5/10/1878 (Inédita em CCS Ref. 1325-1326-1327 **AGSTJ** Vol.14 pág.18).

<sup>300</sup> Cf. Carta Teresa Plá, Zaragoza, 11/9/1880 (Inédita em CCS Ref.428-429 **AGSTJ** Vol.4 pág.18). Cf. Carta a Teresa Plá (Orán), San Gervasio, 17/4/1888 (CCS Ref.795 **AGSTJ** Vol.8 pág.91). Cf. Carta a Cinta Tarlan, Benicasim – Deserto das Palmas, 26/7/1878 (Inédita em CCS Ref. 13 **AGSTJ** Vol.1 pág.60).

princesas [...]”. Centraliza a vida na construção do reino de Deus: “Buscai o Reino de Deus e sua justiça e o demais recebereis por acréscimo [...]”<sup>301</sup>.

Porém, é o Espírito Santo que nos dá a graça de optar por Jesus Cristo, porque é Ele que nos ilumina<sup>302</sup>, plenifica, orienta e corrige, tornando a comunidade um só coração e uma só alma<sup>303</sup>. É a origem e o doador de todo o bem, o pai dos pobres<sup>304</sup>:

“[...] não resistam ao Espírito Santo, espírito de verdade, de amor, de caridade. É Pai dos pobres. Sede humildes. Todo o bem nos vem de obedecer ao Espírito Santo; todo o mal, de resisti-lo. [...] Se sois dóceis às inspirações do Espírito Santo [...] reinará nesta casa o Espírito de Deus [...]”<sup>305</sup>.

Devemos invocar o Espírito Santo e suplicar os dons da Sabedoria, do Entendimento, da Ciência, da Fortaleza, da Piedade, do Temor do Senhor. Todos necessitamos desses dons para viver e plenificar a santidade em nós e nas demais pessoas. O Espírito ama a paz, a humildade, a pureza de coração, a simplicidade: Corações puros e pacíficos, seguindo o sopro do Espírito<sup>306</sup>. Somente com a graça do Espírito Santo é que podemos *conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-lo conhecido e amado*<sup>307</sup>, ou seja, integrar a nossa vida na dimensão da interioridade com a missão apostólica a que somos chamados como cristãos.

---

<sup>301</sup> Carta a Josefa Duch, Jesús, San Gervasio, 21/3/1887 (Inédita em CCS Ref.735-736 **AGSTJ** Vol.8 pág.110).

<sup>302</sup> “[...] Pide mucha luz a Jesús y Teresa y al Espíritu Santo para que nos inspire a todos lo que ha de ser más conducente a su mayor honra y gloria [...]”. Carta a Saturnina, Tortosa, 10/5/1877 (CCS Ref.973 **AGSTJ** Vol.10 pág.87) Ed.1969, n.21.

<sup>303</sup> Cf. Carta sem fechar, (Inédita em CCS Ref.1594 **AGSTJ** Vol.16 pág.140 Cf. [T@/03](#): “para fechar”).

<sup>304</sup> Que “[...] o Espírito nos conceda sua graça e amor [...]. Sede verdadeiras, dóceis, humildes, e o Espírito Santo vos cumulará sempre de seus dons, porque é Espírito de verdade, de caridade, porque é Pai dos Pobres [...]”. Carta às Irmãs Luisa Grego y Agustina Alcoverro (Barcelona), Roma, 13/5/1894 (**AGSTJ** OSSÓ-CARTAS IV pág.197 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.21) Ed.1969, n.457.

<sup>305</sup> Carta a Rosario Elíes, Superiora Geral e às Irmãs da Companhia STJ, 13/5/1894 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS IV pág.198).

<sup>306</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, 8/6/1878 (Inédita em CCS Ref.201-202 **AGSTJ** Vol.3 pág.7).

<sup>307</sup> “[...] que reciban todas la plenitud del Espíritu Santo para ser las primeras en conocer y amar a Jesús y hacerlo conocer y amar”. Carta a Dolores Boix, Tortosa, 16/5/1877 (**AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.30 – copia autenticada) Ed. 1969, n. 22.

Para Enrique de Ossó, Jesus é aquele que se relaciona com Deus Pai e com as pessoas, o filho amado do Pai, que, impulsionado pelo Espírito, faz a Sua vontade, que dá a vida pela humanidade<sup>308</sup>. É nessa ótica que Enrique de Ossó vive e estimula a relação de intimidade com Deus. O cristão é chamado a viver esta relação, íntima e integradora, brotando dela o compromisso de doar a vida pela humanidade.

### 2.3.2.

Identificação com Jesus Cristo: humanização e encontro com Deus<sup>309</sup>

Segundo Carmen Melchor<sup>310</sup>, Enrique de Ossó viveu uma forte e progressiva experiência de Deus, mediante a relação pessoal com Jesus. Passou a vida *enamorado* do Mestre. Duas frases de Enrique de Ossó formam um arco que resume essa experiência de amor. A primeira indica aquele encontro com Jesus que provoca uma radical mudança de vida, projetando seu futuro: “serei sempre de Jesus, seu apóstolo, seu missionário de amor e de paz”<sup>311</sup>.

A segunda, escrita dez dias antes de sua morte, expressa a tensão escatológica freada pelo amor: “Jesus meu, que eu não vá desse mundo sem haver-te amado e feito conhecido e amado o quanto seja possível”<sup>312</sup>.

Introduzido pelo Espírito Santo e conduzido por Teresa de Jesus, de acordo com Carmen Melchor, Enrique de Ossó adere ao mistério de Cristo de uma forma muito pessoal: “Pensar como Jesus, amar como Jesus, orar como Jesus, trabalhar como Jesus e não pedir, nem desejar, nem pensar outra coisa que Jesus e seus interesses”<sup>313</sup>.

“Para Enrique de Ossó, JESUS é antes de tudo o *Filho amado* do Pai, *enviado* por Amor para a salvação do mundo, o *APÓSTOLO DO PAI*. Seu alimento é fazer a vontade daquele que o enviou e realizar a sua obra (Jo 4,34), que é dar a Vida aos homens (Jo10,10). E esta é a Vida eterna, *que te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, teu enviado* (Jo 17,3). Jesus veio para *colocar o fogo do Amor de Deus nos corações dos homens, para que a mulher*

---

<sup>308</sup> Cf. Jo 4,34; 10,10

<sup>309</sup> Com o objetivo de uma melhor clarificação desse tema nos apoiamos em outras duas fontes: uma de Enrique de Ossó (RT, TF, MCJ) e um artigo da Carmen Melchor cf. citação da nota seguinte.

<sup>310</sup> Cf. Carmen MELCHOR, **Enrique de ossó, discípulo y apóstol de Jesús**, p.131ss.

<sup>311</sup> TF, in EEO III, p.197.

<sup>312</sup> RT, janeiro 1896, pp. 100.

<sup>313</sup> Cf. MCJ, en **EEO III**, pp. 456-455.

e o varão possam amar com o mesmo amor de Deus (Lc 12,49). Veio não para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos (Mt 20,28)<sup>314</sup>.

Tanto para São João, como para Santa Teresa e Enrique de Ossó, Jesus é o Mestre (Jo 13,13), o verdadeiro amigo (Jo15,15), o bom pastor (Jo10; Lc,15). Um mestre que elege pessoalmente seus discípulos, que ensina com palavras e especialmente através de sua pessoa e sua vida. Jesus é Palavra encarnada, caminho para o Pai, modelo e protótipo de identidade da pessoa humana (Jo 14,4)<sup>315</sup>. Mestre, que habita o interior da pessoa: “é Cristo que vive em mim” (Gl 2,22; Jo 14,23)<sup>316</sup>.

Enrique de Ossó, no intuito de atingir mais de perto o ser humano de seu contexto, apresenta a pessoa de Jesus Cristo, enfatizando-o como mediador entre Deus e a humanidade. Ele se fez humano, oferecendo-nos a salvação. Espelhando-nos nEle descobrimos que o nosso sentido existencial está voltado à transcendência. Optar por Jesus Cristo significa mergulhar progressivamente na própria interioridade, conhecê-Lo e amá-Lo, e, como ocorreu nos relatos evangélicos, explodir de alegria e plenitude por ter encontrado o Senhor. E o enveredamento pelo caminho do anúncio é a conseqüência óbvia para quem encontrou o sentido da vida.

Para Enrique de Ossó o caminho para a integração existencial da pessoa humana passa pela opção por Jesus Cristo:

“Vejo por experiência que todo o mal [...] vem de não se conhecerem e não conhecerem a Jesus [...] e por isso andam divagando sem terem fixado os seus afetos. Se tivermos de ser todos de Jesus é necessário que O conheçamos; se temos de estender o reinado do seu conhecimento e amor por todo o mundo, é preciso que antes estejamos enamorados dEle. [...]”<sup>317</sup>.

---

<sup>314</sup> C. MELCHOR, **Enrique de ossó, discípulo y apóstol de Jesús**, op. cit., p.131ss.

<sup>315</sup> Cf. *Gaudium et Spes* n. 22

<sup>316</sup> “Todos estos aspectos cristológicos están presentes de manera especial en la experiencia y doctrina de Teresa de Jesús”. Idem C. MELCHOR, **Enrique de ossó, discípulo y apóstol de Jesús**, op. cit., p.131ss.

<sup>317</sup> Carta às Irmãs de Montevideo, outubro de 1894 (**AGSTJ** Vol.30 pág.17 Cópia autenticada em **AGSTJ** Cuaderno “Epistolario 7” pág.56-57) Ed.1969, n. 502.

Em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e ciência de Deus. É necessário que todas as dimensões da pessoa estejam orientadas para Jesus e seu projeto de vida: “Toda de Jesus, tudo por Jesus, todos de Jesus. Viva Jesus”<sup>318</sup>. “Que seja vosso único afã ser todas de Jesus; que em vosso interior e exterior não haja nada que não comunique a Jesus”<sup>319</sup>. Que as Irmãs da Companhia se distingam pela magnanimidade, conheçam e tenham muita generosidade com Jesus, por tanto amor e benefícios dele recebidos. Enrique de Osso orienta para a repetição constante de algumas idéias chaves ou frases, como por exemplo: “Tudo por Jesus”, “Viva Jesus, meu amor”, “Jesus meu, vós sabeis que eu vos amo”, “de forma que não pensem mais que em Jesus, nem falem mais que em Jesus, nem amem mais que a Jesus”<sup>320</sup>.

A relação com Jesus Cristo precisa ser constantemente renovada e priorizada<sup>321</sup>, que as coisas ou tarefas exteriores não impeçam a união com Deus. Para haver esta fidelidade, desafiante na mesmice do dia-a-dia, é preciso ter “[...] muita oração e união com Jesus, que é amigo e [...] jamais vos faltará”<sup>322</sup>. Mas esta união não é intimista, leva ao compromisso concreto da vivência do amor<sup>323</sup>: “purifica tua intenção e ama, adora e serve a

---

<sup>318</sup>Carta a Dolores Llorach, Tarragona, 9/3/1879 (Inédita em CCS Ref.1509 **AGSTJ** Vol.16 pág.58). Cf. Fragmento de uma carta, **AGSTJ** Vol.20 pág.45 ([T@/03](#): FRAGMENTOS DE CARTAS sem fechar- Transcrições de M. Torroja, nota em cursiva). Na [T@/03](#) encontra-se dois arquivos de Cartas de Enrique de Ossó classificados como: “*fragmentos de cartas*” e “*para fechar*”.

<sup>319</sup> Carta (Inédita em CCS Ref.1594 **AGSTJ** Vol.16 pág.140 [T@/03](#): “*para fechar*”).

<sup>320</sup> Carta a Francisca Plá, Jesús, Roma, 22/6/1894 (CCS Ref.1387 **AGSTJ** Vol.14 pág.95) Ed.1969, n. 461. A carta original foi escrita em Catalán.

<sup>321</sup> Ao incentivar o exercício da meditação inaciana das “Duas Bandeiras”, Enrique de Ossó parece querer ajudar as pessoas na clareza da opção por Jesus Cristo e suas conseqüências: “[...] Haced muchas veces la meditación de Las dos Banderas y veréis lo que os digo tantas veces. Una que dice: Viva Jesús; muera el pecado. Esta es la vuestra. ¡Gloria a Dios! La otra que dice: Viva el pecado; muera Jesús. Buena señal, hijas mías, tanta lucha y contradicción. Adelante, bien unidas a Jesús y a la Compañía, cumpliendo las santas reglas y orando y amando, celando y desagraviando mucho al Señor y por boca de esos inocentes niños”. Carta a Teresa Plá, Jesús, 22/1/1883 (**AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.41- copia autenticada) Ed.1969, n.236. Obs. Teresa Plá está em Rubí.

<sup>322</sup> Carta a Cinta Aguilar, Jesús, 21/10/1884 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.57 - copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.53).

<sup>323</sup> “Ser todas de Jesús. ¡Qué cosa tan linda y hermosa y sublime! ¿Puede haber mayor felicidad: que todo clame “Amemos a Jesús”? ¿Puede haber mayor mérito, que seáis otras Teresas de Jesús por la humildad, amor y obras? ¿Puede darse mayor dicha? ¡Oh, mi Dios! ¿Cuándo será? Cuando digáis con verdad: Soy toda de Jesús”.

Jesus que está em teu coração”<sup>324</sup>. Ou seja, é o dinamismo de crescer na santidade para levar o amor e o conhecimento de Jesus Cristo ao mundo<sup>325</sup>.

Em Jesus Cristo, Enrique de Ossó apresenta um Deus que é Pai, acessível e próximo ao ser humano. Ele se fez gente como nós, viveu, cresceu sofreu, amou e comunicou plenamente o rosto e o jeito de ser da Trindade, um Deus apaixonado e misericordioso pela humanidade.

Porém, com a finalidade de atingir mais de perto os seus conterrâneos, Enrique de Ossó apresenta outra mediação, mais próxima ainda, uma mulher patricia, que, tendo vivido num período extremamente desafiante (século XVI), após muitas buscas, encontrou seu sentido existencial na pessoa de Jesus Cristo. Esta mulher, hoje chamada de Santa Teresa de Jesus, é para Enrique de Ossó, modelo de seguimento do Mestre<sup>326</sup>. Por isso, quando Enrique de Osso fala de Jesus, seguidamente fala de Teresa e deseja que sejamos apaixonados(as) por Jesus, como ela: “[...] não podes viver em paz sem ter um coração muito generoso com Jesus e sua Teresa [...]”<sup>327</sup>; “[...] vos bendiz e vos deseja ver outras Teresas de Jesus [...] vivendo e morrendo pelo infinito amor de Cristo [...]”<sup>328</sup>.

Segundo Enrique de Ossó, para trilhar no caminho do seguimento do Mestre, é imprescindível o exercício da humildade e da confiança em Jesus e sua Teresa<sup>329</sup>. Ao convidar para centralizar a vida na pessoa de Jesus, apela para a intercessão teresiana: “Peçamos a Teresa de Jesus que nos faça todos de Jesus; que não haja pensamento em nossa mente, nem lembrança em nossa memória, nem afeto em nosso coração que não seja e clame: Viva Jesus, sou de Jesus, tudo por

---

Carta as Irmãs de Alcira, Vinebre, 21/11/1887 (Inédita em CCS Ref.701 **AGSTJ** Vol.8 pág.96).

<sup>324</sup> Carta Teresa Plá, Guernica, 3/9/1880 (CCS Ref.432-433-434 **AGSTJ** Vol.5 pág.20) Ed.1969, n.149.

<sup>325</sup> Cf. Carta a Saturnina Jassá, Guernica, 31/8/1880 (CCS Ref.1029-1030-1031-1032 **AGSTJ** Vol.11 pág.113) Ed.1969, n.148.

<sup>326</sup> “Voemos todas à Teresa, que ela tem as chaves de tão amoroso Coração, e ela nos há de alcançar todas as virtudes, muito especialmente o amor. Somente amando conseguireis [...] corresponder a alta missão a que sois chamadas [...]”. RT n.34, julho 1875, p.297.

<sup>327</sup> Carta a Montserrat Fitó, Jesús, 19/7/1884 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS I pág.46 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.102). A destinatária é Superiora de La Fraga (Portugal).

<sup>328</sup> Carta às Irmãs de Orán, Jesús, 26/3/1886 (**AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.72 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.119) Ed.1969, n.346.

<sup>329</sup> “Te quisiera más humilde y que acudas con más confianza a Jesús y su Teresa en la oración; siempre saldrás consolada. Pruébalo y noerrarás”. Carta a Teresa Plá, Jesús, 10/2/1886 (CCS Ref.715-718 **AGSTJ** Vol.8 pág.58) Ed.1969, n. 343.

Jesus!”<sup>330</sup>.

Teresa de Jesus chegou a uma tal identificação com Jesus, seu amado, que se tornou mulher livre, vivendo da total confiança em Deus. Por isso foi mulher corajosa e magnânima, realizando grandes obras em seu contexto. Enrique de Ossó deseja que suas filhas sejam como Teresa de Jesus, que centralizem a vida na opção por Jesus Cristo, buscando nela a inspiração para a transformação das famílias, da Igreja e da sociedade: “Desejo muito ver-vos outras Teresas de Jesus e todas bem dentro do seu coração maternal, e ele [o coração], de Jesus”<sup>331</sup>.

Para Enrique de Ossó, como para Teresa, Jesus é aquele que se relaciona com Deus Pai e com a humanidade<sup>332</sup>. Ele veio ao mundo para fazer a vontade do Pai. “Passou pelo mundo fazendo o bem” (At 10,38). Permanecer na sua intimidade, conhecê-Lo e amá-Lo, entrar na escola do discipulado, são as condições para o anúncio, que vem como consequência dessa intimidade. Essa é, pois, a missão integradora dos seguidores de Enrique de Ossó<sup>333</sup>.

### 2.3.2.1.

Amar como Jesus amou

Enrique de Ossó convida a contemplar na criança de Belém, o Deus que se fez pobre e humilde. Diante do Mistério da encarnação, deixar-se confrontar pela criança de Belém e examinar se não há algum rincão no coração que não seja dEle. Contemplar o que Ele fez, e entregar-se totalmente a Ele, ou seja, colocar todo o ser, os dons, a vida

---

<sup>330</sup> RT n. 33, junho 1875, p.261.

<sup>331</sup> Carta a Hna. Carmen, Tortosa, 14/6/1880 (Inédita em **AGSTJ OSSÓ-CARTAS II** pág. 73).

<sup>332</sup> “Hay en la vida de Enrique de Ossó un progresivo cristocentrismo, pero ya en los escritos de los primeros años podemos encontrar los mismos textos recurrentes de sus obras de madurez. Como de Teresa de Jesús, también se puede hablar de la “cristopatía” de Enrique. Por eso sintonizó tan bien con la Santa de Ávila. La fisonomía del Jesús con quien se encontró Enrique de Ossó, está presente en todos sus textos, en todos sus proyectos, en todas sus acciones y oraciones, en todas sus obras apostólicas”. C. MELCHOR, **Enrique de ossó, discípulo y apóstol de Jesús**. op. cit., p.131ss.

<sup>333</sup>Cf. *ibid.*, C. MELCHOR.

a serviço da construção do Reino de Deus<sup>334</sup>. “Amemos ao Menino de Belém! [...] O que aconteceu em sua vinda, que os seus não o quiseram receber, acontece hoje, e com maior ingratidão ainda. Quão pouco se conhece e ama o Menino Jesus de Belém! [...]”<sup>335</sup>.

Festejando o Natal de Jesus, o convite é de conhecer e amar a um Deus que por amor à humanidade se fez criança<sup>336</sup>. Torná-Lo conhecido e amado significa optar pela vida no meio de tantos mecanismos que geram a morte<sup>337</sup>, ou seja, tudo o que não é Reino de Deus.

Amar como Jesus amou supõe entregar-se ao Projeto do Pai, a exemplo de Jesus. Ao mirar a vida de Jesus feita amor-serviço, só é possível exclamar que Deus é muito bom e que nos ama infinitamente. Foi o fechamento à proposta de Jesus que o levou à morte de cruz. E, por causa da sua fidelidade, Deus o ressuscitou, tornando a vida-morte-ressurreição salvífica para a humanidade toda<sup>338</sup>. Não importa se há saúde ou enfermidade. O que importa é acolher e realizar a vontade do Pai, como Jesus, seja em tempo de bonança ou de cruz<sup>339</sup>.

---

<sup>334</sup> “No seáis escasas ni tardías en daros a Jesús. Cuanto más generosas seáis con Él, más lo será Él con vosotras. ¿No lo veis tiritando de frío por vuestro amor? ¿No se ha hecho pobre, humilde y mortificado para salvarnos? ¿Quién puede negar cosa alguna a tan espléndido amador? Todo, pues, por Jesús, con Jesús, para Jesús, y sea Él vuestro honor y vuestra gloria”. Carta às Irmãs de Jesús, 4/1/1894 (**AGSTJ** OSSÓ-CARTAS IV pág.192 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.22) Ed.1969, n. 453.

<sup>335</sup> Carta às Irmãs da Companhia, Vinebre, 25/12/1881 (**AGSTJ** OSSÓ-CARTAS pág.27 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.166) Ed.1969, n.193. Cf. Carta a Saturnina Jassá, Tarragona, 8/2/1880 (Inédita em CCS Ref.67-68-69 **AGSTJ** Vol.1 pág.179).

<sup>336</sup> Nesse sentido, Enrique de Osso exorta a pedir conhecimento e amor a Jesus e Maria e José; espírito de oração, recolhimento e vida interior. Cf. Carta a Dolores Llorach, Jesús, 29/02/1880 (CCS Ref.393-394 **AGSTJ** Vol.4 pág.134) Ed.1969, n.121.

<sup>337</sup> “Que el Niño Jesús os colme de sus dones y os haga todas suyas por la imitación práctica de sus virtudes. No os olvidéis de conocer y amar y hacer conocer y amar a un Dios que por amor nuestro se hace Niño”. Carta às Irmãs Teresa Guillamón e Genoveva, Tarragona, 24/12/1880 (Inédita **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS I pág.20 Cópia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.64).

<sup>338</sup> “Activa tu humildad, confiana y amor a Jesús y a su cruz. Todo se pasa. ¿Por qué no eres santa? ... Lleva la cruz con garbo. Sirve al Señor con alegría... Honra a la Compañía con tu conducta ejemplar y santa, santa. No seas corta de vista ... Mira al cielo, a la eternidad ...” (reticências do original). Carta a Francisca Macazaga, 2/4/1895 (CCS Ref.1606 **AGSTJ** Vol.17 pág.8) Ed.1969, n.491. Cf. Carta a Rosario Elíes, Jesús, 20/1/1882 (CCS Ref.444-450 **AGSTJ** Vol.5 pág.122) Ed. 1969, n.196.

<sup>339</sup> “¿Con que otra vez abrazada con la cruz, hija mía? ¡Cuán bueno es Dios, hija mía, cuán bueno es Dios! ¡Cuán te ama pues así se cuida de probarte! Resígnate en su divina voluntad. En salud y enfermedad, que vivamos que muramos somos de Jesús. ¿Qué se nos da más entrar en el cielo por la puerta de la salud que por la de la enfermedad?. Lo que conviene es hacer en todo la voluntad de Dios. La haces pues y

A vida se torna leve para quem tem clareza de meta e, à luz da cruz redentora, abraça as dificuldades que surgem ao longo da caminhada: “Com ânimo abraça a cruz e avante, e venha o que vier nada te espante, que com Jesus e sua Teresa sairemos bem de tudo que empreendermos”<sup>340</sup>.

Na missão de quem trabalha para realizar o Reino de Deus, a cruz sempre aparece. Enrique de Ossó recomenda ter paciência, acolher as situações adversas e colocar-se na perspectiva da maior glória de Deus:

“[...] A paciência tudo alcança. A tempestade já passou. Preparai-vos para outra, pois nesta vida nunca estaremos sem a cruz. Peçamos, ao Senhor que tudo seja para a sua maior glória, e a Santa do nosso coração para a honra e o bem das suas filhas e da Companhia”<sup>341</sup>.

O egoísmo aumenta os conflitos. Voltar-se para Jesus Crucificado<sup>342</sup> dilata o coração<sup>343</sup>, levando a amar como Ele amou, a exemplo de Teresa de Jesus. É um amor de profunda entrega na realização do Reino. A cruz é entendida como consequência da missão de *tornar Jesus conhecido e amado*.

“[...] O amor à cruz, a Jesus Crucificado elimina esses conflitos. O amor próprio os aumenta; o amor de Jesus dilata o coração e move-o a amar como Ele amou. Não te esqueças que tudo passa. Mira a eternidade e verás que tudo é vaidade, e teu coração se fará real, valoroso, invencível. Mira o coração de teu

---

abrazada con la cruz y con tu Esposo Jesús, que en ella se puso [...]”. Carta a Saturnina Jassá, Tortosa, 9/4/1878 (Inédita em PIB Ref.16 **AGSTJ** Vol.29 pág.16).

<sup>340</sup> Fragmento de Carta, Jesús, 9/7/1884 (Inédita em **AGSTJ** Vol.22 pág.84).

<sup>341</sup> Carta a María Juez (Torres Novas), Jesús, 13/6/1889 (Inédita em CCS Ref.1288 **AGSTJ** Vol.13 pág.51).

<sup>342</sup> “Sois Esposas de Jesús crucificado. Abrazaos con la cruz y todo se os hará fácil. La vida de la buena religiosa es un martirio prolongado, pero sabroso, porque es martirio de amor a Jesús crucificado”. Carta às Irmãs de Calahorra, Barcelona, San Gervasio, 31/12/1890 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS III pág.132 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.93).

<sup>343</sup> Encomenda-te à Santa Teresa “[...] para que te cambie ese corazón mezquino y estrecho y te lo dé como el suyo lleno de amor y deseos de padecer y morir por Jesús, pues todos tus males son defecto de amor a la cruz y a tu Jesús”. Carta a Josefa Llatse (Alcira), Jesús, 19/9/1887 (CCS Ref.729-730-731 **AGSTJ** Vol.8 pág.108) Ed. 1969, n.376.

esposo e de tua Mãe<sup>344</sup> e verás que a pusilanimidade é o pecado que esses corações magnânimos mais repugnam<sup>345</sup>.

A covardia ou a fraqueza de ânimo só é superada ao relativizar o presente, tendo consciência de que nesta vida tudo é passageiro. Só não caduca o amor gratuito que ativa o dinamismo vital integrador. Tal dinamismo constrói fraternidade, como Jesus o fez, sem excluir ninguém, priorizando os pobres e marginalizados do seu contexto.

### 2.3.2.2.

#### ***Coração de Jesus: expressão de amor pleno à humanidade***

Para chegar ao coração das pessoas de seu tempo, Enrique de Ossó incentiva a devoção ao Sagrado Coração de Jesus<sup>346</sup>. A Trindade, apaixonada pela pessoa humana, derrama seu abundante amor ao enviar Jesus Cristo como mediador entre a humanidade e Deus, gesto revelador do amor pericorético trinitário que nos impulsiona à comunhão amorosa. Jesus doa toda a sua vida por amor. Anuncia e se identifica com o Reino de Deus, reino de paz, de justiça e de amor. Traz a salvação à humanidade, ou seja, revela o sentido mais profundo da vida humana. No seguimento de Jesus Cristo, o convite é à vivência do amor.

“Uma das intervenções mais amorosas do Senhor para mover-nos a amá-Lo com todo o coração é sem dúvida a devoção ao Coração de Jesus. [...] Quem pois não corresponde com amor ao amor? [...] Oh cristãos, entremos todos por esta porta, vivamos todos nesta mansão do amor divino e não saiamos daí

---

<sup>344</sup> Pelo contexto da carta, Enrique de Ossó se refere à Santa Teresa de Jesus.

<sup>345</sup> Carta a Dolores Llorach, Jesús, 22/1/1882 (CCS Ref.1145-1146 **AGSTJ** Vol.12 pág.27) Ed.1969, n.197.

<sup>346</sup> “Neste século de egoísmo não se podia nem se devia oferecer outro remédio mais eficaz que o Coração de Jesus, coração cheio de amor e de sacrifício pelos homens. [...] Dos quatro ângulos da terra, nos clama a voz do pai bondoso e muito amado: ‘Filhos meus, muito amados, vede o Coração mais belo que Deus criou, o Coração de Jesus, que de tal sorte tem amado, que doou generosamente ... toda sua vida... Povos, nações, homens todos, cujos nomes leva escrito no mais secreto deste sacrário de amor, vinde, entrai neste asilo, amai e vivei. Vinde ao Coração de Jesus, que é o único e verdadeiro Salvador do mundo. Entrai e habitai neste lugar de refúgio, de paz e de amor. Amai-vos uns aos outros como irmãos, como vos tem amado e vos ama este divino Coração. Vivei de sua vida, vida de alma, vida de Deus. Consagrai-vos a seu amor e sereis felizes verdadeiramente como é Jesus”. RT n. 33, junho 1875, pp. 259-261.

senão para mais nos engolfar no oceano de seu amor [...]”<sup>347</sup>.

Para quem envereda nos caminhos do amor, faz-se necessário renovar constantemente a adesão a Jesus<sup>348</sup>. Entrar no Coração de Jesus<sup>349</sup> e ali aprender com Ele a amar, sofrer e viver<sup>350</sup>. Nele é que encontramos a resposta às nossas angústias e o sentido para nossas vidas.

“Muita oração e união com Jesus porque dEle nos virá e vem todo o bem. [...] entrai todos os dias no seu coração adorável, ide à sua Escola e aprendei sobretudo, sua mansidão, o seu amor e humildade. Ele próprio nos disse: ‘Vinde a mim todos os que estais sobrecarregados e cansados, e Eu vos aliviarei’. Estás tentada? Dirige-te ao Coração de Jesus. Estás triste, gemes, choras? Vai ao Coração de Jesus. Percebes que estás sem ânimo, desalentada? Acode ao Coração de Jesus<sup>351</sup>. O teu gênio e as tuas paixões te fazem guerra? Pede ao Coração de Jesus. Encontrarás todas as coisas em tão divino Coração: remédio para todos os males, graça para toda saúde. [...] Acostumai-vos a servi-Lo com espírito filial [...] pois nos ama com infinito amor”<sup>352</sup>.

Assumir a proposta de Jesus como sentido existencial leva a uma vivência ética. Mas os desafios são muitos. Faz-se necessário deixar-se acalantar pelo amor de Jesus<sup>353</sup>, exercitar a humildade e a simplicidade

---

<sup>347</sup> RT n. 56, maio 1877, p.244: nos permitimos excepcionalmente fazer esta citação extraída da Revista Teresiana por sintetizar a motivação e o empenho de Enrique de Ossó na divulgação a essa devoção.

<sup>348</sup> Cf. Carta a Dolores, Tortosa, 2/6/1880 (Inédita em CCS Ref.1307-1308 **AGSTJ** Vol.14 pág.59).

<sup>349</sup> “Ayunad la víspera del Sagrado Corazón, y pedidle que os cambie ese corazón apretado, y os lo dé como el suyo, tan grande y encendido. Morad y vivid y morid dentro de Él. ¡Qué felicidad!”. Carta Carta a Dolores Llorach, Vinebre, 21/6/1881 (Inédita em CCS Ref.1351 **AGSTJ** Vol.14 pág.81).

<sup>350</sup> “Entra dentro del Corazón de Jesús y allí reforma tu corazón y el de tus hijas. ¡Qué espejo tan hermoso! Aprended a amar, a sufrir y gozar en Jesús y por Jesús [...]”. Carta a Francisca Plá, Jesús, Roma, 22/6/1894 (CCS Ref.1387 **AGSTJ** Vol.14 pág.95) Ed.1969, n. 461. A carta original foi escrita em Catalán. Cf. Carta a Cinta T., Jesús, 8/6/1880 (Inédita em CCS Ref.161-162 **AGSTJ** Vol.3 pág.86).

<sup>351</sup> A Ed. omite estas duas frases.

<sup>352</sup> Carta às Noviças de Jesús, 16/6/1894(**AGSTJ** OSSÓ-CARTAS IV pág.199) Ed.1969, n.460.

<sup>353</sup> “abrase en su amor, es el mejor fuego”. Carta a Dolores Llorach, Manresa, 10/12/1881 (CCS Ref.1317-1318 **AGSTJ** Vol.14 pág.64) Ed.1969, carta n.192. A Ed. situa a carta no período da abertura da Escola Domincal de Gracia (Barcelona).

de coração<sup>354</sup> e assim viver e irradiar a paz<sup>355</sup>. É impossível uma identificação com Jesus, anunciar seu reino de amor e justiça, sem intimidade com Ele<sup>356</sup>, aprendendo o seu jeito de ser, amar, viver e proclamar o reino de Deus: “[...] sois como as artérias desse Coração divino, que haveis de comunicar vida, calor e movimento sobrenatural”<sup>357</sup>. Ou seja, comunicar a vida e o amor de Deus à humanidade só é possível para quem se deixa contagiar pelo Mestre, bebendo da fonte do seu coração divino. Pedir a graça para amar como Ele nos ama: “Quero amar-vos com o amor com que Vós amais [...]”<sup>358</sup>. Um chamado para doar a vida como Ele mesmo nos testemunhou. Empenhar a vida a serviço da humanidade e ressuscitar com Ele<sup>359</sup>. Direcionar a vida à pessoa de Jesus e de sua Teresa, sem medos e temores. Confiar e entregar-se a Deus<sup>360</sup>.

Enrique de Ossó insiste na atitude de “desagravo” ao Coração de Jesus e justifica essa atitude analisando que a humanidade está cercada de desamor. Muitos males têm se espalhado. O pecado, tanto na dimensão pessoal como na social tem produzido estragos incalculáveis ao mundo e ao ser humano: ódio, guerras, desavenças, genocídios, competições, discriminações de raça, de

---

<sup>354</sup> Carta a Dolores Llorach, Jesús, 18/4/1882 (CCS Ref.1133 **AGSTJ** Vol.12 pág.22) Ed.1969, n.215.

<sup>355</sup> Cf. Carta Saturnina Jassá, Valls, 12/2/1881 (Inédita em CCS Ref.1097-1098-1099-1100 **AGSTJ** Vol.11 pág.146).

<sup>356</sup> “No consintáis que nadie os aventaje en el amor de Dios y celo por los intereses de Jesús y su Teresa. Hay en esa villa grandísima necesidad. Mucha oración y unión continua con Jesús, de donde os ha de venir todo bien, y nada temáis”. Carta às Irmãs de Alcira, Jesús, 9/9/1891 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.69 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.78).

<sup>357</sup> Carta às Irmãs de Montevideo, 13/6/1894(**AGSTJ** Vol.30 pág.12 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario7’ pág.54-55) Ed. 1969, n.463.

<sup>358</sup> Carta a Agustina Alcoverro, Jesús, 15/9/1887 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.83 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.122).

<sup>359</sup> “Crucificada he vivido con Cristo, y crucificada quiero morir con Él, para resucitar gloriosa con Él”. Carta a Agustina Alcoverro, Jesús, 15/9/1887 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.83 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.122).

<sup>360</sup> “No os apuréis ni os canséis mucho en trabajo. Tomadlo con paz y por Jesús. Procura, hija mía, que se os ensanche el corazón con los trabajos y contradicciones. Buen ánimo, que no estás sola. Descansa en el Corazón de Jesús y su Teresa. Cuándo serás otra Teresa de Jesús? Fuera miedos y temores pueriles. Anda con sencillez y andarás con confianza”. Carta a Dolores Llorach, Baeta, 21/8/1880 (CCS Ref.1215 **AGSTJ** Vol.13 pág.68) Ed. 1969, n.145. “Perseverad cada día más unidas al Corazón de Jesús y de vuestra Santa Madre. Sacrificad los puntillos, raicillas del amor propio, orgullo y sensualidad: abrazaos con la cruz; mucho espíritu de oración y unión con Jesús: mucho espíritu etc. porque no hay apenas en esas almas. Temed, amad, adorad y servid a Dios de todo corazón y haced que otros lo hagan y seréis felices para siempre”. Carta às Irmãs de Montevideo, Barcelona, San Gervasio, 1/7/1893 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS IV pág.182 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.95).

cultura e de religião. Sem falar na brecha injusta, cada vez mais acentuada, que distancia as classes sociais entre ricos e pobres. Enrique de Ossó fala em amar e desagrar o Divino Coração de Jesus: “Quando nos inspiraremos nos mesmos afetos e desejos do Coração de Jesus? Quando haverá entre os cristãos um só coração e uma só alma? Naquele dia o império da maldade estará acabado”<sup>361</sup>. Um apelo para lutar contra a corrente do desamor e do anti-Reino de Deus. Empenhar-se em trabalhar afetiva e efetivamente para fazer acontecer um mundo mais humano e justo. Sermos semeadores da paz. Que nossa presença seja sinal de que Deus é bom, e que Ele ama a humanidade: “Amai e desagravai o Divino Coração. Compensai o desamor dos homens. O Amor não é amado. Que o Coração de Jesus abra nossos olhos e nos dê a conhecer seu amor e sua formosura e fiquemos todos envolvidos em seu amor”<sup>362</sup>.

Jesus Cristo é nosso redentor. Ele nos purifica e liberta de todos os entraves que dificultam a vivência do amor “que o Coração de Jesus vos arranque todas as angústias e vos dê suas virtudes”<sup>363</sup>; que “vos arranque todas as misérias e vos encha de seus dons”<sup>364</sup>. Diante dos imensos desafios para realizarmos o Reino de Deus, encontraremos força numa vida centrada em Cristo: “[...] fazei tudo por Jesus, em união com Ele, renovando a cada hora essa intenção. Temos todos os bens em Cristo, e tudo dele recebemos: não vos esqueçais de acudir a Ele em todas as coisas e sempre saireis consoladas e animadas [...]”<sup>365</sup>

O sentido existencial da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, tão pertinente no contexto de Enrique de Ossó e no nosso, longe de ser uma espiritualidade intimista, como foi acentuada em muitas ocasiões, faz despertar e cultivar na pessoa a integração entre o conhecimento e o amor a Jesus e o compromisso da missão cristã de anunciadores do Reino de Deus.

---

<sup>361</sup> RT n. 50, novembro 1876, p. 60.

<sup>362</sup> Carta às Irmãs de Ciudad de Rodrigo, Jesús, 1/6/1895 (**AGSTJ** Vol.30 pág.21) Ed.1969, n.494.

<sup>363</sup> Carta a Cinta Talarn, Jesús, 18/6/1880 (Inédita em CCS Ref.113-114 **AGSTJ** Vol.2 pág.64).

<sup>364</sup> Carta às Irmãs de Vilallonga, 1879 (Inédita em CCS Ref.1136-1137 **AGSTJ** Vol.12 pág.126).

<sup>365</sup> Carta às Irmãs de Almunia, Barcelona, San Gervasio, 6/6/1893 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS IV pág.180 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.3).

### 2.3.2.3.

#### ***Conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-Lo conhecido e amado.***

O projeto de Enrique de Ossó para a Companhia de Santa Teresa de Jesus é que a pessoa ame, seja feliz e que possa exercer sua liberdade. Ossó contempla o ser humano como imagem e semelhança de Deus. Para ele, é feliz quem descobre sua dignidade de filhos(as) de Deus e, conseqüentemente, assume esta dignidade sendo irmão ou irmã, vivendo a solidariedade humana dos filhos e filhas de Deus. É uma proposta distinta da desenfreada busca de bem estar e felicidade do mundo atual onde são alimentados anseios individualistas e de consumo. Diversa da proposta evangélica, nossa cultura atual incentiva o egoísmo, a vontade de poder, de ter e de prazer. Vivemos numa acentuada insensibilidade diante do sofrimento humano causado pelo individualismo e consumismo, pelos efeitos da globalização.

Para Enrique de Osso, é feliz quem experimenta a salvação cristã, ou seja, quem conhece e ama Jesus Cristo. Quando isso se concretiza, surge na pessoa, quase concomitantemente, o impulso de querer *tornar Jesus Cristo conhecido e amado*.

O objetivo de Enrique de Ossó é pastoral. Ele quer atingir as crianças, os jovens e adultos, enfim, a família e a sociedade do seu contexto. Apresenta Jesus Cristo associando-o à família de Nazaré e à grande mulher espanhola do século XVI, Santa Teresa de Jesus<sup>366</sup>. Testemunhos que viveram intensamente o projeto de Deus. Por isso dá muita ênfase no “[...] esforçai-vos em dar a conhecer e amar a Jesus, Maria, José e Teresa de Jesus a esses ternos corações”<sup>367</sup>.

---

<sup>366</sup> “Ante todo, importa imitar sus heroicas virtudes: humildad, silencio, obediencia, celo por los intereses de Jesús, magnanimidad y, sobre todo, amor a Dios”. Carta às Irmãs de São Carlos, Jesús, 2/10/1880 (Inédita em CCS Ref.1727-1730 **AGSTJ** Vol.17 pág.150). Nota da [T@/03](#): “Esta carta y las dos siguientes (Nº.49 y 50) son semejantes a la editada con el Nº.153 pág.185. No hay fotocopia de ella en **AGSTJ**. Está tomada del Ep.7, p.60. Está también en Ep.XII, p.18 (Libretas)”.

<sup>367</sup> Carta às Irmãs de Vilallonga, Castellón, 13/2/1879 (Inédita em CCS Ref.1252-1253 **AGSTJ** Vol.13 pág.33).

Onde, “[...] quase todos buscam seus próprios interesses, não os de Jesus [...]”<sup>368</sup>, muito nos anima encontrar pessoas que amam a Jesus e seu projeto, somando a outras pessoas que contribuem na missão de ser multiplicadores do Reino de Deus<sup>369</sup>. Estimular pessoalmente, tocando o coração da pessoa, parece ser uma pedagogia que impulsiona em direção ao seguimento de Jesus Cristo, mesmo contra toda a corrente que possa advir: “[...] tu serás uma das que mais contribuirá nesse apostolado. Não é verdade, minha filha, que perseverarás até a morte em tão divina tarefa e me ajudarás sempre à maior glória de Jesus? [...]”<sup>370</sup>.

Ter sempre a meta direcionada em Jesus<sup>371</sup> e no projeto da construção do Reino de Deus é condição fundamental para ser apóstolo na perspectiva de Enrique de Ossó. “[...] Deveis ser almas de fogo para derreter o gelo de tantos corações que não amam a Jesus. E como haveis de fazê-lo se antes não vos abrasardes nestas divinas chamas?”<sup>372</sup>.

Assumir e colaborar na realização do projeto de salvação de Jesus Cristo supõe viver numa crescente atitude de “humildade, modéstia<sup>373</sup> e caridade”<sup>374</sup>. A exemplo do Mestre, que sendo Deus se fez humano, a humildade é entendida na ótica de reconhecer-se como criatura, dom gratuito de Deus. Viver a modéstia supõe uma coerência interna e externa, revelando através de todo seu ser, o rosto misericordioso. Como não poderia ser diferente, a consequência é a vivência da caridade, do amor, ou seja, servir ao Senhor com alegria<sup>375</sup>.

---

<sup>368</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 9/4/1878 (Inédita em CCS Ref.169-170 **AGSTJ** Vol.2 pág.40).

<sup>369</sup> Cf. Carta a Cinta Talarn, Tarragona, 17/12/1879 (CCS Ref.261-262 **AGSTJ** Vol.3 pág.87) Ed. 1969, n.112. Cinta Talarn está de superiora em Maella.

<sup>370</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 9/4/1878 (Inédita em CCS Ref.169-170 **AGSTJ** Vol.2 pág.40).

<sup>371</sup> “[...] Mucho necesitas andar vigilando tus obras y tus pasos”. Carta a Francisca Valdepérez, Jesús, 20/1/1880 (CCS Ref.509 nº 16 **AGSTJ** Vol.6 pág.58) Ed. 1969, n. 117.

<sup>372</sup> Carta às Irmãs de São Carlos, Jesús, 2/10/1880 (Inédita em CCS Ref.1727-1730 **AGSTJ** Vol.17 pág.150). Nota da [T@/03](#): “Esta carta y las dos siguientes (Nº.49 y 50) son semejantes a la editada con el Nº.153 pág.185. No hay fotocopia de ella en **AGSTJ**. Está tomada del Ep.7, p.60. Está también en Ep.XII, p.18 (Libretas)”.

<sup>373</sup> Cf. neste nosso trabalho, o que Enrique de Ossó entende por humildade (2.1.3) e modéstia (1.2.2.2).

<sup>374</sup> Carta às Irmãs de Vilallonga, Castellón, 13/2/1879 (Inédita em CCS Ref.1252-1253 **AGSTJ** Vol.13 pág.33).

<sup>375</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Tarragona, 4/6/1879 (Inédita em CCS Ref.245 **AGSTJ** Vol.3 pág.27).

Para realizar a missão do Carisma da Companhia de Santa Teresa de Jesus faz-se necessário enveredar no caminho do amadurecimento na fé que atinge todas as dimensões da pessoa e assim poder concretizar o projeto de salvação que Jesus Cristo veio trazer ao ser humano<sup>376</sup>. A missão de estar onde *mais estão em perigo os interesses de Jesus* pode levar a um apelo radical, o de arriscar a própria vida: “Acho bem que as que se sintam com ânimo se ofereçam a dar a vida pelos seus irmãos, servindo aos coléricos<sup>377</sup>, pois é a maior prova da verdadeira caridade, como diz Jesus Cristo”<sup>378</sup>.

*Conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-Lo conhecido e amado* é um convite a mergulhar na intimidade com o Mestre, permanecer nEle<sup>379</sup>, para *conhecê-Lo e amá-Lo* no seu jeito de ser, de amar e de viver. É bom observar que o termo *conhecer* no sentido bíblico significa uma relação de intimidade entre pessoas<sup>380</sup>. Segundo Enrique de Ossó, só é possível ser anunciador da Boa Nova do Evangelho quem conhece a Jesus Cristo, na intimidade, através da oração, da Palavra de Deus e do estudo. Para ser discípulo(a) do Mestre, é imprescindível ter intimidade com Ele,

---

<sup>376</sup> “Su Padre, que desea verlas menos niñas y orgullosas; y más caritativas y humildes en santa concordia de pensamiento y acción como conviene a las cabezas de la Compañía de Santa Teresa de Jesús y a la salvación de sus almas”. Carta a Dolores Llorach e Rosario Elíes, Barcelona, 1885 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.54 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.79). A [T@/03](#) coloca a data de 5/2/1885, porém acrescenta a seguinte nota: “Corresponde a la octava de San Francisco de Sales, 29 de enero”.

<sup>377</sup> Desde sua fundação, o Carisma da Companhia de Santa Teresa de Jesus está direcionado para a missão evangelizadora através da educação. Porém, na epidemia da cólera, perante a prioridade de salvar vidas, Enrique de Ossó incentiva as Irmãs para se oferecerem no atendimento aos coléricos, mesmo não sendo a missão específica do carisma da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

<sup>378</sup> Carta às Irmãs de Almunia, Barcelona, 28/6/1885 (**AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.63 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.153) Ed. 1969, n. 328. Cf. Carta a María Cinta Talarn (Almunia), Barcelona, 5/6/1885 (Inédita em CCS Ref.25 e 26 **AGSTJ** Vol.1 pág.66).

<sup>379</sup> Cf. Jo 15,4.7.9; 6,56; 8,31; 14,10 e 21,22.

<sup>380</sup> O tema bíblico “conhecer” é muito rico e vasto. Está relacionado com intimidade, com conhecimento profundo entre pessoas. Vejamos alguns exemplos: em Lc 1,34 “Maria pergunta ao anjo: - Como vai acontecer isto pois eu ainda não conheço varão?”; em Jo 10,14, Jesus diz: “conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem”; e em At 15,8, a certeza de que “Deus, que conhece os corações” fundamenta a decisão tomada no Concílio de Jerusalém, contra a obrigação dos cristãos serem circuncidados. Portanto, o sentido semita do termo *conhecer* não se limita ao intelecto, mas ao todo da pessoa, referindo-se a um conhecer que supõe intimidade. “Na antropologia bíblica o nível do *coração* corresponde ao nível da liberdade profunda, local onde a pessoa está intimamente presente a si mesma numa unidade mais primordial da inteligência e da

diariamente, ouvi-Lo e conhecê-Lo. Só ama quem passa por esse processo e se deixa contagiar por Jesus, ou seja, começa a assumir o jeito de ser do Mestre. O anúncio é consequência desse processo de intimidade. *Torná-Lo conhecido e amado* é fruto da convicção experienciada, que brota do coração. Esse dinamismo é tremendamente integrador na pessoa humana pois em Jesus Cristo ela se conhece, conhece os demais e aprende a se relacionar com o Mistério de Deus. Amadurece, se plenifica e, a partir dessa experiência, sua vida se torna doação aos demais, como Jesus o fez. Isso é o que costumamos chamar de conversão. Dessa forma, a pessoa passa a canalizar todas as suas energias para *torná-Lo conhecido e amado*, ou seja, empenhar-se na construção de um mundo justo e humano, conforme o jeito de ser e viver do próprio Jesus.

Mesmo sabendo que os desafios são muitos, que o destino de quem segue Jesus Cristo não é diferente daquele que teve o Mestre, a pessoa é convidada a lançar-se, remar contra a corrente e vencer com a bandeira do amor e da paz em mãos. A estratégia é seguir lutando, não com as mesmas armas que negam a vida, mas, a exemplo de Jesus, lutar contra o mal, proclamando a Boa Notícia do Evangelho, semeando o bem, o amor, a paz, a benção<sup>381</sup>.

### 2.3.3.

#### **Oração: comunicação com o Deus de Jesus Cristo**

“[...] Deveis ser almas de fogo para derreter o gelo de tantos corações que não

---

vontade, fonte e sede da vida religiosa e moral e de suas opções decisivas”: M. F. MIRANDA, A salvação de Jesus Cristo: doutrina da graça. op. cit., p.130.

<sup>381</sup>Diante da complexa problemática da interdição no Colégio-Noviciado de Tortosa, Enrique de Ossó aconselha: “Si un día habéis de ser mártires para hacer conocer y amar a Jesús, aprendamos a sufrir algo y ofrezcámoslo por nuestros pecados. Lo que conviene, y os repito el encargo sobremanera, es que no hagáis pecado ni nadie de la Compañía, en esta prueba que el señor Jesús y su Teresa permiten y ordenan al mayor bien de los que aman a Dios. Tras la tempestad viene la bonanza. Mientras no remuerda la conciencia, yendo con buen consejo, nada nos turbe, nada nos espante”. Carta às Irmãs de Jesús, Tarragona, 4/6/1884 (Inédita em CCS Ref.627 **AGSTJ** Vol.7 pág.19). A expressão “es que no hagáis pecado ni nadie de la Compañía” não parece muito clara,

amam a Jesus. E como haveis de fazê-lo se antes não vos abrasardes nestas divinas chamadas?”<sup>382</sup>.

As Cartas de Enrique de Ossó revelam sua relação com as pessoas. Nelas encontramos um eixo central de constante incentivo ao mergulho na própria interioridade, no *castelo interior*<sup>383</sup> e assim experimentar a presença do Deus de Jesus Cristo. Apela constantemente para que coloquem todos os meios possíveis para cultivar, aprofundar, conhecer e experimentar a presença divina dentro de si mesmos.

Quão bom é Deus!<sup>384</sup>. Ele muito nos ama! Esse Deus está presente de forma amorosa em nosso interior: “Não te descuides da presença amorosa de Deus no interior da tua alma”<sup>385</sup>. Importa muito que tão *magnífico hóspede* seja honrado, obsequiado e adorado<sup>386</sup>. Ter consciência é importante mas também a freqüente repetição dessa realidade cria eco no interior da pessoa: “Não te esqueças de quanto o Senhor te ama. Repita muitas vezes, Jesus e sua Teresa amam muito a Irmã Cinta [...] e o amor se prova com obras. Continuamente ressoe em teus ouvidos aquelas palavras: Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrarás paz”<sup>387</sup>.

A pessoa faz a experiência, no mais íntimo do seu ser, da constante presença e do grande amor que Deus tem pelas suas criaturas. E então, percebendo-se querida e amada, é impulsionada a

---

porém, considerando o complexo contexto da carta, é possível entender que E. Ossó incentiva para o princípio de semear o bem diante das provocações negativas.

<sup>382</sup> Carta às Irmãs de São Carlos, Jesús, 2/10/1880 (Inédita em CCS Ref.1727-1730 **AGSTJ** Vol.17 Pág.150). Nota da [T@/03](#): “Esta carta y las dos siguientes (Nº.49 y 50) son semejantes a la editada con el Nº.153 pág.185. No hay fotocopia de ella en **AGSTJ**. Está tomada del Ep.7, p.60. Está también en Ep.XII, p.18 (Libretas)”.

<sup>383</sup> Imagem que expressa a interioridade da pessoa na obra de Santa Teresa de Jesus (Moradas). Em seus escritos, Enrique de Ossó freqüentemente utiliza essa imagem teresiana.

<sup>384</sup> Cf. Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 3/7/1880 (CCS Ref.335-336-337 n.2- **AGSTJ** Vol.4 pág. 112) Ed.1969, n.141.

<sup>385</sup> Carta Teresa Plá, Zaragoza, 11/9/1880 (Inédita em CCS Ref.428-429 **AGSTJ** Vol.4 pág.18).

<sup>386</sup> “Procurad pues, mis hijas, consolar, obsequiar y adorar a tan magnífico Huésped. Que esté contento, no sea caso que se os vaya algún día si no le tratáis bien. Es hijo de muy buenos padres y merece que con toda atención, cortesía, amor y temor le tratéis”. Carta às Irmãs de Enguera, Barcelona, 13/3/1886 (CCS Ref.1458-1460 **AGSTJ** Vol.15 pág.129-130) Ed.1969, n.344.

<sup>387</sup> Carta a Cinta Talarn, Jesús, 14/11/1880 (Inédita em CCS. 139-140 **AGSTJ** Vol.2 pág.75).

expandir esse amor. Por isso, segundo Enrique de Ossó, não devemos esquecer de *conhecer, amar e tornar conhecido e amado* um Deus que, por tanto amor às suas criaturas, se fez humano<sup>388</sup>, revelando assim o jeito de ser do Deus de Jesus Cristo, amor infinito.

No exercício da oração, nos comunicamos com Deus, mergulhando em seu mistério de amor: “Não deixeis de vigiar e orar [...]”<sup>389</sup>. Orar para aprender de Deus a sua vontade sobre nossas vidas, para sermos fiéis ao projeto do Pai, a exemplo de Jesus. Cultivar uma atitude de humildade e confiança é fundamental para poder orar<sup>390</sup>. A verdadeira oração é aquela articulada com as obras: “[...] A melhor oração é a ativa, isso é, a que conjuga o desejo santo à boa obra. Não tenha pena se não pode rezar muito. Tudo o que você faz, faça-o bem, e terá orado”<sup>391</sup>.

O cristão, interpelado em concretizar os valores evangélicos, encara o desafio de remar contra a corrente. Como e onde encontrar combustível para tamanho esforço? É somente numa oração contínua e união com Jesus<sup>392</sup>: “[...] Não esqueça da oração e união com Jesus, donde nos vem todos os bens. [...] Não te inquietes por nada, disse Jesus”<sup>393</sup>. Orai e confiai e o Senhor fará o demais<sup>394</sup>.

Quem reza sabe que não está sozinho, a oração tem uma dimensão comunitária. Vigiar e orar pelas pessoas, pela missão<sup>395</sup>, pelo mundo. Contar com a oração das irmãs e irmãos de caminhada, especialmente a oração das crianças<sup>396</sup>.

---

<sup>388</sup> Cf. Carta às Irmãs Teresa Guillaumon e Genoveva, Tarragona, 24/12/1880 (Inédita **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS I pág.20). Nota da [T@/03](#): “Copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno “Epistolario 7” pág. 64”.

<sup>389</sup> Carta a Saturnina Jassá, Benicasín, 31/7/1879 (Inédita em CCS Ref.155-156 **AGSTJ** Vol.2 pág.131).

<sup>390</sup> Cf. Carta às Irmãs Saturnina, Teresa e Dolores, Vinebre, 14/8/1879 (Inédita em CCS Ref.1251 **AGSTJ** Vol.13 pág.133).

<sup>391</sup> Carta a Teresa Rubio, San Gervasio (Barcelona), 27/5/1888 (CCS Ref.468-467 **AGSTJ** Vol.5 pág.83) Ed. 1969, n.392.

<sup>392</sup> “Acudid en las dudas a Jesús en la oración; invocad a vuestra sabia y santa Madre con humildad y confianza y no os faltará su auxilio”. Carta às Irmãs de Vilallonga, Cinctorres, 29/10/1878 (Inédita em **AGSTJ**, cuadernos: ‘Epistolario’7 pág.5 e ‘Epistolario’ 8, pág.131 - copias autenticadas).

<sup>393</sup> Carta a Teresa Plá, San Gervasio, 6/8/1892 (Inédita em CCS Ref.675-676-677 **AGSTJ** Vol.7 pág.43). Cf. Fragmento de carta, Barcelona, 14/5/1891 (Inédita em CCS Ref.25 **AGSTJ** Vol.20 pág.30 - 2º fragmento).

<sup>394</sup> Cf. Carta a Concepción Pamies (Maella), (CCS Ref.1798 **AGSTJ** Vol.18 pág.107 [T@/03](#): “para fechar”).

<sup>395</sup> “Pedid, hijas mías, con instancia estos tres o cuatro días una gracia especial para vuestro Padre y Fundador. Es gran gracia a mi modo de ver, una de las mayores que puedo y podéis por ahora desearme, y confío alcanzarla por las oraciones vuestras, del Rebañito y de las M.M. Descalzas. Ya os la diré si la consigo y creo os vais a alegrar porque redundará en mayor gloria de Jesús y su Teresa, y bien por último de la Compañía. No caviléis, sino con sencillez pedidlo al Señor y al santo que tengáis mayor confianza, no olvidándoos de los Stos. Patronos, en especial del Abuelito de casa” (São José). Carta a Teresa Plá, Tortosa, 11/1/1878 (Inédita em CCS Ref.129 **AGSTJ** Vol.2 pág.20) Ed.1969, n.43.

<sup>396</sup> “Haced interesar las oraciones de esos angelitos, que ellas os sacarán de todos los apuros. [...]”: Carta às Irmãs de Vilallonga, Cinctorres, 29/10/1878 (Inédita em **AGSTJ**, cuadernos: ‘Epistolario’7 pág.5 e ‘Epistolario’ 8, pág.131 - copias autenticadas);

A comunicação da criatura com seu criador necessita de uma atitude de fé, confiança e entrega<sup>397</sup>. Entendendo dessa forma é que se pode afirmar que a fé viva alcança grandes coisas<sup>398</sup>. Ou seja, cultivar a confiança ilimitada em Deus e assim ficar em paz, pois a obra é dEle<sup>399</sup>: “Quem faz a vontade de Deus deve viver tranqüilo”<sup>400</sup>, e, sem perder a paz, buscar “o Reino de Deus e sua justiça e tudo será dado por acréscimo”<sup>401</sup>. Para quem anuncia o reino, nenhuma dificuldade deve assustar, pois Deus jamais abandona aos que o servem<sup>402</sup>. E a oração, comunicação com o Deus de Jesus Cristo, se torna combustível para cultivar a relação de confiança, de amor e de entrega ao projeto do Reino de Deus.

O desejo de Enrique de Ossó “que te conheçam a Ti único Deus verdadeiro e ao teu enviado Jesus Cristo”<sup>403</sup> desperta a dinâmica do zelo apostólico *pelos interesses de Jesus*. Ou seja, a oração é trato de amizade a sós com Quem sabemos que nos ama<sup>404</sup>, de modo que nos vai despertando para o compromisso com o Reino.

Assim, nas expressões *conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-Lo conhecido e amado*, ou “sede santas e sábias”<sup>405</sup> Enrique de Ossó sintetiza o dinamismo do que ele entende por integração entre oração e vida. O trato de amizade, na dinâmica da oração, leva a pessoa a abrir-se

---

cf. Carta a Teresa Plá, Tarragona, 4/6/1879 (Inédita em CCS Ref.245 **AGSTJ** Vol.3 pág.27).

<sup>397</sup> “No os apuréis. Hay un Señor que tiene empeñada su palabra y no faltará en tiempo de necesidad. Descuida en esta parte. Si sois lo que debéis, Jesús y su Teresa proveerán. Son vuestros padres y no se olvidarán de sus hijas. Y si lo hacen, reñid con ellos en la oración hasta que os oigan, y no dudéis os oirán y socorrerán en todo, pues no faltaba más. Tened confianza, repito, que Dios proveerá. Cuidado de faltar en la fe viva, que hace alcanzar grande cosas de Dios”. Carta a Rosário Elíes, Tarragona, 14/9/1883 (CCS Ref.1385-1386 **AGSTJ** Vol.14 pág.94) Ed. 1969, n.260.

<sup>398</sup> Carta a uma Irmã, Tarragona, 14/8/1880 (CCS Ref.360-361 **AGSTJ** Vol.4 pág.32) Ed.1969, n.144. Nota da [T@/03](#): “En la editada pone que está dirigida a la M. Dolores Llorach, aunque no lo pone es lo más probable por el contenido”.

<sup>399</sup> Cf. Carta a Jassá, Jesús, 24/5/1884 (Inédita em CCS Ref.1291-1292 **AGSTJ** Vol.13 pág.151).

<sup>400</sup> Carta a Agustina, Benicasim, 8/8/1879 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS I pág.9 - cópia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno “Epistolario 7” pág.68-69).

<sup>401</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 12/1/1878 (Inédita em CCS Ref.128-127 **AGSTJ** Vol.2 pág.19).

<sup>402</sup> Cf. Carta a Saturnina Jassá, Benicasín, 8/8/1879 (Inédita em CCS Ref.147-148-149 **AGSTJ** Vol.2 pág.129).

<sup>403</sup> Cf. GC, in EEO I, p. 104; C, in EEO II, p. 60.

<sup>404</sup> Cf. Santa Teresa de Jesus, V 8,5.

<sup>405</sup> C, in EEO II, p.16, 3.

e se colocar a serviço das demais pessoas<sup>406</sup>, da humanidade tão sedenta de justiça, paz e amor.

#### **2.4.**

#### **Integração da pessoa através de uma pedagogia relacional**

Enrique de Ossó sela sua obra educativa com a dinâmica de considerar o processo unitário entre a interioridade e a exterioridade da pessoa a partir da opção por Jesus Cristo. O incentivo foi sempre uma constante: como cristão, ser agente transformador da realidade que os cerca. Aquelas jovens teresianas que, após terem passado por uma intensa vivência cristã nos grupos teresianos, fundados e assessorados por Enrique de Ossó, despertaram para o compromisso de serem teresianas educadoras, com a finalidade de “regenerar o mundo”<sup>407</sup>. Assim surge a Companhia de Santa Teresa de Jesus.

Enrique de Ossó acompanha muito de perto as primeiras teresianas da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Escreve quase diariamente a elas. Dá orientações detalhadas. Incentiva, corrige e orienta. Provê as necessidades de saúde e de sobrevivência. Ajuda-as a superar as crises, centralizando-as constantemente no horizonte a alcançar, o de serem educadoras teresianas para regenerar o mundo. Age com muito respeito e cautela. Mantém um constante contato com seus familiares. Articula uma rede de pessoas que o ajudam. Durante o primeiro ano de fundação deixa-as concentradas, a fim de se prepararem para a missão: oração, estudos, orientação pessoal, vida comunitária e eclesial.

A Companhia de Santa Teresa de Jesus foi crescendo e marcando presença em várias regiões da Espanha, estendendo-se a outros países da Europa, África e América. Enrique de Ossó utiliza as Cartas, como um meio privilegiado de continuar acompanhando essa sua *obra predileta*. Nelas encontramos muita riqueza antropológica e pedagógica. Aparece com muita clareza que, para ser apóstolo(a) do reino é imprescindível um processo de contínua conversão, vida de oração, estudo, aprofundamento, discernimento, auto-conhecimento e olhos abertos às necessidades da realidade. É uma dinâmica que leva a pessoa a uma integração, que poderíamos chamá-la de

---

<sup>406</sup> Cf. A. A.V.V., **Seiva que Circula: releitura da espiritualidade Teresiana**. México: Editorial Enrique de Ossó, 2004, pp.27-38.

<sup>407</sup> C, in EEO II, p. 14,2.

relacional: da pessoa consigo, com Deus, com o outro e com o cosmos. A atitude pedagógica de Enrique de Ossó, presente nas Cartas, é de um constante incentivo para a vivência desse processo, pois sem ele, não há discípulo cristão em missão. É o que tentaremos mostrar a seguir.

#### 2.4.1.

##### **Educar com amor: agir com delicadeza e sensibilidade**

No processo educativo é preciso amar com ternura maternal, pois assim, segundo Enrique de Ossó, tudo se torna mais fácil<sup>408</sup>. Entre o amor e o rigor, que sobressaia o amor<sup>409</sup>. E, para a educadora teresiana que aprende a ser mestra na relação com Jesus, amor infinito, Enrique de Ossó observa que tenha “[...] especial cuidado de ser pregadora em obras”<sup>410</sup>.

Na visão de Enrique de Ossó, o processo pedagógico deve levar em conta o ser humano com suas debilidades. Por isso ele aplica dificuldades, aplica o princípio de “[...] saber tudo, disfarçar muito e corrigir algo[...]”<sup>411</sup>. A atitude mais adequada da pessoa que educa seria a de imitar o papel dos anjos que inspiram, instruem e previnem: “Imitai aos Santos Anjos, inspirando, instruindo, prevenindo mais do que corrigindo. Assim fareis prodígios”<sup>412</sup>.

O cultivo da confiança, apreço e amizade são valores essenciais na relação para o crescimento de quem está sendo educado. Por isso se

---

<sup>408</sup> Carta a Dolores Llorach, Jesús, 20/1/1882 (Inédita em CCS Ref.1283-1284 **AGSTJ** Vol.13 pág.99).

<sup>409</sup> “[...] ten entrañas de madre: amor y rigor, pero que sobrepuje el amor [...]”. Carta a Agustina, Benicasim, 8/8/1879 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS I pág.9 - cópia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno “Epistolario 7” pág.68-69).

<sup>410</sup> Carta a Teresa, Tortosa, 22/11/1876 (CCS Ref.1188 **AGSTJ** Vol.12 pág.151) Ed. 1969, n.12. Em relação à destinatária desta Carta, a [T@/03](#) coloca a seguinte nota: “A Teresa Guillamón le había encargado Enrique de Ossó la ‘Doctrina e Historia Sagrada’ - CFR. Vol.26, 187-88: Instrucciones a las maestras..., 20-10-76”. Cf. nota da Editada.

<sup>411</sup> Carta a Dolores, 21/3/1877 (Inédita em **AGSTJ** PIB – caja archivador 4 Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’pág.32 -copia autenticada). “[...] Conviene a la mayor gloria de Jesús saberlo todo para corregir algo”. Carta a Teresa Guillamón, 24/2/1877 (Inédita em CCS Ref.1125 **AGSTJ** Vol.13 pág.134). Cf. nota da [T@/03](#) sobre a destinatária desta carta.

<sup>412</sup> Carta Carmen Cavaría, Superiora de Mérida (México), Roma, 13/6/1894 (Inédita em CCS Ref.1967 **AGSTJ** Vol.19 pág.67).

deve incentivar para a empatia, a solidariedade<sup>413</sup>, o carinho, o afeto, a ternura, demonstrado nas pequenas coisas do dia-a-dia, com pequenos gestos, até mesmo lembrando de datas importantes da pessoa<sup>414</sup>. Neste processo é importante o cultivo de uma relação de ternura e proximidade<sup>415</sup>: “[...] conta com as orações e conselhos de quem te aprecia em Jesus e sua Teresa”<sup>416</sup>.

A pedagogia do amor acredita no potencial do educando e conseqüentemente incentiva a participação. Quando a educação é participativa, naturalmente ocorre a tendência do aprofundamento de laços entre educador-educando e vice-versa. Então a partilha de vida flui com mais facilidade. A empatia cultivada dá espaço para dividir as alegrias<sup>417</sup> e dificuldades da vida, com confiança<sup>418</sup> e entre-ajuda: “[...] Lembrai-vos de vosso Padre Fundador, de um modo especial<sup>419</sup> nesses santos dias, pois se alguma vez o necessito, é na presente ocasião. [...] Não me esquecerei de vossas almas que também necessitam consolo, luz e fortaleza [...]”<sup>420</sup>. Mesmo quando a distância geográfica não permite um acompanhamento mais próximo,

---

<sup>413</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 12/1/1878 (Inédita em CCS Ref.127-128 **AGSTJ** Vol.2 pág.19). Cf. Carta a Saturnina Jassá, Tortosa, 3/8/1877 (**AGSTJ** Vol.3 pág.145) Ed. 1969, n. 23.

<sup>414</sup> “Mis estimadas hijas en Jesús: con el corazón lleno de la más pura satisfacción os escribo para felicitaros por vuestra Santa, y en vosotras a todas las de la Compañía, pues de todas es su Madre Teresa de Jesús”. Carta a Teresa Plá, Guillamón e Blanch, Tortosa, outubro de 1877 (**AGSTJ** Vol.1 pág.15) Ed. 1969, n. 32. Cf. nota da [T@/03](#), há dúvidas em relação à data. Enrique de Ossó escreve às três Teresas (Teresa Plá, Guillamón e Blanch) por ocasião da sua festa onomástica. Para compreendermos o significado desse gesto é necessário observar que na cultura espanhola festeja-se a pessoa, não no dia do aniversário de nascimento, mas no seu onomástico, ou seja, na festa do santo (a) na qual a pessoa leva o nome.

<sup>415</sup> “Di a Vicenta que tuve carta de su madre; están todos buenos y saludan”: Carta a Teresa Plá, Tortosa, 18/9/1877 (Inédita em CCS Ref.35-36 **AGSTJ** Vol.1 pág.22).

<sup>416</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 8/9/1877 (CCS Ref.63 **AGSTJ** Vol.1 pág.34) Ed. 1969, n. 29; Cf. Carta a Agustina Alcoverro, 17/8/1877 (CCS Ref.1579 **AGSTJ** Vol.16 pág.88) Ed. 1969, n. 26.

<sup>417</sup> “Otra buena nueva. Tenemos ya tartana y caballo propio de la Compañía. Una fortuna que nos ha ofrecido la Santa Madre. Es preciosa y baratísima. No llega todo a 60 duros. Tenemos caballo y tartanero gratis, siempre a nuestra disposición”. Carta a Teresa Plá, Tarragona, 5/7/1879 (Inédita em CCS Ref.314 **AGSTJ** Vol.4 pág.1).

<sup>418</sup> “Reservado. Quisiera hicieseis tú y Llorach una manteleta como la que os probasteis para el Sr. Obispo de Eumenia. Hacedla de percal o algodón algo grueso, pero blanco, u otra ropa una de cada clase. Una para ti, otra para Llorach. Los botones de color café, que haya 9 desde el cuello hasta abajo. Si pudiera ser que no lo viesen las hermanas otras, si no es alguna que tú necesites. Hacedlo cuando podáis”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 27/2/1878 (CCS Ref.113-114 **AGSTJ** Vol.2 pág.12) Ed. 1969, n.58.

<sup>419</sup> Sublinhado no original, cf. a [T@/03](#).

<sup>420</sup> Carta às Irmãs da Companhia, Barcelona, 26/9/1877 (CCS Ref.65 **AGSTJ** Vol.1 pág.35) Ed.1969, n.31.

incentiva para que escrevam, sistematicamente, partilhando a caminhada em todas as áreas: “Fora a preguiça. Cada semana carta fechada: como estais de saúde na alma e no corpo<sup>421</sup> .

Assim se nota que faz parte do projeto pedagógico proporcionar condições para que a pessoa se sinta com liberdade de manifestar o que necessita<sup>422</sup>. Manifesta-se especial empatia e comunhão em momentos difíceis que alguém esteja atravessando<sup>423</sup>: “[...] que tem o teu coração? [...] Podes falar com franqueza de filha, a quem sabes o quanto te ama no Senhor e nada mais deseja do que se cumpram os desígnios de Deus ti, Enrique de Ossó”<sup>424</sup> .

Na pedagogia do amor, o educador deve ter a sensibilidade de buscar o método mais adequado, especialmente quando um determinado grupo apresenta dificuldades. Entre outras sugestões que Enrique de Ossó dá, quando outras formas não funcionam, a repetição de algumas máximas simples, pode ser um método para que a mensagem evangélica chegue ao coração da pessoa. O demais, deve-se esperar e orar, pois a graça de Deus atuará no seu devido tempo<sup>425</sup> .

O educando, ao sentir-se amado, como Deus o ama, através da pessoa do educador, é estimulado à vivência desse amor, gerando mais vida ao seu redor.

## 2.4.2.

### Uma educação personalizada

---

<sup>421</sup> Carta a Rosario Elíes, 4/6/1879 (CCS Ref.1533 **AGSTJ** Vol.16 pág.21). Segundo a Ed.1969, n.97, nota 1, Rosario Elíes e Genoveva Queralt eram noviças ou *educandas*.

<sup>422</sup> “Si necesitas para el viaje, pídelo a la hermana Mayor”. Carta a Agustina Alcoverro, Tortosa 19/8/1877 (Inédita em CCS Ref.823 **AGSTJ** Vol. 9 pág.109).

<sup>423</sup> “Cuenta siempre con las oraciones”. Carta a Agustina Alcoverro, 17/8/1877 (CCS Ref.1579 **AGSTJ** Vol.16 pág.88) Ed.1969, n.26. Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa,8/9/1877 (CCS Ref.63 **AGSTJ** Vol.1 pág.34) Ed.1969, n. 29. Estas cartas não explicitam qual a dificuldade que estão passando. Porém, é o período onde algumas do grupo das fundadoras da Companhia se retiraram.

<sup>424</sup> Carta a Saturnina, Tortosa, 9/11/1877 (CCS Ref.695 **AGSTJ** Vol.7 pág.104) Ed. 1969, n.35.

<sup>425</sup> “A esas niñas tan niñas debéis repetirles muchas veces máximas de vida eterna, cortas al estilo homeopático, como dice el Tesoro de la Juventud, que todas deben tener. Es un campo estéril. Pero la paciencia todo lo alcanza”. Carta Carmen Cavaría, Superiora de Mérida (Méjico), Roma, 13/6/1894 (Inédita em CCS Ref.1967 **AGSTJ** Vol.19 pág.67). “Además debéis procurar repetirles muy a menudo sentencias breves, que se les graben en el corazón, esperar y orar, que la gracia dará su fruto, y sobre todo vosotras tendréis vuestro premio”. Carta às Irmãs de Montevideo, 13/6/1894 (**AGSTJ** Vol.30 pág.12 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario7’ pág.54-55) Ed.1969, n. 463.

Ao grupo fundante da Companhia de Santa Teresa de Jesus, Enrique de Ossó prioriza um acompanhamento sistemático<sup>426</sup> a fim de lhes proporcionar crescimento em todos os aspectos<sup>427</sup>. Conhece e orienta não só o grupo, mas particularmente cada formanda<sup>428</sup>. Utiliza o recurso do educador que sabe incentivar e também exigir<sup>429</sup>. Ajuda-as a se trabalharem nos pontos necessários<sup>430</sup>: “Estais todas aqui para vos aprimorar, polir e aperfeiçoar, e isso já o sabeis, que é obra do tempo e da graça. A paciência tudo alcança”<sup>431</sup>. Favorece o processo do discernimento<sup>432</sup>.

Através do acompanhamento pessoal e contínuo, Enrique de Ossó se empenha em ajudar a pessoa para desabrochar no seguimento de Jesus Cristo. Assim, tem a preocupação de educá-las a fim de se tornarem “capitães” do Reino de Deus<sup>433</sup>, como Teresa de Jesus: “Peço ao bom Jesus e sua Teresa para que sejam outras Teresas de Jesus [...]”<sup>434</sup>. Incentiva

---

<sup>426</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 3/2/1878 (CCS Ref. 155-156 **AGSTJ** Vol.2 pág.33) Ed.1969, n.49. Cf. Carta a Cinta Talarn (Maella), Jesús, 17/2/1880 (Inédita em CCS Ref.1-2 **AGSTJ** Vol.1 Pág.54).

<sup>427</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 7/2/1878 (Inédita em CCS Ref.109-110-111 **AGSTJ** Vol.2 pág.11). Cf. Carta a Saturnina Jassá, Batea, 20/8/1879 (Inédita em CCS Ref.1333-1334- 1335 **AGSTJ** Vol.14 pág.21). Cf. Carta a Teresa, Tortosa, 3/12/1876 (CCS Ref.1192 **AGSTJ** Vol.12 pág.153) Ed.1969, n.13.

<sup>428</sup> “Ya eres Saturnina y déjate de disfarces. [...]¿Cómo sigues? ¿Cómo se halla tu espíritu? ¿Duermes? ¿Comes? ¿Descansas? ¿Qué te dice el corazón? Deus te guarde, minha filha, e te faça tão santa e sábia como pede o teu Pe. E C., que te abençoa, Enrique de Ossó”. Carta a Saturnina, Tortosa, 10/5/1877 (CCS Ref.973 **AGSTJ** Vol.10 pág.87) Ed. 1969, n. 21. “¿Por qué no han escrito todas? Faltan muchas”. Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 10/9/1883 (CCS Ref.1311-1312 **AGSTJ** Vol.14 pág.12) Ed. 1969, n. 256.

<sup>429</sup>Cf. Carta a Teresa, Tortosa, 16/3/1877 (Inédita em CCS Ref.391 **AGSTJ** Vol.4 pág. 95). Sobre a destinatária cf. nota da [T@/03](#).

<sup>430</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Tarragona, 30/5/1879 (CCS Ref.249 **AGSTJ** Vol.3 pág.28) Ed.1969, n.96.

<sup>431</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 7/2/1878 (Inédita em CCS Ref.109-110-111 **AGSTJ** Vol.2 pág.11).

<sup>432</sup> Cf. Carta a Agustina Alcoverro, Tortosa 6/4/1877 (Inédita em CCS Ref.1023 **AGSTJ** Vol.11 pág.15) A Ed. 1969, n.17, faz a seguinte observação. “Fundadora, n.7 da Companhia de Santa Teresa de Jesus”.

<sup>433</sup>Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 25/10/1877 (Inédita em CCS Ref.16-15 **AGSTJ** Vol.1 pág.13). Cf. Carta a uma aspirante, 6/2/1877 (CCS Ref.1733 **AGSTJ** Vol.17 pág.152) Ed. 1969, n.15. Cf. Carta a Teresa Guillamón, 6/2/1877 (Inédita em CCS Ref.1178 **AGSTJ** Vol.12 pág.146).

<sup>434</sup> Carta a M<sup>a</sup> Cinta Tarlan, Castellfort, 17/7/1878 (Inédita em CCS Ref.167 **AGSTJ** Vol.2 pág.89).

para serem santas e sábias, como Teresa de Jesus<sup>435</sup>, evitando tudo o que desvia dessa meta<sup>436</sup>.

Orienta às formadoras para atenderem individualmente as formandas e que, durante duas ou três vezes por semana, tenham um encontro particular com cada uma a fim de escutá-las e animá-las nas dificuldades<sup>437</sup>.

Corrigir a pessoa em particular: “Fale com Llorach a sós, em particular, anime-a [...]”<sup>438</sup>. “Chame-a alguma vez à sós e advirta-a de suas faltas. Porém que saiba, sempre, que o fazes para o seu bem”<sup>439</sup>. Educar para uma atitude de fidelidade nas pequenas coisas: “Quem não é fiel no pouco, também não será no muito”<sup>440</sup>.

### 2.4.3.

Um jeito pedagógico de liderar um grupo

Na relação com as pessoas, qualquer função de coordenação é uma arte. Segundo Enrique de Ossó, alguns critérios são fundamentais: ter objetividade<sup>441</sup>, metas claras e perseguí-las; amar e ser pessoa

---

<sup>435</sup> “recibida la tuya con agrado al ver los deseos que te animan de hacerte santa y sabia como tu Madre Teresa”. Carta a Agustina Alcoverro, Tortosa 6/4/1877 (Inédita em CCS Ref.1023 **AGSTJ** Vol.11 pág.15) A Ed. 1969, n.17, faz a seguinte observação: “Fundadora, n.7 da Companhia de Santa Teresa de Jesus”.

<sup>436</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 31/3/1878 (Inédita em **AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.4’- copia autenticada). Cf. Carta a Cinta Talarn (Maella), Jesús, 17/2/1880 (Inédita em CCS Ref.1-2 **AGSTJ** Vol.1 pág.54).

<sup>437</sup> “[...] dos o tres veces a la semana, llámalas a cada una por sí, y con llaneza, te digan sus tentaciones y pesares, etc., y animalas. Casi todas son novicias y lo necesitan mucho. Procura, hija mía, ensanchar corazones y ámalas con ternura y cariño de verdadera madre, y así todo será fácil”. Carta a Dolores Llorach, Jesús, 20/1/1882 (Inédita em CCS Ref.1283-1284 **AGSTJ** Vol.13 pág.99).

<sup>438</sup> Carta a Teresa Plá, 1878/79 (Inédita em CCS Ref.259 **AGSTJ** Vol.3 pág.33); “Anima sobre todo a la Hna. Llorach. Espero que después de corregirse de su genio, se corregirá en el aseo exterior. No lo pierdas de vista, pues creo es de la que más necesita ser corregida con tino y con amor. Hay buena voluntad y eso basta”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 7/2/1878 (Inédita em CCS Ref.109-110-111 **AGSTJ** Vol.2 pág.11).

<sup>439</sup> Carta a Cinta Talarn (Maella), Tarragona, 5/4/1880 (Inédita em CCS Ref.271-272 **AGSTJ** Vol.3 pág.92).

<sup>440</sup> Carta a Teresa Plá, 1878/79 (Inédita em CCS Ref.259 **AGSTJ** Vol.3 pág.33).

<sup>441</sup> “¿Qué trabajos y apuros pasáis? más siento lo digáis así, vagamente, que el que lo digáis detallado. Así se puede remediar, del primer modo no. O no lamentaros conmigo de trabajos, o decid cuáles, cuántos, cómo se pueden remediar”. Carta a Agustina Alcoverro (Barcelona), Jesús, 21/5/1890 (CCS Ref.961 **AGSTJ** Vol.10 pág.131) Ed. 1969, n.420.

acolhedora “[...] não se canse de aceitá-las e amá-las [...]”<sup>442</sup>; procurar mandar pouco, se deseja que atendam às muitas solicitações<sup>443</sup>.

Como Deus, amar com entranhas maternas<sup>444</sup>: “[...] tem para com todas entranhas de mãe, procura ser amada para ser obedecida, caminhando à frente em tudo com o exemplo”<sup>445</sup>. Liderar a partir do testemunho de vida<sup>446</sup>. “[...] É preciso ter coração de mãe, minha filha. Ama, sofre, corrige, ensina, edifica com o teu exemplo. Espera e verás grandes coisas<sup>447</sup>. Provocar nas pessoas da comunidade e da missão, a dinâmica do amor e do respeito mútuo: “Deves ser exemplo e espelho [...] tenha amor e coração de mãe, como nossa Santa Mãe Teresa de Jesus para com suas filhas, e assim tudo ficará fácil. Espero que saibam amar-vos como irmãs e respeitar-vos como princesas”<sup>448</sup>.

Conhecer particularmente cada pessoa com suas características, ajudá-las no crescimento “para serem santas e sábias”<sup>449</sup>. “[...] A paciência tudo alcança. Tem um coração magnânimo e não te aflijas”<sup>450</sup>, porque a correção e o aperfeiçoamento das pessoas que lhe são confiadas “é obra do tempo e da graça”<sup>451</sup>. Às vezes se queixava: “Cansa-me tanto o dizer e não ver cumprido”<sup>452</sup>. “Por que não fazeis as coisas como disponho?”<sup>453</sup>.

---

<sup>442</sup> Carta a Rosario Elíes (Montserrat), Roma, 7/6/1894 (CCS Ref.435 **AGSTJ** Vol.5 pág.117) Ed. 1969, n.465.

<sup>443</sup> Cf. Carta a Saturnina Jassá (Barcelona), Jesús, 23/11/1887 (CCS Ref.811-812-813 **AGSTJ** Vol.9 pág.58) Ed. 1969, n. 381.

<sup>444</sup> “Aprende y medita muchas veces aquella máxima, única de buen gobierno de tu Santa Madre: ‘Procura ser amada para ser obedecida’. Éste, hija mía de mi alma, es el gobierno de Dios. En Él confía y nunca serás confundida”. Carta a Rosario Elíes (Montserrat), Roma, 7/6/1894 (CCS Ref. 435 **AGSTJ** Vol.5 pág.117) Ed. 1969, n.465.

<sup>445</sup> Carta a Agustina Alcoverro, Jesús, 27/2/1881 (CCS Ref.1043 **AGSTJ** Vol.11 pág.25) Ed. 1969, n. 171. Cf. Carta a Saturnina Jassá, Tortosa, 30/9/1878 (CCS Ref. 977-978 **AGSTJ** Vol.10 pág.89) Ed. 1969, n. 80. Cf. Carta Carmen Cavaría, Barcelona, 18/5/1885 (Inédita em CCS Ref.1938 **AGSTJ** Vol.19 pág.73).

<sup>446</sup> “A las hermanas trátalas con amor y firmeza, y al propio tiempo que hallen en ti una madre, deben hallar una santa, siendo el espejo en que se miren. Procurad mucha unión y paz, que es fruto de la humildad y caridad [...] procurad ser predicadoras de obras. Todo se pasa”. Carta a Cinta Aguilar, Jesús, 21/10/1884 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.57 - copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.53).

<sup>447</sup> Carta a Francisca Valldepérez, Barcelona, 2/3/1884 (CCS Ref.487-488 **AGSTJ** Vol.5 pág.92) Ed. 1969, n. 279.

<sup>448</sup> Carta a Dolores Llorach, Tarragona, 3/6/1879 (Inédita em CCS Ref.1463-1464-1465 **AGSTJ** Vol.15 pág.35).

<sup>449</sup> Carta a Saturnina e Cinta, Tortosa, 11/1/1879 (Inédita em CCS Ref.981 **AGSTJ** Vol.10 pág.91).

<sup>450</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 3/1/1878 (CCS Ref.115-116 **AGSTJ** Vol.2 pág.13) Ed. 1969, n. 41. Conferir o que dissemos no item 2.1.4 sobre a concepção teresiana da paciência e sobre como esta concepção foi retomada por Enrique de Ossó.

<sup>451</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 3/1/1878 (CCS Ref.115-116 **AGSTJ** Vol.2 pág.13) Ed. 1969, n. 41.

Valorizar e confiar nas pessoas. Saturnina é Postulante há dois meses, e no entanto é consultada por Enrique de Ossó para opinar sobre quem poderia ser a coordenadora geral da Companhia<sup>454</sup>. Na crise interna do primeiro grupo, as que foram embora tentaram influenciar negativamente as outras. No entanto, Enrique de Ossó confia na tímida Teresa Plá<sup>455</sup>; coloca-a na liderança do grupo, desafiando-a a ser uma peça importante para a superação da crise<sup>456</sup>. Solicita a uma formanda a avaliação de um documento que somente o Bispo e seu Orientador espiritual tiveram acesso<sup>457</sup>. Com um jeito pedagógico todo especial de confiança, entrega uma carta à Teresa Plá, que vai em peregrinação a Monserrat em nome da Companhia de Santa Teresa de Jesus, para ser aberta e lida aos pés da Mãe: “[...] Peça à Virgem que coloque sob sua proteção esta Obra, como lhe pedi ao visitá-la no ano passado [...] que a Companhia [...] seja sempre a obra que dê maior honra e glória a Jesus, Maria, José e Teresa de Jesus [...]”<sup>458</sup>.

Priorizar a atitude de inspirar, instruir e prevenir, em vez de somente corrigir, pode ser a melhor pedagogia de quem está à frente de um grupo<sup>459</sup>.

Desenvolver a capacidade de ler e compreender a vida das pessoas. Nos momentos de crise, oferecer os meios necessários para sua pronta recuperação. Poder expressar: “Conte sempre com as orações de

---

<sup>452</sup> Carta a Teresa Plá, 1878/79 (Inédita em CCS Ref.259 **AGSTJ** Vol.3 pág.33).

<sup>453</sup> Carta a Teresa e Saturnina, Maspujols, 19/1/1879 (Inédita em CCS Ref.282-283 **AGSTJ** Vol.3 pág.44).

<sup>454</sup> “Vale mucho la Plá, si no fuese tan tímida, aunque ya se le pasará con el tiempo y la gracia.[...] ¿No te parece sería a propósito ésta en lugar de Mayor?”. Carta a Saturnina, junho de 1877 (Inédita em CCS Ref.897 **AGSTJ** Vol.9, pág.94).

<sup>455</sup> Cf. Carta a Saturnina, junho de 1877 (Inédita em CCS Ref.897 **AGSTJ** Vol.9, pág.94).

<sup>456</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 13/9/1877 (Inédita em CCS Ref.43-44 **AGSTJ** Vol.1 pág.26).

<sup>457</sup> “En estos días de descanso puedes hojear y meditar el adjunto borrador: y te encargo hagas al margen notas y observaciones que te ocurran. Pide mucha luz a Jesús y Teresa y al Espíritu Santo para que nos inspire a todos lo que ha de ser más conducente a su mayor honra y gloria. Hazlo sin que nadie absolutamente lo sepa y lo advierta, y cuando yo vaya hablaremos. Nuestro Prelado y D Jacinto tienen otro igual”. Carta a Saturnina, Tortosa, 10/5/1877 (CCS Ref.973 **AGSTJ** Vol.10 pág.87) Ed.1969, n.21.

<sup>458</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 6/5/1877 (**AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.44 – copia autenticada) Ed. 1969, n.19; cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 5/5/1877 (**AGSTJ** PIB - caja archivador 4- Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.42 – cópia autenticada) Ed. 1969, n.18.

<sup>459</sup> Carta Carmen Cavaría, Superiora de Mérida (México), Roma, 13/6/1894 (Inédita em CCS Ref.1967 **AGSTJ** Vol.19 pág.67).

teu Padre e Capelão”<sup>460</sup>, é fonte de confiança e certeza de que a pessoa não está sozinha, de que pode contar com alguém.

Amar e tratar de forma maternal<sup>461</sup>. Compreender as fraquezas humanas e saber lidar com o ser humano, priorizando o amor e o incentivo acima da repreensão<sup>462</sup>. Corrigir com discrição. Saber distinguir as falhas voluntárias das involuntárias. Estas, corrigir com muito amor, disfarçando as outras<sup>463</sup>. Ser presença que anima e consola<sup>464</sup>: “Com a Ir. Encarnação debes ter muita doçura e amor. Chama-a a sós, corrige-a, anima-a e dilata-lhe o coração”<sup>465</sup>.

Caso o grupo ainda não seja o que deve ser, é necessário ter muita paciência. Considerar a própria caminhada, pois “[...] tu mesma ainda não és o que debes ser, apesar de tantos exercícios [...]. Tenha um coração magnânimo. Não te deixes levar pelos impulsos momentâneos”<sup>466</sup>.

Ter uma relação pessoal<sup>467</sup>, aplicando a pedagogia de acolher a pessoa na sua realidade, saber escutar<sup>468</sup> e animá-la no seu crescimento pessoal: “Encoraja a essas Irmãs. Procura conversar com cada uma delas, num tempinho a sós, pelos menos duas vezes por semana, ou com mais

---

<sup>460</sup> Carta a Agustina Alcoverro, Tortosa 17/8/1877 (Inédita em CCS Ref.823 **AGSTJ** Vol. 9 pág.109).

<sup>461</sup> “[...]¿Y tú? ¿Cómo andas de salud de alma y cuerpo? ¿Haces conferencias maternas a esas tus hijas que vienen ¡pobrecillas! cansadas de trabajar todo el año, a reforzarse y regalarse en el seno de su madre? Penétrate bien de este pensamiento y animalas y consuélalas y sé verdadera Madre. Instruye, corrige, avisa, etc. pero todo con amor y paz”. Carta a Rosario Elies (Barcelona), Roma, 21/7/1894 (Inédita em CCS Ref. 447 **AGSTJ** Vol.5 pág.121).

<sup>462</sup> Carta às Irmãs Teresas Plá e Blanch, Barcelona, 28/7/1884 (Inédita em CCS Ref. 669 **AGSTJ** Vol.7 pág.40).

<sup>463</sup> “¿Ya sabes ser verdadera madre en medio de tantas hijas? ¿Ya las acaricias y regalas?[...]”. Carta a Francisca Valldepérez, Jesús, 10/7/1884 (Inédita em CCS Ref.479 **AGSTJ** Vol.5 pág.88). Francisca Valldepérez está de superiora em Roda. Cf. Carta a M<sup>a</sup> Cinta Talam, Tortosa, 10/9/1879 (Inédita em CCS Ref.187 **AGSTJ** Vol.2 pág.97).

<sup>464</sup> “Consuelen a D<sup>a</sup>. Dolores, que me dice está triste porque se le ha muerto un hermano muy bueno”. Carta a Francisca Valldepérez e Carmen Chavarría, Tarragona, 24/7/1884 (Inédita em CCS Ref.537 **AGSTJ** Vol.6 pág.72).

<sup>465</sup> Carta a Francisca Valldepérez, Barcelona, 2/3/1884 (CCS Ref.487-488 **AGSTJ** Vol.5 pág.92) Ed. 1969, n. 279.

<sup>466</sup> Carta a Cinta T., Jesús, 8/6/1880 (Inédita em CCS Ref.161-162 **AGSTJ** Vol.3 pág.86).

<sup>467</sup> “¿Cómo seguís, hijas mías?”. Carta a Cinta Talam (Maella), Tarragona, 17/12/1879 (CCS Ref.261-262 **AGSTJ** Vol.3 pág.87) Ed.1969, n. 112. “Tu hermanita parece no viene. [...] No pude ver a su madre, pues estaba en Jesús concluyendo ejercicios a las Teresianas”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 3/2/1878 (CCS Ref. 155-156 **AGSTJ** Vol.2 pág.33) Ed. 1969, n. 49.

<sup>468</sup> “¿Qué hacéis tan calladitas? Cada semana quiero carta tuya y de las pequeñas dándome cuenta de cómo os halláis de alma y cuerpo y de las niñas”. Carta às Irmãs de Gracia, Tortosa, 11/8/1880 (Inédita em CCS Ref.362 **AGSTJ** Vol.4 pág.33).

frequência, se o necessitarem. São tuas filhas e debes cuidar bem delas. Não te canses de aceitá-las com paciência e de corrigi-las [...]”<sup>469</sup>.

Governar descentralizando o poder<sup>470</sup>. Fazer o papel de articulação entre as várias pessoas e grupos<sup>471</sup>. Participar de tudo o que acontece, porém saber delegar as diversas tarefas<sup>472</sup>. Confiar nas pessoas<sup>473</sup> e no grupo, contando com a sua colaboração: “[...] conta sempre com tuas irmãs [...]”<sup>474</sup>. Consultar e tomar decisões congregadas<sup>475</sup>.

Cumprir as regras, sim, mas ter em conta que a pessoa humana está acima da lei. Com muita ternura e delicadeza Enrique de Ossó se preocupa com a jovem que recém chegou à Companhia. Quebrando a norma estabelecida no grupo, escreve à responsável para que Teresa Plá durma no mesmo quarto da jovem Saturnina<sup>476</sup>.

Respeitar a privacidade das pessoas<sup>477</sup>. Dar condições para que tenham liberdade de se comunicar abertamente, sem restrições<sup>478</sup>. A pessoa deve ter o direito de se corresponder de forma privada<sup>479</sup>.

---

<sup>469</sup> Carta Teresa Plá, (Vinebre), Barcelona, 24/2/1881 (CCS Ref.450-451 **AGSTJ** Vol.5 pág.27) Ed. 1969, n. 169.

<sup>470</sup> Enrique de Ossó vai aos poucos descentralizando sua tarefa de ser o responsável último da Companhia de Santa Teresa de Jesus: “Al Fundador no tenéis obligación de escribir, pero podéis hacerlo tú y Hermanas siempre que queráis y en el modo que os agrade más”. Carta a Josefa Llatse (Alicira), Jesús, 19/9/1887 (CCS Ref.729-730-731 **AGSTJ** Vol.8 pág.108) Ed. 1969, n. 376; “Mal hecho de escribirme a mí las cosas que tratas y no hacerlo al mismo tiempo con la Superiora General, porque ya debes saber que a ella habéis prometido reverencia y obediencia”. Carta a Dolores Llorach, Tortosa, 30/12/1882 (Inédita em CCS Ref.1189 **AGSTJ** Vol.12 pág.49).

<sup>471</sup> Cf. Carta a M<sup>a</sup> Cinta Talarn, Tarragona, 8/11/1878 (CCS Ref.193-194 **AGSTJ** Vol.2 pág.100) Ed. 1969, n. 85; cf. Carta a M<sup>a</sup> Cinta Talarn, Vilallonga, 29/11/1878 (Inédita em CCS Ref.194-195 **AGSTJ** Vol.2 pág.101).

<sup>472</sup> Cf. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 1/5/1879 (Inédita em CCS Ref.264-263 **AGSTJ** Vol.3 pág.35).

<sup>473</sup> Dinâmica pedagógica para ajudar a Irmã a superar as dificuldades com a participação e discrição da responsável pelo grupo: “Lee la adjunta y, cerrada, dala a la Hna. Mercedes, y dame cuenta de su nuevo comportamiento. Tú seas prudente y nada le digas de la carta, pero sírvate para tu gobierno”. Carta a Magdalena Amargós, Barcelona, 27/2/1886 (Inédita em CCS Ref.1434 **AGSTJ** Vol.1 pág.120).

<sup>474</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 29/11/1877 (Inédita em **AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.35- copia autenticada).

<sup>475</sup> “Léelo a las hermanas esta inscripción, y que digan lo que les ocurra si algo hay que mejorar [...]”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 16/2/1878 (Inédita em **AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.24- copia autenticada).

<sup>476</sup> “La Hna. Plá puede estar con Saturnina, o sea, en su habitación para dormir por ahora”. Carta a Dolores Boix, Tortosa, 16/5/1877 (**AGSTJ** PIB – caja archivador 4 - Vol.VI, cuaderno ‘Epistolae’ pág.30 – copia autenticada) Ed. 1969, n. 22.

<sup>477</sup> “Me has disgustado mandando mis cartas a leer a extraños. Ya hallé una mía dirigida a ti sobre la mesa de la Abadía en la que había cosas y después otras me han dicho, que no debías leer más que tú. La regla lo prohíbe. Si hay algo para otros díselo de

As Cartas revelam, certamente com mais facilidade que outros escritos de Enrique de Ossó, o seu modo pedagógico vivencial de se relacionar com as pessoas. Ele tem a preocupação de orientar as suas filhas nos cargos de liderança. Como o fio condutor da sua vida é o de seguir e proclamar a Boa Nova de Jesus Cristo, Enrique de Ossó orienta as lideranças da Companhia de Santa Teresa de Jesus, para se identificarem com o Mestre. Isso é evidenciado nas atitudes que Enrique de Ossó destaca para serem levadas em consideração no relacionamento educativo com as pessoas, como, por exemplo, a capacidade de amar, acolher, conhecer, valorizar e instruir. Destaca a importância de terem uma relação pessoal, muita paciência e confiança. Até mesmo em relação às normas, estas devem ser adequadas às situações e pessoas. Enfim, esse parece ser o jeito humano integrador de Jesus. E, Enrique de Ossó, identificando-se com o Mestre, assume, em sua vida e ação, essa pedagogia relacional de Jesus, aplicando-a na orientação às Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

---

palabra y nada les muestras de lo escrito". Carta a Teresa Plá, Tarragona, 15/7/1879 (Inédita em CCS Ref.311-312 **AGSTJ** Vol.4 pág.10).

<sup>478</sup> "Cuidado que abras ninguna carta, ni sé cómo se puede aconsejar que te las den abiertas. Ni tú puedes recibirlas abiertas ni darlas [...]". Carta a Montserrat Fitó, Barcelona, 23/2/1885 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.57 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno 'Epistolario 8' pág.106). Nota da [T@/03](#): "Montserrat Fitó, Superiora de La Fraga (Portugal)".

<sup>479</sup> "He recibido dos cartitas abiertas de las Hermanas de ésa, que tú has mandado. Como has faltado a las santas Reglas recibíéndolas, cumple la penitencia que imponen". Carta a Saturnina Jassá, Jesús, 12/12/1883 (Inédita em CCS Ref.787-788-789-790 **AGSTJ** Vol.8 pág.45).

#### 2.4.4. Teresianas educadoras para “regenerar o mundo”

“[...] tenho feito companhia com a vossa  
Companhia e me são comuns alegrias e pesares”<sup>480</sup>.

##### 2.4.4.1.

Um horizonte a alcançar

É possível perceber na estrutura do grupo iniciante da Companhia de Santa Teresa de Jesus a clareza da missão do Carisma teresiano, a vivência da oração, o alto estímulo do fundador, que faz com que este grupo acredite no próprio potencial a partir da entrega e confiança em Deus. Enrique de Ossó, com uma pedagogia extraordinária, propõe ao grupo uma grandiosa meta: a missão de realizar o Reino de Deus na realidade onde vivem. E, com muita clareza, aponta para os meios necessário a fim de realizar tal empreendimento: a vida de oração<sup>481</sup>, o autoconhecimento, a vivência em grupo – a comunidade, a partilha, a formação, a missão de zelar pelos interesses de Jesus<sup>482</sup>. Na RT de outubro de 1876, encontramos um primeiro escrito onde se pode notar detalhes do grupo iniciante da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Segue a transcrição na íntegra:

“Mãe de minha alma<sup>483</sup>, pela primeira vez em teu dia, com o coração cheio do mais puro gozo, a porção predileta de tuas filhas te felicita. Reunidas sob um mesmo teto, animadas pelo mesmo ideal, observando as mesmas práticas de piedade, com um mesmo espírito de zelo pelos teus interesses, que são os de

---

<sup>480</sup> Carta à Saturnina e demais Irmãs, Vinebre, 17/8/1879 (CCS Ref.1261-1262 **AGSTJ** Vol.13 pág.138) Ed.1969, n.101.

<sup>481</sup> “A las de Ejercicios les podrán hacer alguna conferencia V. y D<sup>a</sup>. Teresa [...]”. Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 16/2/1884 (Inédita em CCS Ref.823-824 **AGSTJ** Vol.9 pág.62). “Tenemos mañana día de retiro todas las Hermanas”. Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 16/2/1884 (Inédita em CCS Ref.1217 **AGSTJ** Vol.13 pág. 118).

<sup>482</sup> “Tu carta me ha llenado de consuelo al ver tus deseos de ganar corazones para Jesús y su Teresa. Ellos te los aumenten y perseveren, para ser con el tiempo madre de numerosísimas hijas de Jesús de Teresa [...]”. Carta a Dolores Llorach, Tortosa, 7/4/1876 (CCS Ref.1259-1260 **AGSTJ** Vol.13 pág.89) Ed. 1969, n. 9. “Escribidme y dime muchas cosas buenas, en especial en cuántos corazones habéis grabado ‘Viva Jesús[...]’”. Carta a Dolores Llorach, Tortosa, 27/4/1876 (CCS Ref.1515 **AGSTJ** Vol.16 pág.20) Ed. 1969, n. 10.

<sup>483</sup> Refere-se a Santa Teresa de Jesus.

Jesus, e foram chamadas por tua amorosa voz para formar tua especial Companhia. Quanto mexe conosco tão merecida distinção, Mãe querida! Quantas de tuas filhas, melhores que nós, não têm igual felicidade!...<sup>484</sup> Desde já, torna-nos tais como tu desejas. Nós não somente fomos chamadas, mas escolhidas para realizar em vida esta altíssima missão, e assim felicitar-te no céu com mil almas que serão conquistadas para teu Jesus, através das nossas virtudes e ensinamentos. *Tuas Filhas da Companhia de Santa Teresa de Jesus*<sup>485</sup>.

A pedagogia ossoniana estimula a articulação entre pessoas que optaram em viver e realizar o Reino de Deus<sup>486</sup>. Anima e incentiva a pessoa na perspectiva de um ideal maior: “Nada te perturbe, nada te espante; é bom sinal que haja contradições. Teu coração, se é teresiano [...] como o de tua Seráfica Mãe Teresa de Jesus, deverá tornar-se maior ainda diante das tribulações [...]. Se Deus é conosco, quem será contra nós?”<sup>487</sup>.

Enrique de Ossó se dirige, de forma carinhosa e incentivadora, com que à jovem que está decidida pertencer ao grupo iniciante da Companhia de Santa Teresa de Jesus, mas que a família, especialmente a mãe, tem colocado muitas dificuldades para tal “[...] teu lugar está reservado. Não demores em ocupá-lo [...] Esperam-te Jesus e sua Teresa. Oh quão feliz serás ali! [...] Se tua mãe não aceitar, nada necessitas levar, além da tua roupa [...]”<sup>488</sup>.

Em crise pessoal, ter a perspectiva de conquistar muitas pessoas para o Reino de Deus é fonte de ânimo, sentido de viver, missão a cumprir, e, principalmente, superação do momento presente “[...] Tudo passa. Tudo por Jesus e para Jesus. [...] Estejas atenta e não te deixes dominar por nenhuma criatura ou afeto desordenado [...] ou impressão do momento. Irás ao céu com muitas almas, porém pelo caminho que Deus quiser [...]”<sup>489</sup>.

---

<sup>484</sup> As reticências são do texto original.

<sup>485</sup> RT, n. 49, outubro 1876, p. 5.

<sup>486</sup> “¿Está ya la Dolores en Barcelona? pues que vaya a ver a la Teresa Plá maestra, que he enviado con el fin de estudiar por superior, en casa D<sup>a</sup> Luisa Ferrer. Es excelente alma, de buen entendimiento y de mejor voluntad me dice D<sup>a</sup> Luisa, y está ya admitida en la Compañía. Creo se alegrarán de verse y conferenciar. Si tú vas por allí hazle una visita también al mismo tiempo que la hagas a D<sup>a</sup> Luisa. Está resuelta a renunciar la plaza para ingresar en la Compañía si se le exige. ¡Cuánto sacrificio! ¡Creo te gustará!”. Carta a Sardá, Tortosa, 27/2/1877 (**AHSIC** 50) Ed.1997, n.48.

<sup>487</sup> Carta a Teresa Plá, 16/2/1877 (Inédita em CCS Ref.31-32-33 **AGSTJ** Vol.1 pág.21).

<sup>488</sup> Carta a Saturnina, 15/2/1877 (CCS Ref.1302 **AGSTJ** Vol.14 pág.7) Ed. 1969, n. 16. Neste período Saturnina Jassá y Fontcuberta pertencia à Arquiconfraria Teresiana, de Calaceite. Era considerada, por Enrique de Ossó, como uma das melhores teresianas de Espanha. É a oitava das Fundadoras da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Em 10 de setembro de 1966 foi iniciado a sua Causa de Beatificação. Cf. Ed. nota 1.

<sup>489</sup> Carta a Agustina Alcoverro, 17/8/1877 (CCS Ref.1579 **AGSTJ** Vol.16 pág.88) Ed. 1969, n. 26. Situamos Agustina e o grupo num período de crise. Estiveram sob

Muitas vezes, a rotina do dia-a-dia pode nos descentrar da meta essencial. Para superar as dificuldades relacionais do grupo, Enrique de Ossó dá orientações direcionando as pessoas para a fidelidade na missão.

“Amái-vos umas às outras. Filhas minhas, reine entre vocês a união e a paz em Jesus; a cordialidade e o respeito. Não haja tristeza, nem misérias de mulheres. [...] Continuai, filhas minhas, em vosso santo apostolado [...] especialmente o zelo pelos interesses de Jesus. Nada vos perturbe, nada vos espante. Só Deus basta”<sup>490</sup>.

Ora pela sua amada Companhia. Expressa seu amor e desejo. A meta é grandiosa e comprometedora para todos seus membros. “Hoje tenho pensado muito na minha amada Companhia [...] que não haja outros corações no mundo que o amem (Jesus) e o façam amar mais e melhor que os escolhidos para a sua Companhia”<sup>491</sup>.

Orienta para alguns cuidados a fim de terem uma boa imagem diante do povo. Na relação com o clero, orienta fazer-se respeitar<sup>492</sup>. Preza para que escrevam corretamente, pois são educadoras<sup>493</sup>. Enrique de Ossó tem sensibilidade para apresentar a fé de acordo com o contexto da época. Por isso, insiste no processo hoje

---

influência de algumas que fizeram parte do grupo das Fundadoras e que, pouco tempo depois, deixaram a Companhia de Santa Teresa de Jesus.

<sup>490</sup> Carta às Irmãs de Vilallonga, Cincorres, 29/10/1878 (Inédita em **AGSTJ**, cuadernos: ‘Epistolario’7 pág.5 e ‘Epistolario’ 8, pág.131 - copias autenticadas).

<sup>491</sup> Carta a Teresa Plá, Burriana, 25/12/1877 (Inédita em CCS Ref.53-54 **AGSTJ** Vol.1 pág.30).

<sup>492</sup> “Mal hecho lo de Mn. Agustín. Mira hija que en los pueblos son muy maliciosos y debéis tener sumo cuidado de vuestro buen nombre [...]”. Carta a Teresa Plá, Tarragona, 15/7/1879 (Inédita em CCS Ref.311-312 **AGSTJ** Vol.4 pág.10). “A Rosalía que no vea fuera de vuestra presencia al Sr. Cura ni le hable, y a solas si conviene advertirle al Sr. Cura, que es muy niña y conviene la trate con seriedad, y sin ninguna contemplación [...]”. Carta a Cinta Talam, (Maella), Tarragona, 5/4/1880 (Inédita em CCS Ref.271-272 **AGSTJ** Vol.3 pág.92).

<sup>493</sup> “He recibido vuestras cartas, plagadas de errores gramaticales [...]”. Carta às Irmãs de Calahorra, Barcelona-San Gervasio, 10/6/1888 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.97 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 7’ pág.88). “[...]faltas de ortografía y sintaxis y prosodia de tus escritos, que a veces no se pueden leer. Deshonra, hija, esto a la Compañía y debes poner todo cuidado. Repasa de firme la ortografía sobre todo”. Carta a Teresa Guillamón, (Inédita em CCS Ref.1234-1235 **AGSTJ** Vol.13 pág.24 Cf. [T@/03:“para fechar”](#)). Cf. Carta a Teresa Guillamón, 7/10/1878 (Inédita em CCS Ref.1174 **AGSTJ** Vol.12 pág.145).

chamado de inculturação na realidade em que estão vivendo. Pode-se observar esta sua preocupação por ocasião da fundação de Fraga, Portugal, onde alerta que “as Irmãs devem falar sempre em Português [...]”<sup>494</sup>.

A notícia de que a Companhia tem, sob sua responsabilidade, mais uma pessoa a ser evangelizada é motivo para celebrar. Uma aluna a mais significa uma pessoa em potencial para *conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-Lo conhecido e amado*: “[...] Celebro por terem mais uma aluna. Fazei-a conhecer e amar a Jesus e a sua Teresa [...]”<sup>495</sup>. Preocupa-se em que as Irmãs preparem-se bem para a missão de educar, especialmente às crianças pequeninas<sup>496</sup>.

A missão de quem pertence à Companhia de Santa Teresa de Jesus é especialíssima. Ser educadora teresiana para regenerar o mundo significa amar a Jesus Cristo, zelar pelos seus interesses, conquistar as pessoas para Ele, torná-Lo conhecido e amado através da educação e do testemunho de vida, tendo como modelo, Santa Teresa de Jesus. É um projeto de vida que exige uma integração profunda entre a espiritualidade e a missão, o interior e exterior da pessoa. Ou seja, um chamado a um discipulado cristão encarnado. Hoje, mais do que nunca, cabe nesse carisma a missão de priorizar as pessoas menos favorecidas, os pobres, aos quais Enrique de Ossó tinha um amor especial, delegando-nos essa missão, como veremos a seguir.

#### **2.4.4.2.**

#### **Prioridade no amor e educação aos pobres**

O cristão não pode estar isento da realidade que acontece ao seu redor. Ou seja, um constante olhar para Deus e ao mesmo tempo

---

<sup>494</sup> Carta a Montserrat Fito, 19/2/1885 (Inédita em **AGSTJ** OSSÓ-CARTAS II pág.60 copia autenticada em **AGSTJ**, cuaderno ‘Epistolario 8’ pág.47). Nota da [I@/03](#): “Montserrat Fitó. Superiora de La Fraga (Portugal)”.

<sup>495</sup> Carta a Teresa Plá, Barcelona, 21/11/1882 (CCS Ref.559-561 **AGSTJ** Vol.6 pág.33) Ed. 1969, n. 228.

<sup>496</sup> “Procurad que Rosalía y Encarnación aprendan bien la dirección de la escuela y enseñanza de párvulos. Que trabajen y os descansen”. Carta a Cinta Talarn (Maella), Tarragona, 5/4/1880 (Inédita em CCS Ref.271-272 **AGSTJ** Vol.3 pág.92).

um olhar para a sociedade em que vive. Perceber, como Jesus de Nazaré o fez, onde estão as pessoas marginalizadas da sociedade, as que mais sofrem, onde o *grito* humano é mais evidente. Na sociedade de Enrique de Ossó, o analfabetismo era gritante, especialmente em relação à mulher.

Como pastor, ama e quer realizar o bem, buscando todos os meios para a obra a que se propõe. Sua preocupação volta-se ao problema da vulnerabilidade a que essas pessoas ficavam expostas. Incentiva nas Escolas Dominicais a partilha do conhecimento, reduzindo assim o analfabetismo. Em sua proposta educativa para a Companhia de Santa Teresa de Jesus, Enrique de Ossó quer atingir a pessoa humana na sua globalidade de aspectos ou dimensões a partir da opção por Jesus Cristo. Seu alvo são as pessoas de todas as classes sociais. Porém, em alguns de seus escritos, especialmente em algumas Cartas do período inicial da fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus, a dimensão da educação gratuita aos pobres é enfatizada.

O texto que segue revela o empenho na busca de apoio por parte das autoridades encarregadas da educação para a realização dessa opção.

“Tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria um Extrato dos Estatutos que regem a Congregação [...]. Observe bem, meu distinto senhor, no dado de que ‘por motivo nenhum são fechados os colégios da Companhia de Santa Teresa de Jesus por serem pobres, aqueles onde se ensina gratuitamente’. A mesma norma é para Espanha, Portugal, África (Orán), onde temos colégios [...]”  
497

---

<sup>497</sup> Carta de 1886 (Inédita em CCS Ref.138-137 **AGSTJ** Vol.23 pág.72). Segundo nota da [T@/03](#), o nome do destinatário está ilegível. Trata-se de um rascunho de carta com a letra de Enrique de Ossó que a Madre Saturnina deveria escrever a uma autoridade. Na [T@/03](#) o texto inicia com a letra maiúscula sendo colocado como pé de página na carta citada. As frases sublinhadas são do texto original.

“EXTRACTO DE LOS ESTATUTOS POR QUE SE RIGE LA CONGREGACIÓN DE LA COMPAÑIA DE SANTA TERESA DE JESÚS, CONSAGRADA CON VOTO A LA ENSEÑANZA DE LAS NIÑAS: El objeto de esta Congregación es la enseñanza de las niñas, para procurar la regeneración del mundo por medio de la educación de la mujer, según el espíritu de la heroína española, Santa Teresa de Jesús. Consta de Ayudantes y Profesoras: las primeras se consagran a las faenas domésticas y ayudan según sus luces, y el tiempo que les queda libre de sus quehaceres propios, a las Profesoras. Las Profesoras enseñan gratuitamente en todos los colegios, a los pobres que se presentan.

Noutra carta solicita à autoridade competente a liberação de um Certificado em que conste que as Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus se “[...] dedicam à educação de meninas, de crianças pequenas de ambos os sexos, e gratuita para os pobres [...]”<sup>498</sup>.

A seguir apresentamos diversas situações onde a prioridade são os mais pobres: “[...] seiais amigos dos pobres[...]”<sup>499</sup>. Por causa da preocupação no atendimento aos mais pobres, a população acolhe com simpatia a nova fundação<sup>500</sup>. Ao tratar sobre as condições da nova fundação, fica acertado que, para cada cinco ou seis alunos que pagam, uma criança pobre tem gratuidade<sup>501</sup>. Nas várias fundações, a gratuidade para os pobres é critério:

“[...] no mês de abril abram vosso colégio de pobres, do Coração de Jesus”<sup>502</sup>; “[...] admitirão gratuidade a todos os pobres [...]”<sup>503</sup>; “[...] cinco

---

Todas las Hermanas de la Compañía de Santa Teresa de Jesús están siempre dispuestas a ocupar el lugar de honor que la obediencia les indique, en cualquier aldea, villa, ciudad o parte del mundo, sin oponer resistencia ni tardanza la más mínima, en donde reclamen su presencia y enseñanza los intereses de las almas, que se pierden la mayor parte por la ignorancia de sus deberes religiosos y sociales”.

<sup>498</sup> Carta a Asunción Mallalol, março de 1891 (CCS Ref.1120 **AGSTJ** Vol.12 pág.120). A nota da [T@/03](#) observa que é um “BORRADOR DEL OFICIO QUE ENVÍA NUESTRO PADRE PARA QUE LOCOPIE LA HERMANA Asunción Mallol, Superiora de Tarragona” destinado ao Governador da Província de Tarragona. (Ob.: A letra maiúscula é do texto original cf. [T@/03](#) ).

<sup>499</sup> Carta a tia Maria de Ossó, 5/9/1854, (**AGSTJ** PIB - caja archivador 4- n.1 pág.9 - copia autenticada). A [T@/03](#) coloca a seguinte nota: “Destinatária y fecha tomadas de la carta editada. En la copia autenticada no están. Cf. Marcelo GONZÁLEZ MARTIN, **Enrique de Ossó. la fuerza del sacerdocio**, op. cit., pp. 35-36.

<sup>500</sup> “Ha caído muy bien esta obra [...] porque hay la educación gratis para los pobres. Sea Dios bendito”. Carta a Teresa Plá, Tortosa, 18/5/1878 (Inédita em CCS Ref.217-218-219 **AGSTJ** Vol.3 pág.15).

<sup>501</sup> “Irán las tres hermanas por fin, a principios de año, con el abono de 10 o 12 mensuales, pagados por trimestres o semestres adelantados por ese Municipio o principales, y además, casa decente para su habitación. Lo que se saque de las niñas será, además de esto, para las Hermanas, y a los pobres se les enseñará gratis. Por cada cinco o seis que paguen, pueden tener una gratis. Cuando haya más local, más podrán tener”. Carta ao Cura de Vilallonga, Barcelona, 12/11/1882 (Inédita em CCS Ref.43-44 **AGSTJ** Vol.3 pág.142).

<sup>502</sup> Carta a Magdalena Amargós (Barcelona), 1884 (CCS Ref.1478 **AGSTJ** Vol.15 Pág.137. Cf. [T@/03](#): “para fechar”). Em relação à data, a [T@/03](#): “para fechar” coloca a seguinte nota: “Es el tiempo que estuvo la Hna. Magdalena Amargós en Barcelona, después fue a Enguera. En **AGSTJ** Vol.29 pág. 36 está copiado en limpio este borrador con nuevas correcciones y añadidos - muy interesantes - de Enrique de Ossó”.

professoras para ensinar de graça às crianças pequenas e aos pobres da escola elementar [...]”<sup>504</sup>.

Nas advertências para as fundações de Portugal fica claro que as Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus têm a missão de educar a todos os que se apresentarem para o ensino na Educação infantil e Elementar<sup>505</sup>, porém se comprometem a ensinar gratuitamente aos pobres. Na África, em Orán, é defendida a continuidade ao atendimento às meninas pobres<sup>506</sup>. Em Puebla, México, são enviadas mais Irmãs a fim de atender os pobres: “[...] Concordo que mais duas Irmãs possam ir a Puebla para encarregar-se dos pobres [...]”<sup>507</sup>.

Enfim, a Companhia de Santa Teresa de Jesus, desde seu fundador, tem um esmero especial em dar todo o espaço possível para proporcionar a educação aos mais pobres. Entende que, tirar uma pessoa da ignorância, ajudá-la a se desenvolver em todas as suas dimensões significa resgatar a sua dignidade de criatura, feita à imagem e semelhança de Deus.

---

<sup>503</sup> Carta a Asunción Mallalo, Barcelona, San Gervasio, 14/6/1893 (Inédita em CCS Ref.1108 **AGSTJ** Vol.12 pág.14).

<sup>504</sup> Carta ao Sr. Antonio, Almunia, 18 /11/1882, (CCS Ref.36 **AGSTJ** Vol.1 pág.136). A [T@/03](#) coloca a seguinte nota: “Otro documento con el mismo contenido en **AGSTJ** Vol.29 Pág.38. Parece copiado por Enrique de Ossó”. Noutra carta Ossó especifica as condições: “Acabo de llegar de La Almunia [...]. Por nuestra parte debemos comprometernos: 1º, a tener clase de párvulos gratis; 2º, tener clase elemental, gratis para los pobres, pero los ricos o los que puedan, deben pagar, lo mismo que los de la clase superior. Los párvulos, ya para que después sigan con las Hermanas, y ya porque lo paga la Junta, nos conviene sea gratis”. Carta a Saturnina Jassá, Barcelona, 20/11/1882 (Inédita em CCS Ref.259-260-261-262 **AGSTJ** Vol.3, pág.138). ] Cf. Carta, La Fraga, 12/12/1886 (Inédita em CCS Ref.136 **AGSTJ** Vol.27 pág.45). A carta não tem destinatária(s), provavelmente seria para as Irmãs de La Fraga. São advertências para as fundações de Portugal.

<sup>506</sup> “[...] las Hermanas siempre han cumplido el contrato de ocuparse, cinco de ellas, en la enseñanza de niñas pobres, así en la costura como en leer, etc. pues siempre las ha habido pobres en el Asilo [...]”. Carta a J. Pellicer, 4/4/1891 (CCS Ref.185 **AGSTJ** Vol.23 pág.94). Nota da [T@/03](#): “Borrador de Enrique de Ossó para que la Hna. Rosario Elíes lo escribiera como propio. En **AGSTJ** Vol.29 Pág. 36 está copiado en limpio este borrador con nuevas correcciones y añadidos -muy interesantes- de Enrique de Ossó. Puntualiza hechos que están recogidos en la RT: año XIII, pág. 299; año XV, pág. 362. Y, al final se extiende en el destino dado por Mn. Catá a las limosnas entregadas para las Hermanas y Huérfanas en términos muy semejantes a la carta de 5/8/91 al Obispo de Orán”.

<sup>507</sup> “ou das classes gratuitas” ota da Ed. Carta a Rosário Elíes (S. Gervasio), Madrid, 17/4/1891 (CCS Ref.1727 **AGSTJ** Vol.18 pág.19) Ed. 1969, n. 424.

## CONCLUSÃO

Neste capítulo buscamos apresentar a visão antropológica contida nas Cartas de Enrique de Ossó. Destacou-se o modo como Ossó articula as dimensões fundamentais de espiritualidade e de corporeidade. Ou seja, verificou-se como ele articula as dimensões entre a espiritualidade e a corporeidade na pessoa humana. Enfim, enfatizou-se a constante preocupação presente na vida e obra de Enrique de Ossó: a unidade da pessoa humana, centrando a vida em Jesus Cristo. Enrique de Ossó propõe uma espiritualidade que leva à ação apostólica. Na sua proposta de cultivar a interioridade, *conhecendo e amando a Jesus Cristo* – intimidade com Deus, oração, estudo, autoconhecimento, conversão, ser de Deus, beber da fonte do *castelo interior* onde está presente o Deus de Jesus Cristo - a consequência é óbvia. Tudo isso leva à missão de *tornar Jesus conhecido e amado*, ou seja, à ação missionária. Ao anúncio, à ética, à transformação social, a partir do Evangelho. Na expressão “sede santas e sábias”, com a qual finaliza grande parte de suas Cartas dirigidas às Irmãs, parece sintetizar essa dinâmica que ele deseja ver concretizada.

De uma maneira mais precisa, neste capítulo são apresentadas quatro idéias-síntese.

Em primeiro lugar, assumir um processo integrador entre a corporeidade e a espiritualidade leva a pessoa ao confronto consigo mesma e com os outros. Para tal, faz-se necessário, além de um constante processo de autoconhecimento, partilhar o que passa no interior e, tudo isso exige muita humildade, ou seja, ver-se e assumir-se na verdade. Ter paciência consigo e com as outras pessoas é uma atitude fundamental para enveredar nesse desafiante caminho de crescimento. Enrique de Ossó alerta para a integração de todas as dimensões da pessoa humana, inclusive o cuidado com o corpo, o trabalho e o lazer. Nesse sentido, a comunidade é fonte de apoio e crescimento, tanto pessoal como grupal, em vista da missão. Viver alegres e felizes nada mais é do que o fruto de ter assumido essa integração consigo mesmo e com os outros na identificação com Jesus Cristo, amando a vida e a missão.

Em segundo lugar, Enrique de Ossó mostra que a pessoa humana é convidada a viver, com equilíbrio, todas as dimensões de sua vida, inclusive sua relação com o mundo criado. Para Ossó, o contato

com o mundo criado reporta ao Criador e proporciona meios para a pessoa se integrar consigo mesma, com os outros e com Deus. Estimula ao reconhecimento e louvor para com o Criador por nos ter criado para a felicidade, à sua imagem e semelhança. Portanto, segundo Enrique de Ossó, nossa relação com o mundo criado, com as pessoas, com a vida, com o tempo, enfim, com tudo o que está ao nosso redor, deve ser uma relação de reconhecimento de que tudo nos foi dado gratuitamente pelo Criador. O desafio para o cristão é descobrir o seu sentido existencial, a partir do cristocentrismo da criação, da história e da salvação, colocando-se a serviço do Reino de Deus.

Em terceiro lugar, para Enrique de Ossó, Jesus Cristo, é aquele que se relaciona com o Pai e com a humanidade. Compreendemos esta visão de Deus na opção que Ossó fez em sua vida: amar e contemplar o ser humano com os olhos de Jesus Cristo e, como Ele, se comprometer com as pessoas, para que, descubram e vivam plenamente a sua dignidade de filhos e filhas de Deus, e, conseqüentemente, se relacionam como irmãos e irmãs entre si.

Para Enrique de Ossó, é somente com a graça do Espírito Santo que podemos mergulhar progressivamente na própria interioridade, *conhecer e amar a Jesus Cristo* e assim poder optar por Ele. A decorrência da alegria de ter encontrado o Senhor e o sentido da vida é assumir o caminho do anúncio, ou seja, *torná-Lo conhecido e amado*. Neste sentido, a oração é um meio integrador que leva o ser humano a se relacionar com Deus e a alimentar a realização do projeto do Pai, a exemplo de Teresa de Jesus.

Em quarto lugar, a atitude pedagógica de Enrique de Ossó, presente nas Cartas, é de um constante incentivo para a pessoa ser apóstola do Reino de Deus. Para isso, é imprescindível um processo de contínua conversão, vida de oração, estudo, aprofundamento, discernimento, autoconhecimento e abertura às necessidades da realidade. É uma dinâmica que Enrique de Ossó incentiva constantemente e que leva a pessoa a uma integração consigo, com os outros, com o mundo criado e com Deus.

Finalmente, queremos salientar que, conforme o trabalho realizado neste segundo capítulo, a partir da leitura das Cartas de Enrique de Ossó, constatamos a presença de um eixo central integrador da pessoa humana que perpassou a sua vida e obra. Ele teve a constante preocupação de ajudar as pessoas no cultivo da interioridade, a partir da centralidade na pessoa de Jesus Cristo, trazendo como consequência o enveredamento na missão apostólica. Dito de outra forma, quem conhece e ama a Jesus Cristo, encontra o seu sentido existencial e assim, como Ele, doa a sua vida por amor. Sente-se impulsionado a uma relação integradora consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus. Essa dimensão antropológica, integradora da pessoa humana, aparece com muita evidência nas Cartas de Enrique de Ossó.

O próximo capítulo, apresenta a visão bíblico-ecclesial e a reflexão teológica atual sobre a unidade da pessoa humana nas suas diversas dimensões ou aspectos. Verifica-se se a visão antropológica de Enrique de Ossó está de acordo com a visão de pessoa humana unitária defendida pela Igreja. Analisa-se também se a Companhia de Santa Teresa de Jesus atual, tem sido fiel às intuições do seu fundador.

## **A pessoa humana integrada na reflexão teológica atual e na vida da Companhia de Santa Teresa de Jesus, hoje**

### **Introdução**

No primeiro capítulo, contextualiza-se historicamente a vida e obra de Enrique de Ossó com a finalidade de compreender a resposta evangelizadora dada por ele.

O segundo capítulo apresenta a visão de Enrique de Ossó sobre a pessoa humana integrada a partir de Jesus Cristo. Sendo este um trabalho de cunho teológico-pastoral, neste terceiro capítulo, realiza-se a crítica teológica à compreensão antropológica de Enrique de Ossó. Para isso, aborda-se o tema da pessoa humana integrada, a partir da visão bíblico-ecclesial e da reflexão teológica atual, bem como na vida da Companhia de Santa Teresa de Jesus, por ser herdeira do Carisma Ossoniano.

Sobre esse tema há um vasto e rico material. Selecionaram-se três textos teológicos e os documentos aprovados pelo XV Capítulo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

Este capítulo está dividido em dois itens. O primeiro item apresenta, de forma muito breve, como a reflexão teológica, ao longo da história eclesial, tem enfrentado o dualismo numa fidelidade à visão unitária da Escritura. Em seguida, é abordado o tema da salvação de Jesus Cristo como oferta divina gratuita e integradora que atinge a pessoa humana na sua totalidade de dimensões ou aspectos.

No segundo item, apresenta-se, de forma resumida, como a Companhia de Santa Teresa de Jesus, na atualidade, se mantém fiel às intuições do seu fundador, no que se refere à visão cristã de pessoa humana integrada.

### 3.1.

Salvação de Jesus Cristo: superação do dualismo e visão humana integrada

**Reforça-se que o objetivo deste trabalho é de verificar a relevância do Carisma Ossonianiano para o tempo atual. Foi abordado, em páginas anteriores, a forma como Enrique de Ossó superou a visão dualista de pessoa humana ao propor a polarização da vida em Jesus Cristo. Dando continuidade a esse trabalho, pretende-se, aqui, de forma breve, explicitar como a reflexão teológica atual e o magistério eclesial têm se posicionado na defesa da unidade da pessoa humana. Essa reflexão se fundamenta na Sagrada Escritura, a qual acentua a unidade do ser humano e, ao mesmo tempo, considera-o na sua dualidade ou pluralidade de aspectos ou dimensões. Explicita também a importância que a antropologia cristã dá à totalidade do ser humano, visto que é o ser humano inteiro que aceita ou rejeita a salvação de Jesus Cristo.**

#### 3.1.1.

##### **A reflexão teológica enfrenta o dualismo**

De forma breve, este capítulo reflete sobre o que o cristianismo entende ao assumir e defender uma antropologia unitária, ou seja, uma visão integrada do ser humano, contra qualquer tipo de dualismo. Mas afinal, o que se entende por dualismo, por visão dualista de pessoa humana? Onde está a sua origem? Quais as conseqüências práticas de uma visão antropológica dualista? <sup>508</sup> A visão dicotômica ou dualista é percebida quando,

---

<sup>508</sup>Sobre o tema da infiltração do dualismo antropológico na vida e na reflexão teológica cristã, leia A. GARCIA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op. cit., pp. 95-114.

“para ressaltar uma dimensão ou aspecto do ser humano, a pessoa é levada a desvalorizar uma outra dimensão ou aspecto. Por exemplo, para acentuar a importância da alma, a pessoa despreza o corpo, para valorizar a razão, desvaloriza o afeto. Ou, ao contrário, para sublinhar a importância do corpo, desvaloriza a alma, para valorizar a afetividade despreza a razão”<sup>509</sup>.

A origem dessa maneira de ver o ser humano é muito antiga<sup>510</sup>. No ocidente, encontra sua raiz na filosofia de Platão e no estoicismo. Para o platonismo e neo-platonismo, a realidade está dividida entre dois mundos opostos - o mundo das idéias e o mundo das coisas - numa estrutura mental predominantemente de oposição-exclusão. Pela alma, a pessoa humana pertence ao mundo divino, eterno, etc. Pelo corpo, pertencemos ao mundo temporal, sensível, etc.

Nessa visão, o que caracteriza o ser humano é a alma; automaticamente o corpo acabará sendo desprezado<sup>511</sup>. Para o estoicismo, a divisão dualista se dá entre a razão e a afetividade. O ser humano é caracterizado pela razão. A dimensão afetiva é desvalorizada.

“No início do mundo moderno, a divisão cartesiana do ser humano entre o pensamento (

---

<sup>509</sup> A. GARCIA RUBIO, **Elementos de Antropologia Teológica – salvação cristã: salvos de quê e para quê?** Petrópolis:Vozes, 2004, p. 24.

<sup>510</sup> F. FIORENZA – J. METZ, observam que a concepção hebraica tem uma visão unitária do ser humano, enquanto que o dualismo é o que melhor caracteriza o influxo histórico helênico, especialmente o platônico. Na concepção grega, é atribuído à alma um valor maior do que ao corpo. Homero imaginava que a força vital, a alma respiratória, abandonava o ser humano ao morrer. A palavra *soma* não significava corpo (vivo), mas *cadáver* ou *corpo*. Essa concepção foi responsável pela desvalorização metafísica do conceito de corpo. Píndalo, sob influxo orfeico, acentua a idéia da divindade da alma. Esta sobrevive à morte do *soma*, libertação da alma. Para Platão o mundo corpóreo é apenas imagem da verdadeira realidade. A matéria é desordem e causa do erro e do mal. Seu pensamento de considerar o corpo como inferior à alma influenciou durante séculos, resultando na atitude de subtrair-se às exigências do corpo e seus apetites e tender para a pureza espiritual numa vida da alma separada do mundo. Esta filosofia teve influência sobre a moral do amor, da educação, da reflexão filosófica acerca do ser humano, sobre a concepção acerca do bem e do mal como também sobre conceitos teológicos. Nossos autores chamam a atenção de que em Aristóteles, ao aplicar o hilemorfismo à problemática de corpo e alma, encontramos as raízes de uma antropologia individualista e sem aspecto histórico. Com Demócrito aponta-se à concepção da perfeição fechada do ser humano. O cosmo é representado como um todo completo numa harmonia preestabelecida, concebendo o ser humano como *microcosmo*. A divinização do cosmo e a concepção de ser humano orientado na perspectiva cosmológica contribui para uma interpretação de ser humano como um ideal fechado, levando a uma concepção de mundo sem história. Neste sentido o pensamento grego está em oposição com a história da salvação, de orientação escatológica do povo hebreu: cf. F. FIORENZA – J. METZ, **O ser humano como união de corpo e alma**, op. cit., pp.28-31.

<sup>511</sup> Cf. A. GARCIA RUBIO, **Elementos de Antropologia Teológica**, op. cit., p. 25-26.

*res cogitans*) e o corpo (*res extensa*) vai aprofundar ainda mais esta perspectiva dualista<sup>512</sup>. O corpo não passa de uma máquina complexa e como tal deve ser tratado. O pensamento é o que define o ser humano como humano. A relação entre o pensamento e o corpo é meramente extrínseca<sup>513</sup>. Assim, tanto no platonismo como no estoicismo encontramos uma visão dualista do ser humano onde a valorização do pensamento, da consciência humana, do sujeito, é feita em detrimento da realidade corpórea. A partir dessa visão dualista do ser humano foram desenvolvidas, no cristianismo, algumas tendências, levando a graves conseqüências como: desprezar o corpo, visto como inimigo da vida espiritual; reprimir o mundo afetivo, ou seja, os sentimentos, as emoções; desvalorizar a sexualidade, reduzindo-a ao aspecto genital biológico; tender a separar o masculino e o feminino como realidades opostas, sendo que o masculino domina e despreza o mundo feminino<sup>514</sup>.

É óbvio que esta visão dualista tem afetado também as diversas dimensões ou aspectos que constituem a riqueza da salvação cristã. Prova disso foi o desafio que o cristianismo teve para comunicar a mensagem evangélica no contexto helênico, quando utilizou elementos da cultura grega para a tematização da fé, correndo assim, o risco da infiltração dualista. Não foi nada fácil para a Igreja lutar contra a influência do gnosticismo e de outras modalidades de dualismo radical. Infelizmente, essa visão dicotômica está profundamente enraizada entre os católicos ao estabelecer a dicotomia entre espírito e matéria, entre fé e vida cotidiana, entre fé e política, entre o divino e humano, entre teoria e práxis etc., “desenvolvendo entre estas realidades uma *oposição-exclusão* com acentuada tendência reducionista<sup>515</sup>”.

### 3.1.1.1.

#### **A visão unitária do ser humano na Sagrada Escritura**

---

<sup>512</sup> Ibid., p. 28.

<sup>513</sup> Cf. A. GARCIA RUBIO, **Elementos de Antropologia Teológica**, op. cit., pp. 27-28.

<sup>514</sup> Cf. Ibid., pp. 28-29.

<sup>515</sup> A. GARCIA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p. 96.

Como anteriormente foi dito, o magistério eclesial enfrentou o dualismo mantendo fidelidade à visão unitária da Escritura. Certamente não encontramos na Sagrada Escritura uma elaboração sistemática sobre a visão unitária ou dualista do ser humano. É verdade contudo que, de forma globalmente considerada, a Sagrada Escritura pressupõe uma visão unitária da pessoa humana. Esta perspectiva unitária encontra o seu fundamento na fé monoteísta no Deus criador-salvador<sup>516</sup>. “No pensamento hebraico [...] o ser humano é visto primariamente como uma unidade de força vital, pela qual ele originária e continuamente está relacionado com Deus e com o mundo político social que o cerca”<sup>517</sup>. Esta concepção monista e global manifesta-se no fato de que as afirmações antropológicas podem ser feitas tanto de cada aspecto do ser humano como também do ser humano todo. A língua hebraica não separa as funções espirituais das vitais do corpo, sendo impossível uma diferenciação entre as atividades da alma e do corpo. Nesse contexto, faz-se necessário examinar o significado dos termos *nefesh*, *rûah basar* e *leb*.

A palavra *nefesh*, de grande importância na antropologia do Antigo Testamento, tem sido traduzida normalmente por “alma”. Originariamente, a palavra *nefesh* significava “garganta”, necessária para a ingestão dos alimentos e para a respiração. Pode também significar pescoço, a parte exterior da garganta. Esta palavra não expressa a vida em geral, mas a vida relacionada a um indivíduo. Não se pode dizer que o ser humano possui uma *nefesh*, mas ele é uma *nefesh*. Por exemplo, quando a garganta sente fome, é o próprio ser humano que tem fome. Nesse contexto, estaria presente o ser humano inteiro, precisamente como ameaçado e necessitado de auxílio, na medida em que ele visa alcançar algo. *Nefesh* também pode ser traduzido por “alma”, mas no âmbito emocional. No Antigo Testamento *nefesh* tem também o significado de “vida”, mas entendida de maneira bem concreta: trata-se do ser vivo determinado - ele é um *nefesh*. Portanto, em todas essas significações, *nefesh* não exprime algo que o ser humano tem, mas seu ser substancial, necessitado na sua procura de vida. Conclui-se que

---

<sup>516</sup> Cf. Ibid., pp. 319 e 323.

<sup>517</sup> F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., p.32.

*nefesh* e “alma” não são termos a que facilmente se possa dar o mesmo significado<sup>518</sup>.

A palavra *rûah* corresponde em muitos pontos ao significado de *nefesh*. É normalmente utilizada para designar vento, vento forte a serviço de *lahweh*. Aplicado ao ser humano, o termo *rûah* significa a “respiração”, a força vital. Frequentemente é aplicado a *lahweh* para significar a força vital criadora. Poucas vezes corresponde ao que chamamos de “espírito”. Por isso, para F. FIORENZA–J.METZ, seria completamente errôneo tomar essa palavra como expressão de uma oposição no ser humano entre “carne” e “espírito”. Com a *rûah* descrevem-se também sentimentos, disposições e estados de ânimo do coração humano. Ela é uma expressão da relação dinâmica entre Deus e o ser humano. É aplicada, às vezes, para exprimir um carisma especial, concedido por Deus, e que capacita a pessoa na realização de uma missão especial na história da salvação. O termo *rûah* tampouco designa uma parte do ser humano, mas a pessoa humana inteira, na sua capacidade de abertura e escuta em relação a *lahweh*<sup>519</sup>.

Também a palavra *basar* tem vários significados. Designa normalmente “carne” em contraposição a “ossos” para dizer o que o grego expressa pelos conceitos *sarx* (carne) e *soma* (corpo). Não pode ser entendida como algo que o ser humano tem, mas o que ele é. Por isso em sentido mais amplo, significa a pessoa toda, podendo também substituir o pronome pessoal. Pode significar “parentesco” e “família”. Em relação aos outros, o hebreu se sente “carne”, ou seja, corporeidade-solidariedade na convivência político social<sup>520</sup>. Num nível antropológico mais profundo, designa ser humano na sua condição de fraqueza e debilidade, no qual não se pode pôr confiança. Em contraposição, só *lahweh* é merecedor de toda a confiança. Por isso, Ele não é *basar*<sup>521</sup>.

---

<sup>518</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp.32-33. Cf. A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., pp. 320-321.

<sup>519</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., p.33. Cf. A. GARCÍA RUBIO, op. cit., pp. 320-321.

<sup>520</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp.33-34.

<sup>521</sup> Cf. A. GARCÍA RUBIO, op.cit., p. 321.

A palavra *leb* ou *lebab*, traduzida para o português como “coração”, é utilizada pela antropologia veterotestamentária com mais frequência que as anteriores. A tradução parece não corresponder à riqueza de significados do hebraico. Para o hebreu, o coração não constitui somente um órgão, mas o centro da responsabilidade perante Deus e o centro de decisão perante a vontade divina. O coração é símbolo da unidade e da liberdade humana. De modo semelhante à aplicação feita a *nefesh* e à *rûah*, o termo *leb* indica os sentimentos e as emoções humanas, os desejos, as aspirações e anelos mais secretos do ser humano. Porém, vem a significar especialmente o que nós chamamos de “razão”<sup>522</sup>, pois o israelita não faz distinção entre o que pertence ao âmbito do conhecimento e ao da escolha, assim, entregar o *leb* significa obedecer e entregar a própria vontade<sup>523</sup>.

O israelita vê o ser humano como uma unidade, como um todo vital, embora reconheça nele a pluralidade de funções e aspectos. Os termos *nefesh*, *rûah*, *basar* e *leb* apontam tanto para aspectos do ser humano como para o ser humano visto como um todo. O Antigo Testamento, globalmente considerado, pressupõe uma visão fortemente unitária de ser humano. Essa perspectiva unitária encontra seu fundamento na fé monoteísta no Deus criador-salvador. E a fé bíblica no Deus criador, leva a rejeitar e a superar as visões dualistas entre espírito e matéria, alma e corpo<sup>524</sup>.

O Novo Testamento, em seu conjunto, também apresenta uma visão unitária de ser humano. Para melhor compreendê-la, faz-se necessário uma abordagem da antropologia judaica palestinese e helenista do séc. I d.C., berço do cristianismo.

O princípio da evolução de uma concepção dualista do ser humano encontra-se no judaísmo helenista. Quando a LXX traduz o termo hebraico *leb* (coração) por *psyché* e divide o cosmo em duas esferas, espírito e carne, pode-se dizer que se inicia a helenização no judaísmo

---

<sup>522</sup> Muito mais do que funções do coração, apontam para características relacionadas com determinados pontos do cérebro.

<sup>523</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp.35-36. Cf. A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., pp. 321-322.

<sup>524</sup> Cf. A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., pp. 322-324.

posterior. Outro elemento dualístico é encontrado no livro da Sabedoria, que, além de separar o corpo da alma, considera a alma superior ao corpo.

Por outro lado, encontra-se nesse mesmo período, o judaísmo palestinese, com um corpo doutrinal bem desenvolvido, e que se apóia na concepção hebraica. A literatura de *Qumrã* e apocalíptica do Antigo Testamento são de muita importância no que se refere à visão unitária de ser humano. Ensinava-se o tema da criação do ser humano à imagem de Deus, em conexão com a fé em Deus criador. Mas, com a influência helênica, a visão do ser humano começa a ser modificada. É reconhecido um princípio espiritual do ser humano, distinto da realidade corporal, com vida independente após a morte. A fé na ressurreição após a morte é mantida, acreditando-se numa reunificação de corpo e alma após um estágio intermediário. Porém, apesar da penetração helênica, o judaísmo palestinese conservou a perspectiva hebraica de uma visão antropológica unitária do ser humano<sup>525</sup>.

Tendo presente o contexto do Novo Testamento, o significado dos termos *psyché*, *sarx*, *pnêuma*, *soma* e *kardia*, apontam tanto para o ser humano inteiro como um aspecto. *Psyché*, designa normalmente a vida do ser humano interior, equivalente ao “eu”, mas é utilizado igualmente para significar a pessoa concreta. Seu conteúdo aproxima-se da *nefesh* hebraica. *Sarx* (carne) equivale ao hebraico *basar*. Significa o ser humano inteiro na sua vida meramente humana. Recebe conotação negativa quando designa o ser humano que se fecha à ação de Deus. O termo *soma*, designa, freqüentemente a pessoa humana inteira. É utilizado para significar tanto o cadáver, quanto o ser humano nas suas manifestações vitais visíveis. *Soma* e *sarx* são utilizados freqüentemente por Paulo como equivalentes. *Pnêuma*, em conexão com a *rûah* hebraico é aplicado para significar tanto o princípio de vida dado por Deus como a pessoa humana. Paulo o utiliza para designar o ser humano inteiro aberto à ação do Espírito Santo, em contraposição à *sarx*, entendida como fraqueza, mortalidade e solidariedade com o pecado. *Kardia*

---

<sup>525</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp.36-38.

(coração), equivalente ao hebraico *leb*. Designa o centro vital do ser humano, principalmente a vida anímico-espiritual. Aponta para o núcleo da pessoa, para a unidade pessoal fundamental do ser humano<sup>526</sup>.

Os termos utilizados pela Sagrada Escritura apontam para o ser humano como um todo, embora seja considerado sob diversos aspectos. Em relação à influência dicotômica grega neotestamentária, a significação helênica é corrigida e situada noutra horizonte de compreensão. É priorizada a tradição veterotestamentária sobre o ser humano, a escatologia cristã e a fé na ressurreição. Com a fé em Jesus Cristo, cabeça da nova humanidade e protótipo do ser humano, as comunidades primitivas clarificam a visão de ser humano. É importante observar que a antropologia cristã, marcada pela cristologia, não autoriza qualquer desvalorização da corporeidade: Deus se fez ser humano verdadeiro, com exceção do pecado, *sarx*<sup>527</sup>, significando a totalidade da pessoa humana, porém sublinhando a caducidade, a fraqueza e a mortalidade. É sempre o ser humano inteiro que aceita ou rejeita a luz<sup>528</sup> que é Jesus Cristo<sup>529</sup>.

### 3.1.1.2.

#### **A defesa da unidade da pessoa na reflexão teológica e no magistério eclesial**

Foi dito anteriormente que a Igreja, em sua missão de comunicar a Boa Nova cristã no mundo cultural helênico, utilizou elementos da filosofia grega a serviço da tematização da fé cristã, correndo o risco de certa infiltração dualista na visão de ser humano e de mundo. Nessas circunstâncias, a Igreja deparou-se com o movimento gnóstico, presente de forma significativa nos ambientes helênicos. Tal movimento de origem hindu e irânico-persa, portanto pré-cristã, tem sua crença na “preexistência da alma, a sua queda e o correspondente castigo de viver num corpo, o desprezo pela

---

<sup>526</sup> Cf. A. GARCÍA RUBIO, op.cit., pp. 324-329.

<sup>527</sup> Cf. Hb 4,15; Fl 2; Jo 1,14.

<sup>528</sup> Cf. Jo 3,16-21.

<sup>529</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp.38-43. Cf. A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p. 324-329.

corporeidade, a salvação obtida mediante o conhecimento da origem e do caráter celeste próprio do ser humano (por causa da sua alma) e mediante o seguimento fiel do caminho indicado pelo 'revelador'<sup>530</sup>.

A gnose tentou reinterpretar a mensagem cristã numa visão antropológica dualista. Tornou-se uma ameaça pois, com seu profundo desprezo pela matéria e pela corporeidade, entrou em choque com as afirmações da fé cristã a respeito da encarnação real de Deus em Jesus Cristo, bem como da ressurreição corporal. Rejeita totalmente a afirmação cristã de que a corporeidade é lugar de salvação, pois, para o gnóstico, a salvação consiste na libertação das amarras que mantêm o espírito preso ao corpo. Diante dessa ameaça, é compreensível a insistência do Novo Testamento, especialmente nos escritos paulinos e joaninos<sup>531</sup>, sobre a importância da *sarx* de Jesus Cristo para a salvação, bem como o valor salvífico atribuído à realidade da ressurreição<sup>532</sup>.

A luta da Igreja contra a infiltração gnóstica não foi nada fácil. Os Padres apologistas, no que se refere à antropologia, mantêm fidelidade à visão cristã unitária de ser humano e à defesa da fé no único Deus criador-salvador, apesar da utilização do instrumental helênico. Segundo F. FIORENZA – J. METZ, Irineu de Lião valoriza positivamente a carne, salientando que ser humano "em seu todo, é uma imagem de Deus, não apenas no espírito, mas também na carne, e que o homem e o mundo se movimentam rumo à 'recapitulatio' em Cristo"<sup>533</sup>.

Ao lado desta linha antropológica que expõe, primariamente, a unidade e a totalidade do ser humano, surgiu outra tendência teológica que aceita o dualismo antropológico helênico como meio de expressão, porém salvando a intencionalidade básica cristã. Essa segunda linha é seguida, no oriente, por Clemente de Alexandria, por Orígenes e em geral pelos Padres da Escola de Alexandria, e, no ocidente, por Agostinho e Lactâncio. Nessa tendência, evidencia-se uma progressiva

---

<sup>530</sup> A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., pp. 330-331.

<sup>531</sup> Cf. 1Cor 6,12-20; 15; Jo 1,14.

<sup>532</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp.43-44. Cf. A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p. 330-331.

<sup>533</sup> IRINEU DE LIÃO cf. Adv. Haer. V, 16,2 (Harvey II 368, 35). E. Scharl, *Recapitulatio Mundi. Der Rekapitulationsbegriff des hl. Iraneus (Friburgo 1941)*. Citado por F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., p. 46.

desvalorização do corpo enquanto a alma racional define cada vez mais aquilo que é o próprio ser humano.

Com Santo Tomás, o problema posto pelo pensamento grego obtém uma resposta, que, embora permaneça fiel à interpretação bíblica<sup>534</sup>, é elaborada com conceituação e categorialidade gregas. Santo Tomás fundamenta filosoficamente a visão unitária cristã de ser humano.

1º) Em primeiro lugar, para Santo Tomás, “corpo e alma são, antes, dois princípios metafísicos dentro de uma unidade primordial do homem, de maneira que toda a atividade do ser humano é uma *opratio totius hominis*”<sup>535</sup>.

2º) A interpretação total do ser humano em Santo Tomás aparece, em segundo lugar, no fato de que o corpo não é valorizado negativamente em relação à alma. A alma é destinada a um corpo, sem ele seria como uma mão decepada do corpo; não só não seria pessoa, mas não poderia começar a existir, uma vez que o corpo é condição da existência da alma. A união de corpo e alma é a salvação da alma. E a corporeidade é uma fonte de bem e não conseqüência de uma queda. “O espírito humano é estruturado de tal maneira, que o homem só pode encontrar a verdade e amar o bem através do caminho de seu corpo”<sup>536</sup>.

3º) Em terceiro lugar, a interpretação unitária de ser humano por Santo Tomás é explicitada no fato de que, com a corporeidade surge a dimensão histórica e social do ser humano. O corpo é simultaneamente o local da comunidade e da abertura para o encontro. Na Teologia de Tomás, a corporeidade representa um papel importante pois a encarnação da misericórdia é mediadora e elemento importante na salvação do ser humano<sup>537</sup>.

Portanto, para Santo Tomás, não existe oposição – exclusão entre alma e corpo, conforme ensinaram todos os dualismos.

---

<sup>534</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., p.53.

<sup>535</sup> SANTO TOMÁS, cf. *III Sent.*, d.31 q. 2a 4c. Citado por F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., p.51.

<sup>536</sup> SANTO TOMÁS, cf. S. TH. I.q. 89<sup>a</sup>.1c.; S. Th. I q. 77 a 6. Citado por F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., p. 51-52.

<sup>537</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., p. 52.

“A alma sem o corpo não se encontra em estado de perfeição maior do que quando unida ao corpo. Pelo contrário, existe sempre uma tendência à complementação: depois da morte a alma continua tendendo para a complementação com o corpo, na expectativa da união final com ele na ressurreição”<sup>538</sup>.

Apesar de Santo Tomás, o dualismo continuará predominando em Ockham, e, de forma mais radical em Descartes, Kant e no idealismo alemão. Na teologia católica em geral, o influxo do dualismo agostiniano continuou presente até o século XX. Porém é sempre um dualismo mitigado, pois a fé no único Deus criador-salvador, a fé na encarnação real de Deus em Jesus Cristo, bem como a fé na ressurreição da “carne”, evitará o dualismo filosófico. A antropologia helênica será utilizada para tematizar a dualidade constitutiva do ser humano: “corpo” e “alma”. O ser humano é espírito e matéria. Essa dualidade não deve tornar-se dualismo, ou seja, levar a uma ruptura –separação entre espírito e matéria, no ser humano.

Do que vimos até aqui, de forma muito simples, já nos deve ser clara a importância da defesa eclesial e teológica a respeito da unidade da pessoa humana. Diante do perigo da ruptura-separação entre o espírito e matéria, no ser humano, o magistério eclesial esteve atento a esse perigo dualista, dicotômico. Fundamenta-se na Sagrada Escritura, que, ao acentuar a totalidade do ser humano, não nega a pluralidade das suas diversas dimensões. “O ser humano inteiro é criado por um Deus bom e o ser humano inteiro participa da salvação e da glorificação”<sup>539</sup>. Portanto, a afirmação de que a alma pertence, assim como o corpo, ao mundo das realidades criadas, é uma **primeira** linha de defesa do magistério eclesial. Corpo e alma são realidades criadas pelo único Deus criador-salvador. O Concílio Lateranense IV declara que Deus é “criador de toda a realidade visível e invisível, espiritual e corporal”; criou do nada toda a criatura espiritual e corporal, criou o ser humano “constituído de espírito e corpo”<sup>540</sup>.

No Concílio Vaticano II, a *unidade* do ser humano é salientada, porém sem descuidar da *dualidade* corpo-alma. O Concílio declara que o

---

<sup>538</sup> A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., pp. 336.

<sup>539</sup> Ibid., pp. 339.

<sup>540</sup> H. DENZINGER (DS) 800. Citado por A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p. 340.

“ser humano deve estimar e honrar o seu corpo, porque criado por Deus e destinado à ressurreição do último dia”<sup>541</sup>. Ao reafirmar a unidade do ser humano e o valor positivo da corporeidade, o Concílio Vaticano II focaliza a dualidade própria do ser humano, a *condição corporal*, pois “sintetiza em si os elementos do mundo material, que nele assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao Criador uma voz de louvor”, enquanto “por sua vida interior o ser humano excede a universalidade das coisas”<sup>542</sup>. O texto conciliar reafirma a espiritualidade e a imortalidade da alma, sem aprofundar a questão básica do ser humano<sup>543</sup>.

A segunda linha de defesa da unidade do ser humano é a afirmação de que a alma está unida imediatamente ao corpo como sua única forma substancial. O Concílio de Constantinopla IV defendeu a existência de uma única alma. Frente aos movimentos neognósticos medievais que identificavam o espírito com o bem e a matéria com o mal, o Concílio Vienense, fundamentado na tese tomista de que a alma é a única forma substancial do corpo, sustentou que a única alma do ser humano se une imediatamente ao corpo, de tal maneira que a alma racional é forma do corpo humano por si mesma e essencialmente. O Concílio define a existência de uma alma individual, imortal, própria de cada ser humano singular, a serviço de sua concretização histórica<sup>544</sup>.

É possível concluir que a reflexão teológica e o magistério eclesial, ao defender a unidade do corpo e da alma no ser humano, expressa que esta defesa não é somente um problema antropológico, mas é também soteriológico e escatológico. Tanto a Sagrada Escritura como a Igreja acentuam a unidade do ser humano reconhecendo Deus como fundamento criador, tanto da dimensão corporal como da espiritual. Como conseqüência deve ser rejeitada a concepção dualista de ser humano oriunda do neoplatonismo através do reconhecimento de que a salvação do ser humano se dá na revelação da misericórdia de Deus, mediada por seu Filho Jesus Cristo. Em *primeiro lugar*, essa salvação,

---

<sup>541</sup> *Gaudium et Spes*, 14. Citado por A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p. 340.

<sup>542</sup> Ibid.

<sup>543</sup> Cf. Ibid. p. 340.

<sup>544</sup> H. DENZINGER (DS) 657, 902. Citado por F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp.55.

mediante Jesus Cristo, por ser graça de Deus, se constitui na autocomunicação de Deus ao ser humano, de forma livre e, por isso mesmo na gratuidade do amor. Por isso é que a salvação do ser humano “não consiste numa tendência natural de aperfeiçoar-se apenas ontológica e espiritualmente, mas na aceitação, em resposta da autocomunicação e amizade de Deus”<sup>545</sup>.

Em *segundo lugar*, a salvação como graça encarnada em Jesus Cristo passa a ter caráter encarnatório e cristológico. Portanto, a salvação cristã é salvação corpórea porque é na “carne” que o Filho realiza seu ato central de salvação e redenção. O corpo tem portanto uma qualidade salvífica, não podendo ser mascarada em algo “puramente espiritual”. Ela é “infundida em nossos corações”<sup>546</sup>, no centro da nossa vida corpórea. Essa forma de interpretar a corporeidade da salvação mostra a estreita relação entre a antropologia cristã e a soteriologia.

Como a salvação de Jesus Cristo se dá na História, o ser humano, devido a sua corporeidade histórico-existencial, depara-se com sua liberdade condicionada pela concupiscência, uma predisposição de um “existencial negativo” de seus atos. Por outro lado, existe simultaneamente uma predisposição positiva da situação de liberdade, mediante a salvação escatológica de Jesus Cristo. Portanto, o cristão tem a missão escatológica de construir o existencial de Cristo, rumo ao futuro promissor da nova criação<sup>547</sup>.

A unidade do corpo e da alma no ser humano, para a fé cristã, não é somente um problema antropológico e soteriológico, mas também escatológico. Tanto a Sagrada Escritura como a pregação eclesial considera sobre a unidade escatológica do ser humano. Em relação a afirmação da imortalidade da alma, o Novo Testamento, crê ser possível estar com Jesus Cristo imediatamente logo após a morte<sup>548</sup>. A tradição cristã aceita que “existe no ser pessoal humano, com sua consciência e sua liberdade, uma dimensão que não pode ser destruída”<sup>549</sup>.

---

<sup>545</sup> F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., p.64.

<sup>546</sup> Cf. Rom 5,5.

<sup>547</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp. 64-66.

<sup>548</sup> Cf. Fl 1, 23-24.

<sup>549</sup> A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p. 350.

A interpretação escatológica cristã acentua que a unidade do corpo e da alma do ser humano não é somente um problema de unidade do ser humano “após a morte”, ou após o fim do mundo, mas também de relação do ser humano para com o mundo e o futuro histórico do mesmo. No credo, professa-se crer em Deus Pai criador do céu e da terra; crer que esse Pai, que ressuscitou o seu Filho dos mortos, ressuscitará para que todos possam participar da comunhão dos santos na vida eterna que é Deus.

Essa existência voltada para Deus significa que o ser humano conhece unicamente seu chamado concreto-histórico, em Jesus Cristo, para a eterna parceria com Deus, de modo que a sua imortalidade é ao mesmo tempo natural e sobrenatural. A realidade escatológica da fé cristã representa a expressão de um mundo novo, fundamentado em Jesus Cristo, horizonte e imperativo de esperança atual, pela fé<sup>550</sup>.

Resumindo, podemos dizer que, ao longo da história eclesial, o magistério da igreja e a reflexão teológica acentuaram a unidade do ser humano: a) lutaram contra qualquer absolutização da pluralidade das dimensões históricas do ser humano; b) rejeitaram toda separação dualística do ser humano em uma parte superior e outra inferior (corpo e alma). c) finalmente, foi acentuada a causalidade direta de Deus na origem do ser humano individual e total, ou seja, isso significa que Deus é o criador do corpo e da alma do ser humano<sup>551</sup>.

### **3.1.1.3.**

#### **Pessoa: auto-realização corpóreo-espiritual**

Para a tradição bíblica e eclesial, o ser humano quando considerado como pessoa, aparece como uma unidade básica. Por pessoa, entende-se o ser humano completo que se autocompreende como uma unidade, como centro de unidade, desprovido de qualquer cisão dicotômica. É uma unidade vivida na dualidade de dimensões básicas.

---

<sup>550</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp. 67-70.

“A pessoa humana é simultaneamente corpórea e espiritual. Mas experimenta essa dualidade [...] numa unidade fundamental [...] Cada pessoa autopercebe-se como sujeito único das ações tanto corporais quanto espirituais. Quer dizer, a pessoa experimenta como próprias tanto umas como outras, numa profunda unidade entre ambas, de tal maneira que existe uma íntima interdependência entre elas com profunda influência mútua. O ser humano autopercebe-se, com anterioridade a toda reflexão filosófica, como um ser vivo único”<sup>552</sup>.

A pessoa se autopercebe também como sujeito irreduzível ao próprio corpo. A tradição ocidental chama esse aspecto da pessoa de “alma espiritual”. Sendo a pessoa humana ao mesmo tempo corpórea e espiritual, ela experimenta essa dualidade numa unidade fundamental<sup>553</sup>.

A afirmação de que a relação entre alma e corpo é uma relação entre dois princípios metafísicos, e não entre dois seres, indica que a espiritualidade e a corporeidade do ser humano têm a sua pluralidade em sua unidade e sua unidade em sua pluralidade. Por isso pode-se dizer que todo ato do ser humano é uma corporificação de seu espírito e uma espiritualização de seu corpo. É, através de seu encontro com os outros, que o ser humano experimenta a pluralidade das dimensões de seu próprio existir. É na convivência com seu semelhante e com o mundo que o ser humano experimenta a “espiritualidade” e “corporeidade” dos outros e simultaneamente a sua, experiência esta derivada das dimensões sociais de sua vida<sup>554</sup>.

O corpo humano é um organismo vivo, à diferença da matéria orgânica, “é um sistema, uma estrutura, uma forma que subsiste, embora se renove cada um dos elementos materiais que a integram”<sup>555</sup>. Porém, o corpo humano é um organismo vivo todo especial, enformado pelo espírito humano. A corporeidade é uma dimensão da pessoa humana. “A corporeidade é tão própria do ser humano quanto a sua espiritualidade. O ser humano é sempre um espírito com corpo; um espírito sozinho, descorporificado, não pode ser um ser

---

<sup>551</sup> Cf. *Ibid.*, p.56.

<sup>552</sup> A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p. 343.

<sup>553</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>554</sup> Cf. F. FIORENZA – J. METZ, op. cit., pp. 61-62.

<sup>555</sup> C. TRESMONTANT, *El problema Del alma*, p.140. Citado por A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p.344.

humano<sup>556</sup>. Portanto, é pelo corpo que a pessoa humana se comunica com os outros seres humano. É através do corpo que a pessoa humana pode intervir no mundo, transformando as coisas e criando cultura<sup>557</sup>.

Como foi dito anteriormente, a corporeidade é uma dimensão da pessoa humana. Porém nela existe também uma dimensão que excede todas as possibilidades e virtualidades do corpo. O termo “alma” é utilizado para designar esta dimensão do ser humano. Ou seja, é a dimensão de pessoa que a torna capaz de conhecer o ilimitado, o sentido da realidade, capacitando-a ao “*conhecimento reflexo*, de autopossuir-se com *liberdade e responsabilidade*, de se abrir aos outros seres pessoais (especialmente a Deus) no *diálogo* e no *amor* bem como ao mundo da natureza para transformá-lo em mundo humano pela cultura genuína”<sup>558</sup>.

Portanto, o ser humano, em sua dimensão corpóreo-espiritual é uma unidade.

“Tanto a dimensão espiritual quanto a corpórea designam a realidade e o ser *total* do ser humano. Alma e corpo não são dois seres que se justapõem, antes devem ser considerados como duas notas ou princípios essenciais e fundamentais ‘da estrutura ontológica unitária que é o ser humano’<sup>559</sup>.”

Só é possível superar o dualismo, continua A. Garcia Rubio, a partir da experiência unitária básica do ser humano como pessoa.

Devemos acrescentar que a corporeidade não é só expressão, comunicação do ser pessoal, mas é também ocultamento da interioridade da pessoa, defendendo a sua intimidade. Portanto, por uma parte o corpo vela e desvela o espírito, enquanto que por outra, protege e preserva o mistério pessoal. Porém, sem pretender desvalorizar o corpo humano, é bom lembrar os condicionamentos e limitações que ele representa para a vida pessoal. Várias são as restrições de ordem espacial, doenças, insuficiências da capacidade de comunicação do corpo etc.<sup>560</sup> Nos deparamos diante do “caráter caduco, transitório, bem como do processo de

---

<sup>556</sup> J. AUER, *El mundo, creación de Dios*, p. 274. Citado por A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p.345.

<sup>557</sup> Cf. A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p.346.

<sup>558</sup> Ibid., p.346.

<sup>559</sup> Ibid., p.348.

<sup>560</sup> Cf. Ibid., p.352.

envelhecimento e a orientação para a morte, inerente à corporeidade”<sup>561</sup>, muitas vezes dificultando ou até impedindo a realização dos ‘ideais’ de justiça, dedicação e amor aos outros<sup>562</sup>.

Sem pretender desvalorizar o corpo humano como se fosse uma realidade adversária do espírito humano, recuperando o esquema antropológico dualista, focaliza-se aqui a condição humana real, de criatura corpórea, feita à imagem e semelhança de Deus. “A genuína sabedoria humana estriba-se precisamente no assumir esta condição, com as tensões que ela comporta, e não em negá-la com uma falsa divinização espiritualizante ou com uma falsa animalização materialística”<sup>563</sup>. Porém, essas considerações não anulam a afirmação sobre a unidade do ser humano. É na condição humana real que a pessoa experimenta a sua unidade básica, unidade esta que inclui a dualidade de aspectos ou dimensões. Esse dinamismo deve ser guiado pela relação de “integração-inclusão”, respeitando as diferenças entre essas duas dimensões<sup>564</sup>, como muito bem sintetiza Garcia Rubio:

“Diante das tendências unilateralmente espiritualistas ou materialistas, redutivas e empobrecedoras do ser humano, importa sublinhar que a rica complexidade deste só é assegurada quando, fundamentados na fé no Deus criador-salvador e na realidade básica da pessoa, se valoriza positivamente tanto a dimensão espiritual quanto a corporeidade, articuladas fecundamente numa relação de integração-inclusão”<sup>565</sup>.

#### 3.1.1.4.

#### **Superação do dualismo antropológico na Igreja da América Latina**

Apresentou-se anteriormente a necessidade de superação do dualismo, tão impregnado na Igreja e na vida cristã. O dualismo está presente sempre que, querendo valorizar uma dimensão ou aspecto do ser humano, desvaloriza-se uma outra dimensão ou aspecto com a qual

---

<sup>561</sup> Ibid., p.352.

<sup>562</sup> Cf. Ibid., pp.352-353.

<sup>563</sup> A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p.353.

<sup>564</sup> Cf. Ibid., p.353.

<sup>565</sup> Ibid., p.359.

se encontra em tensão. Essa visão dicotômica é evidenciada quando os cristãos estabelecem a dicotomia entre sagrado e profano, entre teoria e prática, entre oração e ação, entre fé e política, etc. Uma visão integrada de ser humano articula a pessoa na sua totalidade de dimensões ou aspectos. A antropologia cristã, ao afirmar que Deus se fez *sarx*, valoriza o ser humano na sua totalidade. Por isso, pode-se afirmar que tudo o que afeta o ser humano não pode ser ignorado pelos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo, porque a salvação de Jesus Cristo atinge a pessoa na sua globalidade de aspectos ou dimensões.

A Igreja da América Latina, após o Concílio Vaticano II, teve a preocupação de viver e anunciar a proposta da salvação de Jesus Cristo nesta desafiante realidade que gera um número cada vez maior de excluídos, obstaculizando ou impedindo seu desabrochar como pessoa humana. Percebeu então a necessidade do compromisso de uma efetiva transformação que possibilite contribuir para a personalização, especialmente das pessoas mais oprimidas e desprezadas.

Essa postura da Igreja na América Latina de acentuar a opção pelos pobres, tanto na teoria como na prática, supõe que a vertente idealista da tradição dualista seja superada. As comunidades eclesiais, de modo geral, sabem unir, de maneira simples e profunda as celebrações sacramentais com os compromissos pela justiça, pelo amor efetivo de solidariedade, a oração com a resposta aos desafios do dia-a-dia. O Magistério eclesial, ao orientar para uma libertação *integral* - Medellín, Puebla, orientações da CNBB etc.-, reconhece as feições sofredoras de Cristo, nos rostos sofredores das crianças, jovens, indígenas, camponeses, operários, subempregados e desempregados, anciãos, marginalizados<sup>566</sup>. Assume então o compromisso de solidariedade e justiça em direção à libertação integral, tanto no nível pessoal como no nível estrutural. Tudo isso aponta para “a realidade da recuperação eclesial da visão unitária de ser humano, bastante comprometida pela penetração do dualismo neoplatônico e cartesiano”<sup>567</sup>.

---

<sup>566</sup> Cf. Documento de Puebla 31-40.

<sup>567</sup> A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p.353

A teologia da libertação, na reflexão teológica feita pelos seus representantes com fundamentação mais aprofundada, parte da visão integral e unitária do ser humano, como o faz o atual magistério eclesial. É óbvio que eles

“acentuam aspectos ou dimensões do humano e da salvação cristã guiados pelas prioridades decorrentes da sua interpretação da realidade sociopolítica latino-americana e da práxis que a acompanha, bem como dos desafios pastorais implicados. [...] dentro de uma visão unitária de ser humano a acentuação de uma dimensão quando necessária para responder a um desafio histórico, é perfeitamente legítima, desde que não fique fechada às outras dimensões”<sup>568</sup>.

Porém, como foi dito anteriormente, quando a reflexão teológica e a práxis sociopolítica estão numa perspectiva dualista de tensão bipolar, levando a uma atitude de negação-exclusão, a acentuação mutila o ser humano, uma vez que omite o outro pólo. Como consequência temos os cristãos que se descuidam ou condenam a solidariedade eclesial com os pobres e se apegam à missão “espiritual”. Há também cristãos que só valorizam a dimensão política da fé cristã, esquecendo ou deixando em segundo plano as outras dimensões<sup>569</sup>. Diante desse unilateralismo, é importante que haja um constante discernimento eclesial, não só do magistério, mas em conjunto com a teologia e as comunidades, para que a “unidade fundamental da pessoa humana vivida na dualidade ou pluralidade de aspectos não seja destruída, convertendo-se em dualismo mutilador do humano e da salvação-libertação cristã”<sup>570</sup>.

Portanto, o magistério eclesial e a reflexão teológica atual da América Latina assumem a antropologia bíblico-cristã que considera o ser humano na sua totalidade de dimensões ou aspectos, único entre as demais criaturas, criado para receber Deus. E, ao considerar a pessoa humana na sua globalidade, olha para esta realidade com o olhar de

---

<sup>568</sup> Ibid., p.354.

<sup>569</sup> Cf. A. GARCÍA RUBIO, **Unidade na pluralidade**, op.cit., p.359.

<sup>570</sup> Ibid., p.359.

Jesus, e, como Ele, opta de modo preferencial pelos excluídos. Ou seja, ser cristão, tornar realidade o Reino de Deus em nossos dias, significa acolher a atuação de Jesus, poder experimentar o seu Deus, concretizar o amor de Deus pelo ser humano nesta realidade de pobreza e marginalização. É óbvio que, se neste momento histórico, faz-se necessário acentuar uma dimensão, não significa fechamento às outras dimensões. Ser cristão na América Latina implica em comprometer-se com todas as dimensões da pessoa, sem dualismo, optando preferencialmente pelas pessoas excluídas na sua dignidade de criatura de Deus, feita à sua imagem e semelhança.

### 3.1.2.

A pessoa humana integrada e a salvação de Jesus Cristo

No segundo capítulo, observa-se como Enrique de Ossó empenhou sua vida em tornar comunicável a salvação de Jesus Cristo às pessoas do seu contexto. Certamente, o modo que ele utilizou não é diretamente aplicável aos dias de hoje. Porém, não resta dúvida sobre a clareza da sua intuição em perceber que a pessoa humana, à medida que conhece Jesus Cristo e assume livremente a proposta gratuita do Reino de Deus, integra a sua vida, encontra o sentido existencial, e, com isso, supera todo tipo de dualismo.

**Atualmente há o desafio de explicitar a salvação de Jesus Cristo numa linguagem adequada para os contemporâneos. Mario de França Miranda auxilia aqui a enfrentar o desafio de superar o dualismo a partir da proposta integradora da salvação de Jesus Cristo como oferta divina gratuita e integradora que atinge a pessoa humana na sua globalidade, explicitando-a de forma que seja compreensível ao ser humano hodierno.**

### 3.1.2.1.

#### **Jesus Cristo e o Reino de Deus: projeto integrador da pessoa humana**

Nos Evangelhos encontra-se atitudes, ações e opções fundamentais de Jesus. Nelas pode-se perceber a prioridade que Ele teve para com a pessoa humana. É a essa pessoa humana, considerada na sua globalidade, que Ele apresenta o projeto do Reino de Deus. Portanto, a salvação tem sua fonte na pessoa, na vida e na pregação de Jesus Cristo. O Reino de Deus irrompe em Jesus e se encontra estreitamente vinculado à sua pessoa. Jesus nos revela um Deus apaixonado pelo ser humano, que acolhe a criatura humana sem impor condições. Além do compromisso com os outros, a práxis de Jesus Cristo revela um Deus que opta preferencialmente pelos mais pobres e necessitados da sociedade. Assim, Jesus Cristo representa a possibilidade histórica de acesso a Deus, de viver o seu amor e assumir a sua práxis. Dessa forma o Reino de Deus se torna realidade que dá sentido e integração à vida<sup>571</sup>.

A Sagrada Escritura mostra que a mensagem do Reino de Deus ocupou um lugar *central e decisivo* no cristianismo, de tal modo que levou a comunidade primitiva a olhar, não somente o ser humano, mas também toda a criação na ótica salvífica. Nesse sentido, a criação está intrinsecamente voltada para a encarnação assim como o ser humano está intrinsecamente voltado para o Reino de Deus (Jesus Cristo). Pois o Verbo de Deus se encarnou, pelo qual todas as coisas foram feitas,

“de tal modo que, como ser humano perfeito, salvasse todos os homens e recapitulasse todas as coisas. O Senhor é o fim da história humana, ponto ao qual convergem as aspirações da história e da civilização, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os desejos”<sup>572</sup>.

---

<sup>571</sup> Cf. M. F. MIRANDA, **A salvação de Jesus Cristo**, op. cit., p.36

<sup>572</sup> *Gaudium et Spes* 45.

Enfim, a compreensão cristã de ser humano é de alguém estruturalmente voltado para Deus, à semelhança de Jesus Cristo<sup>573</sup>. Deus se faz de forma atuante, dinâmica e atrativa, interpelando. Esse apelo é a graça de Deus que é constantemente oferecida, a salvação como realidade objetiva a ser acolhida livremente<sup>574</sup>.

Jesus, em seu comportamento e pregação, demonstra uma abertura radical a seus conterrâneos, sem discriminações e diferenças. E ainda foi mais além, dando preferência aos pobres e pecadores, exatamente os que eram considerados os mais afastados do Reino de Deus. Ele se mantém livre diante das tradições religiosas nas quais foi educado. O que estaria por trás desse seu comportamento? Jesus vivia uma doação total a Deus, a quem chamava de Pai. Essa entrega o libertava de qualquer veleidade que poderia fundamentar sua vida fora de Deus. Por isso, a vida de Jesus é a história de sua entrega ao Pai<sup>575</sup>, do exercício de sua “liberdade na fidelidade à vontade de Deus, em tudo semelhante a nós, menos no pecado. Essa vida desembocou na ressurreição, foi aprovada e assumida por Deus, experimentou a salvação plena e definitiva”<sup>576</sup>. Através dessa *atitude fundamental* subjacente a toda a sua história, Jesus de Nazaré revela a Deus como Pai, como amor, como absoluto da sua vida concreta, em quem investiu toda a liberdade. Conseqüentemente, Jesus revela não somente quem é Deus, o que é a salvação e o Reino, mas também como responder a esse Deus: “Ninguém vai ao Pai a não ser por mim”<sup>577</sup>.

A pessoa humana, criatura amada e querida pelo Deus trinitário, tem a liberdade de aceitar ou não a iniciativa salvífica divina. Porém, para que o Reino de Deus possa ser um projeto integrador da pessoa humana, é necessário abertura no acolhimento da salvação que é oferecida em Jesus Cristo pois ela atinge a pessoa humana na sua totalidade de aspectos e dimensões.

---

<sup>573</sup> Cf. M. F. MIRANDA, op. cit., pp.44-45.

<sup>574</sup> Cf. Ibid., p.56.

<sup>575</sup> Cf. Mc 14,36.

<sup>576</sup> M. F. MIRANDA, op. cit., p.73; cf. Jo 8,46; At 2,14-36; Hb, 4,5.

<sup>577</sup> Jo 14,6.

### 3.1.2.2.

#### **O livre acolhimento da salvação de Jesus Cristo atinge a totalidade da pessoa, impelindo-a à vivência do amor.**

A iniciativa divina salvífica respeita a liberdade da pessoa, ou seja, deixa o ser humano livre para assumir ou não o projeto do Reino de Deus. Porém, diante do desafio que supõe viver a salvação de Jesus Cristo, é ainda a ação divina que capacita para o amor. A liberdade de escolha é do ser humano. Nesse sentido, o que se entende por liberdade cristã?

A teologia afirma que a condenação ou salvação do ser humano “implica a *totalidade* da sua vida e que é uma realidade definitiva. É todo o ser humano que se salva (ou se condena) para sempre”<sup>578</sup>. É uma liberdade onde a pessoa tem a faculdade de decidir sobre si mesma, de construir a si mesma. Em tudo o que faz atinge a pessoa em sua totalidade. Por isso pode-se dizer que ela não apenas *tem* liberdade, mas *é* liberdade. Uma liberdade que significa a totalidade de sua existência histórica. Pode ser chamada de *liberdade profunda*, liberdade fundamental, liberdade transcendental. O ser humano é liberdade que se constitui por opções livres. E, como o ser humano é a liberdade acontecendo, constrói no tempo a eternidade que *somos* e *seremos*. Caminhamos ou nos afastamos de nosso fim último que é Deus.

“Criados em Cristo, nossa matriz, construímos na história a nossa identidade cristã. Desse modo, a fé cristã, ao apresentar a salvação com as características de totalidade e de definitividade, exige uma outra noção de liberdade, a liberdade profunda ou a orientação profunda que damos à nossa existência”<sup>579</sup>.

Por outro lado, a experiência demonstra que o ser humano é somente liberdade. Situa-se existencialmente numa realidade marcada pelo pecado que arrasta ao mal. É plural por constituição, vive sob impulsos, instintos que buscam sua satisfação parcial. Anseia por trazer

---

<sup>578</sup> M. F. MIRANDA, op. cit., p. 89.

<sup>579</sup> Ibid., p. 91.

essa pluralidade a uma integração, mas só é possível, se conseguir polarizar todas essas tendências setoriais na direção do amor, “objetivo último de nossa existência, no qual está implicado o amor de Deus e do próximo”<sup>580</sup>.

Porém, o ser humano vive dinamizado pela ação salvífica de Deus, sob a contínua oferta da graça divina. É pela ação salvífica de Deus que é libertado para o amor. Se vive numa realidade existencial marcada pelo pecado, ao mesmo tempo é dinamizados pelo constante apelo do Reino, para participar da vida de Deus, convidado para construir, na história, a felicidade eterna. Diante da impotência para amar as pessoas<sup>581</sup>, quem liberta é o gesto gratuito de Deus, revelado e realizado em Jesus Cristo, estimulando e capacitando a liberdade para o amor, pois é para ser livres que Cristo a todos libertou<sup>582</sup>.

A salvação, sem merecimento de nossa parte, é puro dom de Deus, o qual nos liberta do egoísmo. A ação salvífica de Deus em Jesus Cristo, a redenção, só é realidade na pessoa humana quando é acolhida pela fé e esta implica a totalidade da pessoa. A resposta do ser humano à oferta de salvação de Deus em Jesus Cristo é a “atuação de sua liberdade profunda para Deus, que constitui assim a *atitude religiosa fundamental*, comprometendo a totalidade da pessoa na entrega absoluta de si a Deus”<sup>583</sup>.

No Novo Testamento, a resposta livre por parte da pessoa, possibilitada pela ação salvífica prévia de Deus, recebeu vários nomes tais como: *conversão*, *fé* ou *amor*<sup>584</sup>. Essa adesão expressa a totalidade da pessoa humana: alma, coração, mente, força. “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com toda a tua força”<sup>585</sup>. M. F. MIRANDA escolhe o vocábulo *amor*, tal como aparece no Novo Testamento, para designar o que ele chama de “atitude fundamental do ser humano voltado para Deus”. Porque, continua o autor, o amor a Deus é o próprio *núcleo da salvação*. E, como já foi dito, a graça só é realidade no ser humano quando aceita, e essa aceitação se realiza no

---

<sup>580</sup> M. F. MIRANDA, op. cit., p. 93.

<sup>581</sup> Cf. Rm 7,18-20.

<sup>582</sup> Cf. M. F. MIRANDA, op. cit., p.96. Cf. Jo 8, 32.36; Gl 2,4; 5,1.

<sup>583</sup> Ibid., p. 130.

<sup>584</sup> Cf. Mc 1,15; Gl 2,16; 1Jo 4,16.

<sup>585</sup> Mc 12,30.

compromisso desinteressado com o próximo<sup>586</sup>. O autor ilustra esse tema com uma afirmação de D. Pedro Casaldáliga dizendo que “o contrário do amor não é, como muitas vezes se pensa, o ódio, mas sim o medo de amar, e o medo de amar é o medo de ser livre”<sup>587</sup>.

A expressão “estado de graça”, segundo M. F. MIRANDA, é incompleta para descrever o que ele chama de atitude profunda cristã, pois essa atitude, “por se fundamentar no amor fraterno vivido, é uma grandeza viva, num processo de crescimento ou de diminuição, conforme a nossa reação diante do próximo necessitado”<sup>588</sup>. Assim, o *dinamismo do Espírito de Deus*, ao ser acolhido pelo ser humano, impele ao amor<sup>589</sup>. Por isso, essa é a “nova lei interna que nos move de dentro e que é distinta das normas externas, as quais não deveriam ser multiplicadas para que não voltemos ao Antigo Testamento, como observava com agudeza Tomás de Aquino”<sup>590</sup>. Não se trata de “praticar mandamentos”, mas de correr o risco do amor, em outras palavras, é o risco de ser cristão. Nesse sentido, pensar numa pastoral da Igreja supõe considerar que o *objetivo último* só pode ser o de levar as pessoas a viverem, com maior autenticidade, o amor fraterno. Pois, uma ação evangelizadora que “não seja movida por essa finalidade nem merece o nome de cristã, por mais que possa impressionar pela sua organização perfeita, formação teológica, beleza litúrgica ou prática sacramental”<sup>591</sup>.

### 3.1.2.3.

#### **Integração entre oração e existência cristã**

Visto isto, será aprofundada a reflexão sobre a dimensão da oração na existência cristã. Longe de ser simplesmente uma prática intimista, a oração cristã atinge a pessoa na sua totalidade de dimensões ou aspectos. Para que o cristão possa ser fiel à proposta do Reino de Deus, faz-se necessário que tenha uma vida em comunhão com Jesus e seu projeto – o Reino de Deus. Como saber existencialmente qual é

---

<sup>586</sup> M. F. MIRANDA, op. cit., pp. 130-134.

<sup>587</sup> D. Pedro Casaldáliga. Citado por M. F. MIRANDA, op. cit., p.134.

<sup>588</sup> M. F. MIRANDA, op. cit., p.134.

<sup>589</sup> Cf. Ibid., p. 134.

<sup>590</sup> Ibid., p. 134.

<sup>591</sup> M. F. MIRANDA, op. cit., p. 134.

esse projeto? Só se pode saber agindo como Jesus. Em sua vida terrena, Jesus se apresentou como aquele que estava em constante comunhão com o Pai, em atitude de oração.

Segundo M. F. MIRANDA, a oração não é simplesmente uma atividade piedosa situada ao lado da *atitude fundamental cristã*, mas ela brota da vivência cristã, recebendo dela todo o seu sentido. Para o autor, a *atitude fundamental cristã* supõe uma “vida voltada para Deus, constituída à luz da pessoa de Jesus Cristo e acionada por seu Espírito”<sup>592</sup>. Implica o investimento da liberdade, que tem em Deus sua finalidade última e sua felicidade perfeita. Uma liberdade que aceita Deus como tal, que busca ouvir o Espírito de Deus e responder a seus apelos. Uma liberdade da qual resulta a atitude fundamental que identifica o cristão<sup>593</sup>.

Uma oração cristã é respaldada por uma vida coerente com o Evangelho. Em Jesus, a oração e a prática estão profundamente articuladas. A vida de Jesus se caracterizou como uma vida voltada para o Reino de Deus, descentrada de si mesmo, sensível às necessidades e sofrimentos das pessoas, expressão do amor de Deus pela humanidade. Jesus passou a vida ouvindo e acolhendo as inspirações do Espírito, obedecendo ao Pai.

Em sua oração, encontra-se expressa essa opção fundamental da pessoa de Jesus. Ele orava freqüentemente<sup>594</sup> e sua oração era direcionada para Deus e seu Reino<sup>595</sup>.

Os Evangelhos relatam que as situações importantes da vida de Jesus foram precedidos pela oração<sup>596</sup>. Nesse sentido, afirma M. F. MIRANDA, ser cristão é assumir a atitude fundamental de Jesus Cristo. E, continua o autor, *rezamos como cristãos* quando assumimos a sua oração: “Pai Nosso, que estás nos céus...faze conhecer Teu reino, seja feita a tua vontade”<sup>597</sup>.

---

<sup>592</sup> Ibid., p. 242.

<sup>593</sup> Cf. Ibid., pp.242-243.

<sup>594</sup> Cf. Mc 1,35; 6, 46; 14,32; Lc5,16; 6,12; Jo 6,15 etc.

<sup>595</sup> Cf. Mc 6,9-13; Mt 11, 25; Mc 14, 35s.

<sup>596</sup> Lc 3, 21; 6,12

<sup>597</sup> Mt 6, 9s

Não é oração cristã autêntica a que não apresenta as características da centralidade no Reino, do reconhecimento e louvor da soberania divina, da acolhida do seu amor incondicional, da confiança na sua vontade, da atitude de sensibilizar-se pelos outros e de realizar a paz e a solidariedade no mundo. O próprio Jesus chama a atenção para que, quem reza para ser visto ou para multiplicar palavras, quem exclama “Senhor, Senhor” sem coerência com o que isso implica, ou mesmo quem se apóia em si mesmo e não em Deus<sup>598</sup> não está fazendo uma oração verdadeira<sup>599</sup>.

Jesus Cristo foi aquele que soube, de forma perfeita, ouvir e pôr em prática a vontade do Pai. Por isso sua vida tem “caráter paradigmático, heurístico e normativo para a existência e a oração cristã”<sup>600</sup>. Portanto, não existe melhor matéria de oração do que a própria vida de Jesus Cristo porque através dela conhecemos a vontade de Deus.

Desse modo, continua M. F. MIRANDA, existe uma estreita relação entre vida cristã e oração. “Ambas dizem respeito à totalidade da pessoa, à orientação decisiva que imprime sua existência, ao modo como se põe diante de Deus, diante dos outros e diante de si mesma”<sup>601</sup>. A boa oração é aquela que brota da liberdade, constituindo um ato de entrega e de amor ao outro. Essa oração está na raiz das diversas *modalidades de oração*: adoração, louvor, petição, agradecimento, arrependimento. “Todas refletem e se originam da atitude fundamental do cristão, de sua entrega a Deus no semelhante. Quanto mais autenticamente a vivemos, tanto mais autenticamente rezamos”<sup>602</sup>.

Concluindo: em primeiro lugar, já deve nos parecer bem evidente a centralidade da pessoa de Jesus Cristo como fonte de toda a realidade de salvação cristã. Toda a vida de Jesus foi de uma entrega ao Pai na doação às pessoas, especialmente aos marginalizados e oprimidos. Jesus revelou o amor e a misericórdia do Pai, e ensinou como responder a esse amor de Deus pela humanidade. O Filho de Deus encarnado, ao priorizar os excluídos do seu contexto, lutou pela justiça, denunciando o

---

<sup>598</sup> Cf. Mt 6,5-7s; Mt 12, 40; Lc 18,11

<sup>599</sup> Cf. M. F. MIRANDA, op. cit., p.243.

<sup>600</sup> M. F. MIRANDA, op. cit., p.244.

<sup>601</sup> Ibid., p.244.

legalismo religioso. Com isso acabou criando conflitos, pois suas atitudes evidenciaram liberdade diante das instâncias do poder.

A obediência ao Pai e a entrega aos seres humanos caracteriza-se como a atitude fundamental de Jesus, trazendo assim a salvação em plenitude. Foi por causa da sua fidelidade que o Pai o ressuscitou dos mortos<sup>603</sup>, primogênito da salvação<sup>604</sup>. Essa atitude de Jesus contribui para a gestação, sempre inacabada, de uma sociedade justa e fraterna, e nos capacita para experimentar a salvação plena em Deus, já ressuscitados, vivendo a “comunhão dos santos”<sup>605</sup>.

Outra conclusão diz respeito à noção de *graça de Deus*. M. F. MIRANDA observa que houve um tempo no cristianismo em que a concepção de graça era vista numa perspectiva demasiado intimista e espiritualista, não correspondendo ao testemunho da Escritura. Para o Antigo Testamento, a ação salvífica de Deus se situava na história humana do povo de Israel e a fidelidade a Deus implicava o respeito pelos direitos do próximo. No Novo Testamento, o Reino de Deus, presente e atuante em Jesus, implicava a libertação dos oprimidos, alegria aos tristes, esperança aos desanimados, boa nova aos pobres<sup>606</sup>. Em outras palavras, o *núcleo da salvação cristã* implica a aceitação livre por parte do ser humano da oferta salvífica que Deus nos faz em Jesus Cristo. Essa salvação atinge a totalidade da pessoa humana, impelindo-a à doação desinteressada e gratuita aos irmãos e irmãs, em obediência à ação do Espírito Santo que age no ser humano<sup>607</sup>. Ou seja, a ação salvífica de Deus passa por mediações humanas. Ela nos remete para dentro da história concreta, nos leva ao compromisso por um mundo mais justo e humano<sup>608</sup>.

---

<sup>602</sup> Ibid., p.244.

<sup>603</sup> Cf. At 2,22-35; 3,15; 4,10

<sup>604</sup> Cf. Cor 15,20; Rm 11,16; Rm 8, 11

<sup>605</sup> Cf. M. F. MIRANDA, op. cit., p. 148.

<sup>606</sup> Cf. M. F. MIRANDA, op. cit., p. 148; cf. Lc 4, 16-21;

<sup>607</sup> Cf. Ibid., p. 137.

<sup>608</sup> Sobre esse tema, o Magistério eclesial tem se preocupado em dialogar com o mundo contemporâneo como também com a opção preferencial pelos mais pobres, como um compromisso eclesial. Cf. *Gaudium et spes*; Medellín I,4; *Evangelii nuntiandi* 31-38; Puebla 215, 327, 355, 1134-1165; *Sollicitudo rei socialis* 42; *Santo Domingo* 157-227.

Enfim, como já foi visto, graça consiste na orientação profunda para Deus, orientação esta se constituindo e se modificando constantemente por meio de cada opção do ser humano. “Graça, portanto, significa vida, dinamismo, compromisso, sensibilidade à realidade histórica e social. Graça pode então ser definida como *viver para os outros*”.<sup>609</sup> Essa concepção de *graça* - não intimista - é o fundamento da dimensão ética (práxis) da proposta de humanização de Jesus Cristo. Ou seja, a salvação de Jesus Cristo é uma proposta integradora pois atinge a pessoa na sua globalidade de aspectos ou dimensões.

### 3.2.

#### **A pessoa humana integrada na Companhia de Santa Teresa de Jesus hoje**

“Nossas comunidades devem ser autênticos espaços de oração, onde a autenticidade do encontro com Jesus seja constatado no compromisso com a história”<sup>610</sup>

Após 130 anos de existência, a Família Teresiana fundada por Enrique de Ossó, presente na Europa, África, América e na Ásia (em germe), situa-se num dinamismo de voltar às fontes do sonho e do compromisso de Enrique de Ossó<sup>611</sup>. Diante do projeto de vida e da visão de pessoa apresentada por Enrique de Ossó - conforme o que vimos no capítulo anterior - e dos desafios do mundo de hoje, é útil e necessário avaliar o legado de Enrique de Ossó e da obra teresiana, confrontando-a com a complexa realidade do mundo atual. Neste sentido cabe perguntar:

---

<sup>609</sup> M. F. MIRANDA, op. cit., p. 149.

<sup>610</sup> **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p.38.

<sup>611</sup> “Espiritualidade teresiana: nos últimos anos, a família teresiana voltou-se, com especial intensidade, para beber nas fontes espirituais de seu Fundador e releu Teresa de Jesus, encontrando nova vida. Em todas as províncias e a partir do Centro Internacional Teresiano foram feitas releituras da espiritualidade que, como seiva, anima a árvore da família teresiana. Centros de espiritualidade, exercícios teresianos, oficinas, publicações, encontros, são algumas das formas através das quais se aprofundou e partilhou o Itinerário Teresiano. Na pesquisa, verificou-se que tem havido um trabalho consciente e intencionado de formação no carisma, dirigido a educadores e também a pais, mães e jovens, ainda que em menor proporção. A consciência de que o carisma Teresiano pertence a todos e não só às irmãs, abriu uma porta para uma maior identificação com o carisma e por querer comunicá-lo nas próprias ações. Também a partir da reflexão educativa procuraram-se caminhos para que seja o eixo donde se projetem as ações nos diferentes âmbitos”. **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., p.30.

até que ponto a Companhia de Santa Teresa de Jesus tem sido fiel à uma visão integral de pessoa humana que está nas fontes do Carisma de seu fundador? Quais as linhas fundamentais que a Companhia de Santa Teresa de Jesus percorre no momento atual?

### **3.2.1.**

#### **A antropologia cristã e teresiana: um itinerário dinâmico e integrador da pessoa humana para os dias atuais**

A Companhia de Santa Teresa de Jesus, se encontra em meio a inúmeros desafios para manter fidelidade ao núcleo germinal do Carisma de Enrique de Ossó. Essa fidelidade supõe clareza na missão que lhe foi confiada a fim de ser continuadora do Carisma ossoniano nos tempos hodiernos. Tal missão supõe priorizar a formação de seus membros.

Ao traçar a linha mestra para a formação, a Companhia de Santa Teresa de Jesus procura situar-se, em primeiro lugar, diante do mundo atual, globalizado, em constantes mudanças. Um mundo que reclama autonomia com desejo de igualdade, justiça, participação, pluralismo político e religioso. Constata que nesse mundo o ser humano experimenta uma forte crise, lançando-se no desafio de encontrar seu sentido existencial<sup>612</sup>.

A Companhia de Santa Teresa de Jesus opta por um projeto formativo que tem um núcleo integrador: o processo da experiência de fé. Vê este como o caminho para o crescimento da pessoa que atinge as suas diversas dimensões. Assume a antropologia bíblico-teológica, fundamentada na Palavra de Deus. Valoriza a pessoa humana em sua dignidade, liberdade e igualdade, numa visão holística<sup>613</sup>. Reconhece que o ser humano é relacional, criado e chamado para viver a comunhão, a exemplo da Trindade. Assume a proposta cristã que reconhece no Novo Testamento Jesus como revelador do amor que o Pai tem pela humanidade. Com isso sabemos da nossa vocação de filhos e filhas de

---

<sup>612</sup> Cf. **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p.15

<sup>613</sup> Cf. *ibid.*, p.7-8

Deus, irmãos e irmãs entre nós<sup>614</sup>. Porém, nesse ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, convive ao mesmo tempo o joio e trigo. Esta realidade não é impedimento para que a ação de Deus aconteça. Em Jesus, encontra-se a salvação<sup>615</sup>, o dom gratuito do Reino de Deus, o sentido existencial humano<sup>616</sup>.

A Companhia de Santa Teresa de Jesus é fruto da experiência espiritual e apostólica de Enrique de Ossó, seu fundador. É uma espiritualidade que remete à Teresa de Jesus, como discípula e apóstola de Jesus. Ela se apresenta como um modo específico de ser mulher e de entender a pessoa humana, de se relacionar com Deus e com as pessoas, consigo mesmo e com o mundo<sup>617</sup>. Portanto, a Companhia de Santa Teresa de Jesus tem como pilastra, desde seu fundador, uma antropologia *teresiana*, porque é fundamentada na vida e obra de uma mulher que fez uma profunda experiência do que significa *ser criatura, feita a imagem e semelhança de Deus*<sup>618</sup>.

“Uma antropologia cristã e teresiana, relida hoje à luz das ciências humanas. A partir delas entendemos a pessoa como um todo, sem dualismos entre alma e corpo, não fechada nem estática, mas aberta e dinâmica. Um ser humano – ser humano ou mulher – que vai se formando, na interação com os outros (as) e com a realidade. Que vive em processo de integração e que vai construindo sua identidade na história”<sup>619</sup>.

Essa é uma antropologia aberta, que acolhe o aporte das ciências no que tange a uma melhor compreensão do ser humano, porém não se reduz a uma determinada dimensão, pois considera a pessoa como um todo, acolhendo-a em seu mistério criatural. E, em sua experiência criatural, pode se relacionar com seu criador, numa relação íntima de amizade.

---

<sup>614</sup> Cf. *Gaudium et spes*, 22

<sup>615</sup> Cf. Rom 7,15

<sup>616</sup> Cf. **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., pp. 20-22.

<sup>617</sup> Cf. *ibid.*, p.27.

<sup>618</sup> Cf. *ibid.*, pp.15-20

<sup>619</sup> **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p.20

Teresa de Jesus expressa suas intuições antropológicas com imagens. Para ela, a pessoa é como um **castelo habitado pela Trindade**<sup>620</sup> à espera do encontro com sua criatura. Nele há muitas moradas, que expressam os distintos níveis da relação que a pessoa tem consigo, com os outros, com Deus e com o mundo<sup>621</sup>. O conhecimento próprio é essencial para essa viagem interior.

Nesse processo, Teresa adverte para não ficar olhando para as misérias humanas, e sim para o Cristo, o grande amigo. Nesse dinamismo, a pessoa reconhece sua identidade e o mistério da sua liberdade. Teresa adverte que, quando a pessoa se nega ao Amor, está se fechando em si mesma<sup>622</sup>. E, para fazer frente a uma antropologia egocêntrica, Teresa propõe um dinamismo de êxodo - a pessoa deve entrar dentro de si, autoconhecer-se, aceitando a própria realidade como também a realidade alheia. A imagem do *castelo interior* expressa um dinamismo dialético de integração entre interioridade e exterioridade levando a pessoa a sair de si mesma<sup>623</sup>, vivendo numa relação progressiva de entrega, partilhando seus dons, criando novas relações<sup>624</sup>.

Outra imagem teresiana para expressar o processo de caminhada da pessoa em relação a Deus, é a do *bicho-da-seda*. Através do símbolo da transformação do bicho-da-seda numa formosa borboleta, Teresa quer expressar o chamado à *transformação em Cristo*<sup>625</sup>. Supõe um caminho de morte-vida, ganhos e perdas, segundo a lógica do seguimento, trilhado *com Cristo e em Cristo*. É na vivência do amor que a pessoa integra todas as suas potencialidades. As crises e contradições

---

<sup>620</sup> Cf. Santa Teresa de Jesus, *Conceptos de Amor de Dios* 28,10; *I Moradas* 1,1-5

<sup>621</sup> *I Moradas* 2, 8. “No habéis de entender estas moradas unas en pos de otras como cosa hilada, sino poned los ojos en el centro, que es la pieza u palacio adonde está el Rey, y considerad como un palmito, que para llegar a lo que es de comer tiene muchas coberturas, que todo lo sabroso, cercan” in **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., nota 17, p.23 .

<sup>622</sup> Cf. Santa teresa de Jesus, *I Moradas* 1, 6-8.

<sup>623</sup> Enrique de Ossó valorizou esta dialética teresiana no duplo movimento que vai unir e concretizar os dois pólos: interioridade e exterioridade. Ele a apresentou como muito importante para a humanização e opção por Jesus Cristo.

<sup>624</sup> Cf. **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p.23.

<sup>625</sup> Santa teresa de Jesus, *Vida e Moradas* 2, 2: “y acaba este gusano, que es grande y feo, y sale del mismo capucho una mariposita blanca, muy graciosa” in **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p. 24.

podem converter-se em lugar de encontro. A pessoa, sabendo-se amada, responde amando. Sente-se convidada a *conhecê-Lo, amá-Lo, torná-Lo conhecido e amado*<sup>626</sup>.

Na analogia teresiana, a pessoa que começa a tratar de amizade com Deus “deve fazer de conta que começa a plantar uma horta em terra muito infrutífera, que tem muitas más ervas, para que nele se deleite o Senhor. Sua Majestade arranca as más ervas e vai plantando as boas”<sup>627</sup>. A própria pessoa é a horta, exposta às intempéries. Ela mesma deve cultivar o terreno, preparar a terra para que esteja em condições de acolher a água da chuva. Essa água é dom de Deus, o Jardineiro. Teresa sabe que o seguimento de Cristo é uma opção pessoal, mas também é dom e graça. O símbolo do cultivo da horta é um convite para a escuta, o silêncio, a acolhida, a espera e o reconhecimento do dom gratuito de Deus<sup>628</sup>.

A imagem teresiana da *amizade* talvez seja a que melhor expressa a experiência teresiana da oração como relação viva e interpessoal com Deus. Supõe amor, intimidade, reciprocidade, realismo e capacidade de relação com as pessoas. Sem esses elementos, é muito difícil que a pessoa possa integrar as suas diversas dimensões. Teresa também faz analogia com a imagem da pessoa apaixonada. A vida não é senão entrega e doação apaixonada e apaixonante. É importante observar que Teresa não se fecha num intimismo<sup>629</sup>. A máxima interioridade é ao mesmo tempo compromisso com o mundo, solidariedade com a humanidade<sup>630</sup>.

O caminho formativo na Companhia de Santa Teresa de Jesus é orientado na ótica de desencadear um processo, tanto pessoal como comunitário de identificação com Jesus. Esse itinerário de seguimento a Jesus Cristo tem como característica o fato de ser dinâmico e integrador da pessoa, atingindo-a na totalidade<sup>631</sup>. “*Conhecer e amar a Jesus e torná-Lo*

---

<sup>626</sup> Cf. A.A.V.V. **Seiva que Circula: releitura da Espiritualidade Teresiana**. op. cit., p. 14.

<sup>627</sup> Santa Teresa de Jesus, *Vida* 11, 6.

<sup>628</sup> Cf. **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p.24-25.

<sup>629</sup> Santa Teresa de Jesus, *Contas de Consciência* 25ª: “*mi honra es ya tuya y la tuya mía*”.

<sup>630</sup> Cf. **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p.25.

<sup>631</sup> Cf. **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p.28.

*conhecido e amado* é a razão de ser da Companhia. Concentra o núcleo do carisma, é o sentido da convocação e da missão<sup>632</sup>. Ser teresiana educadora significa partilhar cotidianamente, com palavras e testemunho, o conhecimento e o amor de Jesus Cristo que se expressa na solidariedade humana: abrir as comunidades, oferecer tempo e espaço, aproximar-se dos que mais sofrem, os marginalizados. E se deixar evangelizar por eles, pois revelam Jesus, com sua vida<sup>633</sup>.

Concluí-se, portanto, que a orientação do processo formativo atual da Companhia de Santa Teresa de Jesus é compreendido de forma integral, ou seja, como um itinerário que abarca todas as dimensões da pessoa. É a partir da fé vivida dentro dos traços próprios do carisma da Companhia que a pessoa se integra, dando sentido a sua existência, no seguimento de Jesus Cristo<sup>634</sup>. Este processo leva a *conhecer-se e conhecê-Lo* a fim de possibilitar a missão de *torná-Lo conhecido e amado*. O núcleo dinamizador do processo formativo não é outro senão o de um crescimento progressivo na relação com Jesus<sup>635</sup>, assumindo o compromisso de segui-Lo, concretizando assim o Reino de Deus<sup>636</sup>.

### 3.2.2.

#### **Proposta educativa teresiana: uma educação libertadora e integradora**

A Companhia de Santa Teresa de Jesus tem como missão carismática educar educando-se, missão esta que está sintetizada na expressão de Enrique de Ossó, *conhecer e amar a Jesus Cristo e torná-Lo conhecido e amado*<sup>637</sup>. Como continuadora do carisma ossoniano, a Companhia encontra-se diante do desafio hodierno de inculturar-se para

---

<sup>632</sup>Ibid., p. 30.

<sup>633</sup> **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., pp. 29-30. Cf. **Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus** 2005 artigo 26.

<sup>634</sup> “La experiencia creyente recorre todo el ciclo vital, es criterio de discernimiento privilegiado y fuerza dinamizadora de todo el proceso”. **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p. 44.

<sup>635</sup> “Representamos este itinerario en un gráfico que refleja la dinámica de integración y la dirección del proceso hacia la identificación con Jesús, “*revestirnos de Cristo Jesús es nuestra ocupación esencial*”(Un mes en el corazón de Jesús”. EEO, III, pág. 456). **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p. 46.

<sup>636</sup> Ibid., pp.30-32.

<sup>637</sup> Cf. C. MELCHOR, **Voltar às Fontes**, op.cit., p. 228.

comunicar a mensagem da salvação de Jesus Cristo de forma transparente para os contemporâneos. O texto que segue é uma atualização da proposta educativa integradora da pessoa humana, conforme o sonho de Enrique de Ossó:

“Acreditamos no potencial transformador da educação e em sua capacidade de gerar caminhos de humanização, abrir horizontes de sentido e encontro com o Deus que se encarna e nos revela a profunda dignidade e beleza de cada pessoa e cada povo. Desde a mística de nossa educação, propomos uma educação que se apoia no convencimento de que a realização de uma pessoa está em ser *SUJEITO DE ENCONTRO*, e, a partir daí, *TRANSFORMADORA DE SUA SOCIEDADE*, cidadãos e cidadãs capazes de colaborar na formação de democracias interculturais, includentes, solidárias, com abertura a todos os mundos. Pessoas e grupos criadores de paz pela experiência do amor descoberto na relação com Jesus Cristo, pela vivência do perdão, da reconciliação, da não violência, fundamentados na ação do Espírito de Amor e Verdade que vai se manifestando em comunidades que aprendem, oram e educam, educando-se”<sup>638</sup>.

A educação teresiana abarca o sujeito pessoal na sua totalidade de dimensões<sup>639</sup>, enfocando a pessoa, ser humano e mulher desde a sua relacionalidade. Parte da visão cristã, imagem de Deus Trindade, chamada a viver relações de amor e reciprocidade para alcançar a comunhão que abrange todas as dimensões do ser humano: consigo mesmo, com o mundo criado, com as pessoas e com o Criador<sup>640</sup>.

---

<sup>638</sup> **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., p.4. O destaque em letra maiúscula é do texto original.

<sup>639</sup> “A pessoa não é uma realidade pre-fixável que possamos fechar em conceitos porque é móbil e criadora. É possível abor-la intelectualmente distinguindo dimensões múltiplas: bio-psicológica, histórico social, ético-política, espiritual e religiosa. ‘*Como categoria antropológica é uma variável dependente daqueles pontos de vista a partir dos quais é observada. E estes são tão diversos como justificáveis em virtude da profundidade não inventariável. (G.Marcel) do ser humano, co-partícipe da materialidade mineralógica com o cristal, celularmente trançado como os demais organismos, alimentado pelo oxigênio como a planta e protetor de sua prole como o primata, também é ele, sem dúvida, o autor do mito, da arte, da ciência, das sociedades... E, enfim, se singularizou dos demais seres porque suscita e se acolhe a sentimentos religiosos*’. (M. MACEIRAS FAFIÁN)” in **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., nota n.4, p.33.

<sup>640</sup> “Lópes Quintás nos aproxima de Ebner, que conseguiu explicar esta realidade amorosa e dinâmica integrando as dimensões humanas mais profundas. Os sentimentos habitam na pessoa, mas a pessoa habita no amor. Esta é a realidade, o amor está ENTRE o eu e o tu. O amor não se encrava na linguagem, mas a linguagem adquire sua densidade quando fala a partir do amor, porque o amor é espírito. O espírito não está no eu, mas Entre o eu e o tu. É como o ar que respiramos. A relação amorosa é o fundamento da comunidade humana. Só através da relação podemos levar a cabo a experiência religiosa. (Cf. LÓPES QUINTÁS, ALFONSO, *El poder del diálogo y del encuentro*, Madrid, BAC, 1997)” in **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., nota n.7, p. 33.

“A pessoa feita à imagem de Deus, habitada por Deus<sup>641</sup>, é de grande dignidade, beleza e capacidade<sup>642</sup>. Seu ser mais profundo é amor, está dotada de poder criativo e se realiza em comunidade. O fim da educação é colaborar para criar condições para que a pessoa viva conforme esta dignidade, interioridade e relacionalidade<sup>643</sup>, sabendo-se situada social e globalmente”<sup>644</sup>.

É uma educação que implica oferecer meios para que a pessoa possa aprender a viver as diversas dimensões relacionais, inclusive a relação com Deus. Incentiva uma relação pessoal com Jesus, que possa descobrir de forma experiencial e progressiva o projeto do reino, numa vivência solidária<sup>645</sup>. Essa abertura ao mistério de fé em Jesus é o fundamento da formação ética<sup>646</sup>, a partir do qual se projeta a solidariedade humana como fruto da comunhão com Deus. Crê em Jesus Cristo como o Deus encarnado, Mestre, Profeta, Amigo. Jesus é o revelador do rosto materno-paterno de um Deus<sup>647</sup> apaixonado pela humanidade. É um Deus-conosco que convida a uma relação pessoal e amiga, que desperta a capacidade de amar<sup>648</sup>. À medida que o ser humano se relaciona com Ele, vai descobrindo o sentido existencial. É convidado(a) a entregar a vida na construção do Reino de Deus, numa doação de amor<sup>649</sup>.

Teresa de Jesus e Enrique de Ossó testemunham a vivência de uma profunda relação de amizade com Jesus. Teresa viveu uma intensa relação com a humanidade de Cristo até unir-se em aliança com um amor

---

<sup>641</sup> “Não estamos ociosos no interior”. (Santa Teresa de Jesus, *Conceptos de Amor de Dios* 28, 10; cf. *Vida* 7, 17; 9,3) in **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., p. 33.

<sup>642</sup> “Não encontro eu outra coisa que comparar a grande formosura de uma alma e a grande capacidade” (Santa Teresa de Jesus, *I Moradas* 1,1) in **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., p.33.

<sup>643</sup> “A pessoa humana se define pela *racionalidade*, quer dizer, pelo seu caráter inteligente e livre, e pela *relacionalidade*, ou seja, pela relação com outras pessoas..... O fundamento do *ethos* humano está em ser imagem e semelhança de Deus, Trindade de pessoas em comunhão. [...]O que mais distingue o ser humano de outros seres vivos é o desenvolvimento dos próprios processos e o efeito reflexivo sobre as criaturas. Por isso o ser humano aparece como um sistema aberto. (Cf. MACEIRAS FAFIÁN, MANUEL pp.68-73)” in **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., nota n. 8, p.33.

<sup>644</sup> **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., p.33.

<sup>645</sup> Cf. *ibid.*, p.35.

<sup>646</sup> Cf. *ibid.*, p.63.

<sup>647</sup> Cf. Mt 6, 6; 23, 37

<sup>648</sup> Cf. Santa Teresa de Jesus, *Santa Teresa de Jesus, Vida* 8, 5.

<sup>649</sup> “O conhecimento e o amor a Jesus Cristo como sentido da vida cristã é um aspecto amplamente desenvolvido por Enrique de Ossó. Ver: EEO I, **Viva Jesús**, p. 483; EEO III, **Un mes em la escuela del sagrado Corazón de Jesús**, p.457. Sobre a *inabitación* ver o resumo da doutrina teresiana sobre a oração de recolhimento feito por Enrique de

abrasador, levando-a a ações transformadoras incalculáveis. Enrique de Ossó convida a assumir um processo de identificação com Cristo até “pensar, sentir, amar e agir como Ele”<sup>650</sup>.

A proposta educativa teresiana é vivida em comunidades educativas cristãs, congregadas a uma Igreja que tem a missão de ser solidária, pobre e profética. Uma Igreja, mistério de comunhão e participação, povo de Deus que caminha na história, comunidade de discípulos e discípulas. Ao propor o amor de Jesus Cristo, essa Igreja opta pela misericórdia e o perdão, aceitando as conseqüências de passar pela cruz para que a vida aconteça. À medida que se faz solidária, é uma Igreja que se compromete com os excluídos, descobrindo neles o rosto de Jesus Cristo. Conseqüentemente, assume a transformação social para gerar vida na humanidade<sup>651</sup>.

Concluindo, a educação teresiana atual encontra na fonte carismática do seu fundador Enrique de Ossó, uma espiritualidade integradora que aponta para a construção da sociedade a partir do projeto de Jesus Cristo, como resposta às aspirações mais profundas do ser humano: integridade, liberdade e comunhão<sup>652</sup>. Através da metodologia ação-reflexão-ação<sup>653</sup>, propõe uma educação que conduz à formação de sujeitos transformadores sociais<sup>654</sup>, com a consciência ética bem formada a fim de não permitir que se perpetue o sistema excludente que tanto fere a dignidade humana.

### 3.2.3.

#### **Uma espiritualidade integradora diante do “clamor de Deus” numa realidade de pobreza e exclusão.**

A Companhia de Santa Teresa de Jesus nasceu como dom de Deus e fruto da vida e experiência de fé de Enrique de Ossó. Ele viveu sua identificação com Jesus num caminho próprio de encontro existencial com Maria e Teresa de Jesus, transformando-se em apóstolo do conhecimento e amor de Jesus Cristo. Em Teresa de Jesus, descobriu a capacidade da mulher na evangelização e transformação da sociedade.

---

Ossó in EEO I, **Quarto de hora de oração**. p.296ss.” in **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., nota n. 51 p. 41.

<sup>650</sup> EEO III p. 456

<sup>651</sup> Cf. **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., p.46.

<sup>652</sup> Cf. *ibid.*, p.67.

<sup>653</sup> Por ação-reflexão-ação se entende a prática de educação como atividade-reflexiva orientada para a transformação. Para uma fundamentação teórica sobre esse tema, cf. **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., p. 60 notas n. 58 e 59.

<sup>654</sup> Cf. **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., pp. 60-63.

Num compromisso de fidelidade à sua missão educadora, a Companhia de Santa Teresa de Jesus sente-se desafiada na busca de respostas adequadas a cada contexto cultural onde é chamada a viver com fé viva uma espiritualidade encarnada, inculturada, libertadora e comprometida com a promoção da justiça, da paz e da transformação social<sup>655</sup>. Compromete-se com as situações que afetam a vida e a dignidade da pessoa humana atual, especialmente os mais pobres<sup>656</sup>.

A fidelidade atual da vocação teresiana de anunciar Jesus Cristo no *coração* e na *mente* da pessoa, ou seja, na pessoa toda, através da oração e da educação, exige disponibilidade e abertura para optar por situações e lugares onde *mais perigam os interesses de Jesus Cristo*<sup>657</sup>. Num mundo marcado por conflitos e desigualdades sociais, a Companhia de Santa Teresa de Jesus sente-se interpelada em responder ao clamor de Deus através do povo que sofre todo tipo de pobreza e marginalização. Faz a opção pelos pobres, os preferidos de Jesus. Tem clareza de que eles evangelizam por revelar, com sua vida, o Cristo que se fez pobre. Compromete-se com os marginalizados e excluídos, assumindo estar ao lado dos pobres, nos quais reconhece o Senhor, colaborando na transformação de estruturas e realidades injustas e excludentes<sup>658</sup>.

Entende que, através do seu carisma específico, a oração e a educação têm a missão de promover ações concretas para a transformação das estruturas e realidades que excluem a tantos seres humanos<sup>659</sup>. Quer colaborar na construção de uma cultura solidária e de paz<sup>660</sup>. Para a Companhia, “optar pelos pobres e excluídos<sup>661</sup> significa reconhecê-los como pessoas concretas, irrepetíveis, estabelecer uma comunhão real com eles em situações de vida de modo que possamos crescer juntos como pessoas e como cristãos para construir sonhos e projetos de justiça e solidariedade”<sup>662</sup>.

---

<sup>655</sup> Cf. **Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus** 2005, op.cit., n.3.

<sup>656</sup> Cf. *ibid.*, n.1-2.

<sup>657</sup> Cf. EEO II p.18, 76,650-651;

<sup>658</sup> Cf. **Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus** 2005 op.cit., n.5.6.18.

51.

<sup>659</sup> Cf. *ibid.*, n.28.

<sup>660</sup> **Proposta Educativa Teresiana**, op. cit., p. 61.

<sup>661</sup> Cf. Documento XIV Capítulo Geral. **Un Encuentro que da Vida**, p. 27.

<sup>662</sup> **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus**, op. cit., p. 41.

## CONCLUSÃO

Como já foi expresso anteriormente, este trabalho quer verificar a pertinência e relevância do carisma ossoniano para os nossos dias. O segundo capítulo, trata da proposta de ser humano integrado a partir da opção por Jesus Cristo que Enrique de Ossó apresentou ao ser humano e à mulher do seu tempo.

Este terceiro capítulo traz elementos sobre a reflexão teológica atual e do magistério eclesial no que tange à defesa da pessoa humana integrada. Verifica-se, através das linhas de ação atual da Companhia de Santa Teresa de Jesus, a fidelidade ou não à proposta do seu fundador.

De acordo com a fé bíblico-cristã, a ótica integradora do ser humano permite reconhecer o significado da salvação cristã oferecida pelo Deus de Jesus Cristo. Para o cristianismo, a salvação de Jesus Cristo é oferta salvífica e gratuita do Deus trinitário. Responde-se a ela à medida que ela é acolhida, permitindo que polarize e estructure todas as dimensões da pessoa.

Essa salvação atinge a pessoa humana como um todo, como ser corpóreo, espiritual, individual, social, psicológico, cósmico, político, cultural. Em outras palavras, seguir Jesus Cristo e assumir a sua proposta de salvação supõe encontrar o sentido existencial que integra a pessoa em todos os seus aspectos ou dimensões. Nesse sentido, a integração se dá à medida que a pessoa humana experimenta e anuncia a salvação de Jesus Cristo. Essa salvação implica viver numa *atitude fundamental* voltada para Deus. Tal atitude capacita para a vivência do amor, ou seja, leva ao compromisso histórico na luta pela justiça e solidariedade.

A fé bíblico-eclesial sempre lutou em defesa de uma visão unitária do ser humano, apresentando a salvação de Jesus Cristo que atinge a pessoa humana na sua totalidade de dimensões ou aspectos. Enrique de

---

Ossó, ao propor aos seus contemporâneos a opção por Jesus Cristo, tinha em vista a pessoa na sua unidade.

Hoje, tendo presente o contexto de um mundo globalizado, em constantes mudanças, onde o ser humano experimenta uma forte crise, lançando-se na tentativa de encontrar seu sentido existencial, permanece o desafio: como apresentar a salvação cristã, de tal forma que seja integradora da pessoa humana? É nesse mundo que a Companhia de Santa Teresa de Jesus é desafiada a atualizar a intuição carismática do seu fundador, Enrique de Ossó, dando continuidade à missão de propor a salvação de Jesus Cristo ao ser humano atual.

Após um breve estudo dos últimos documentos da Companhia de Santa Teresa de Jesus, constatou-se que a espiritualidade teresiana atual se preocupa com a pessoa humana na sua globalidade de dimensões.

Ao propor uma relação existencial com Jesus e seu projeto, a Companhia supõe diversos meios facilitadores para experienciar o Deus da vida, revelado em Jesus Cristo. Entre esses meios, são prioritárias a educação e a oração. Nessa Espiritualidade, a proposta é aprender a exercitar o diálogo com o Mistério divino e assim conhecer a Sua vontade através da Palavra reveladora do Deus trinitário que faz comunhão e plenifica o ser humano. É a pessoa que vive essa espiritualidade exerce esse diálogo e o faz à medida que cresce no autoconhecimento, animada por saber-se criatura feita a imagem e semelhança de Deus, em comunhão consigo, com as outras pessoas, com o mundo e com Deus.

Constata-se que a Companhia de Santa Teresa de Jesus, na atualidade, tem mantido fidelidade às intuições do seu fundador, no que se refere à visão cristã de pessoa humana integrada. É uma espiritualidade integradora, pois, através da educação, proporciona o desenvolvimento das diversas dimensões da pessoa humana, oportuniza encontrar o seu sentido existencial no conhecimento e amor a Jesus Cristo. Ao sentir-se e saber-se amada profundamente pela Trindade, a pessoa é impulsionada ao anúncio libertador. É convidada a olhar para o ser humano atual, muitas vezes esfacelado de sentido, outras ferido em

sua dignidade humana. A exemplo de Jesus, é também convidada a optar preferencialmente pelos que não têm vez e voz na sociedade, os excluídos.

Ao final da pesquisa, conclui-se que, de fato, Enrique de Ossó tinha razão em relação à opção integradora do ser humano. Portanto, na visão teológica e eclesial atual, essa percepção foi valorizada, assim como nas linhas atuais de ação da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

## CONCLUSÃO GERAL

No início deste trabalho, nos perguntávamos sobre a pertinência e relevância do carisma ossoniano para os dias atuais. Somos conscientes dos diversos aspectos que o carisma de Enrique de Óssó contempla. Aqui delimitamos a perspectiva antropológica da pessoa humana integrada a partir da opção por Jesus Cristo.

No primeiro capítulo, com a finalidade de situar o leitor, apresentamos um breve resumo do contexto e das opções de Enrique de Ossó. No segundo capítulo abordamos a visão de Enrique de Ossó sobre a pessoa humana integrada a partir da opção por Jesus Cristo que aparece nas suas Cartas. No terceiro capítulo, de forma resumida, apresentamos elementos bíblicos e eclesiais no que se refere à defesa da pessoa humana integrada.

Finalizamos com uma breve síntese onde verificamos, através das linhas atuais de ação da Companhia de Santa Teresa de Jesus, a continuidade das intuições do seu fundador, ou seja, a proposta atual de uma formação e educação numa visão unitária de pessoa humana.

Parece que levamos a bom termo o que nos propusemos no início deste trabalho. Mostramos que a salvação de Jesus Cristo é uma proposta integradora, enquanto processo salvífico, polarizador e humanizante para o ser humano. No contato com as Cartas de Enrique de Ossó, vimos constatada a proposta integradora da pessoa humana que ele apresenta ao propor a centralização em Jesus Cristo.

Verificamos que, tanto a reflexão teológica atual, como as orientações do magistério eclesial, fundamentados na Sagrada Escritura, assumem a visão antropológica unitária do ser humano, considerando-o na sua dualidade ou pluralidade de aspectos ou dimensões. É uma perspectiva de muita importância para a antropologia cristã visto que é a pessoa humana, na sua globalidade, que é atingida pela salvação de Jesus Cristo. Ou seja, a salvação, ao atingir o ser humano na sua totalidade, impele-o à vivência do amor.

Constatamos uma sintonia entre a proposta de Enrique de Ossó com a defesa eclesial e a reflexão teológica atual, em relação à visão antropológica unitária do ser humano, a partir da opção por Jesus Cristo. Esta visão unitária articula a dimensão da espiritualidade e da corporeidade, sem dualismos na pessoa. A Companhia de Santa Teresa de Jesus na atualidade, num compromisso de fidelidade à sua missão educadora, é desafiada a buscar respostas adequadas a cada contexto cultural onde está inserida. Para isso é chamada a viver uma espiritualidade encarnada, inculturada e comprometida na defesa da dignidade da pessoa humana, especialmente os excluídos. Entende que, através do seu carisma específico, a oração e a educação, tem a missão de anunciar a salvação cristã na atualidade, colaborando na construção da solidariedade universal. Em outras palavras, seguir Jesus Cristo e assumir a sua proposta salvífica supõe encontrar o sentido existencial integrador de todas as dimensões da pessoa humana. A integração se dá à medida que a pessoa experimenta e anuncia a salvação de Jesus Cristo, levando-a a vivência do amor, no compromisso histórico de lutar na construção de uma humanidade justa e solidária.

Nesta conclusão geral, são acrescentados apenas alguns aspectos que nos parecem pertinentes para a ação evangelizadora atual, especialmente para a Companhia de Santa Teresa de Jesus como continuadora do carisma do seu fundador, Enrique de Ossó.

O primeiro aspecto que queremos salientar é a constatação de que Enrique de Ossó foi um apaixonado pela pessoa humana. Essa paixão tem sua origem, certamente na sua experiência existencial de sentir-se e saber-se querido e amado por Deus. Descobriu essa paixão em Jesus, o Filho querido do Pai que veio para que todos tenham vida<sup>663</sup>. No amor a Deus, Enrique de Ossó ama as pessoas. Aí está sua paixão pela pessoa humana e com ela o grande desejo de resgatar, em cada homem e mulher, a imagem de Jesus Cristo.

Descoberto o *tesouro* da sua vida, Ossó lança-se na busca de meios para comunicá-lo. Em seu entusiasmo apostólico, consegue atingir

---

<sup>663</sup> Cf Jo 10,10.

as pessoas do seu tempo. Teria sido por se comunicar com as categorias culturais próprias da sua época? Certamente que sim, mas também por lhes oferecer o que o cristianismo tem de melhor, esse *tesouro* que atinge a totalidade da pessoa, a Boa Nova da Salvação de Jesus Cristo.

Enrique de Ossó incentiva as pessoas a entrarem no mais profundo de si mesmas, no *castelo interior*, experimentar o Transcendente, aquele que dá o sentido existencial.

Por ser genuinamente humana, é uma proposta que transcende o tempo e a cultura, e por isso sempre atual. Consciente dos desafios hodiernos, e herdeira dessa antropologia cristã, teresiana, a Companhia de Santa Teresa de Jesus é chamada a dar prioridade à pessoa humana. Fomos criados para o amor, Deus nos amou primeiro. Tudo isto o sabemos através de Jesus. E, pelo Espírito, que age em nós e na história, somos impulsionado(as) a concretizar o Reino de Deus na história.

O segundo aspecto que nos parece pertinente na atualidade se refere à meta de Enrique de Ossó: que as pessoas amem, sejam felizes e possam exercer a sua liberdade. Enfatiza que tenham bom humor, saúde, sorriam, vivam alegres. Porém, é uma proposta muito distinta da desenfreada busca de bem estar e felicidade do mundo atual. Para Enrique de Ossó, a pessoa é feliz à medida que experimenta o Deus da vida, à medida que conhece e ama Jesus Cristo. E este é um processo gradativo. É preciso proporcionar os meios para que a pessoa possa chegar a esse conhecimento e amor de Jesus Cristo. Ou seja, só é possível encontrar o sentido existencial, viver a plenitude da alegria e a integração consigo mesmo e com os outros à medida que a pessoa se identifica e assume a salvação de Jesus Cristo. Concretamente, nas palavras de Enrique de Ossó, significa *sentir, amar, viver e servir como Cristo Jesus*.

É óbvio que Enrique de Ossó enfrentou desafios distintos dos nossos para comunicar essa *boa nova da salvação* de Jesus Cristo. Hoje vivemos num mundo globalizado, em constantes mudanças. Um mundo que reclama autonomia com desejo de igualdade, justiça, participação e pluralismo político. Nele encontramos o ser humano com uma clara consciência de que o futuro da humanidade está em suas mãos, assim

como a responsabilidade de construir a história. Nessa sociedade neoliberal, é forte a convicção de que o ser humano poderá chegar à felicidade com os recursos proporcionados pelas ciências e pela tecnologia moderna. Sustenta-se a convicção de resolver o problema do sofrimento e da injustiça, sem a tutela religiosa. É uma sociedade onde são alimentados anseios individualistas de bem-estar, felicidade e consumo, próprios da atual cultura.

Convivemos com ações humanas que promovem o egoísmo, a vontade de poder, de ter e de prazer. Nosso quadro social é caracterizado pela desigualdade de divisão de bens, por uma acentuada insensibilidade diante do sofrimento das outras pessoas causado pelo individualismo e consumismo, pelos efeitos da globalização, especialmente nos países em desenvolvimento. Constatamos o aumento da violência e a desvalorização da pessoa humana.

O desafio está em como apresentar a salvação cristã nesse contexto? Enrique de Ossó contempla o ser humano como imagem e semelhança de Deus. Para ele é feliz quem descobre a dignidade de ser filho ou filha de Deus e conseqüentemente assume esta dignidade realizando a solidariedade humana como irmãos ou irmãs de Jesus Cristo.

Já dissemos anteriormente que, para Enrique de Ossó, é feliz quem experimenta a salvação cristã, ou seja, conhece e ama Jesus Cristo. Quando isso se realiza, surge na pessoa, quase concomitantemente, o impulso de querer *tornar Jesus Cristo conhecido e amado*. Certamente, a vida e obra de Enrique de Ossó ilumina nossa missão evangelizadora atual. Encontramos o sentido existencial na medida em que acolhemos a iniciativa salvífica de Deus, que nos é oferecida em Jesus Cristo e que nos convida a realizar o Reino de Deus. A salvação cristã nos compromete em tornar realidade o amor, a justiça, a inclusão, a exemplo de Jesus. É nesse viver para os outros que encontraremos a verdadeira felicidade e realização humanas.

Um terceiro aspecto de Enrique de Ossó, pertinente na atualidade é a sua preocupação com a integração da pessoa nos seus diversos aspectos. Em inúmeras de suas Cartas, Enrique de Ossó dá ênfase

especial com o cuidado ao corpo e a saúde. Empenha-se para que as pessoas possam viver em harmonia nas suas várias dimensões ou aspectos, ou seja, na linha da integração pessoal e social. Neste sentido, dentro da perspectiva da integração da corporeidade no conjunto da pessoa, Enrique de Ossó parece assumir a teologia de Santo Tomás, no aspecto da valorização da corporeidade do ser humano como caminho para encontrar a verdade e amar, conforme vimos anteriormente no item 3.1.1.2. Segundo esse teólogo, é pela corporeidade que surge a dimensão histórica e social do ser humano, assim como é também por ela que Jesus se encarna, trazendo a salvação a toda pessoa humana. Portanto, a ótica de uma visão integradora da pessoa na sua totalidade de aspectos ou dimensões parece estar presente nas intuições ossonianas. Essa visão bíblico-eclesial reconhece o corpo como parte da criação do Deus-amor. Assumir esta visão significa superar a visão dualista do ser humano e suas conseqüências na reflexão teológica e na vida cristã. Entre as mais graves conseqüências desse dualismo (ver 3.1.1) está o desprezo ao corpo, considerado como inimigo da vida espiritual; a tendência em reprimir o mundo da afetividade (emoções e sentimentos ligados à corporeidade); a vivência da sexualidade reduzida ao nível meramente genital-biológico sem a percepção da riqueza pessoal-relacional que ela comporta; separação do masculino e o feminino como realidades humanas opostas, sendo que, com muita freqüência o masculino tem dominado e desprezado o mundo feminino. Somente uma visão integrada do ser humano permite reconhecer e vivenciar a estupenda riqueza que significa a salvação oferecida pelo Deus de Jesus Cristo. Assim, através da corporeidade somos chamados a canalizar todos os dons e energias que temos para colocá-los a serviço dos irmãos e irmãs, construindo um mundo de solidariedade, paz e justiça.

Outro ponto que nos chamou a atenção é o significado que Enrique de Ossó dá à devoção ao “Sagrado Coração de Jesus”, muito divulgada no século XIX, na qual se acentua a dimensão humana de Jesus. Enrique de Ossó assume e incentiva essa devoção. Para Enrique de Ossó, o significado do coração de Jesus se assemelha muito ao sentido bíblico de coração, conforme

já vimos no item 3.1.1.1. Para o hebraico, a palavra *leb* ou *lebab* significa o centro da responsabilidade perante Deus e o centro de decisão perante a vontade divina. Portanto, essa expressão hebraica traduzida como coração, é símbolo da unidade e da liberdade humana. Indica os sentimentos e as emoções humanas, os desejos, as aspirações e anelos mais secretos da pessoa humana. Vem a significar o que nós chamamos de “razão”.

Como o israelita não faz distinção entre o que pertence ao âmbito do conhecimento e da escolha, entregar o *leb* significa obedecer e entregar a própria vontade. Portanto, aplicada nesse sentido bíblico, longe de ser intimista, a devoção ao Coração de Jesus incentiva o seguimento de Jesus Cristo, a vivência do amor, atingindo a pessoa na sua totalidade.

Ainda na linha dessa devoção, encontramos nos escritos de Enrique de Ossó repetidamente uma expressão que nos parece desatualizada para os nossos dias: *desagravar o coração de Jesus*. Porém, compreendendo-a no sentido que Enrique de Ossó a aplica, ela nos reporta ao grande desafio hodierno de lutar contra a atual corrente do desamor, do anti-reino vigente em nosso mundo: ódio, guerras, desavenças, genocídios, competições, discriminações de raça, de cultura e de religião, etc. Sem falar na brecha injusta, cada vez mais acentuada, que distancia as classes sociais entre ricos e pobres. O desafio está em trabalhar afetiva e efetivamente para fazer acontecer um mundo mais humano e justo. Sermos solidários e semeadores da paz. Que nossa presença seja sinal de que Deus é bom, e que Ele ama a humanidade. Enfim, o sentido da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, assumida conforme a visão ossoniana, longe de ser uma espiritualidade intimista, como tem sido acentuada em muitas ocasiões, é uma proposta para ajudar a pessoa na integração entre o conhecimento e o amor a Jesus Cristo e o compromisso da missão cristã de anunciadores do Reino de Deus.

Como quinto e último aspecto, queremos enfatizar a forma pedagógica que Enrique de Ossó utilizou para apresentar a salvação de Jesus Cristo através do testemunho de pessoas que polarizaram a vida no projeto de Deus. O objetivo de Enrique de Ossó é antropológico e pastoral. Seu sonho é que a pessoa ame e seja feliz. Ele quer atingir as crianças, os jovens e adultos, enfim, a família e a sociedade do seu contexto. Para alcançar a sua meta, Enrique de Ossó apresenta a salvação cristã através da vida e ensinamentos de pessoas que viveram intensamente o projeto de Deus: a família de Nazaré; a grande mulher

espanhola do século XVI, Santa Teresa de Jesus; São Francisco de Sales. Como Enrique de Ossó o fez em seu contexto, hoje necessitamos pensar a maneira mais adequada de apresentar a salvação cristã para que seja compreendida pelos nossos contemporâneos. Vimos no item 3.1.2 que a salvação de Jesus Cristo deve ser oferecida de tal maneira que as pessoas possam captar que ela atinge os homens e mulheres do nosso tempo de forma global. Porém, por vivermos numa sociedade pluralista, que oferece muitas *fontes de sentido* e múltiplas possibilidades de construção de identidade pessoal, a vivência cristã deixa de ser um pressuposto tranqüilo.

A pedagogia ossoniana de apresentar o projeto do Reino de Deus a partir do testemunho de pessoas que viveram intensivamente a salvação de Jesus Cristo, parece apontar pistas para a atualidade. Nunca como em nossos dias os meios de comunicação social têm utilizado o recurso de introjetar ícones no inconsciente das pessoas para estimular o consumismo, atingindo especialmente as crianças e os jovens. Encontramo-nos diante do desafio atual de apresentar a proposta salvadora cristã. Sendo muito distinta da proposta consumista, a salvação de Jesus Cristo impulsiona para a vivência do amor que realiza e integra a pessoa na sua totalidade de aspectos ou dimensões. Assim, a evangelização atual deve buscar os meios mais adequados a fim de ajudar os homens e as mulheres hodiernas a encontrarem o que verdadeiramente lhes dá alegria e plenitude de vida. Pois, quem experimenta e assume a salvação cristã descobre o amor, tornando a sua vida um *viver para os outros*. E a felicidade vem por acréscimo.

Concluimos que as Cartas de Enrique de Ossó deixam transparecer uma coerência com os demais escritos. Testemunham as convicções vivenciais expressas no dia-a-dia, na relação com as pessoas, no empenho em concretizar progressivamente as intuições do Espírito na sua vida de seguidor de Jesus. Expressam o carisma vivencial. Certamente, o método utilizado por Enrique de Ossó, assim como algumas expressões, são inadequadas para nossos dias. Entre outros aspectos, destacamos aqui, o método do acompanhamento pessoal contínuo, testemunhado por Enrique de Ossó nas Cartas, com a

finalidade de ajudar a pessoa a desabrochar no seguimento de Jesus Cristo. É um elemento de muita importância para a pedagogia atual na Companhia de Santa Teresa de Jesus.

Tendo consciência de que este trabalho foi uma reflexão ainda muito incipiente, sentimos necessidade de aprofundar este tema, tão importante para nós e para a Companhia Santa Teresa de Jesus, desafiada a anunciar a salvação de Jesus Cristo neste mundo hodierno com fome de pão e de Deus. Dentro do trabalho que fizemos, percebemos a necessidade de continuar pesquisando novos aspectos em continuidade do que descobrimos:

1. Complementar este trabalho com os outros escritos de Enrique de Ossó, especialmente:
  - **Apontamentos de Pedagogia** in EEO II, pp.741-790.
  - **Um Mês na Escola do Coração de Jesus; As Sete Moradas no Coração de Jesus** in EEO III, pp 421-630.
  - **Revista Teresiana**, especialmente artigos sobre **Santa Teresa e Desde a solidão.**
  - Relacionar com a antropologia teresiana, pois Enrique de Ossó queria que as Irmãs da Companhia fossem “santas e sábias” como Teresa de Jesus.
2. Desenvolver temas que aparecem com relevância nas Cartas, e que valeria a pena correlacionar com outros escritos de Enrique de Ossó, pois nos parecem pertinentes na atualidade:
  - Enrique de Ossó, articulador-mobilizador de diversas pessoas e grupos com a finalidade de realizar o projeto do Reino de Deus. Nesta ótica destaca-se a relação com suas amigas, seus familiares e especialmente com as fundadoras da Companhia.
  - A figura da fundadora Teresa Plá: embora tenha sido considerada tímida por Enrique de Ossó, encarnou, em sua vida e missão, o carisma da Companhia, tornando-se líder e formadora das primeiras gerações de Irmãs da Companhia.
  - A relação de Enrique de Ossó com seus amigos e familiares demonstra uma relação progressiva de afetividade e de confiança, assumindo cumplicidade no projeto do Reino de Deus.

- O sentido que Enrique de Ossó dá à expressão “sede santas e sábias”, com a qual conclui grande parte das Cartas dirigidas às Irmãs da Companhia, pois nesta expressão parece sintetizar a proposta integradora da pessoa, a partir da opção por Jesus Cristo. O mesmo aplica-se à expressão “ser regras vivas”, também muito repetida ao longo das Cartas e que, da mesma forma, é um incentivo a uma constante centralização existencial no Reino de Deus.
- Os modelos que Enrique de Ossó apresenta, tornando-os significativos aos seus conterrâneos com a finalidade de apresentar a salvação de Jesus Cristo: Santa Teresa de Jesus, São Francisco de Sales, Maria Imaculada, São José.

Diante de tudo isso, Enrique de Ossó nos estimula a viver o que ele sonhou e nos propõe como missão, sendo “santas e sábias”.

#### APELO

Continuidade da pesquisa nos outros escritos de Enrique de Ossó, aprofundando cada tema em vista de sua atualidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### ESCRITOS DE ENRIQUE DE OSSÓ

1. AGSTJ. **Volumes dos escritos autografados de Enrique de Ossó do Arquivo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus** (28 volumes).
2. **Cartas del Siervo de Dios, Enrique de Ossó** [ 513 cartas]. Barcelona: Ediciones STJ, 1969, 592p.
3. OSSÓ, Enrique de. **Cartas de San Enrique de Ossó y Cervelló al Dr. Félix Sardá y Salvany** [129 cartas desde julho de 1865 a outubro de 1895]. Barcelona: STJ, 1997. Edição preparada por Gloria Volpe, 182p.
4. OSSÓ, Enrique de. **Constituciones de la Compañía de Santa Teresa de Jesús**. Tipografía de la Biblioteca Teresiana, Barcelona 1888 [EEO II, pp. 15-139 páginas ímpares].
5. OSSÓ, Enrique de. **Guia práctica del catequista en la enseñanza metódica y constante de la Doctrina Cristiana**. Tipografía Católica, Barcelona 1872 [EEO I, pp. 29-187].
6. OSSÓ, Enrique de. **Um mes en la escuela del Sagrado Corazón de Jesús, seguido de un triduo, novena y primer viernes**. Tipografía Católica, Barcelona 1895 [EEO III, pp. 455-586].
7. OSSÓ, Enrique de. **Revista Santa Teresa de Jesús**. Tipografía Católica, Barcelona. Revista mensual, de octubre de 1872-73 (Año I) a enero de 1895-96 (Año XXIV).
8. OSSÓ, Enrique de. **Sumário de las Constituciones de la Compañía de Santa Teresa de Jesús**. Tipografía Católica, Barcelona 1882 [EEO II, pp. 14-138 páginas pares].
9. OSSÓ, Enrique de. **Tres florecillas a la Virgen María de Montserrat**. Tipografía Católica, Barcelona 1890 [EEO III, pp. 193-237].
10. OSSÓ, Enrique de. **Tributo amoroso al dulcísimo doctor San Francisco de Sales**. Tipografía Católica, Barcelona 1894 [EEO III, pp. 633-685].

11. OSSÓ, Enrique de. **Viva Jesús**. Tipografía Católica, Barcelona 1875 [EEO I, pp. 482-547].
12. OSSÓ, Enrique de. **El Cuarto de Hora de Oración, según las enseñanzas de la seráfica Doctora Santa Teresa de Jesús**. Tipografía Católica, Barcelona 1874 [EEO I, pp. 237-479].
13. OSSÓ, Enrique de. **Fines principalísimos de la Compañía de Santa Teresa. Un esbozo del Directorio, 1876** in HSTJ, pp 36-39 e em EEO II, pp. 407-411].
14. OSSÓ, Enrique de. **Preces de la Compañía de Santa Teresa de Jesús. Puigrubí y Arí. Tarragona 1882** [EEO II, pp. 179-188].
15. OSSÓ, Enrique de. **Apuntes de las Misericórdias del Señor**, notas autobiográficas em AGSTJ, Escritos PIB/T Vol. XXII. Publicados em HSTJ, pp 26-29 e em EEO III, pp. 9-15.
16. **Escritos de D. Enrique de Ossó y Cervelló, fundador de la Compañía de Santa Teresa de Jesús (EEO)**. Barcelona: Altés, 1977 (Vol. I, 1347p.; Vol, II, 855p.; Vol III, 929p) ; Barcelona, 1993 (Vol IV –índices - 1076p.).
17. SACRA CONGREGATIO PRO CAUSIS SANCTORUM, **Relatio et vota Congressus peculiaris super virtutibus**. Tipografía Guerra e Belli, Roma 1975, 90p.
18. SACRA CONGREGATIO PRO CAUSIS SANCTORUM, Derthusen seu Barcionen. Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Henrici de Ossó y cervelló. **Position super virtibus. Summarium**. Roma 1975, 620p.

## **CARTAS**

- **Cartas Del Siervo de Dios Enrique de Ossó** [513 cartas], Ed. STJ, Barcelona, 1969.
- **Cartas autógrafas inéditas: 1876-1895**, em AGSTJ, E. Vols. 1-30.
- **Cartas en copia autenticadas**, em AGSTJ, Epistolario PIB-T.
- **Cartas de San Enrique de Ossó y Cervelló al Dr. Félix Sardá y Salvany** [129 cartas desde julho de 1865 a outubro de 1895 ], Ed. STJ Barcelona 1997. Edição preparada por Gloria Volp, STJ.

## **ESTUDOS SOBRE ENRIQUE DE OSSÓ**

19. A.A.V.V. **Seiva que Circula: releitura da Espiritualidade Teresiana**. México: Editorial Enrique de Ossó, 2004, 90p.
20. A.A.V.V. **Mano de Oro, Enrique de Osso, sacerdote y teresianista** (estudios monográficos com motivo de sua beatificação). Burgos: Monte Carmelo, 1979, 560p.
21. ECHEVERRÍA, María - ALVAREZ, Tomás. "Gión crono-biográfico de Don Enrique de Ossó, pp. 495-523, in **Mano de Oro, Enrique de Osso, sacerdote y teresianista**. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 1979, 560p.
22. GONZÁLEZ MARTÍN, Marcelo. **Enrique de Ossó. La fuerza del sacerdocio**. Madrid: BAC, 1983, 671p.
23. **Inquisitio Histórica de Lite indiciali circa proprietate domus pricipis dertusensis Congregationis sororum a sancta Teresia a Iesu ex officio concinnata**, ROMA 1974.
24. MELCHOR, Carmen, **Voltar às Fontes: para uma interpretação do carisma da Companhia de Santa Teresa de Jesus**. Braga: AO, 2001, 513p.
25. \_\_\_\_\_. **Enrique de ossó, discípulo y apóstol de Jesús: catequista y educador teresiano**. comunicado apresentado no Simpósio sobre a "Transmisión de la fe en el Tercer Milenio": El Escorial 7-9 de febrero de 2002). Publicado in **Actualidad Catequética**, nº 193, janeiro-março de 2002.
26. RÍUS, Laura. **Santo y Sábio: Estudio de la experiencia espiritual de san Enrique de Ossó**. Tese para o Magistério em Ciências Religiosas, Roma, 1995, in AGSTJ, 300p.
27. RODRIGUES, Glória - CASADO, SILVIA M. **Experiência espiritual de Enrique de Ossó**. Braga: AO, 1997, 285p.

28. STJ, Editor. **Historia de la Compañía de Santa Teresa de Jesús 1876-1932**. Barcelona: Ediciones STJ, 1969, 760p.
29. VALSANZIBIO, Silvestre da. **Os interesses de Jesus nos escritos de Santo Enrique de Ossó**. Barcelona: Editorial STJ, 1993, 32p.
30. VOLPE, G. Vellacich. **Enrique de Ossó y Cervelho: educador e pedagogo**. Tesis. Instituto Universitario Pareggiatto di Magistero Maria SS. Assunta, Roma, 1974.

## OBRAS DIVERSAS

31. ÁLVAREZ GÓMEZ, J. **História de la Vida Religiosa**. Desde la “Devotio moderna” hasta el Concilio Vaticano II, vol III. Madrid: Edições Claretianas, 1990.
32. BALLESTERO-ALVAREZ, M.E. - BALBÁS, M. S. **Dicionário espanhol-português português-espanhol**. São Paulo: FTD, 703p.
33. BÍBLIA, Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002, 2206p.
34. BROSSE, E. - HENRY, A. - ROUILLARD, P. **Dicionário de Termos da fé**. São Paulo, Santuário, (s.d.), 830 p.
35. COMELLAS, J. L. “Historia de España moderna y contemporánea”. Madrid, 1968, p. 402, in GÓMEZ, Jesús Alvarez, **História de la vida religiosa III**. Madrid: Edições Claretianas, 1990.
36. COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS, Textos aprovados pelo XV Capítulo Geral, Roma, setembro-outubro de 2005: **Projeto Formativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus 107p.; Proposta Educativa Teresiana 69p.; Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus 84p.; Diretório da Companhia de Santa Teresa de Jesus 48p**. Obtivemos acesso à transcrição eletrônica dos textos em espanhol.
37. CELAM – III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Puebla: a evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, 338p.
38. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje **Gaudium et spes**, in R. VIER (coord.) **Compêndio do Vaticano II:**

- Constituições, decretos, declarações**, 22ª edição, Petrópolis: Vozes, 1991.
39. FERNANDES, F. - LUFT, P.C. - GUIMARÃES, F.M. **Dicionário Brasileiro GLOBO**. 54ª edição, São Paulo: Globo, 2001.
40. FERREIRA, Aurélio BUARQUE da HOLANDA. **Novo Aurélio século XXI, o Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, 2128p.
41. FIORENZA, F.P. - METZ, J. B. **O homem como união de corpo e alma**. In: *Mysterium salutis - compêndio de dogmática histórico-salvífica* Vol II-3 Petrópolis: Vozes, 1972, pp. 27-72.
42. GARCÍA RUBIO, A. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 3ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2001, 695p.
43. \_\_\_\_\_. **Elementos de antropologia teológica – salvação cristã: salvos de quê e para quê?** Petrópolis: Vozes, 2004, 332p.
44. GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. **Experiência de Deus: presença e saudade**. São Paulo: Loyola, 2000, 79p.
45. JESUS, Santa Teresa de. **Livro da Vida**. São Paulo: Paulus, 1983, 262p.
46. \_\_\_\_\_. **Obras completas**. BAC (Biblioteca de Autores Cristianos), Madrid: Editorial Católica, 1967.
47. LOYOLA, Santo Inácio. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Loyola, 1994, 222p.
48. MARÇANEIRO, Marcial. **Mística e Erótica: um ensaio sobre Deus, Eros e Beleza**, Petrópolis:Vozes, 1996, 116p.
49. MARSÁ, Victor (coord). **Gran dicionário Español-Português/Português-Español**. Madrid: Espasa, 2001, 1295p.
50. MIRANDA, Mario de França. **A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça**. São Paulo: Loyola, 2004, 244p.
51. PELLICCIA, G. - ROCCA, G. **Dicionário degli istituti di perfezione**. IX Spiritualità-Vézelay. Roma: Edizioni Paoline, 1997.
52. REDONDO, Gonzalo **La Iglesia en el mundo contemporâneo: de Pio VI a Pio IX (1775-1878) – Tomo I**. Pamplona: EUNSA (Ediciones Universidad de Navarra –España), 1979.